

EDIÇÃO ESPECIAL DE COLECIONADOR

rollingstone.com.br

Rolling Stone

OS

INTERNACIONAIS

500

MAIORES

ÁLBUNS

DE TODOS OS TEMPOS

Rolling Stone[®]

OS

500

MAIORES

ÁLBUNS

DE TODOS OS TEMPOS

Índice

A Lista

Página 6

Por Trás de ...

Os bastidores da gravação de *Nevermind*, p. 30, *The Joshua Tree*, p. 35, *Let it Bleed*, p. 41, *Ramones*, p. 47, *It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back*, p. 52, *Songs in the Key of Life*, p. 61, *Lady Soul*, p. 65, *Dusty in Memphis*, p. 69, *Ready to Die*, p. 74, *Paul's Boutique*, p. 85, *American Idiot*, p. 91, *The College Dropout*, p. 97, *In Rainbows*, p. 105, *Kala*, p. 112.

Quem Votou

Os músicos, jornalistas e representantes da indústria que criaram a lista.

Página 116

Índex

Página 118

Números

Saiba quais artistas mais aparecem na lista, que álbum teve mais canções no topo da parada e outras estatísticas indispensáveis.

Página 122

Jann S. Wenner EDITOR AND PUBLISHER

MANAGING EDITOR *Will Dana* DEPUTY MANAGING EDITOR *Nathan Brackett*

EDITORS *Jon Dolan, Christian Hoard* DESIGN DIRECTOR *Joseph Hutchinson* CREATIVE DIRECTOR *Jodi Peckman*
DEPUTY MANAGING EDITOR *John Dioso* ASSISTANT MANAGING EDITOR *Nina Pearlman* ASSISTANT EDITOR *Patrick Doyle*

ART DIRECTOR *Matthew Cooley* DESIGNER *Alden Wallace*

PHOTO EDITOR *Deborah Dragon* PHOTO ASSISTANT *Jackie Lee*

COPY EDITORS *Toni Rumore, Marc Bailes, Kirsten Denker, Heather Hughes, Sarene Leeds, Jessica Machado*
Jason Maxey, Todd Peterson, Anne Torpey, Thomas Walsh

RESEARCHERS *Corinne Cummings, Erika Berlin, Meredith Clark, Elisabeth Garber-Paul*
Eric Magnuson, Ariana R. Phillips, Alexis Sottile, Phoebe St. John, Jane C. Timm

PRODUCTION *Eleni Tzinakos, KellyAnn Kwiatak*

CONTRIBUTORS *Pat Blashill, Nathan Brackett, David Browne, Anthony DeCurtis, Matt Diehl*
Chuck Eddy, Ben Edmonds, Gavin Edwards, Jenny Eliscu, David Fricke, Elysa Gardner, Holly George-Warren
Andy Greene, Will Hermes, Mark Kemp, Greg Kot, Joe Levy, David McGee, Chris Molaphy, Tom Moon
Rob O'Connor, Parke Puterbaugh, Jody Rosen, Austin Scaggs, Karen Schoemer, Bud Scoppa, Rob Sheffield
David Thigpen, Simon Vozick-Levinson, Barry Walters, Jonah Weiner

José Roberto Maluf PUBLISHER

EDITORA-CHEFE: *Bruna Veloso* • EDITORES-ASSISTENTES: *Paulo Cavalcanti, Stella Rodrigues*
REPÓRTER: *Pedro Antunes* • TRADUÇÃO: *Ligia Fonseca* • REVISÃO: *José Julio do Espírito Santo*

DIRETOR DE ARTE: *Daniel S. B. Mangione* • CHEFE DE ARTE E PRODUÇÃO FOTOGRAFICA: *Tamara Emy* • DESIGNER: *Raphael Galassi* • ESTAGIÁRIO: *Daniel Durazzo*
WWW.ROLLINGSTONE.COM.BR • EDITORA: *Stella Rodrigues* • EDITORA-ASSISTENTE: *Luciana Rabassallo* REPÓRTER: *Pedro Antunes* • ESTAGIÁRIOS: *Lucas Brêda, Luisa Jubilut*

DIRETOR COMERCIAL: *Márcio Maffei* • EXECUTIVOS DE CONTAS: *Claudia Maffei, Milene Rizzardi* • ONLINE: *Olenka Cardozo*

GERENTE DE CIRCULAÇÃO: *Danieli Lopes* • ESTAGIÁRIA: *Andressa Reis* • GERENTE FINANCEIRO: *Edison Arduino*

GERENTE DE MARKETING E PROJ. ESPECIAIS: *Leo Belling* • ARTE E VÍDEO: *Julia Grasmann* • ESTAGIÁRIA: *Laísa Pellegrini*
IMPRESSÃO: *Brasilform Editora e Ind. Gráfica Ltda.* • DISTRIBUIÇÃO: *Dinap Ltda.* – Distribuidora Nacional de Publicações,
Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 – Osasco – SP

Copyright © 2014 por Rolling Stone LLC. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida.
O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.

Introdução

Por Elton John

Grandes álbuns deveriam ser curtos – quanto mais curtos, melhor. Se eu vejo um CD com dezessete faixas, resmungo. ¶ Grandes álbuns são aqueles para os quais você sempre volta, como *I Never Loved a Man the Way I Love You* (1967), de Aretha Franklin, um disco perfeito que já ouvi diversas vezes. *Exile on Main St.* (1972) é o melhor álbum de rock já feito (embora tenha dezoito faixas). *808s & Heartbreak*, de Kanye West, é tão sexy quanto um disco de Marvin Gaye. Ainda o coloco para tocar e me divirto toda vez. ¶ Singles são ótimos, mas o álbum mudou a música para melhor. Meu primeiro álbum foi *Dusty* (1964), de Dusty Springfield. Uma voz impressionante. Mais tarde, quando Bernie Taupin e eu dividíamos um apartamento, a maior alegria que tínhamos era comprar um LP novo e olhar o encarte enquanto o escutávamos. *What's Going On* (1971), de Marvin Gaye, por exemplo, mudou a cara da música negra para sempre. Com um disco assim, você tocava o lado A, levantava, dava uma pausa e trocava o lado. Havia algo mágico naquilo. Um dia, comprei quatro alto-falantes JBL grandes, instalei em uma sala espaçosa na minha casa e coloquei *Trans Europa Express* (1977), do Kraftwerk, para tocar. Fumei um baseado e sinceramente pensei ter visto Deus. ¶ Nos anos 1960 e 1970, você podia comprar 12 discos por semana e todos eram clássicos. Lembro quando adquiri meu primeiro exemplar de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967). Eu tinha 20 anos. Fui de bicicleta até uma vila chamada Hatch End, no noroeste de Londres. *Sgt. Pepper's...* tinha um dos primeiros encartes destacáveis já feitos e tive de pedalar de volta só com uma mão porque não queria estragar a capa. Era como se alguém tivesse inventado algo novo. Já *Revolver* (1966) marcou o tempo em que os Beatles realmente começaram a se

reinventar, e George Harrison passou a compor músicas como “Taxman”. O LP foi lançado em um momento em que eu tocava com uma banda chamada Bluesology no sul da França. Naquele verão, tudo girava em torno de *Revolver*. ¶ É muito difícil julgar minhas próprias coisas. *Goodbye Yellow Brick Road* (1973) foi um álbum duplo tremendamente bom, mas eu costumava achar que *Blue Moves* (1976) era mais sofisticado. O segundo disco do grupo The Band mudou a maneira como eu compunha músicas. Dá para perceber isso no que compus em *Tumbleweed Connection* (1970). *Eli and the Thirteenth Confession* (1968) e *New York Tendaberry* (1969), de Laura Nyro, também mudaram o meu jeito de compor. Ela não fazia apenas músicas no modelo verso e refrão – saía por tangentes, e fazia tudo ter um sentido perfeito. ¶ *Chet Baker Sings* (1954) é um dos álbuns mais tristes de todos os tempos. Eu o dou de presente para pessoas o tempo todo, e digo: “Você não tem de ser um grande cantor para emocionar as pessoas – pode afetá-las com a emoção em sua voz”. *Nashville Skyline* (1969) e *Modern Times* (2006), de Bob Dylan, parecem ter sido gravados nas décadas de 1940 ou 1950, mas soam como seda. Eles serviram de inspiração para mim quando gravei *The Union* (2010). ¶ Graças a Deus as pessoas ainda gravam álbuns. Nunca baixei uma música da internet, nem quero. Lembro que toquei *The Marshall Mathers LP* (2000), de Eminem, no carro a caminho de um show e o ouvi inteiro – fiquei em transe porque a vibração dele é impressionante. *Neon Bible* (2007), do Arcade Fire, é incrível. A energia simplesmente salta para fora do CD. ¶ O álbum sobreviverá. *21* (2011), da Adele, é um exemplo disso. As pessoas o amam e se emocionam ao ouvi-lo. Colocam o disco para tocar e ele muda a forma como se sentem em relação à vida – isso é capaz de deixá-las felizes ou tristes. É um grande álbum. E não é longo demais.



I.

Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band

The Beatles Parlophone, 1967

SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND É O ÁLBUM DE rock mais importante já feito pela maior banda de todos os tempos, uma aventura incomparável em termos de conceito, som, composição, arte de capa e tecnologia de estúdio. Das explosões gloriosas e fuzz de guitarra da faixa-título ao espasmo orquestral e o longo e decrescente acorde de piano ao final de "A Day in the Life", as treze faixas de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* são o ápice dos oito anos em que os Beatles gravaram discos. John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr nunca foram tão ousados e coesos na busca pela magia e transcendência sonoras. ¶ Lançado no Reino Unido em 1º de junho de 1967, e no dia seguinte nos Estados Unidos, *Sgt. Pepper's...* é a declaração máxima de mudança do rock. Para os Beatles, foi um adeus decisivo aos terninhos, às turnês mundiais e ao método de gravação no estilo linha de montagem. "Estávamos cheios de ser os Beatles", McCartney disse décadas mais tarde, em *Paul McCartney – Many Years from Now*, biografia dele escrita

Sgt. Pepper's... é a declaração máxima de mudança do rock. Para os Beatles, foi um adeus decisivo aos terninhos, às turnês mundiais e ao método de gravação no estilo linha de montagem. “Estávamos cheios de ser os Beatles”, disse McCartney

por Barry Miles. “Não éramos garotos, éramos homens... Artistas, não celebridades.”

Ao mesmo tempo, *Sgt. Pepper's...* iniciou uma temporada inesquecível de esperança, transformação e conquista, radiografando, em particular, o Verão do Amor, em junho de 1967. Com instrumentação exuberante, letras cheias de fantasia e embalagem atraente, o disco definiu o otimismo revolucionário da psicodelia e disseminou pelos quatro cantos do globo o evangelho do amor, do ácido, da espiritualidade oriental e das guitarras elétricas. Nenhum outro disco daquela era teve um impacto tão imediato e monumental. A música do álbum documenta a maior banda de rock do mundo no pico da influência e da ambição.

“Foi o auge”, disse Lennon à *Rolling Stone* em 1970, descrevendo o álbum e a colaboração dele com McCartney. “Paul e eu estávamos trabalhando juntos”, ele afirmou. As músicas são ricas em evidências disso, como “A Day in the Life”, de Lennon, uma contemplação sobre a mortalidade, e a resposta marota dele ao refrão de McCartney em “Getting Better” (“Não dá para piorar”).

“*Sgt. Pepper's...* foi nossa empreitada mais grandiosa”, lembrou Starr, em *The Beatles – Antologia*, autobiografia da banda lançada em 2000. “A melhor coisa dos Beatles é que sempre usávamos a melhor ideia – não importava de quem fosse.” Foi Neil Aspinall, assistente de longa data dos Beatles, quem sugeriu que se repetisse a faixa-título pouco antes do final de “A Day in the Life” para completar o conceito teatral de *Sgt. Pepper's...*: um concerto imaginário de uma banda fictícia executado pelos Beatles.

As primeiras notas de *Sgt. Pepper's...* foram gravadas em 6 de dezembro de 1966: dois takes de “When I’m Sixty-Four”, pastiche de teatro de revista feito por McCartney. “Strawberry Fields Forever”, a reflexão lisérgica de Lennon sobre a infância em Liverpool, foi iniciada duas semanas antes, e era candidata ao álbum, mas foi lançada

em fevereiro de 1967 como single. De forma simbólica, *Sgt. Pepper's...* surgiu no dia 29 de agosto de 1966, quando os Beatles fizeram o último show oficial da carreira, em São Francisco. Eles tinham já feito história no estúdio antes de turnês excruciantes, mas, fora da estrada, o Fab Four estava livre da histeria da beatlemania.

McCartney deu um passo além. Em um voo para Londres em novembro de 1966, enquanto voltava de férias no Quênia, ele teve a ideia para um álbum dos Beatles “disfarçados”, uma banda alterego que, subsequentemente, chamou de Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band. “Fingiríamos ser outras pessoas”, explicou em *Antologia*. “Isso era libertador – você poderia fazer qualquer coisa porque era faz de conta.”

Apenas duas músicas no LP final, ambas de McCartney, tinham algo a ver com os personagens da banda de mentira: a faixa-título e “With a Little Help From My Friends”, cantada por Starr e introduzida como um número do cantor astro da banda fictícia, Billy Shears. “As outras faixas poderiam ter estado em qualquer outro álbum”, insistiu Lennon mais tarde. Mesmo assim, é difícil imaginar um ambiente mais perfeito para a folia vitoriana de “Being for the Benefit of Mr. Kite!”, de Lennon (inspirada por um pôster de circo de 1843), ou a melancolia suntuosa de “Fixing a Hole”, de McCartney, com uma mistura de sombras antigas (um cravo tocado pelo produtor dos Beatles, George Martin) e luzes modernas (uma guitarra executada com precisão cristalina por Harrison).

O álbum também ressalta a coesão da banda. Das 700 horas que os Beatles gastaram elaborando *Sgt. Pepper's...* do fim de 1966 a abril de 1967, apenas três dias foram usados para completar “Lucy in the Sky With Diamonds”, o esplêndido devaneio li-

sérgico de Lennon. Já a complexa “A Day in the Life” foi feita em apenas cinco dias (o vasto acorde de piano foi resultado de três instrumentos tocados simultaneamente a 10 mãos – Lennon, McCartney, Starr, Martin e Mal Evans, roadie dos Beatles). Nenhum outro beatle aparece com Harrison em “Within You Without You”, um sermão hindu pontuado por cítaras discorrendo sobre materialismo e fidelidade. A banda sabiamente colocou a canção no ponto intermediário do LP original como a primeira faixa do lado B: uma pausa de meditação vital no meio da alegre indulgência.

A exploração das várias pistas de gravação transformou o próprio ato de gravar em estúdio (os overdubs orquestrais em “A Day in the Life” marcaram a estreia da gravação em oito pistas no Reino Unido: duas máquinas de quatro pistas foram usadas em sincronia), e a extravagância visual de *Sgt. Pepper's...* elevou a capa do álbum a uma obra de arte. A foto tirada por Michael Cooper dos Beatles usando uniformes de cetim, em frente a uma plateia de papelão de figuras históricas criada pelo artista Peter Blake, é a imagem mais duradoura da era psicodélica. *Sgt. Pepper's...* também foi o primeiro disco de rock a incorporar as letras das músicas no encarte.

Sgt. Pepper's... é o álbum número um desta edição especial não apenas por causa do aspecto pioneiro – ele é simplesmente o melhor de tudo o que os Beatles fizeram como músicos, precursores e astros pop, tudo em um só lugar. Um

anúncio impresso do álbum, publicado em 1967 no Reino Unido, declarou: “Lembre-se, a Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band são os Beatles”. Como McCartney diz, o álbum era “simplesmente nós fazendo um bom show”.

O show continua para sempre.

A banda lança *Sgt. Pepper's...* em Londres, em 19 de maio de 1967





The Beach Boys Pet Sounds

Wouldn't It Be Nice/You Still Believe In Me
That's Not Me/Don't Talk (Put Your Head On My Shoulder)
I'm Waiting For The Day/Let's Go Away For Awhile
God Only Knows/I Know There's An Answer/Here I Am
I Just Wasn't Made For These Times/Pet Sounds



y Shoulder)
 ile/Sloop John B
 re Today
 s/Caroline, No

Capitol
 RECORDS

2.

Pet Sounds

The Beach Boys Capitol, 1966

“QUEM VAI OUVIR ESTA PORCARIA?”, PERGUNTOU MIKE LOVE, O VOCALISTA dos Beach Boys, a Brian Wilson, o gênio da banda, em 1966, enquanto o líder tocava para ele as músicas novas em que estava trabalhando. “Os ouvidos de um cão?”, completou Love. Só que o desdém do cantor provou ser estranhamente útil: “Ironicamente”, Wilson observou, “o comentário de Mike inspirou o título do álbum”. Cães latindo – Banana, o cachorro de Wilson, entre eles – são proeminentes entre os sons encontrados no disco. Os Beatles fizeram questão de ecoá-los em *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band* – um reconhecimento de que *Pet Sounds* foi a inspiração para a obra-prima. Esse gesto, na verdade, fechou um círculo de influências: Wilson concebeu *Pet Sounds* inicialmente como um esforço para superar *Rubber Soul*, dos Beatles.

Com uma orquestração vívida, letras ambiciosas, cadência elegante e coerência temática, *Pet Sounds* inventou – e, de certa forma, aperfeiçoou – a ideia de que um álbum poderia ser mais do que a soma de suas partes. Quando Wilson cantava “Não seria bom se fôssemos mais velhos?” em “Wouldn’t It Be Nice”, a magnífica faixa de abertura, não estava apenas imaginando um amor que pudesse evoluir depois do ensino médio; estava sugerindo uma nova identidade para o próprio rock.

Wilson essencialmente fez *Pet Sounds* sem o resto da banda, usando-a apenas para aprimorar os arranjos vocais (até considerou lançar o álbum como um projeto solo, e o primeiro single, “Caroline, No”, saiu só com o nome dele). O som luxuoso de *Pet Sounds* transmite uma melancolia arrasadora, e as músicas profundamente pessoais, que ele compôs principalmente com o letrista Tony Asher, davam adeus ao mundo inocente dos sucessos na linha “diversão ensolarada” dos Beach Boys. Infelizmente, a Capitol Records odiou *Pet Sounds* tanto quanto Love; a gravadora nem queria lançar o disco. Ainda não absolvido pela história, Wilson se recolheu ainda mais em um mundo particular. “Na última reunião para falar de *Pet Sounds*”, Wilson escreveu sobre as negociações com a gravadora, “apareci com um toca-fitas e oito respostas pré-gravadas, em loop, como ‘Sem comentários’, ‘Dá para repetir isso?’, ‘Não’ e ‘Sim’. Recusando-me a dizer uma só palavra, toquei as diversas fitas quando adequado”.

3.

Revolver

The Beatles Parlophone, 1966

“NÃO VEJO MUITA DIFERENÇA ENTRE *REVOLVER* E *RUBBER SOUL*”, George Harrison disse uma vez. “Para mim, poderiam ser volume um e volume dois.” *Revolver* estende os aspectos mais aventureiros do disco predecessor – a introspecção, a psicodelia e o fascínio com o aspecto artístico em estúdio. O álbum, lançado em agosto de 1966, deixou claro que o que hoje vemos como “anos 1960” estava totalmente – e irreversivelmente – a caminho.

A faixa mais inovadora é “Tomorrow Never Knows”, de John Lennon. Ao tentar retratar uma viagem de LSD em uma música de três minutos, Lennon pegou emprestado trechos da versão de Timothy Leary para *O Livro Tibetano dos Mortos* e gravou o vocal para soar como “o Dalai Lama cantando do topo da montanha mais alta”. Uma parte de guitarra ao contrário (na verdade, o solo explosivo de Paul McCartney em “Taxman”) e uma tambura ruidosa completaram o efeito experimental, e a música provou ser imensamente influente. Por sua vez, em “Eleanor Rigby” e “For No One”, McCartney dominou uma forma madura de canção artística, e Harrison, com “Taxman”, “I Want to Tell You” e “Love You To”, desafiou a dominância de Lennon e McCartney na composição.

Parte do impulso revolucionário do álbum era visual. Klaus Voormann, um dos amigos artistas dos Beatles dos tempos de Hamburgo, na Alemanha, desenhou uma impressionante capa com colagens de fotos para *Revolver*; foi um passo crucial na estrada para as imagens ainda mais viajantes e coloridas de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, lançado menos de um ano depois. *Revolver* assinalou que, na música popular, qualquer coisa – qualquer tema, qualquer ideia musical – agora poderia ser feita. E, no caso dos Beatles, seria feita.





TRADE MARK OF
THE GRAMOPHONE CO. LTD

REVOLVER

4.

Highway 61 Revisited

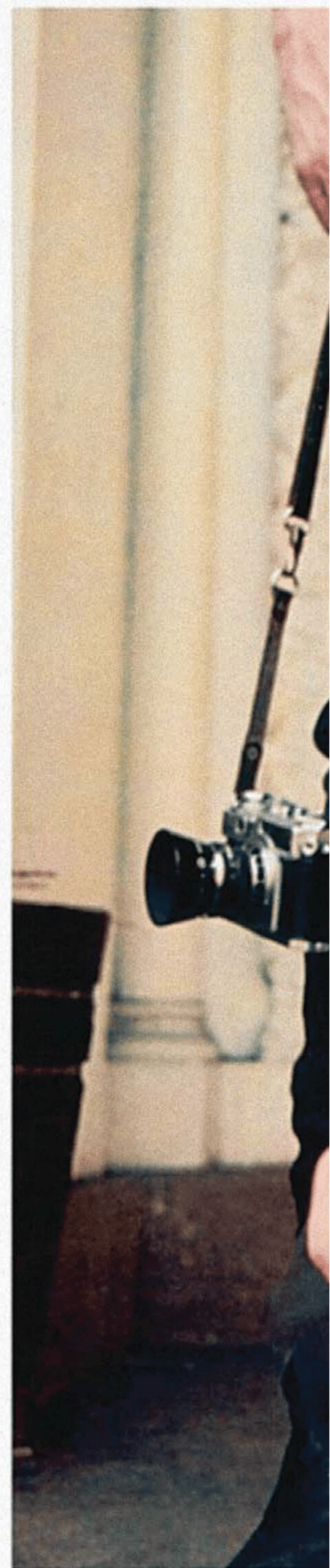
Bob Dylan Columbia, 1965

BRUCE SPRINGSTEEN DESCREVEU O INÍCIO DA CLÁSSICA “LIKE A ROLLING STONE”, FAIXA que abre *Highway 61 Revisited*, como “batidas na caixa da bateria que soavam como se alguém tivesse aberto a porta para sua mente com um chute”. O cantor folk Phil Ochs foi ainda mais entusiasmático sobre o disco: “Ele é impossivelmente bom... Como uma mente humana teve condições de fazer isso?”

Gravado em impressionantes seis dias, *Highway 61 Revisited* – batizado com o nome da estrada que atravessa o estado natal de Bob Dylan, Minnesota, até o delta do rio Mississippi – é um daqueles álbuns que mudou tudo. Por si só, “Like a Rolling Stone”, supostamente sobre a socialite Edie Sedgwick, do círculo de Andy Warhol, alterou para sempre a paisagem da música popular – seu fluxo “vomitador” (termo de Dylan), a ambição literária e a longa duração (mais de seis minutos) romperam limites de todo tipo. Se alguém questionava se Dylan tinha ou não realmente “virado elétrico”, o rock trovejante de “From a Buick 6” e “Tombstone Blues” – ambas tocadas pelo guitarrista Mike Bloomfield – não deixou dúvidas.

O álbum termina com “Desolation Row”, uma viagem noturna surrealista que dura onze minutos. Dylan evoca uma temporada no inferno, como as pinturas de Hieronymus Bosch, que parece prever todos os terremotos que viriam na década de 1960. “O Titanic parte ao amanhecer”, canta densamente. “Todos gritam: ‘de que lado você está?’.” “Desolation Row” é uma faixa totalmente acústica – uma decisão que Dylan tomou de última hora – e um lampejo final de genialidade: uma nova visão fascinante da música folk para fechar o álbum que, pelo menos naquele momento, destruiu a velha música folk.

BOB DY



PLAN HIGHWAY 61 REVISITED



RUBBER SOUL



5.

Rubber Soul

The Beatles Parlophone, 1965

EM 1965, AS RÁDIOS ESTAVAM REPLETAS DE SINGLES INOVADORES COMO “(I Can’t Get No) Satisfaction” (Rolling Stones) e “Like a Rolling Stone” (Bob Dylan). Em dezembro daquele ano, os Beatles enfrentaram o desafio dos concorrentes com *Rubber Soul*, uma junção impressionante de canções que preservava o foco rígido no pop dos LPs anteriores da banda, mas ao mesmo tempo introduzia uma sofisticação e uma profundidade recém-descobertas. O produtor George Martin descreveu *Rubber Soul* como “o primeiro álbum a apresentar um novo Beatles em crescimento para o mundo”. E foi isso mesmo.

A banda evoluía de maneira notável. “Drive My Car” é um estudo de caráter cômico que não havia aparecido ainda no repertório dos Beatles. A influência de Bob Dylan permeia o álbum de forma intensa, sendo responsável pelo ácido tom emocional de “Norwegian Wood”, “I’m Looking Through You”, “You Won’t See Me” e “If I Needed Someone”. Dylan retribuiria o elogio no ano seguinte, quando veio com uma paródia de “Norwegian Wood” – chamada “4th Time Around” – em *Blonde on Blonde*. “Nowhere Man”, de Lennon, que mais tarde a reconheceu como um autorretrato depressivo, e a bela e evocativa “In My Life” refletem o estilo mais sério e pessoal de composição que Dylan tinha repentinamente disponibilizado aos rapazes de Liverpool.

A cítara de George Harrison em “Norwegian Wood” – a primeira vez em que o instrumento foi usado em uma música pop – e o baixo com fuzz de Paul McCartney em “Think for Yourself” documentam a crescente conscientização da banda de que o estúdio poderia ser mais do que um ponto de parada entre turnês. Harrison chamou *Rubber Soul* de “o melhor que fizemos”, porque “de repente, estávamos notando sons que não tínhamos conseguido ouvir antes”. Quanto ao motivo para o som da banda ter melhorado tanto, bem, esse foi outro aspecto da época. “Houve muita experimentação em *Rubber Soul*”, disse Ringo Starr, “influenciada, acho, pelas substâncias.”



6. What's Going On

Marvin Gaye Tamla/Motown, 1971

“EM 1969 OU 1970, COMECEI A RE-avaliar todo o conceito do que eu queria que a minha música tivesse como mensagem”, afirmou Marvin Gaye. “Fui muito afetado pelas cartas que meu irmão enviava do Vietnã, e também pela situação social da vizinhança. Percebi que tinha de deixar as fantasias para trás se quisesse compor músicas que tocariam a alma das pessoas. Queria que elas olhassem para o que estava acontecendo no mundo”. A obra-prima resultante do despertar de Gaye revolucionou a música negra. Dos grooves ricos e cheios de cordas à noção da infinidade de

possibilidades, *What's Going On* é o *Sgt. Pepper's...* da soul music.

Gaye estava determinado a destruir a fórmula pop da Motown e abordar questões sociais urgentes. Berry Gordy, fundador da gravadora, não gostou. Alegou que “What's Going On” era a pior música que já tinha ouvido. Quanto a “Mercy Mercy Me (The Ecology)”, Gordy afirmou que nem sabia o que a palavra ecologia significava. Gaye respondeu que nunca mais gravaria para a Motown se “What's Going On” não fosse lançada como um single. Depois de ser rejeitada pelo comitê de controle de qualidade da gravadora, ela acabou sain-

do; quando a música se tornou um sucesso, o álbum – e, em sequência, uma explosão de canções com consciência social lançadas pela Motown – veio logo depois.

Trabalhando em uma névoa de fumaça de maconha, Gaye tomou várias decisões intuitivas e brilhantes, como deixar as fitas rolares enquanto os amigos se reuniam ou até mesmo gravar os exercícios de ensaio do saxofonista Eli Fontaine. Quando este disse a Gaye que só estava brincando, o cantor respondeu: “Bom, você brinca maravilhosamente bem. Obrigado”. Foi assim que surgiu o melancólico fraseado de saxofone que anuncia *What's Going On*.



7. Exile on Main St.

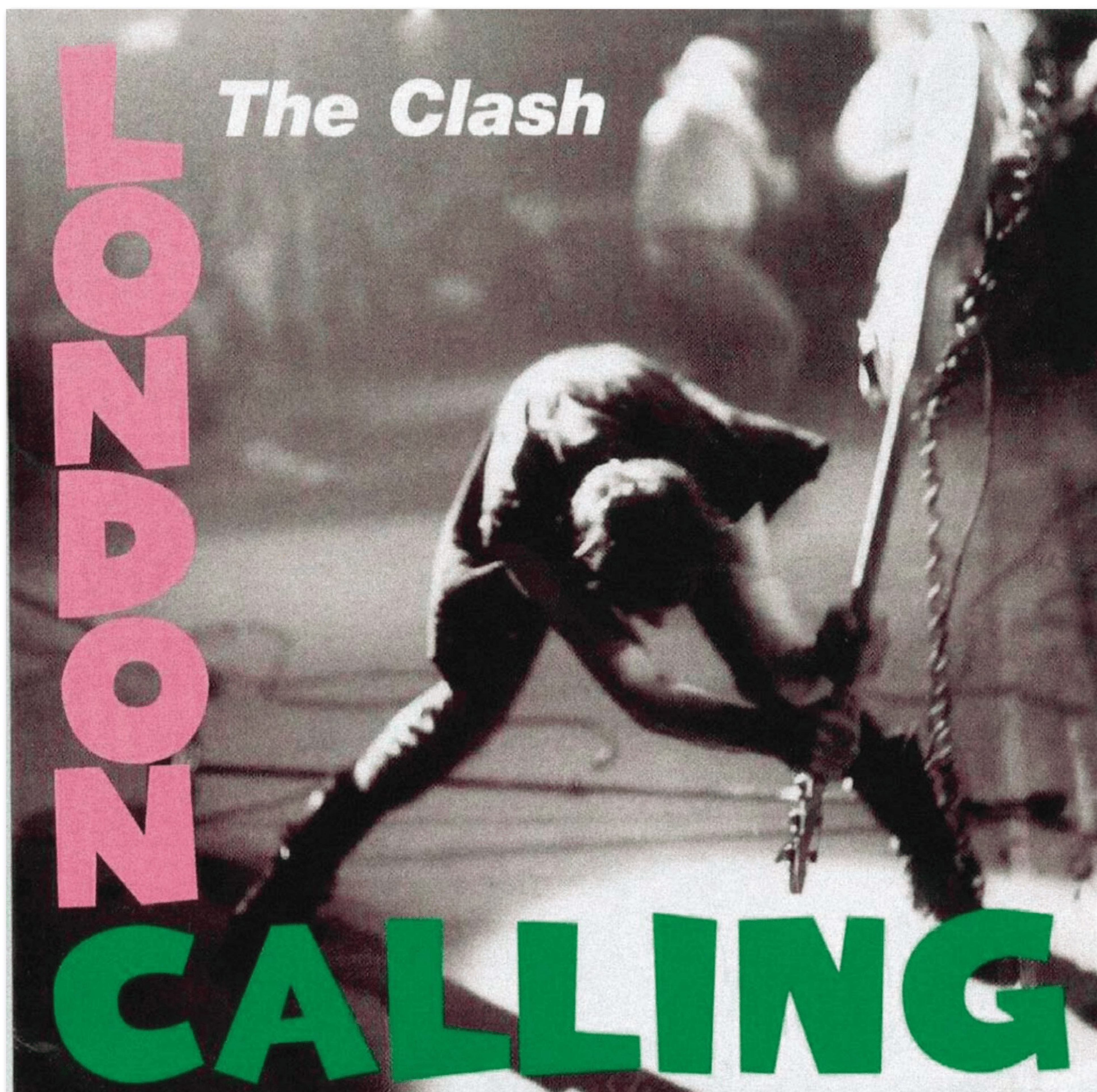
The Rolling Stones Rolling Stones Records, 1972

EXILE ON MAIN ST., NOTÓRIO ÁLBUM duplo dos Rolling Stones, é um rodamoinho sujo de blues e boogie. “Foi o primeiro disco grunge”, disse o guitarrista Keith Richards com orgulho em uma entrevista em 2002. Dentro da tempestade deliberadamente densa – a briga entre os riffs de Richards e Mick Taylor, o grunhido de animal enjaulado de Mick Jagger – está o melhor álbum dos Stones. Na bagunça existencial de “Tumbling Dice”, na cansada beleza country de “Torn and Frayed” e na animação encharcada de uísque de “Shine a Light”, é possível ouvir literalmente os Stones no exílio:

trabalhando na casa de Richards no sul da França e fugindo da recriminação da mídia, da polícia britânica antidrogas (Jagger e Richards já sabiam como era estar atrás das grades) e dos impostos exorbitantes da terra natal.

Exile... é cheio de alusões ao status de estrangeiros que a banda mantinha naquele período: a capa é uma colagem de personagens norte-americanos esquisitos. Em “Sweet Black Angel”, eles brindam à ativista presa Angela Davis – os renegados falam de uma renegada. A música ricocheteia como em uma batalha, mas também suinga em faixas como “Rocks Off” e

“All Down the Line”. Como Richards explicou: “Os Stones não têm mais um lar – daí o título –, mas ainda conseguem se manter de pé. Não importa o que as pessoas nos atirem, ainda podemos agachar, improvisar, superar”. Um ótimo exemplo do modus operandi empregado no álbum: Richards gravou a eufórica “Happy”, que logo se tornaria marca registrada dele, apenas com o produtor Jimmy Miller na bateria e o saxofonista Bobby Keys enquanto esperava os outros membros da banda aparecerem. *Exile on Main St.* mostra os Stones prontos para a luta, armados com o blues e tocando para ganhar.



8. London Calling

The Clash CBS, 1979

GRAVADO EM 1979, EM LONDRES, que na época lutava contra o desemprego crescente e a propagação das drogas, *London Calling* é o amanhecer de uma década incerta. O álbum duplo é formado por 19 músicas sobre o apocalipse, mas abastecidas por uma fé inabalável no rock para enfrentar a escuridão. Produzido com uma energia incansável pelo lendário produtor Guy Stevens, o terceiro álbum do Clash desliza do punk austero (“London Calling”) ao ska selvagem (“Wrong ‘Em Boyo”), chegando à resignação disco (“Lost in the Supermarket”). Ocorreram dificuldades no

caminho. A banda estava endividada e abertamente em guerra com a gravadora.

Os vocalistas e guitarristas Joe Strummer e Mick Jones compunham juntos no apartamento da avó de Jones. “Joe, assim que aprendeu a datilografar, começou a escrever as letras”, contou Jones. “Então, eu criava a música enquanto ele ficava na máquina de escrever.” Strummer, Jones, o baixista Paul Simonon e o baterista Topper Headon passaram quase três meses ensaiando e fazendo demos das músicas em uma garagem no bairro de Pimlico, em Londres – “com uma lâmpada e um carpete imundo nas paredes para criar o isola-

mento acústico”, lembrou Strummer em 1989. “Sentíamos que estávamos lutando”, afirmou, “prestes a escorregar morro abaixo, agarrando as beiradas com as unhas.” Só que Stevens estava perto para ajudar na inspiração. Ele jogava cadeiras pelo cômodo, “se achava que uma faixa precisava de energia”, de acordo com Strummer. O álbum termina com “Train in Vain”, uma faixa agitada sobre fidelidade (não listada no verso da capa original porque foi acrescentada de última hora) que se tornou o som do triunfo: foi o primeiro single do Clash a ficar no Top 30 da parada norte-americana.



9. Blonde on Blonde

Bob Dylan Columbia, 1966

LANÇADO EM 16 DE MAIO DE 1966, *Blonde on Blonde* marcou a primeira ocasião em que um astro do rock concebeu um álbum duplo de estúdio com material totalmente original. Dylan declarou em 1978: “Foi o mais perto que cheguei do som que ouvia na minha cabeça”. Depois de várias sessões iniciais pouco produtivas em Nova York no outono de 1965 e em janeiro de 1966 com a matadora banda de turnê The Hawks – “One of Us Must Know (Sooner or Later)” foi a única faixa que se salvou –, Dylan acelerou pelo restante das 14 faixas de *Blonde on Blonde* em uma sessão

de quatro dias e outra de três dias nos estúdios da Columbia em Nashville em fevereiro e março de 1966.

O ritmo de gravação ecoava a velocidade anfetamínica do ritmo de composições e de turnês que Dylan fazia na época. A presença combinada de mãos confiáveis como as do organista Al Kooper e do guitarrista Robbie Robertson com músicos de estúdio, incluindo o baterista Kenneth Buttrey e o pianista Hargus “Pig” Robbins, criou algo de uma magnitude quase contraditória. A tensão firme da linguagem acelerada de Dylan e de seu canto incisivo é fundamental no surre-

alismo selvagem de faixas como “Rainy Day Women #12 & 35” e “Stuck Inside of Mobile With the Memphis Blues Again”. Já “Leopard-Skin Pill-Box Hat” é um blues hilariante e a arrogante e frágil “Just Like a Woman” segue como a melhor balada que Dylan já fez. Em meio a todo o frenesi, Dylan gravou também algumas das mais claras músicas sobre conforto e desejo: “Sad Eyed Lady of the Lowlands”, com 11 minutos (gravada em uma só tomada às quatro da manhã depois de uma sessão de oito horas), e “I Want You”, cujo título Dylan quase usou para batizar o álbum.

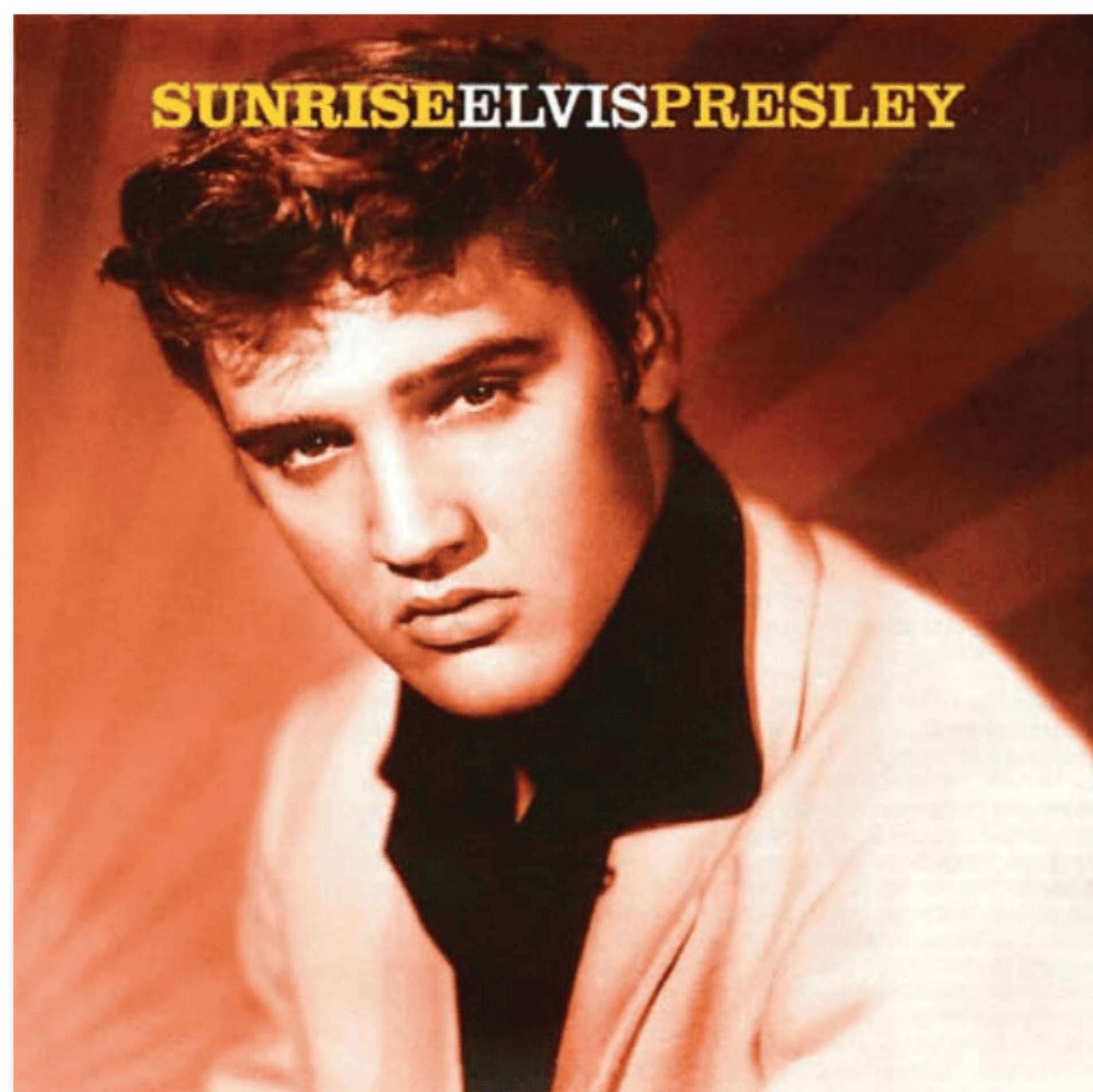
The BEATLES

10. The Beatles

The Beatles Apple, 1968

OS BEATLES COMPUSERAM AS MÚSICAS DO chamado “Álbum Branco” durante um retiro com Maharishi Mahesh Yogi, na Índia, tirando férias do furacão da celebridade. Como John Lennon disse mais tarde: “Sentávamos nas montanhas comendo comida vegetariana ruim e escrevendo todas aquelas músicas”. Eles voltaram com mais canções ótimas do que poderiam incluir em um só LP e competiram ferozmente durante as sessões. “Lembro que havia três estúdios operando simultaneamente”, disse George Harrison. “Paul estava fazendo alguns overdubs em um, John estava em outro e eu gravava alguns trompetes ou algo assim em um terceiro.” As sessões ficaram tão tensas que Ringo Starr, frustrado, saiu da banda por duas semanas. No entanto, a tensão criativa resultou em um dos álbuns mais intensos e aventureiros já feitos. Lennon perseguiu uma visão crua na sagacidade cínica de “Sexy Sadie” e “Happiness Is a Warm Gun”, mas também deu a “Julia” e “Dear Prudence” um anseio quase infantil. A energia pop e brincalhona de Paul McCartney transpareceu em “Back in the U.S.S.R.”, uma inversão dos valores norte-americanos que Chuck Berry havia colocado em “Back in the U.S.A.”, e o baixista mostrou que tinha um lado hardcore em “Helter Skelter”. O desejo espiritual de Harrison o levou a “Long, Long, Long” e “While My Guitar Gently Weeps”, com um solo de guitarra de Eric Clapton. Até Starr contribuiu com sua primeira canção original, o country “Don’t Pass Me By”. “Acho que é álbum muito bom”, afirmou McCartney. “Ele ainda se mantém, mas não foi agradável de fazer.”

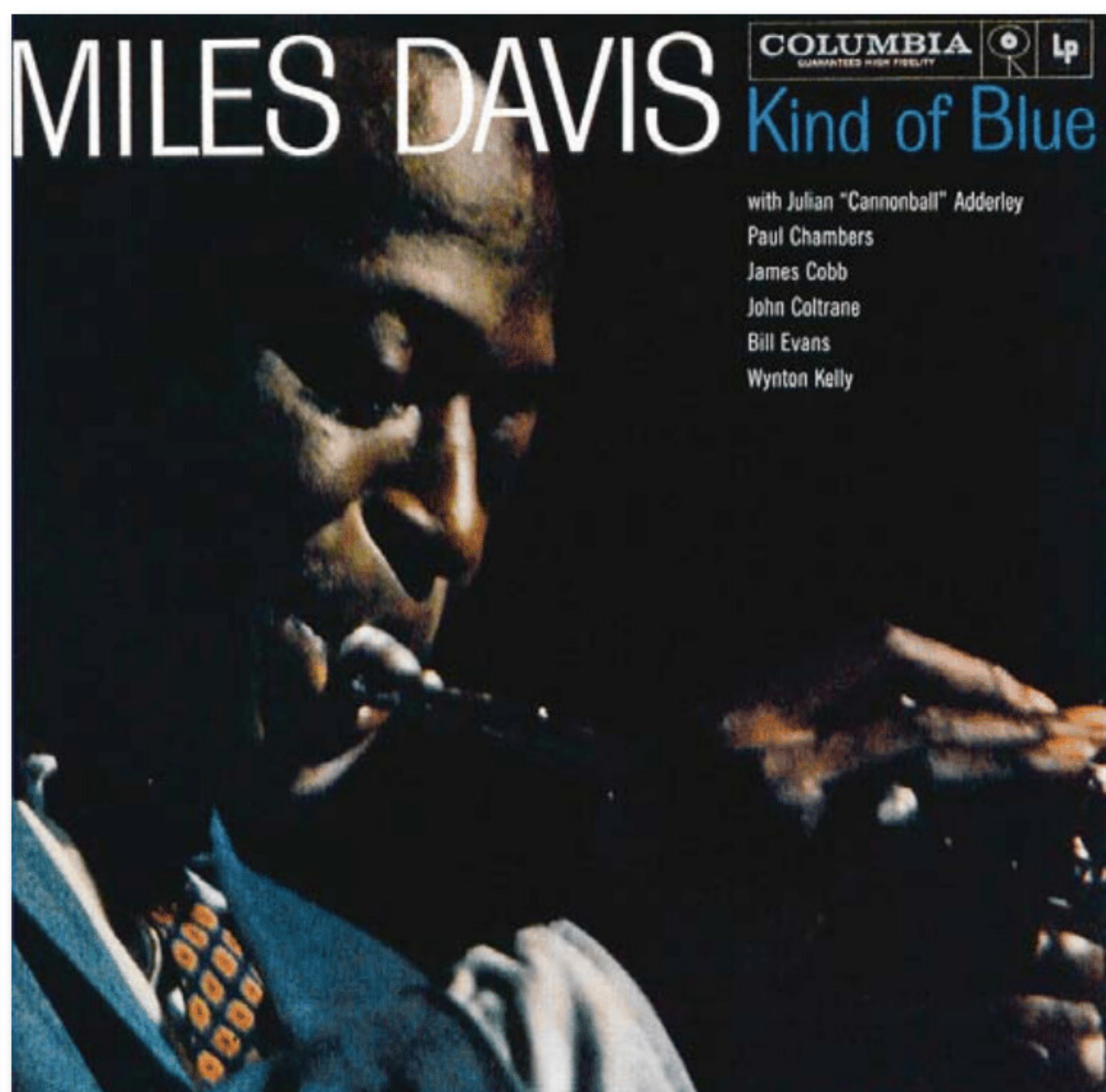
SUNRISE ELVIS PRESLEY



11. Sunrise

Elvis Presley RCA/BMG, 1999

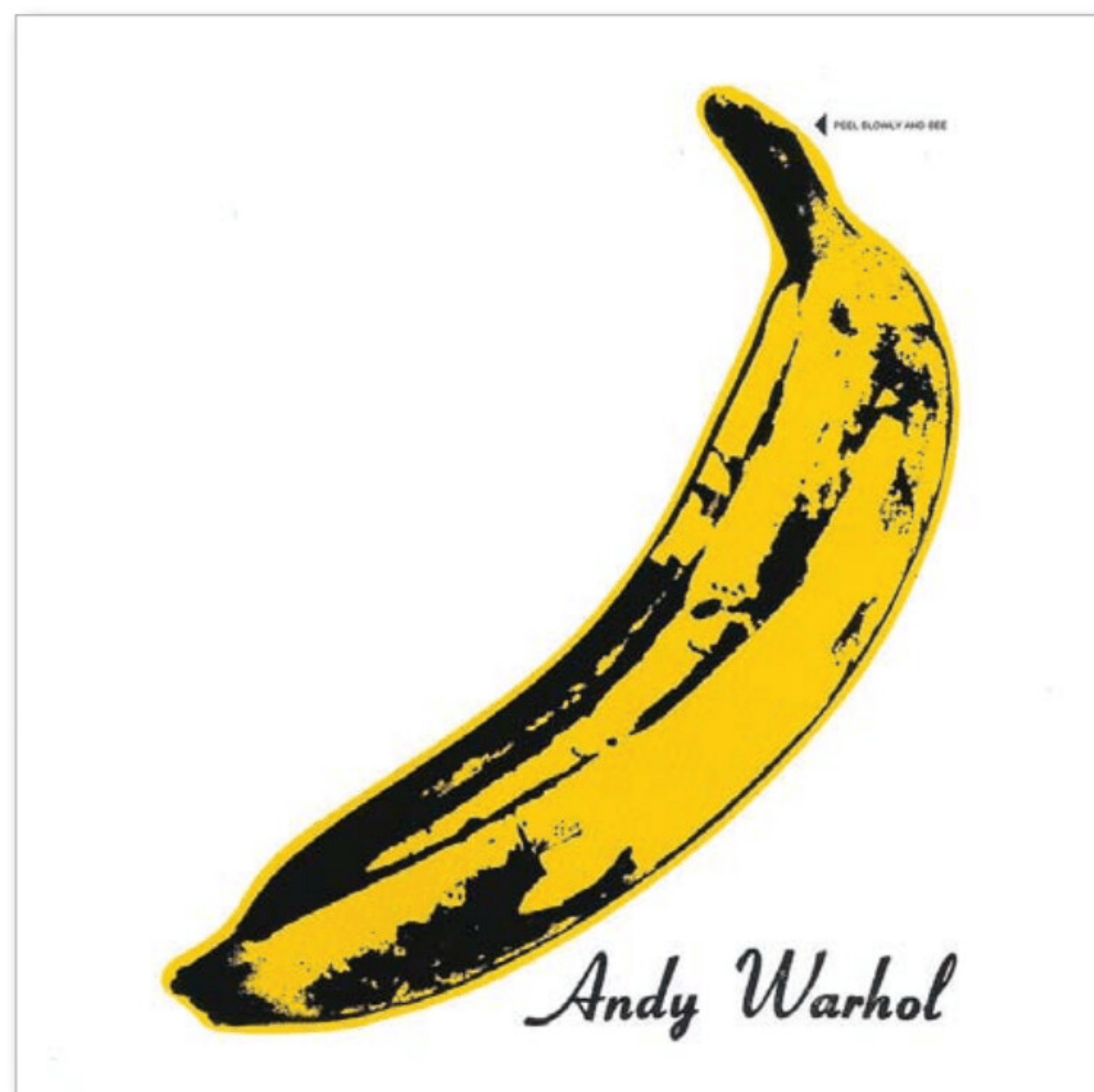
MUITOS ACREDITAM QUE O ROCK NASCEU em 5 de julho de 1954, no estúdio da Sun Records em Memphis. Elvis Presley, o guitarrista Scotty Moore e o baixista Bill Black brincavam com “That’s All Right (Mama)”, uma música do bluesman Arthur “Big Boy” Crudup, quando o produtor Sam Phillips os interrompeu e perguntou: “O que estão fazendo?”. “Não sabemos”, responderam. Phillips disse para “voltar e fazer de novo”. “That’s All Right”, o primeiro single de Presley (com uma versão de “Blue Moon of Kentucky”, de Bill Monroe, no lado B), foi lançado pela Sun em 19 de julho. Pode ou não ser o primeiro disco de rock, mas o que importa é que o homem que se tornaria o Rei estava oficialmente em vinil. Fazendo a ponte entre o negro e o branco, o country e o blues, o som do jovem Elvis era divertido e revolucionário, carregado de espontaneidade e liberdade revolucionárias. “É blues”, escreveu o crítico Greil Marcus no livro *Mystery Train*. “Só que livre de preocupação e pecado; é uma alegria simples, sem um preço a pagar.” Presley lançou mais quatro singles pela Sun – incluindo reinvenções definitivas de “Good Rockin’ Tonight”, de Wynonie Harris, e “Mystery Train”, de Junior Parker – antes de passar para a imortalidade quando Sam Phillips vendeu o contrato dele para a RCA por US\$ 35 mil. Somente em 1976 o trabalho de Presley na Sun foi adequadamente compilado em um LP, que se chamou *The Sun Sessions*. O vinil foi substituído por este CD duplo lançado em 1999, mais completo, por sinal. O disco reúne tudo o que ele gravou no estúdio, incluindo takes alternativos e o acetato que fez em 1953, quando queria saber como soava sua voz em uma gravação.



12. Kind of Blue

Miles Davis Columbia, 1959

ESTA OBRA-PRIMA, UMA VERDADEIRA PINTURA sonora, se tornou um dos álbuns mais importantes, influentes e populares do jazz. Só que, na época em que foi feito, *Kind of Blue* foi uma revolução solitária, uma ruptura radical com tudo o que acontecia. Ao dar as costas para as progressões padrão dos acordes, o trompetista Miles Davis usou escalas modais como ponto de partida para a composição e a improvisação. Davis e a incomparável banda que o acompanhava – o baixista Paul Chambers, o baterista Jimmy Cobb, e o pianista Bill Evans, além do time titânico no sax formado por John Coltrane e Cannonball Adderley – faziam solos em ambientações limpas, tipificadas por “variação melódica em vez de harmônica”, como Davis descreveu. Dois números de *Kind of Blue*, “All Blues” e “Freddie Freeloader” (esta, com Wynton Kelly no piano no lugar de Evans), eram no formato de doze compassos, mas a abordagem de Davis permitia aos músicos uma liberdade nova e cheia de atitude. O amigo Bill Evans escreveu nas anotações do encarte original do disco: “Miles concebeu essas ambientações poucas horas antes das datas de gravação e chegou com rabiscos que indicavam ao grupo o que deveria ser tocado. Portanto, você ouvirá algo próximo da espontaneidade pura nessas performances”. Ou, como o falecido crítico Robert Palmer escreveu: “*Kind of Blue* é, de certa forma, inteiramente melodia e atmosfera”. A linha de baixo em “So What” agora está entre as mais familiares no jazz, e não há melhor evocação da maravilha do jazz no fim da noite do que os sopros em surdina de “All Blues”.



13. The Velvet Underground & Nico

The Velvet Underground & Nico Verve, 1967

“ESTÁVAMOS TENTANDO FAZER ALGO MEIO Phil Spector com o mínimo possível de instrumentos”, disse John Cale, o pianista com formação erudita e tocador de viola de arco do Velvet Underground. Não foi uma declaração à toa. Muito do que é lugar comum no rock não existiria sem esta banda de Nova York ou sua estreia seminal: a sexualidade andrógina do glitter, a escuridão crua do punk, os riffs sinistros do grunge e do noise rock e a melancolia imperiosa do gótico. Gravado a um preço baixíssimo em um estúdio que estava literalmente caindo aos pedaços, este é um disco de amplitude destemida e profundidade lírica. O cantor e compositor Lou Reed documentou desejo carnal e vício em drogas, decadência e redenção com uma sabedoria pop que aprendeu ao escrever para a fábrica de músicas da Pickwick Records. Cale introduziu o poder do ruído (vindo de seu trabalho com o compositor minimalista La Monte Young); o guitarrista Sterling Morrison e a baterista Maureen Tucker tocavam com força tribal; a modelo Nico, uma vocalista alemã adicionada à banda pelo empresário Andy Warhol, trouxe uma feminilidade gélida ao tédio quente das músicas de Reed. Ignorado pelo público consumidor e rejeitado como niilista pelos hippies em 1967, o “disco da banana” (chamado assim pela capa desenhada por Warhol) é o álbum mais profético da história do rock.



14. Abbey Road

The Beatles Apple, 1969

“FOI UM DISCO MUITO FELIZ”, DISSE O produtor George Martin. “Acho que isto aconteceu porque todos achavam que seria o último”. *Abbey Road* – gravado na maior parte em dois meses em meados de 1969 – quase não foi feito. Em janeiro daquele ano, os Beatles estavam à beira da separação, exaustos e com raiva uns dos outros depois das sessões desastrosas para o abortado álbum *Get Back*, mais tarde refeito como *Let It Be* [veja o número 392]. Determinada a sair de cena com uma sensação de glória recapturada, a banda se reuniu nos estúdios Abbey Road para fazer seu álbum mais refinado: uma seleção de músicas soberbas gravadas com atenção aos detalhes, que desaguavam umas nas outras (especialmente no lado B) de maneira conceitual. Não havia um elo temático, apenas a genialidade única dos Beatles. John Lennon passou do proto-metal tempestuoso de “I Want You (She’s So Heavy)” ao esplendor de harmonias vocais fabulosas de “Because”. Paul McCartney foi atrevido (“Oh! Darling”), tolo (“Maxwell’s Silver Hammer”) e deliciosamente amargo (“You Never Give Me Your Money”). George Harrison provou seu valor secreto como compositor com “Something” e com o diamante do pop folk “Here Comes the Sun”, composta no jardim do amigo Eric Clapton enquanto se escondia de uma reunião de negócios. E Lennon, McCartney e Harrison cantaram mais harmonias em três partes aqui do que em qualquer outro álbum dos Beatles. *Let It Be* foi o último lançamento oficial do grupo, mas *Abbey Road* marcou o verdadeiro adeus do quarteto de Liverpool.

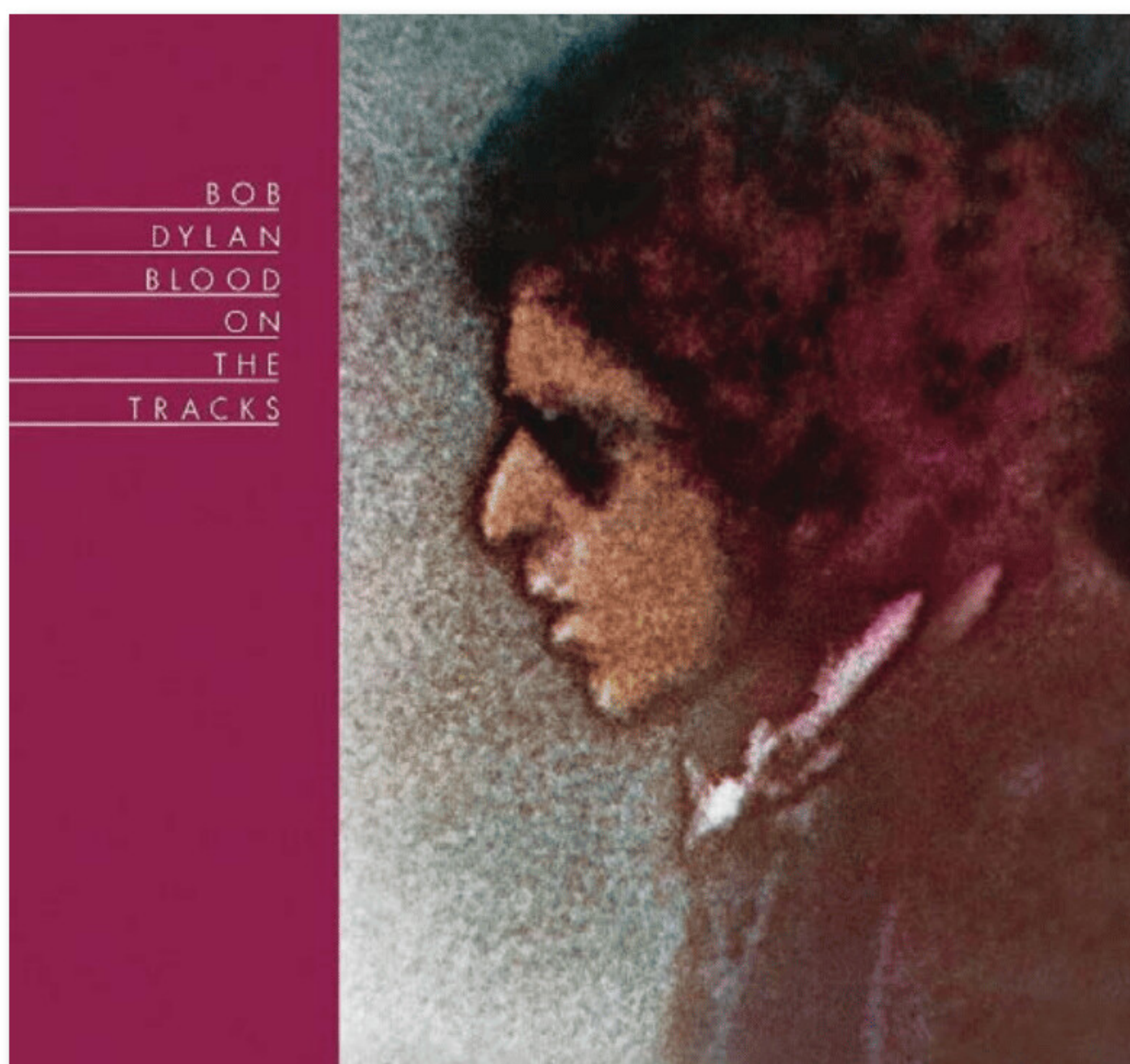


15. Are You Experienced

The Jimi Hendrix Experience

Track, 1967

ERA ASSIM QUE O REINO UNIDO SOAVA NO final de 1966 e começo de 1967: queimando com um blues multicolorido, encharcado de guitarras orquestrais e da visão cósmica de um negro norte-americano chamado Jimi Hendrix. Resgatado da obscuridade em Nova York por Chas Chandler (ex-baixista da banda The Animals), Hendrix chegou a Londres em setembro de 1966. Com a ajuda de Chandler, rapidamente formou o Experience com o baixista Noel Redding e o baterista Mitch Mitchell, e, em questão de semanas, estava gravando as músicas que formaram esta estreia fabulosa. Quatro décadas e meia depois, *Are You Experienced* continua sendo o disco de guitarra mais inovador e expressivo do rock. O jeito incendiário de tocar de Hendrix era histórico por si só – uma soma luminescente da labuta no circuito de casas de show para afro-americanos no início dos anos 1960 (quando foi músico de apoio de astros como Little Richard e dos Isley Brothers) com a exploração melódica dos ruídos dos amplificadores. Foi o calor pitoresco de músicas como “Manic Depression”, “I Don’t Live Today” e “The Wind Cries Mary” (presente no lançamento norte-americano do álbum) que estabeleceu a promessa transcendente da psicodelia do músico. “É uma junção de sentimento livre e imaginação”, disse ele sobre o álbum. “A imaginação é muito importante.” “Purple Haze” foi considerada uma viagem de ácido, algo negado pelo autor. “É sobre um sonho que tive no qual andava sob o mar”, falou Hendrix.



I6. Blood on the Tracks

Bob Dylan Columbia, 1975

BOB DYLAN UMA VEZ INTRODUZIU NO palco “Tangled Up in Blue”, a faixa de abertura de *Blood on the Tracks*, dizendo que levou dez anos para viver a canção e dois anos para escrevê-la. Para ele, era uma referência direta à crise pessoal que vivia – o colapso de seu casamento com Sara Lowndes. O fato inspirou pelo menos parcialmente este disco, o melhor de Dylan na década de 1970. Na verdade, ele escreveu todas essas melodias majestosas de letras cortantes em dois meses, em meados de 1974. Ficou tão orgulhoso delas que fez audições particulares de quase todo o álbum, do começo ao fim, para amigos e colegas como Mike Bloomfield, David Crosby e Graham Nash antes de gravá-las em setembro – em apenas uma semana, com membros da banda de bluegrass Deliverance. No entanto, em dezembro, Dylan tocou o disco para o irmão David em Minneapolis, que sugeriu que Dylan regravasse algumas das faixas com músicos locais. O resultado final foi uma mistura das sessões lentas e meditativas de Nova York com as gravações mais movimentadas e selvagens de Minneapolis. Juntas, elas emolduram uma angústia abrasiva em algumas das músicas mais passionais e confessionais de Dylan – de baladas de separação como “If You See Her, Say Hello” à desgraça de “Idiot Wind”, a maior canção de desprezo dele desde “Like a Rolling Stone”. “É difícil eu me identificar com pessoas que gostam desse tipo de dor”, Dylan disse depois que o álbum se tornou um sucesso. Só que ele nunca tinha transformado tanta dor em tamanho esplendor musical.



I7. Nevermind

Nirvana DGC/Geffen, 1991

O SEGUNDO DISCO DO NIRVANA E O SIMBÓ-lico single “Smells Like Teen Spirit” saltaram da nascente cena grunge de Seattle para chutar *Dangerous*, de Michael Jackson, para fora do topo da parada de álbuns e também eliminar o metal farofa do mapa. Nenhum álbum na história recente teve um impacto tão dominador sobre uma geração – uma nação de adolescentes que de repente virou punk – e um efeito tão catastrófico sobre o criador principal. O peso da fama levou o já perturbado cantor e compositor Kurt Cobain a se suicidar em 1994, mas seus riffs cortantes, vocais corrosivos e composições tortuosamente oblíquas, enfatizadas pela poderosa junção Pixies-via-Zeppelin do baixista Krist Novoselic e do baterista Dave Grohl, devolveram uma pureza guerreira ao rock. Nas letras, Cobain vociferava por meio de códigos. A genialidade dele estava em músicas como “Lithium”, “Breed” e “...Teen Spirit”. Nesta, entre os versos e refrãos, alternava uma tensão suave, usando um método de contenção e ataque. No fundo, Cobain era um amante da música pop, e também um beatlemaniaco: Butch Vig, o produtor de *Nevermind*, lembrou que o ouviu tocar “Julia”, de John Lennon, nas sessões. Cobain também lutava para manter a honra que tinha no meio underground de Seattle. Era uma batalha perdida, mas esta dualidade é parte do poder duradouro do álbum. Vig lembrou sobre quando Cobain foi forçado a fazer um overdub da introdução de guitarra para “...Teen Spirit” porque não conseguia acertá-la ao vivo com a banda: “Aquilo o irritou. Ele queria tocar [*a música*] inteira ao vivo”.

Springsteen em
1975, na época
de *Born To Run*

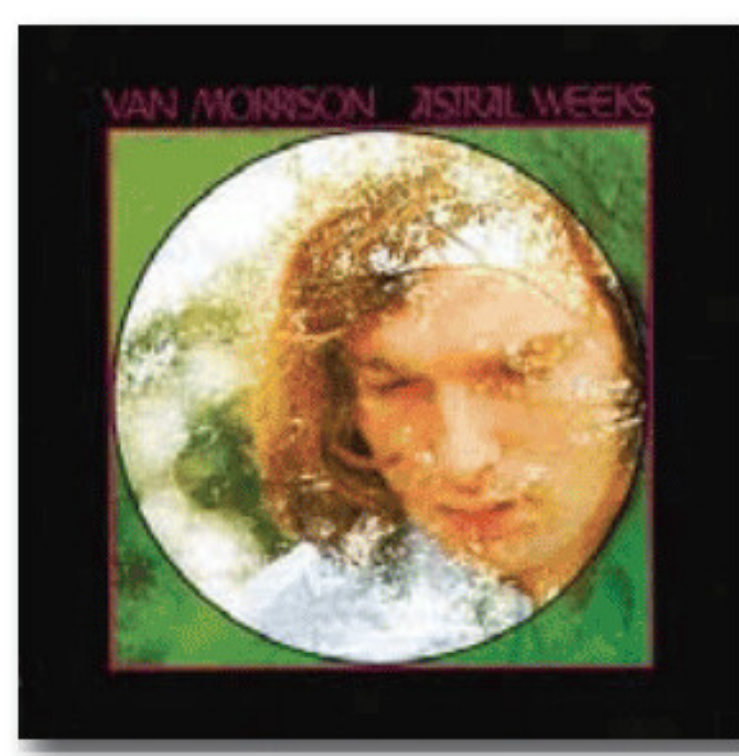




18. Born to Run

Bruce Springsteen Columbia, 1975

Bruce Springsteen gastou tudo o que tinha – paciência, energia, tempo de estúdio e a resistência física de sua E Street Band – para fazer esta obra-prima. Há uma dezena de overdubs de guitarra somente na faixa-título. “O álbum se tornou um monstro”, ele lembrou. Ao chegar neste terceiro disco, Springsteen estava vivendo o drama central do rock com um pé no acelerador: a luta para conciliar grandes sonhos com uma realidade opressora. Ele achou tão difícil recriar o som que tinha na cabeça – a explosão das apresentações ao vivo nos bares de Nova Jersey, a grandeza de Phil Spector, o melodrama de Roy Orbison – que chegou perto de desistir de *Born to Run* e por pouco não lançou um disco ao vivo. A atenção aos detalhes produziu um álbum atemporal sobre a labuta e a glória de aspirar à grandeza.



19. Astral Weeks

Van Morrison Warner Bros., 1968

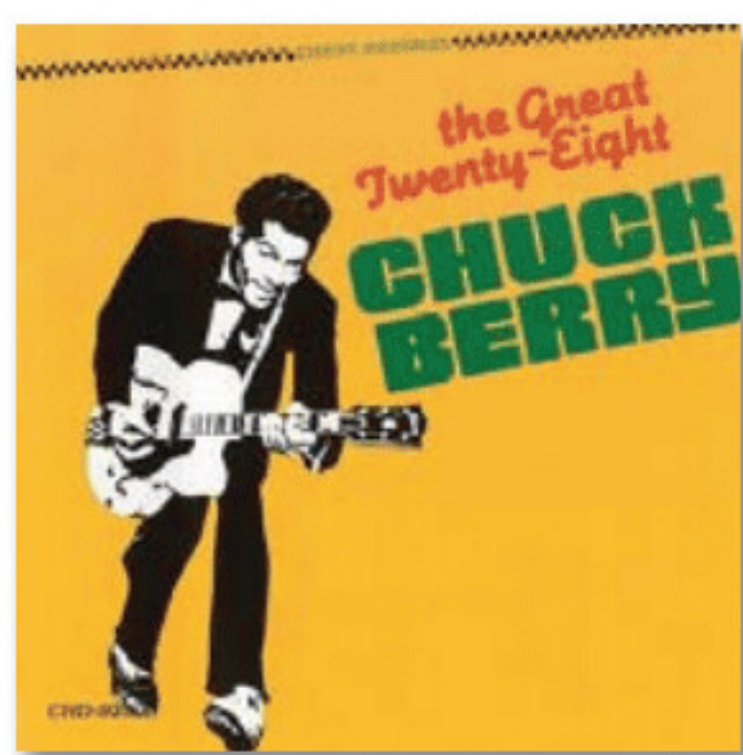
Van Morrison nunca soou tão caloroso, extasiado, sensual e vulnerável quanto neste belo e enigmático álbum solo. O cantor vivia um bom momento: tinha estourado com “Brown Eyed Girl” e agora gravava pela Warner. O irlandês explorou o alcance físico e dramático de sua voz em improvisos poéticos e ambientou os devaneios alucinatórios da cidade natal dele, Belfast, com melodias que juntavam o som celta ao R&B. A cereja do bolo foi o quinteto de jazz montado pelo produtor Lewis Merenstein para dar nuances às melodias. Posteriormente, o baixista Richard Davis disse que Morrison nunca falou aos músicos o que queria deles ou o que as letras significavam. Talvez não soubesse como. Ele estava indo fundo dentro de si mesmo, sem rede de segurança ou nenhum medo.



20. Thriller

Michael Jackson Epic, 1982

Michael Jackson dominou a década de 1980 da mesma forma que Elvis Presley foi o astro principal da década de 1950. E *Thriller* é o motivo. O astro infantil do R&B amadureceu e virou um soulman multicolorido: um cantor, dançarino e compositor com incomparáveis instintos musicais. Ele e o produtor Quincy Jones estabeleceram o modelo “música para todos” com *Off the Wall* (1979), uma fusão elegante de ganchos pop com batidas dançantes. Em *Thriller*, a dupla aumentou o brilho (“The Girl Is Mine”), fortaleceu a teatralidade (“*Thriller*”) e aprofundou o funk. Contudo, a coisa mais emocionante era a autobiografia por trás de tudo: o uivo de negação na voz de Jackson em “Billie Jean” e a cadência ao estilo “quem me odeia, que vá para o inferno” de “Wanna Be Startin’ Somethin’”. Jackson estava no auge da arte e da vida adulta.



21. The Great Twenty-Eight

Chuck Berry Chess, 1982

Na segunda metade dos anos 1950, Chuck Berry lançou uma série de singles que definiram o som e o espírito do rock. Tudo começou em 1955 com “Maybellene”, uma faixa rápida com levada country sobre uma corrida entre um Ford e um Cadillac. A guitarra de country blues de Berry ornamentou clássico atrás de clássico: “Roll Over Beethoven”, “School Days”, “Rock and Roll Music”, “Sweet Little Sixteen”, “Johnny B. Goode” e “Back in the U.S.A.”. Qual era o segredo de Berry? Nas palavras do próprio maestro: “A natureza e espinha dorsal da minha batida é o boogie, e os músculos da música que faço são melodias simples”. Esta coletânea reúne o melhor da magia de Chuck Berry produzida de 1955 a 1965.



22. The Complete Recordings

Robert Johnson Columbia, 1990

“Quer saber quão bom o blues pode ser?”, Keith Richards perguntou. “É isto aqui.” Ele falava de Robert Johnson, que viveu de 1911 a 1938 no delta do rio Mississippi e cuja proeza na guitarra era tanta que inspirou histórias sobre ele ter vendido a alma ao diabo em troca do dom impressionante. Nas duas únicas sessões de gravação que fez, Johnson registrou 29 músicas, mas sua paixão evanescente ressoa ao longo das décadas. Foi uma inspiração crucial para todos de Elmore James (pioneiro do blues de Chicago) aos herdeiros do blues britânico, como os Rolling Stones e Eric Clapton. Todos os registros feitos por Johnson (além de 12 takes alternativos) estão incluídos aqui – o cálice sagrado do blues.



23. Plastic Ono Band

John Lennon Apple, 1970

Também conhecido como o álbum do “grito primal”, referindo-se à terapia dolorosa que originou as faixas, *Plastic Ono Band* foi o primeiro disco realmente solo de John Lennon. Neste trabalho altamente pessoal e revelador, Lennon ataca e nega ídolos e ícones, incluindo a própria ex-banda (“Não acredito nos Beatles”, canta em “God”). Ele atinge um núcleo puro e bruto de confissão que, em uma crueza de rock de garagem encharcada de ecos, está anos à frente do punk. Lennon lida com a perda da infância em “Mother” e despeja blasfêmia em “Working Class Hero”: “Pelo que eu percebo, vocês ainda são uns pobres fodidos”. Só que, ao jogar os sonhos dos anos 1960 no lixo, também há espaço para uma noção frágil de possibilidades (“Hold On”). *Plastic Ono Band* é o som do ano zero.



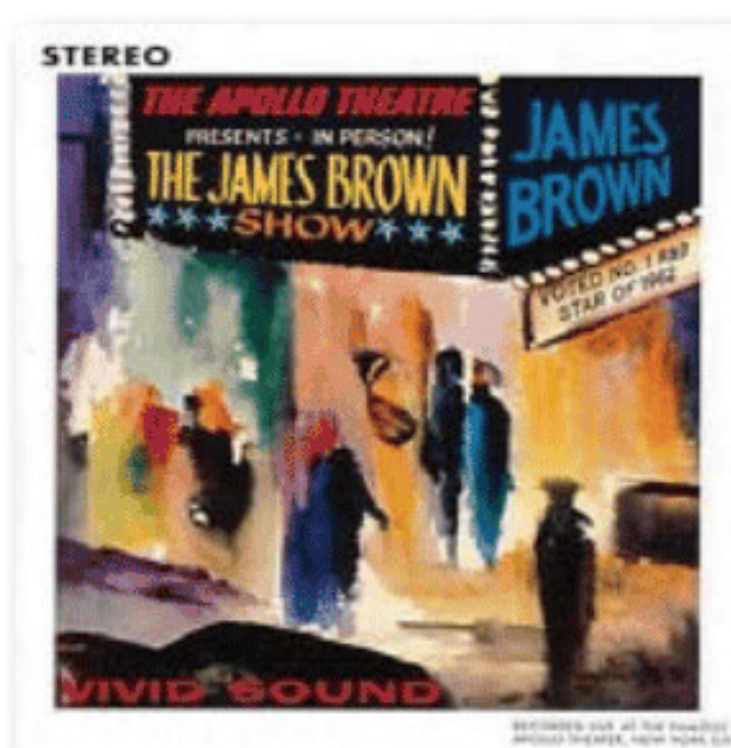
James Brown: soul e suor ao vivo



24. Innervisions

Stevie Wonder Tamla/Motown, 1973

A experimentação musical e as letras perceptivas e penetrantes de Stevie Wonder fizeram de *Innervisions* uma obra de autodescobrimento cheia de soul e ricas texturas, sem nunca cair na autoindulgência. Ao fundir realismo social com idealismo espiritual, Wonder traz cor expressiva e funk irresistível a seus teclados em “Too High” (uma advertência contra as drogas) e “Higher Ground” (que ecoa a mensagem de transcendência de Martin Luther King Jr.). A peça central do álbum é a cinematográfica “Living for the City”, um estudo sobre exploração e injustiça. O inovador álbum chegou bem a tempo. Três dias depois do lançamento de *Innervisions*, Wonder entrou em coma por quatro dias depois que o carro em que viajava colidiu com um caminhão.



25. Live at the Apollo

James Brown King/Polygram, 1963

Da introdução ofegante à releitura dos primeiros sucessos de James Brown, como “Try Me” e “Think”, aos 11 minutos da balada crua “Lost Someone”, atingindo o clímax com um medley de nove sucessos e terminando com a frenética “Night Train”, *Live at the Apollo* é soul puro. E o LP quase não saiu. James Brown desafiou a oposição de Syd Nathan, chefe da gravadora King, que não queria o disco ao vivo por nada. O registro aconteceu em 24 de outubro de 1962, a última data de uma temporada no histórico Apollo Theater, no Harlem, em Nova York. A intuição de Brown estava certa: *Live at the Apollo* – o primeiro dos quatro álbuns que ele gravou ali – permaneceu nas paradas durante 66 semanas. Brown deixava o gueto para se tornar pop.



26. Rumours

Fleetwood Mac Warner Bros., 1977

Em *Rumours*, o Fleetwood Mac transformou a tempestade particular das vidas dos integrantes em arte reluzente. Os dois casais da banda – o baixista John McVie e a cantora e tecladista Christine McVie, que eram casados, e o guitarrista Lindsey Buckingham e a vocalista Stevie Nicks, que namoravam – estavam no meio de separações durante as sessões prolongadas do álbum. Isso deu uma aura carregada e confessional a músicas como “Go Your Own Way” (Buckingham), “Dreams” (Nicks); “Don’t Stop” (Christine) e “The Chain”, um hino à infidelidade. O desnudamento do Fleetwood Mac, produzido com o acabamento ensolarado californiano, acertou em cheio: *Rumours* se tornou um protótipo para as rádios FM no fim dos anos 1970. Ainda é um dos discos mais vendidos de todos os tempos.



27. The Joshua Tree

U2 Island, 1987

“Os Estados Unidos ainda são a terra prometida para muitos irlandeses”, disse Bono à *Rolling Stone*. “Eu estou na longa fila dos que fizeram a viagem.” No quinto álbum de estúdio do U2, a banda mergulhou na mitologia norte-americana enquanto o guitarrista The Edge explorava o eco poético do delay digital de seu instrumento, afundando arpejos tradicionais em tremolos ondulantes. Uma das faixas mais comoventes é “Running to Stand Still”, uma balada despojada com slide guitar, falando do vício em heroína. Contudo, na maior parte, este é um disco que transforma buscas espirituais e lutas políticas em músicas edificantes para serem cantadas nos estádios, como “Where the Streets Have No Name” e “I Still Haven’t Found What I’m Looking For”, um hino do rock com alma gospel.



28. Who's Next

The Who Track, 1971

Pete Townshend contou que teve um colapso nervoso quando o ambicioso e teatral *Lifehouse*, o álbum que planejava para suceder a ópera rock *Tommy*, desmoronou. O que lhe restou das sessões originais do disco foi um conjunto extraordinário de canções. As sobras de *Lifehouse* formaram *Who's Next*, o melhor álbum de estúdio do quarteto. “Won’t Get Fooled Again”, “Bargain” e “Baba O’Riley” (batizada em homenagem ao compositor de vanguarda Terry Riley e a Meher Baba, guru espiritual de Townshend) brilham com uma majestade épica pontuada por sintetizadores. “Gosto de sintetizadores”, disse Townshend, “porque eles trazem para minhas mãos coisas que não estão nelas: o som de orquestra, trompas, cordas... Você aperta um botão e eles tocam tudo em velocidade dupla”.



29. Led Zeppelin

Led Zeppelin Atlantic, 1969

O Led Zeppelin ainda estava no processo de invenção do próprio som neste álbum de estreia. O quarteto ainda tentava se livrar da poderosa sombra dos Yardbirds, banda anterior do guitarrista Jimmy Page que espalhou as sementes para a explosão do rock pesado. Entretanto, desde o início, o Zeppelin conseguiu fundir o estilo luminoso de tocar de Page, o uivo apaixonado e poderoso de Robert Plant e a avalanche sonora da sessão rítmica formada por John Paul Jones e John Bonham. O modelo para tudo que a banda alcançou nos anos 1970 está aqui: rock brutal (“Communication Breakdown”), baladas trovejantes e potentes (“Your Time Is Gonna Come”) e blues acústico de sabor ácido (“Babe I’m Gonna Leave You”). O heavy metal ainda vive na sombra deste debute.



30. Blue

Joni Mitchell Reprise, 1971

“Em *Blue*, praticamente não há uma nota desonesta nos vocais”, contou Joni Mitchell à *Rolling Stone* em 1979. “Naquele período da minha vida, eu não tinha nenhuma defesa pessoal. Eu me sentia como se fosse uma embalagem de celofane em um maço de cigarros. Sentia que não tinha segredo absolutamente algum diante do mundo e não podia fingir ser forte. Ou feliz.” Com música após música sobre arrependimentos e tristeza, este pode ser o disco máximo sobre separação. O minimalismo de *Blue* também é o maior feito musical de Joni. Stephen Stills e James Taylor dão uma mãozinha, mas em “California”, “Carey”, “This Flight Tonight” e na devastadora faixa-título, Joni soa completamente solitária, envolta em melancolia, transformando a tristeza em uma arte terna e universalmente poderosa.



31. Bringing It All Back Home

Bob Dylan Columbia, 1965

“É muito complicado tocar instrumentos elétricos”, disse Bob Dylan em meados de 1965. “Você está lidando com outras pessoas... A maioria dessas pessoas que não gosta de rock não consegue se identificar com outros indivíduos.” No entanto, no lado A deste álbum pioneiro, Dylan amplifica o estilo críptico e confrontante de compor com guitarras na velocidade de um raio e bateria galopante. “Subterranean Homesick Blues” e “Maggie’s Farm” são barulhentas, cáusticas e divertidas. Dylan retorna para o violão solo em quatro faixas soberbas no lado B, incluindo a escabrosa “It’s Alright, Ma (I’m Only Bleeding)” e “It’s All Over Now, Baby Blue”, que fecha o álbum, a melhor e mais afetuosa música que ele fez sobre rejeição.



32. Let It Bleed

The Rolling Stones Decca, 1969

O último disco que os Rolling Stones lançaram na década de 1960 começa com a aterrorizante “Gimme Shelter”, a música que simbolizou não apenas a catástrofe do show gratuito da banda em Altamont em 1969, mas também a morte do espírito utópico da década. O álbum inteiro queima com uma coesão apocalíptica. *Let it Bleed* tem o desespero sexual maníaco de “Live With Me”; o blues assassino de “Midnight Rambler”; a guitarra letal e agressiva de Keith Richards em “Monkey Man”; e o moralismo épico com refrão poderoso de “You Can’t Always Get What You Want”, faixa que Mick Jagger compôs ao violão no quarto dele. “Alguém falou que poderíamos conseguir o London Bach Choir”, Jagger lembrou anos mais tarde. “E respondemos: ‘Será hilário.’”



POR TRÁS DE...

Nevermind

Nirvana

“KURT MANDOU UMA FITA CASSETE [DE DEMOS], gravada em um aparelho de som portátil boombox”, contou o produtor Butch Vig. “A qualidade do som era realmente muito ruim. Mal dava para entender alguma coisa, mas consegui ouvir o início de ‘...Teen Spirit’ e percebi que era incrível.” ¶ Vig, junto a Andy Wallace na mixagem, garantiu que as músicas não ficassem perdidas no mesmo tipo de produção barata de *Bleach*, primeiro álbum da banda. O produtor não passou nem um mês gravando e mixando o álbum com Kurt Cobain, o baixista Krist Novoselic e o baterista Dave Grohl no Sound City Studios, em Van Nuys, Califórnia. “Eles estavam morando em um condomínio de prédios, e era um caos”, lembrou Vig. “Havia grafite nas paredes e os sofás estavam de ponta cabeça; ficavam acordados a noite inteira, em Venice Beach, até as seis da manhã. Eu entrava no estúdio ao meio-dia e eles chegavam lá pelas quatro da tarde.” Vig disse que a gravação foi tranquila, exceto quando chegou a hora da contida “Something in the Way”. Segundo ele, não importava quão sutilmente o trio tentava tocar, soava sempre agressivo demais. “Kurt entrou na sala de controle e disse que a música simplesmente tinha de soar assim – mal estava sussurrando e tocava o violão tão baixinho que quase não dava para ouvir. Foi impressionante. Peguei alguns microfones e construímos a música inteira em torno daquilo.” ¶ A mixagem do LP apresentou outro empecilho. “Kurt ficava tentando enterrar a própria voz”, disse Vig. “Eu argumentava: ‘Não dá para fazer isso. Sua performance vocal é tão intensa quanto a bateria e a guitarra’.” Vig ganhou a discussão, mas a banda decidiu contratar um profissional de mixagem de fora, Wallace, que deu a *Nevermind* o verniz sônico definitivo – algo que Cobain parecia desprezar. Ao falar sobre “...Teen Spirit”, ele contou ao biógrafo Michael Azerrad: “É uma mistura tão perfeita de limpeza e produção boa, delicada... Pessoalmente, acho chato”.



33. Ramones

Ramones Sire, 1976

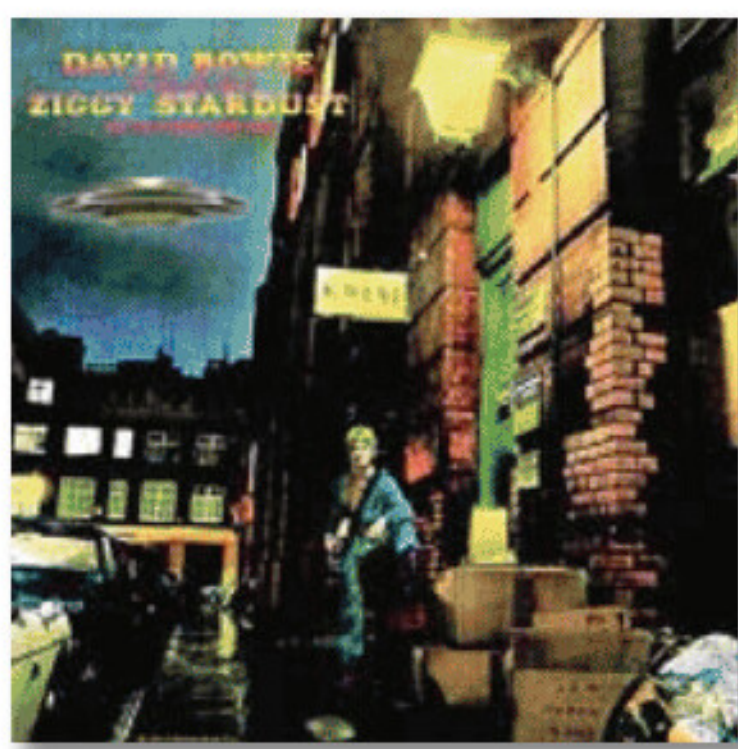
“Nossas primeiras músicas saíram de sentimentos reais de alienação, isolamento, frustração – o que todo mundo sente entre os 17 e os 75 anos”, disse o vocalista Joey Ramone. Com pouco mais de 28 minutos, *Ramones* é a rejeição completa do artifício reluzente do rock bem produzido que era feito nos anos 1970. Assim como a banda, as músicas são rápidas e antissociais: “Beat on the Brat”, “Blitzkrieg Bop”, “Now I Wanna Sniff Some Glue”. O guitarrista Johnny Ramone se recusava a tocar solos – seus acordes martelados se tornaram a linguagem do punk –, e o disco foi gravado por pouco mais de US\$ 6 mil. Mesmo assim, em meio à animada fúria niilista, “I Wanna Be Your Boyfriend”, um apelo suave de Joey Ramone, mostrou que até os punks precisam de amor.



34. Music From Big Pink

The Band Capitol, 1968

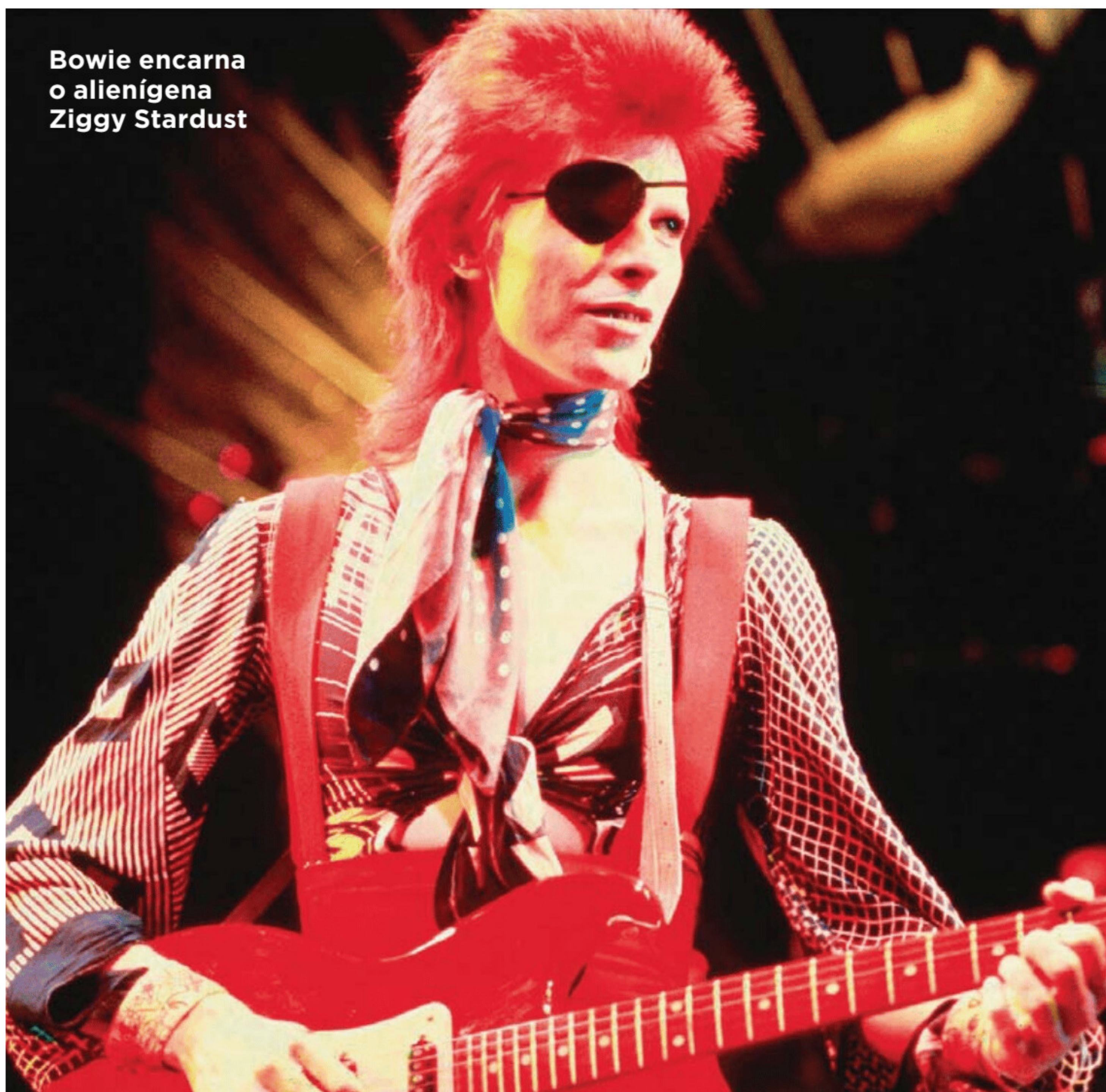
“Big Pink” era uma casa rosa em Woodstock, Nova York, para onde The Band – a banda de apoio de Bob Dylan na turnê de 1965 e 1966 – se mudou para ficar perto de Dylan depois do acidente de moto dele. Enquanto o cantor se recuperava, a The Band tocava com ele nas demos que mais tarde ficariam conhecidas como *The Basement Tapes* [veja o número 292] e fez sua própria estreia. Dylan se ofereceu para tocar no álbum; a banda disse “Não, obrigado”. “Não queríamos só ficar na cola dele”, afirmou o baterista Levon Helm. Dylan contribuiu com “I Shall Be Released” e coescreveu duas outras músicas, mas foram a beleza rústica da música da banda e o drama de suas próprias reflexões sobre família e obrigações, em faixas como “The Weight”, que fizeram de *...Big Pink* um clássico instantâneo.



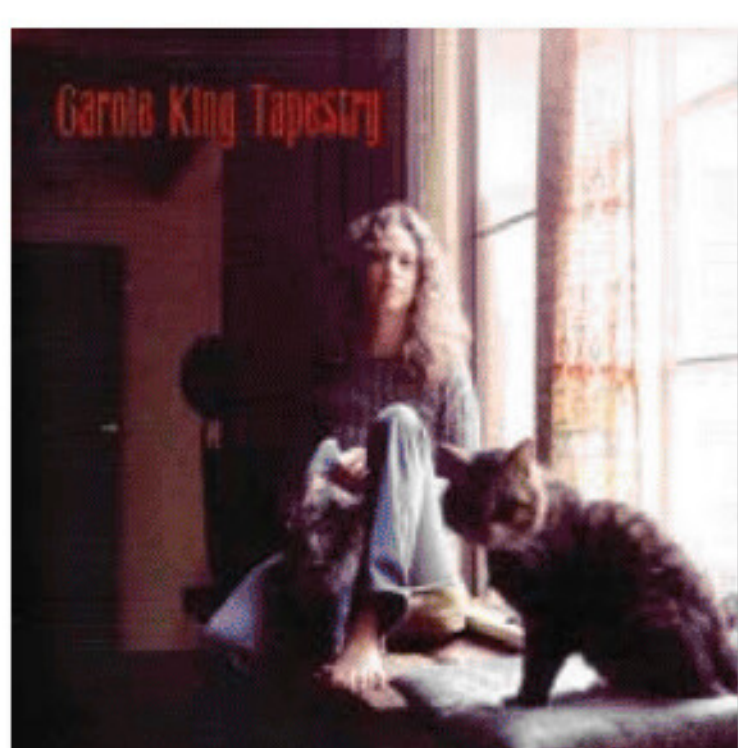
35. The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders From Mars

David Bowie RCA Victor, 1972

Este álbum documenta um dos esquemas de automitologia mais elaborados do rock, com a criação do iluminado e messiânico alterego Ziggy Stardust (“bem dotado e branco como neve”) por David Bowie. O glam rock que Bowie elaborou com o guitarrista Mick Ronson em faixas como “Hang On to Yourself” e “Suffragette City” é uma mistura irresistível de pop sexy e afetado ligado ao poder do blues. O hino “Ziggy Stardust” é uma das primeiras e melhores power ballads do rock. “Eu me considero responsável por toda uma nova leva de pretensões”, Bowie disse na época. “Eles sabem quem faz parte dela. Não é mesmo, Elton? Brincadeira. Não, é sério.”



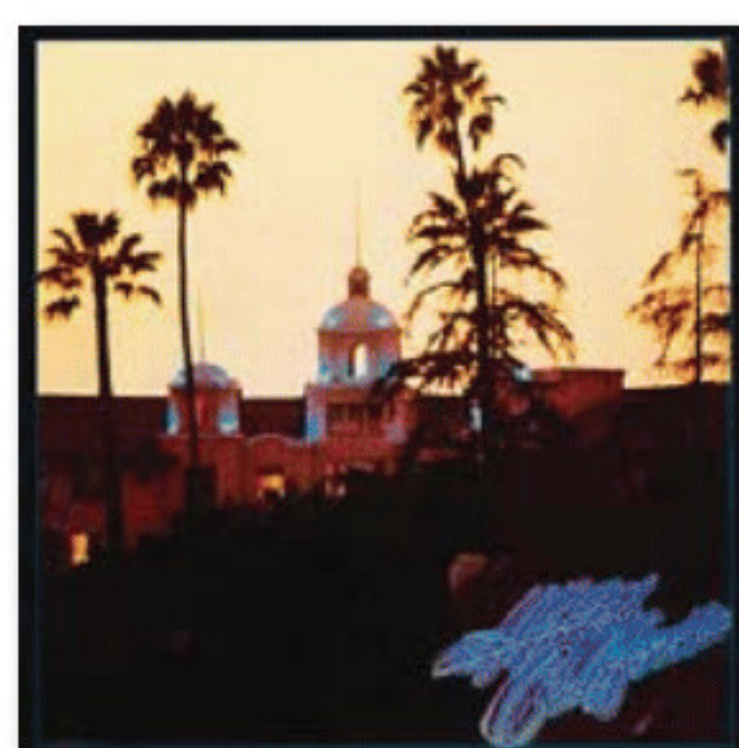
Bowie encarna o alienígena Ziggy Stardust



36. Tapestry

Carole King Ode, 1971

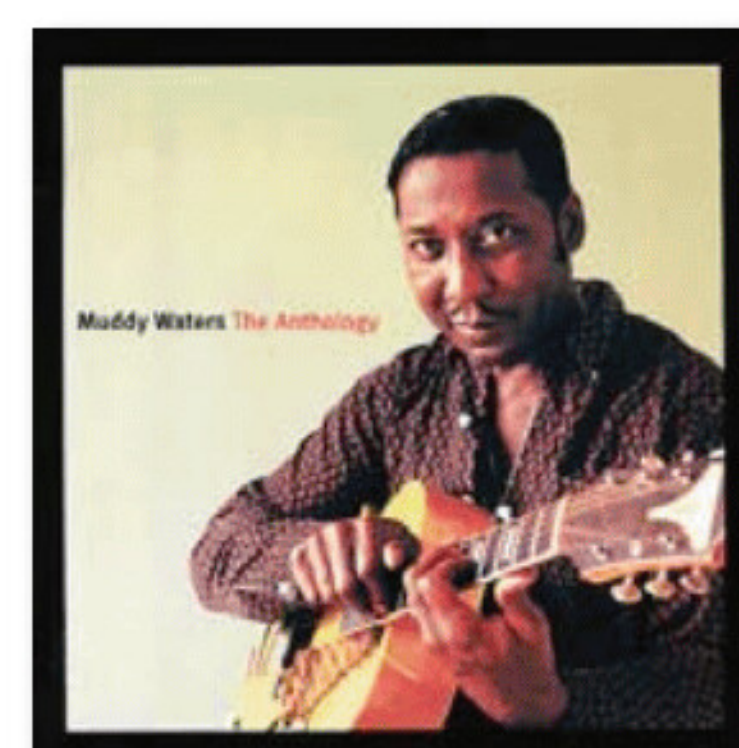
Por quase uma década, Carole King foi um dos expoentes do chamado “som do Brill Building”, que aglutinava compositores profissionais. Ao lado do então marido, Gerry Goffin, teve sucesso com hits como “The Loco-Motion” (Little Eva) e “Pleasant Valley Sunday” (The Monkees). Então, James Taylor, amigo de Carole, encorajou-a a cantar as próprias músicas. Ela desacelerou “Will You Love Me Tomorrow?” (sucesso do grupo The Shirelles), aumentando a melancolia da música. O vocal quente e sincero dela trouxe à tona a tristeza em “So Far Away” e “It’s Too Late”, e a alegria terrena em “I Feel the Earth Move”. Em *Tapestry*, Carole King se refez como artista e criou o modelo dominante para as cantoras-compositoras dos anos 1970 – e também um disco pop arrasa-quarteirão de qualidade artística duradoura.



37. Hotel California

Eagles Asylum, 1976

Os Eagles buscavam passar o sentimento do cowboy hollywoodiano entediado. A banda passou oito meses em estúdio retrabalhando todos os takes de *Hotel California*. Como Don Henley relembrou: “Simplesmente nos trancamos. Tínhamos uma geladeira, uma mesa de pingue-pongue, patins e algumas camas. Entrávamos e ficávamos dois ou três dias direto”. Com o guitarrista Joe Walsh substituindo Bernie Leadon, a banda deixou o country rock puro e adotou som mais pesado, exemplificado em “Life in the Fast Lane”. A melancólica “New Kid in Town” pondera sobre a natureza fugaz da fama. A icônica faixa-título é um monumento à decadência da aristocracia do rock, com três guitarras tecendo um som intrincado. “Toda banda tem um auge”, disse Henley. “*Hotel California* foi o nosso.”



38. The Anthology

Muddy Waters MCA, 2001

McKinley Morganfield – também conhecido como Muddy Waters – começou tocando blues acústico do delta do Mississippi, mas quando se mudou para Chicago, em 1943, precisava de uma guitarra elétrica para ser ouvido em meio ao tumulto causado nos clubes na zona sul. O som que desenvolveu foi a base do blues de Chicago – e do rock; os tons do estilo dele com a slide guitar anteciparam a distorção da guitarra do rock em quase duas décadas. Jimi Hendrix adaptou “Rollin’ Stone” de Waters para “Voodoo Chile”; Bob Dylan encontrou inspiração nela para “Like a Rolling Stone”; e Brian Jones usou o nome para batizar a banda que tinha formado. As 50 gravações nestes dois CDs vão de duetos entre guitarra e contrabaixo a faixas com a banda inteira – e só arranham a superfície do legado de Waters.



39. Please Please Me

The Beatles Parlophone, 1963

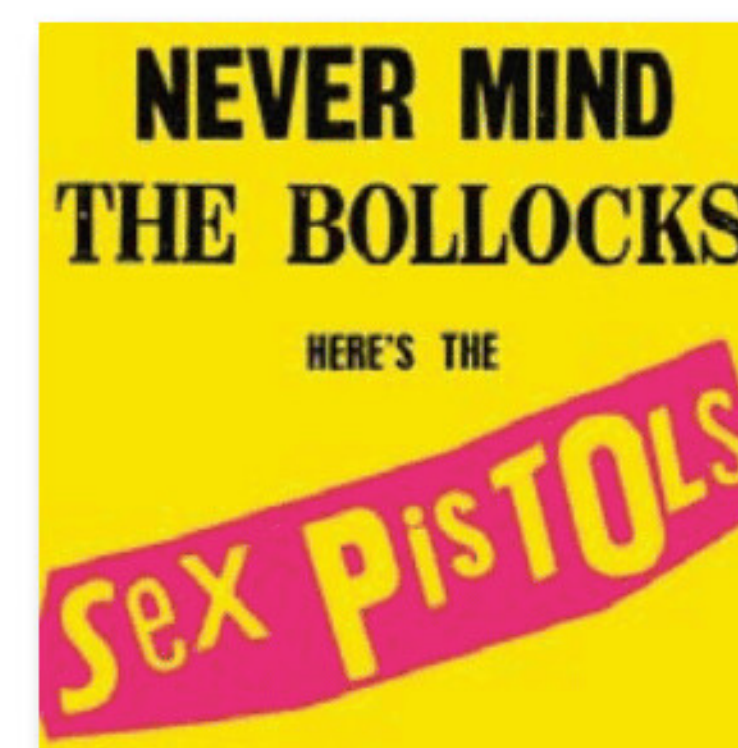
Os Beatles gravaram dez das 14 músicas de seu álbum de estreia no estúdio da EMI na Abbey Road em pouco mais de doze horas no dia 11 de fevereiro de 1963. Pelo fator produtividade, já é um dos primeiros grandes discos do rock. A banda tinha inventado um som revigorante – um ataque de energia rítmica e harmonias vocais impecáveis – e acertou em cheio usando covers e faixas originais. “Boys” veio do repertório do quarteto vocal The Shirelles; “Chains”, do grupo feminino The Cookies; e “Anna” era do soulman Arthur Alexander. Já as incendiárias “There’s a Place” e “I Saw Her Standing There” são de Lennon e McCartney. Appropriadamente, Lennon terminou a sessão que durou o dia inteiro sem camisa e estourando com o que havia restado das cordas vocais em dois takes de “Twist and Shout”, já um hit com o The Isley Brothers.



40. Forever Changes

Love Elektra, 1967

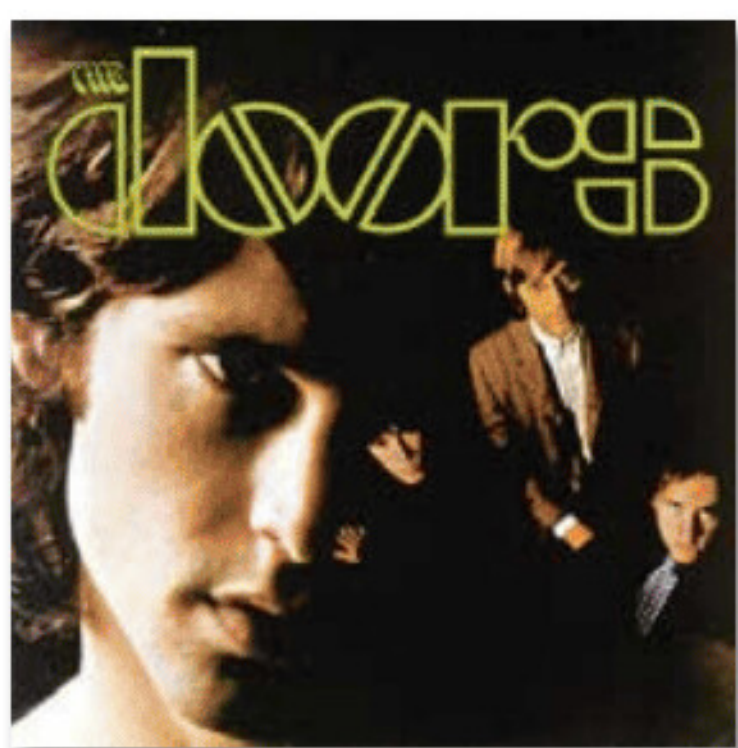
“Quando fiz *Forever Changes*”, disse o vocalista Arthur Lee, “achei que morreria naquela época, então aquelas seriam minhas últimas palavras”. O problemático Lee, que morreu de câncer em 2006, ainda tocava este álbum ao vivo nos anos 2000. Por um bom motivo: o terceiro disco da banda de Los Angeles é selvagem, engraçado e pioneiro – folk rock transformado em um armagedon elegante destacando o arrebate sinfônico e o drama metálico dos mariachis em “Alone Again Or” e “You Set the Scene”. No final dos anos 1990, Lee foi preso por um tempo. Depois de ser solto, trouxe uma compaixão adicional a “Live and Let Live”, onde canta: “Cumprir minha pena, e a cumprir bem”.



41. Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols

Sex Pistols Virgin, 1977

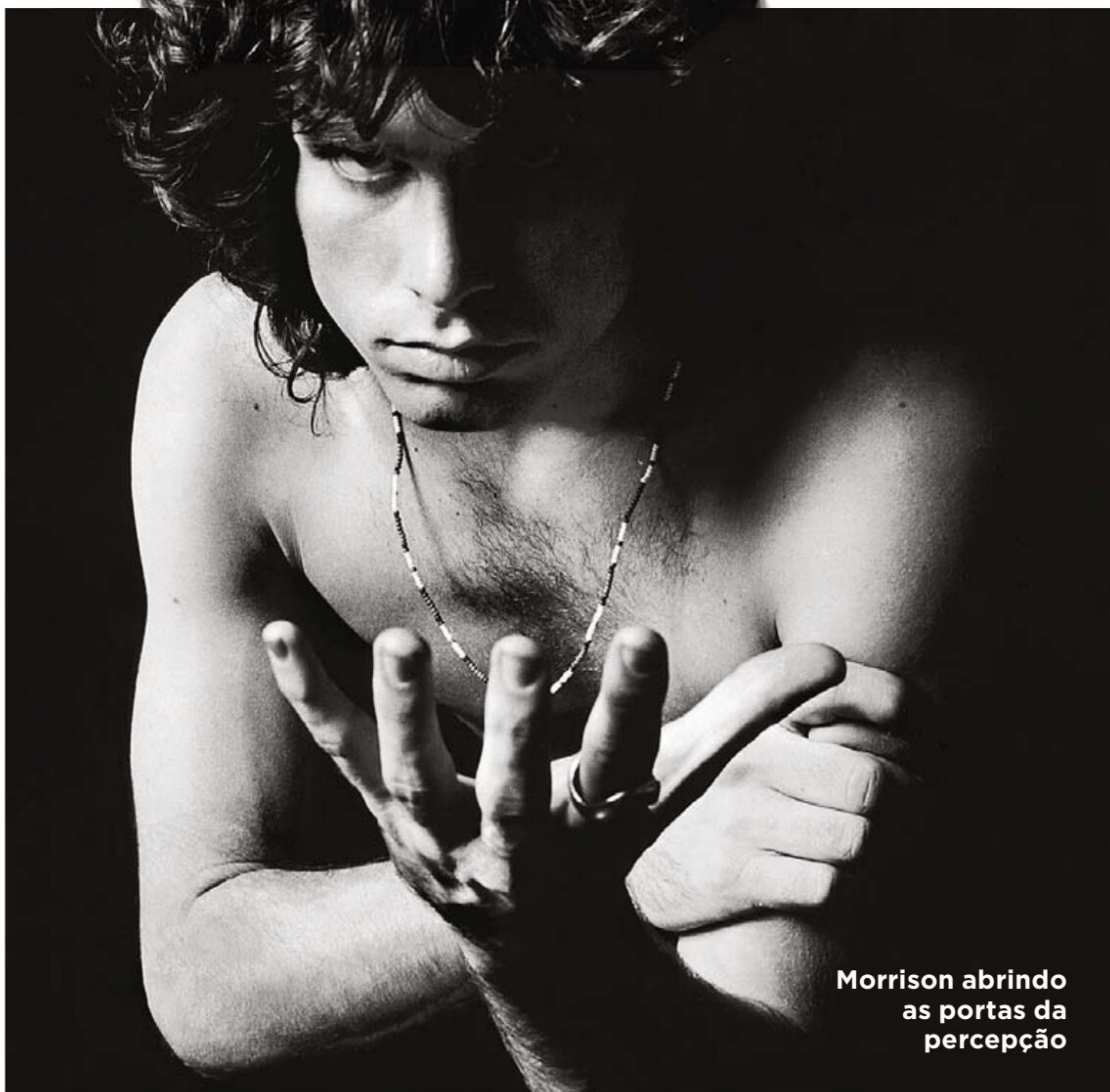
“Se as sessões tivessem acontecido como eu queria, ninguém conseguiria ouvir”, contou Johnny Rotten. “Se você quer que as pessoas escutem, precisa ceder.” Só que poucos ouviram isso dessa forma na época. O único álbum de estúdio dos Pistols soa como uma rejeição de tudo o que o rock tinha a oferecer. A música, é verdade, era menos chocante do que o próprio Rotten, que rosnava sobre abortos, anarquia e ódio. *Never Mind...* é o Sermão da Montanha do punk britânico – e os ecos dele estão em todo lugar. O álbum foi um escândalo que chegou ao topo da parada britânica. E a capa criada por Jamie Reid virou referência na arte da cultura punk.



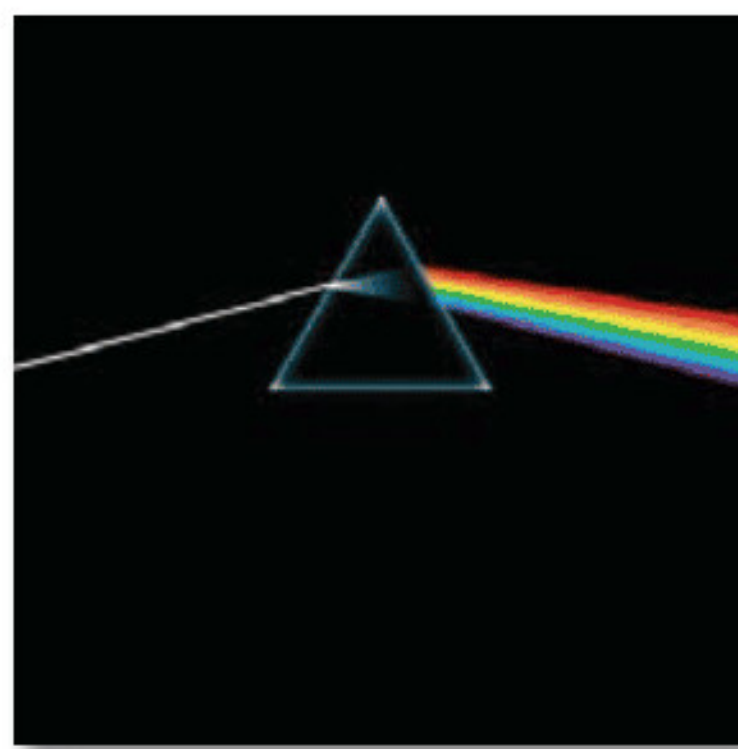
42. The Doors

The Doors Elektra, 1967

Depois de causar impacto como a banda residente do Whisky a Go Go, em Los Angeles, de onde foi dispensada por tocar o drama edipiano “The End”, os Doors estavam prontos para revelar ao mundo o rock transgressor que faziam. “Em cada música, tínhamos tentado todo arranjo possível”, afirmou o baterista John Densmore, “então sentíamos que o álbum inteiro estava coeso”. As aspirações artísticas inspiradas em William Blake talvez não fossem material para chegar ao Top 40, mas a banda acertou quando soltou o single editado de “Light My Fire”, faixa composta pelo guitarrista Robbie Krieger depois que Jim Morrison disse aos colegas de banda para escreverem uma música com uma imagem universal. O álbum de estreia da banda ainda tinha outras joias como a já citada “The End” e “Break On Through (To the Other Side)”.



Morrison abrindo as portas da percepção



43. The Dark Side of the Moon

Pink Floyd Harvest, 1973

“Acho que todos os álbuns que fizemos antes foram passos dados em direção a *The Dark Side of the Moon*”, disse o tecladista Rick Wright. “Estávamos aprendendo o tempo inteiro; as técnicas de gravação e as composições melhoravam.” Coroando as explorações que fizeram no começo dos anos 1970, o Pink Floyd fez uma turnê com boa parte de *The Dark Side...* no Reino Unido meses antes de gravar o disco. Em estúdio, a banda articulava os devaneios do baixista Roger Waters sobre a loucura da vida cotidiana com precisão melódica (“Breathe”, “Us and Them”) e brilho cinematográfico (“The Great Gig in the Sky”, destacando a vocalista convidada Clare Torry). Já “Money” talvez seja o único sucesso do Top 20 em andamento 7/4.



44. Horses

Patti Smith Arista, 1975

Horses abre com o verso desafiador: “Jesus morreu pelos pecados de alguém, não pelos meus”. Este disparo é parte da reinvenção de “Gloria”, clássico do rock de garagem criado nos anos 1960 por Van Morrison. O álbum de estreia de Patti Smith foi uma declaração de motim, uma afirmação de fé nos poderes transfiguradores do rock. Fez dela a rainha do punk antes do movimento realmente existir, mas a cantora se importava mais em como colocar a poesia no rock. Ela perseguiu as visões e paixões que ligavam Keith Richards e Rimbaud – e as encontrou, com a ajuda intuitiva de uma banda matadora, que tinha o pianista Richard Sohl, o guitarrista Lenny Kaye, o baixista Ivan Kral e baterista Jay Dee Daugherty. O amigo e amante Robert Mapplethorpe cuidou do belo e austero retrato da capa.



45. The Band

The Band Capitol, 1969

O quinteto The Band tinha quatro canadenses – só o baterista Levon Helm era do Arkansas –, mas o segundo álbum é puro Estados Unidos. As músicas do guitarrista Robbie Robertson vividamente evocam a era pioneira do país (“Across the Great Divide”) e a Guerra Civil (“The Night They Drove Old Dixie Down”) ao mesmo tempo em que refletem o estado fraturado da nação na década de 1960. A longa vida da The Band na estrada ecoa no vigor dos teclados de Garth Hudson e no ataque animado de Helm na bateria, mas as histórias de Robertson realmente vivem no uivo de Helm, no tenor alto de Rick Danko e no canto espectral de Richard Manuel. “Uma vez alguém disse que ele tinha uma lágrima na voz”, Helm comentou sobre Manuel. “Richard tinha uma das vozes com textura mais rica que já ouvi.”

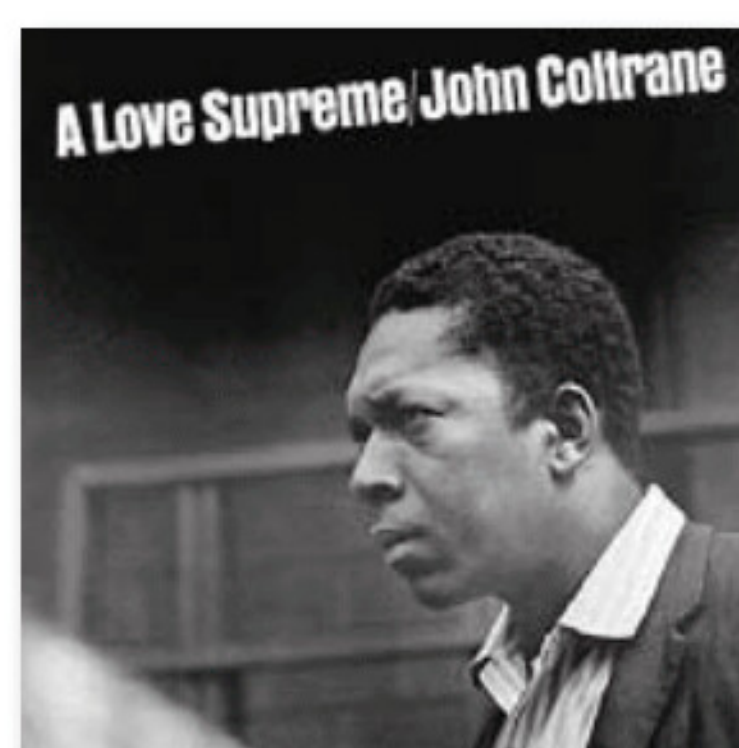


46. Legend

Bob Marley and the Wailers

Island, 1984

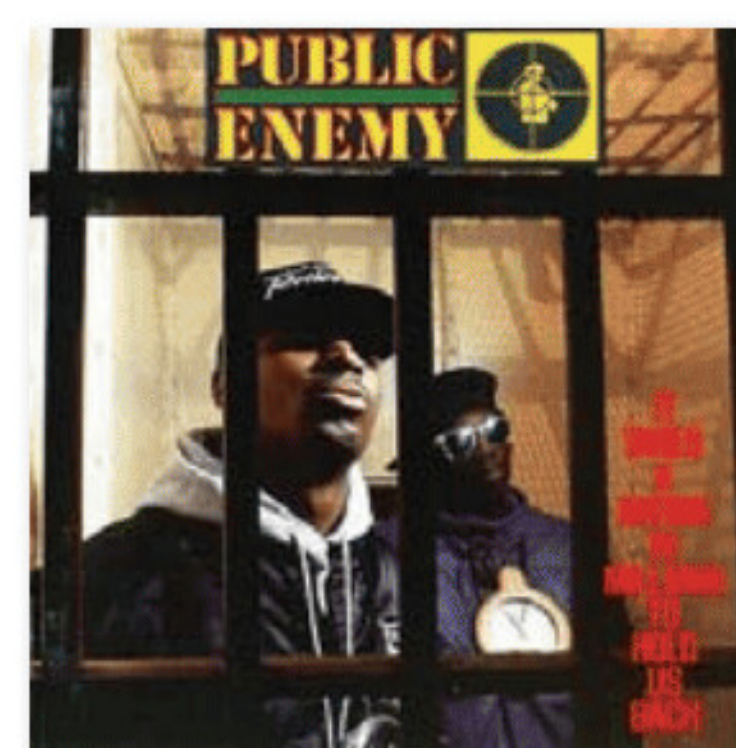
Bob Marley disse: “O reggae é simples demais [para os músicos norte-americanos]. Você deve estar dentro dele, saber o que está acontecendo e o motivo de querer tocar essa música. Você não simplesmente chega e a toca porque acha que pode ganhar milhões com ela”. Ironicamente, esta coletânea dos maiores sucessos do falecido ídolo do reggae já vendeu milhões de cópias. Em um só disco, ela captura tudo que o tornou um ícone internacional: a composição cheia de nuances, a mensagem política (e de esper-teza) e, claro, a alma universal que trouxe ao ritmo jamaicano a espiritualidade rastafári na epopéia “I Shot the Sheriff”, no balanço reconfortante de “No Woman No Cry” e na promessa sagrada de “Redemption Song”.



47. A Love Supreme

John Coltrane Impulse!, 1965

Duas coisas importantes aconteceram com John Coltrane em 1957: uma delas foi o saxofonista ter deixado Miles Davis para se juntar à banda de Thelonious Monk e assim atingir o apogeu criando solos longos e extasiados. Coltrane também deixou o vício em heroína, um passo vital em um despertar espiritual que chegou ao clímax com este lendário álbum de hino de louvor – música transcendental perfeita para ser a trilha sonora da era em que a sociedade norte-americana lutava pelos direitos civis. O tema indelével de quatro minutos da primeira peça, “Acknowledgment”, é a base da suíte, mas o sopro majestoso e violento de Coltrane evita o autolouvor. O jeito de tocar de John Coltrane em *A Love Supreme* é pura gratidão e júbilo. Não dá para evitar pegar uma canoa com ele.



48. It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back

Public Enemy Def Jam, 1988

Ostentando um som alto, incômodo, vanguardista, político, hilariante e cheio de balanço, o brilhante segundo álbum do Public Enemy foi uma revolução. Ele é tudo isso de uma vez só. Chuck D declama rimas intrincadas com um estilo inspirado no locutor esportivo Marv Albert; o rapper Flavor Flav traz uma bem-vinda comicidade; e o time de produção The Bomb Squad constrói jams impressionantes em várias camadas pontuadas pelo som de sirenes. O título do álbum e a força de “Bring the Noise” são a verdade anunciada. “Se chamam a música que faço de ‘barulho’, disse Chuck D, “se dizem que estou realmente deslocado por ser um negro nos Estados Unidos, tudo bem – então, vou trazer mais barulho”.



49. At Filmore East The Allman Brothers Band

Capricorn, 1971

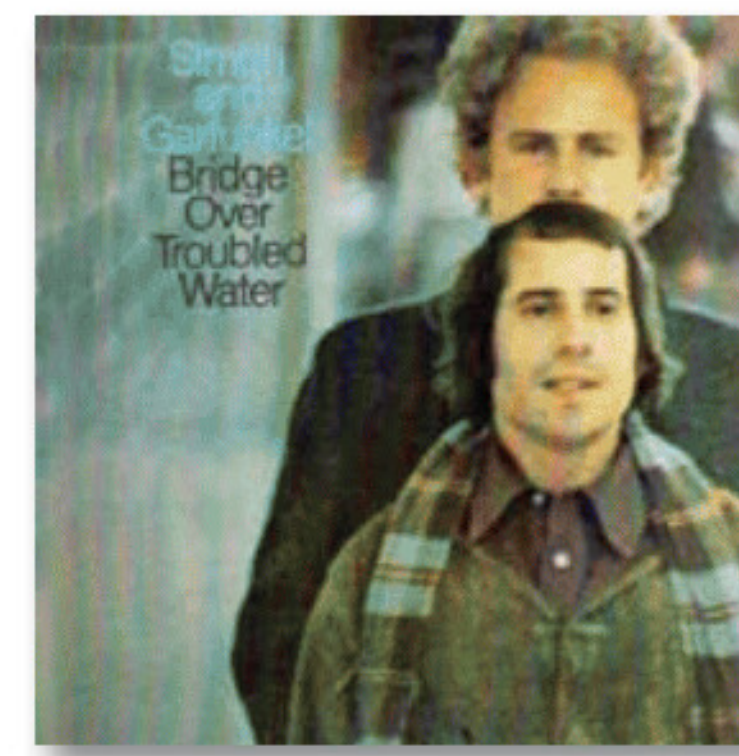
O melhor LP duplo gravado ao vivo do rock é um testemunho imbatível das habilidades de improvisação dos Allman Brothers, além de uma prova de como a banda se conectava com as plateias para fazer as jams parecerem comunitárias. “O público meio que tocava junto conosco”, disse o cantor e organista Gregg Allman sobre os shows de março de 1971 documentados aqui. “Estavam acompanhando cada vibração que vinha do palco.” O duo brilhante de guitarras de Duane Allman e Dickey Betts estava no auge, fundindo de forma uniforme o blues e o jazz em “Whipping Post” e “In Memory of Elizabeth Reed”. Infelizmente, a telepatia da dupla foi interrompida: apenas três meses depois do lançamento do álbum, Duane Allman morreu em um acidente de moto.



50. Here's Little Richard

Little Richard Specialty, 1957

“Eu vim de uma família que não gostava de R&B”, Little Richard contou à *Rolling Stone* em 1970. “Bing Crosby e Ella Fitzgerald eram tudo o que eu ouvia, e eu sabia que existia algo que podia ser mais alto que aquilo, mas não sabia onde encontrar. Descobri que era eu mesmo.” O estridente álbum de estreia de Richard, lançado em 1957, juntou faixas poderosas como “Rip it Up”, “Ready Teddy”, “Jenny, Jenny”, “Slippin’ and Slidin’” e “Long Tall Sally”, nas quais o piano boogie-woogie irrequeto dele e o grito em falsete abriram possibilidades libertadoras para o rock. “Tutti Frutti” ainda tem o que deve ser considerada a letra de rock mais inspirada já gravada: “A wop bop alu bop, a wop bam boom!”

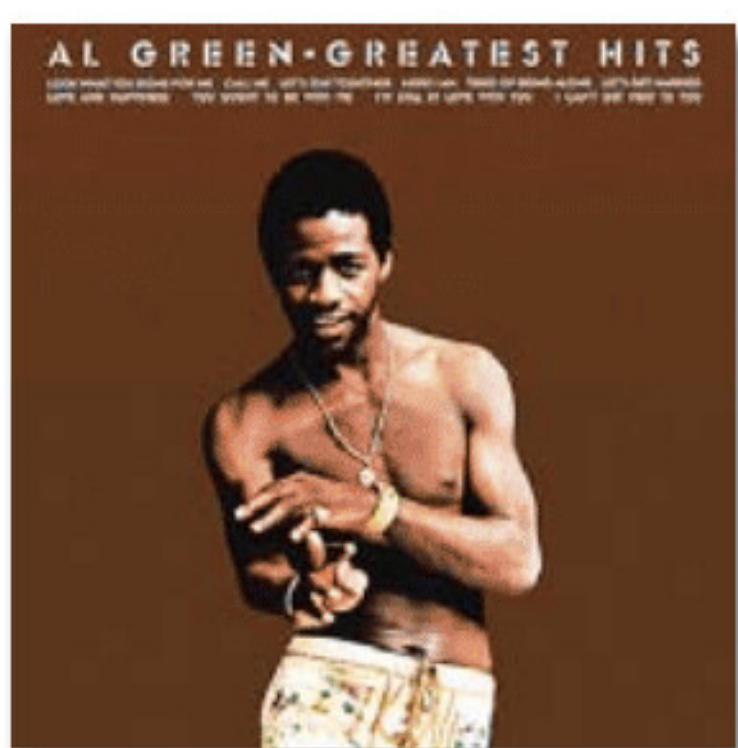


51. Bridge Over Troubled Water

Simon and Garfunkel

Columbia, 1970

O quinto e último álbum de estúdio mostrava o afastamento de Paul Simon e Art Garfunkel. Simon organizou parte do disco enquanto Garfunkel estava no México iniciando a carreira de ator com um papel na versão para o cinema de *Ardil 22*. Garfunkel vetou “Cuba Sí, Nixon No”, de Simon, que eliminou a ideia de Garfunkel para um coral de Bach. O que restou foi a parceria da dupla no auge: músicas irônicas e sofridas com harmonias redentoras como “The Boxer”. A belíssima faixa-título foi cantada somente por Garfunkel, apesar dele ter resistido. “Art sentia que eu deveria ter cantado ‘Bridge Over Troubled Water’”, Simon contou à *Rolling Stone* em 1972. “E muitas vezes lamentei não ter cantado.”



52. Greatest Hits

Al Green Hi, 1975

Ao lado do produtor Willie Mitchell, Al Green criou na década de 1970 um tipo de soul music visionária. “Em Memphis, você simplesmente grava como sente”, disse ele à *Rolling Stone* em 1972. “Nosso estúdio não é moderno, sofisticado e glamouroso, com cadeiras grandes e vermelhas, e carpete espesso. Entretanto, é um daqueles lugares em que se pode entrar e fazer um bom improviso de soul.” Em colaboração com músicos sutis como o baterista Al Jackson Jr., Green era um artista natural na elaboração de álbuns, fazendo clássicos de dor e amor como *Call Me* (1973). No entanto, esta coletânea compõe um disco unificado por si só, reunindo hits como “Let’s Stay Together”, “I’m Still in Love With You” e “Tired of Being Alone” em uma coleção impecável de 10 músicas.



53. Meet the Beatles!

The Beatles Capitol, 1964

Para os norte-americanos mergulhados na beatlemania, este foi o primeiro LP que tiveram à sua disposição. *Meet The Beatles* pegou o segundo disco britânico do Fab Four, *With the Beatles*, eliminou cinco covers e adicionou três faixas, incluindo os singles “I Want to Hold Your Hand” e “I Saw Her Standing There” (isso pode ter comprometido as intenções artísticas dos Beatles, mas deixou o álbum com mais peso). John Lennon e Paul McCartney estavam em uma onda de composição que não seria superada na história do rock e, a essa altura, ainda eram um time de verdade. Escreveram “I Want to Hold Your Hand” juntos em um piano no porão da casa de Jane Asher, atriz e namorada de McCartney – como Lennon descreveu, “foi olho no olho”.



54. The Birth of Soul: The Complete Atlantic Recordings

Ray Charles Atlantic, 1991

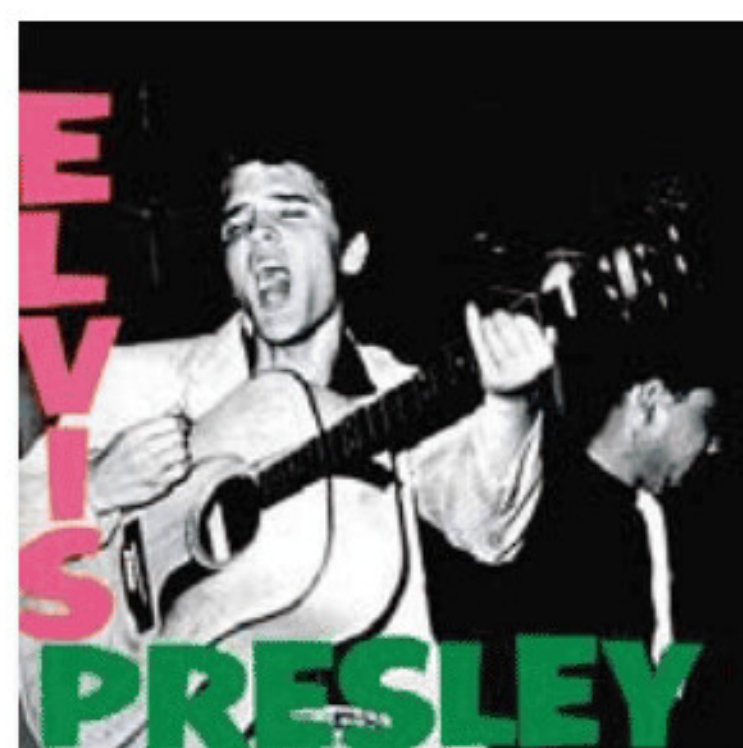
A soul music é uma mistura do sagrado e do profano: o gospel e o blues interagindo um com o outro. Ray Charles foi a primeira pessoa a aperfeiçoar essa mistura. O pianista estava tocando em Seattle quando a Atlantic comprou o contrato dele em 1952. Nos sete anos seguintes, ele lançou singles brilhantes como “What’d I Say” e “I Got a Woman”, baseada na música gospel “It Must Be Jesus”. Era o êxtase sonoro em três minutos. Esta caixa reúne tudo que ele gravou para a Atlantic na linha do soul e do R&B, além de ter algumas incursões pelo jazz, como a versão para o standard “My Bonnie”.



55. Electric Ladyland The Jimi Hendrix Experience

Track, 1968

O terceiro álbum de Hendrix foi o primeiro que ele mesmo produziu, um sonho febril de soul elétrico gravado em sessões ininterruptas no estúdio Record Plant, em Nova York. Às vezes, Hendrix saía de lá para tocar em um clube na esquina, o Scene. “Voodoo Chile” – 15 minutos de digressão de blues com a participação de Steve Winwood no órgão e Jack Casady (Jefferson Airplane) no baixo – reflete essas excursões à casa noturna. Além do blues psicodélico, havia a precisão de “Crosstown Traffic” e uma cover fenomenal para “All Along the Watchtower”, de Bob Dylan. A versão de Hendrix para a canção de Dylan se tornou definitiva e o próprio autor da música começou a tocá-la do mesmo jeito que o guitarrista a gravou em *Electric Ladyland*.



56. Elvis Presley

Elvis Presley RCA Victor, 1956

Em novembro de 1955, a RCA Victor comprou o contrato e as matrizes de Presley da Sun Records, incluindo material inédito. O primeiro álbum completo do Rei saiu seis meses depois, com faixas retiradas das sessões na Sun e outras gravações feitas nos estúdios da RCA em Nova York e Nashville. *Elvis Presley* se tornou o primeiro disco de rock a chegar ao número 1 das paradas. “Não houve pressão alguma”, contou o guitarrista Scotty Moore sobre as primeiras sessões na RCA. “Eram só estúdios maiores com equipamentos diferentes. Fizemos o mesmo de sempre.” Em faixas como “Blue Suede Shoes”, original de Carl Perkins, colega de Elvis na Sun Records, isso significava um country acelerado com a voz mais sexy que se tinha ouvido até então.

U2, descobrindo
a América



POR TRÁS DE...

The Joshua Tree

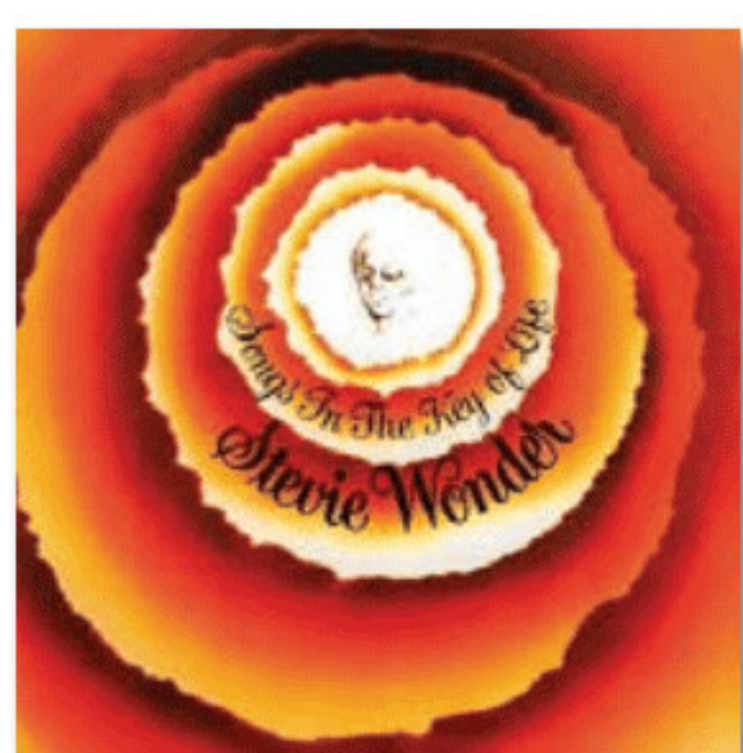
U2

“**T**RABALHAR COM O U2 É COMO ESTAR EM UMA avalanche de expectativas e possibilidades”, disse Daniel Lanois sobre sua experiência como coprodutor do histórico *The Joshua Tree* (1987). Foi o segundo disco dele com o U2 depois de *The Unforgettable Fire* (1984). “Entrei para fazer uma pré-produção, alguns esboços. Sabia na época que eles queriam algo claro e específico.”

¶ Tentando manter a sensação intimista daquelas demos, as sessões começaram em um estúdio em ruínas montado em uma fazenda na Irlanda. “Adam [Clayton, baixista do U2] estava procurando uma casa para comprar e encontrou aquele lugar lindo”, contou Lanois. Bono supostamente lutava contra dificuldades no casamento durante a gênese de *The Joshua Tree*, o que pode explicar a noção de perda que assombra o álbum, do abandono desesperado em “With or Without You” a “One Tree Hill”, uma homenagem a um amigo que morreu em um acidente de moto. ¶ De acordo com Lanois, muitos dos que agora são considerados clássicos do U2 quase não aconteceram. Depois de sessões árduas para “Where the Streets Have No Name”, o coprodutor Brian Eno, frustrado, quase apagou a música. “Só que ela dava a sensação de uma cena de abertura, então fizemos dela a primeira faixa do disco.” ¶ “I Still Haven’t Found What I’m Looking For” nasceu com o nome “The Weather Girls”. “Concordamos que ela não entraria no álbum, mas ela tinha essa ótima batida de gospel e R&B, então criamos uma nova música por cima dela”, contou Lanois. “Lembro que assoviei uma melodia tradicional no ouvido de Bono. Ele falou: ‘É isto! Não cante mais!’, saiu e compôs a melodia.”



Creedence,
mestres das
canções eficientes



57. Songs in the Key of Life

Stevie Wonder

Tamla/Motown, 1976

Na época da gravação deste álbum, Stevie Wonder costumava permanecer no estúdio durante 48 horas ininterruptas, sem comer nem dormir, enquanto todos ao redor dele lutavam para acompanhá-lo. “Se meu fluxo está vindo, continuo até chegar ao auge”, dizia. O fluxo veio tão bem que Wonder lançou 21 músicas, embaladas como um disco duplo e um EP bônus. Os destaques são a alegre “Isn’t She Lovely” e “Sir Duke”, mas Wonder também exibe seu domínio do funk, do jazz e do afrobeat. Dezenove anos depois, Coolio transformou o assombroso groove de “Pastime Paradise” no single número 1 “Gangsta’s Paradise”, um exemplo da vasta influência de ...*Life* sobre as décadas seguintes no pop.



58. Beggars Banquet

The Rolling Stones

Decca, 1968

“Quando estivemos nos Estados Unidos entre 1964 e 1966, juntei uma coleção enorme de discos, mas nunca tinha tido tempo para escutar todos”, contou Keith Richards. “No final de 1966 e em 1967, eu os coloquei para tocar.” Depois da psicodelia sem rumo de *Their Satanic Majesties Request* (1967), e com o guitarrista Brian Jones inoperante, a coleção de discos de Richards levou os Rolling Stones de volta às raízes: *Beggars Banquet* tem country music em “Dear Doctor”, blues tradicional em “Prodigal Son” e uma crônica de tumultos urbanos em “Street Fighting Man”. A demoníaca “Sympathy for the Devil”, com seu ritmo de samba torto, é um hino às coisas sinistras presentes em cada coração humano.



59. Chronicle Vol I

Creedence Clearwater Revival

Fantasy, 1976

Entre 1968 e o começo de 1972, o Creedence teve 13 músicas nas paradas, uma impressionante sequência de sucessos. O cantor e compositor John Fogerty era o populista de plantão na cena de bailes de São Francisco, escrevendo músicas concisas e cativantes como “Down on the Corner”, “Have You Ever Seen the Rain?” e “Proud Mary”, que uniam o balanço do R&B ao clima festeiro hippie da costa oeste. Ele também era um cronista do espírito daqueles tempos, falando sobre a guerra do Vietnã em “Who’ll Stop the Rain” e da política de classes sociais em “Fortunate Son”. Apesar de ter gravado bons álbuns, o Creedence era mesmo uma banda de singles e esta compilação passa bem o recado.



60. Trout Mask Replica

Captain Beefheart and His Magic Band Straight, 1969

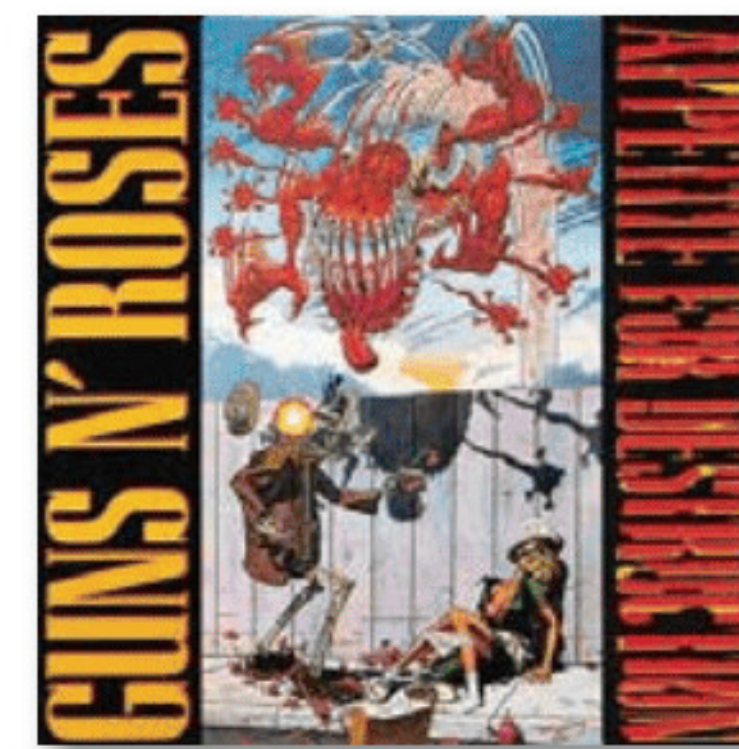
À primeira audição, *Trout Mask Replica* soa como uma incursão selvagem e incompreensível pelo blues. Don Van Vliet (mais conhecido como Captain Beefheart) grunhe, vocifera e recita poesias apoiado em riffs de guitarra. Cada nota foi precisamente planejada com antecedência – para construir as faixas, a Magic Band ensaiou 12 horas por dia durante vários meses em uma casa com as janelas pintadas de preto. O produtor e amigo de longa data Frank Zappa conseguiu gravar a maior parte do álbum em menos de cinco horas. O uivo vanguardista de faixas como “Ella Guru” e “My Human Gets Me Blues” inspirou desde Tom Waits a PJ Harvey. *Trout Mask Replica* não é exatamente um disco fácil, mas repetidas audições revelam um tipo raro de música cerebral.



61. Greatest Hits

Sly & the Family Stone Epic, 1970

Sly & the Family Stone criaram uma utopia musical: um grupo inter-racial de homens e mulheres que misturavam funk, rock e vibrações positivas. Sly Stone, o mentor da trupe, foi um dos artistas mais ambiciosos dos anos 1960, mesclando as batidas mais radicais do funk com a psicodelia hippie em sucessos como “Thank You (Falettinme Be Mice Elf Agin)”. Este *Greatest Hits* tem baladas com levada gospel (“Everybody Is a Star”), faixas dançantes (“Everyday People”) e criações contagiantes e cheias de soul (“Hot Fun in the Summertime”). O perceptivo Stone descobriu que sua utopia tinha público, só que, desiludido, demoliu tudo em *There’s a Riot Goin’ On*, de 1971 [veja o número 99]. Entretanto, nada pode negar a alegria da música que ele criou no início.



62. Appetite for Destruction

Guns N’Roses Geffen, 1987

Appetite for Destruction é o álbum de estreia mais vendido de todos os tempos e conta com muito mais do que o rugido de Axl Rose, o único membro da formação clássica que sobrou no Guns N’ Roses. O guitarrista Slash trouxe a emoção do blues e a energia do punk à banda, enquanto a seção rítmica deu balanço a sucessos como “Welcome to the Jungle” e “Mr. Brownstone”. Quando todos os elementos se uniram, como nos últimos dois minutos de “Paradise City”, o Guns fez com que todas as outras bandas de metal dos anos 1980 parecessem farsantes com cabelo de poodle. “Muitas bandas são molengas demais para ter algum sentimento ou emoção”, afirmou Rose. “A não ser que estejam com dor.”



63. Achtung Baby

U2 Island, 1991

Depois de cultivar por anos uma imagem pública solene, o U2 finalmente se soltou em *Achtung Baby*, uma obra de rock elegante com pulsantes grooves de pop europeu. O álbum foi gravado em Berlim e Dublin com os produtores Brian Eno e Daniel Lanois. A banda não soava mais como um bando de moleques sabichões; agora, eles estavam cheios de dúvidas e anseios. “Nós o chamamos de *Achtung Baby*, sorrindo em todas as fotos, mas provavelmente é o disco mais pesado que já fizemos”, Bono falou em 1992 à *Rolling Stone*. “One” pode ser a música mais bonita da banda, mas é uma balada sombria sobre uma relação em perigo e a subsequente luta para mantê-la. Ainda assim, o tumulto emocional fez o U2 soar mais humano do que nunca.



64. Sticky Fingers

The Rolling Stones Rolling Stones Records, 1971

O baterista Charlie Watts se lembra que *Sticky Fingers* surgiu com as músicas que Mick Jagger compôs enquanto filmava *A Força Será Tua Recompensa* na Austrália. “Mick começou a tocar mais guitarra”, contou Watts. “Ele toca guitarra-base de uma forma muito estranha... Bem do jeito que os brasileiros tocam. É como a guitarra em uma faixa de James Brown – para um baterista, é ótimo para tocar junto.” O guitarrista Mick Taylor, que tinha acabado de entrar na banda, ampliou o som dos Stones em “Sway”, “Can’t You Hear Me Knocking” e “Moonlight Mile”. Já “Brown Sugar” tem uma batida stoneana clássica. Duas das melhores faixas do álbum são da linha country: uma é reflexiva (“Wild Horses”) e a outra, alegre (“Dead Flowers”).



65. Back to Mono (1958-1969)

Phil Spector ABKCO, 1991

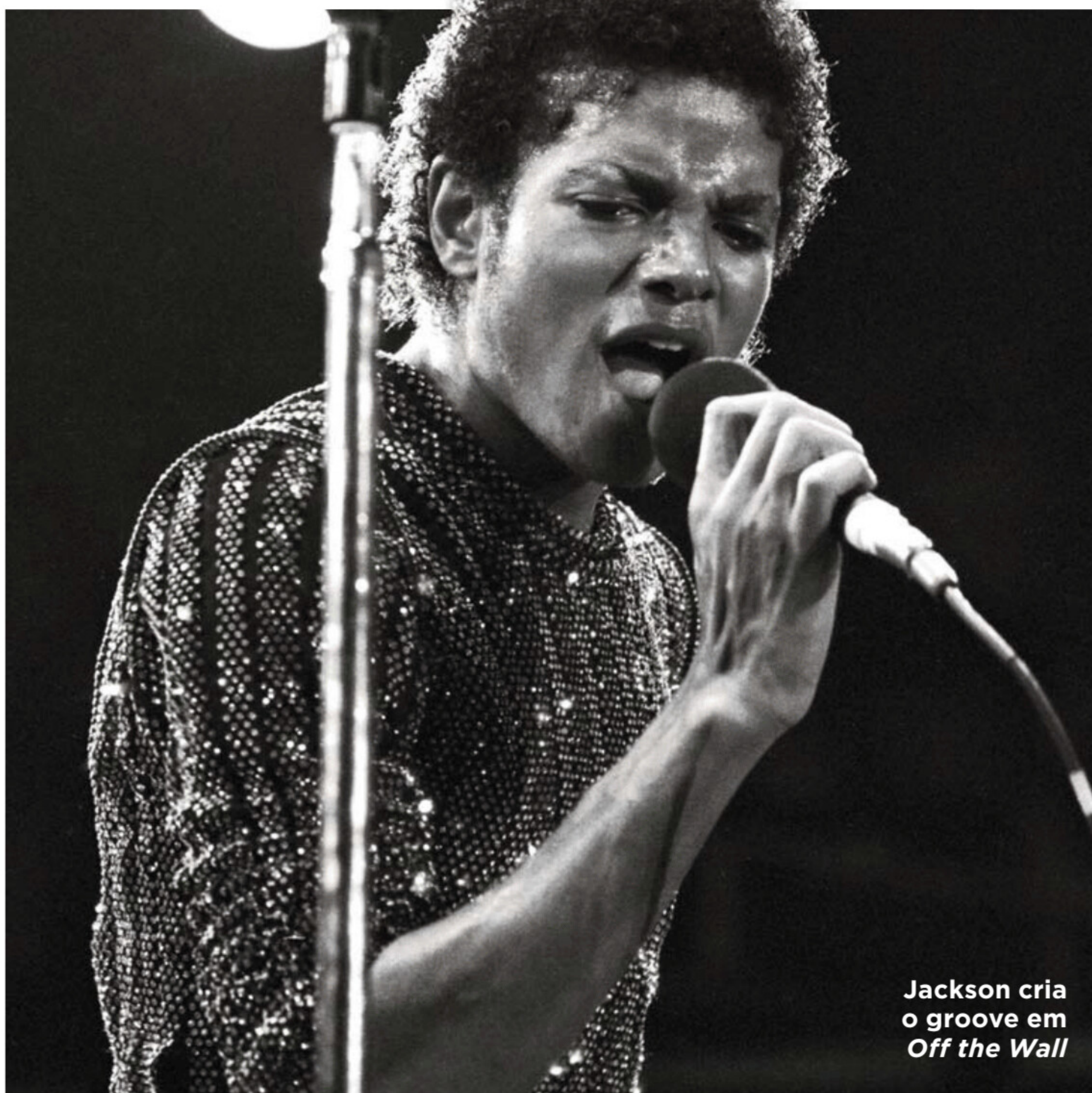
Quando Bobby Hatfield, dos Righteous Brothers, ouviu pela primeira vez “You’ve Lost That Lovin’ Feelin’”, com o parceiro Bill Medley interpretando a maior parte da música, perguntou: “Mas o que faço enquanto ele está cantando todo o primeiro verso?” O produtor Phil Spector respondeu: “Você pode ir para o banco!” Spector criou a imagem do produtor como um artista. Ele construiu a técnica da Wall of Sound com palmas, instrumentos de corda, overdubs e montanhas de percussão, criando algumas das canções pop com mais frenesi e luxúria já ouvidas. Esta caixa tem sucessos como “Be My Baby” (The Ronettes), e “Da Doo Ron Ron” (The Crystals), exemplos das “pequenas sinfonias para adolescentes” criadas por Spector.



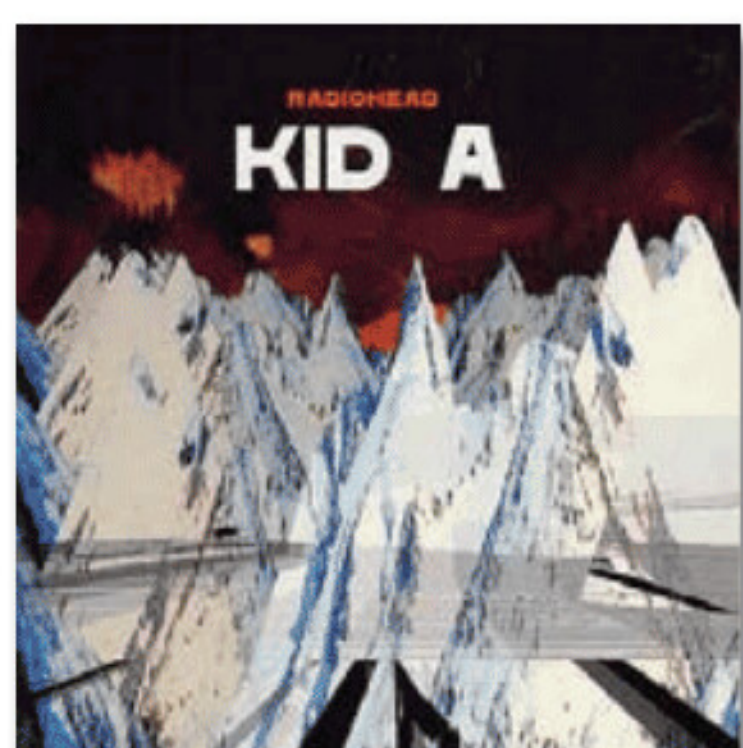
66. Moondance

Van Morrison Warner Bros., 1970

“Aquele era o tipo de banda que curto”, disse Van Morrison sobre as sessões de *Moondance*, álbum que sucedeu o também clássico *Astral Weeks* (1968). “Dois trompetes e uma seção rítmica – é com este acompanhamento que eu gosto de cantar”, falou. Morrison pegou essa formação típica de grupo de soul e a misturou com jazz, blues, poesia e lembranças vívidas de sua infância na Irlanda. Faixas como “And it Stoned Me”, “Crazy Love” e “Caravan” parecem sonhos lúcidos – são algumas das músicas mais românticas já feitas. Na bela e suingada faixa-título, Morrison retorce as palavras várias vezes, indo além do scat jazzístico. A majestosa “Into the Mystic” é um resumo adequado do trabalho: *Moondance* é um álbum de visões e devaneios extasiados de fim de noite.



Jackson cria o groove em *Off the Wall*



67. Kid A

Radiohead Parlophone, 2000

“*Kid A* é como usar um apagador enorme e começar de novo”, Thom Yorke disse em outubro de 2000, na semana em que este álbum se tornou o primeiro número 1 da banda nos Estados Unidos. “Acho difícil definir o caminho que escolhemos como ‘rock’.” De fato, *Kid A* continua sendo o disco de rock mais inovador dos anos 2000. Bem quando os heróis do rock alternativo da década de 1990 pareciam destinados a se tornar o próximo U2, eles mudaram de rumo e fizeram um trabalho anti-status quo fraturado e contorcido. Apesar de acenos à música eletrônica (“Idioteque”) e ao free jazz (“The National Anthem”), o mérito foi a banda ter transformado sons alienígenas em uma elegia surpreendentemente acessível à ternura – e ter feito sucesso mesmo assim.



68. Off the Wall

Michael Jackson Epic, 1979

“As baladas é que fizeram de *Off the Wall* um álbum de Michael Jackson”, o cantor lembrou sobre seu grande estouro solo, que gerou quatro hits no Top 10 e eclipsou até mesmo o sucesso que ele fazia dentro do Jackson 5. “Eu tinha feito baladas com [meus] irmãos, mas eles nunca ficaram muito empolgados com elas e as gravavam mais como uma concessão a mim do que qualquer outra coisa.” Em “She’s Out of My Life,” dá para ouvi-lo realmente se emocionar e chorar no estúdio, mas as faixas dançantes – esculpidas por Jackson e pelo produtor Quincy Jones – continuam sendo exemplos perfeitos do valor da disco music. “Don’t Stop ‘Til You Get Enough”, “Rock With You” e “Burn This Disco Out” ainda colocam fogo nas festas.



69. Led Zeppelin IV

Led Zeppelin Atlantic, 1971

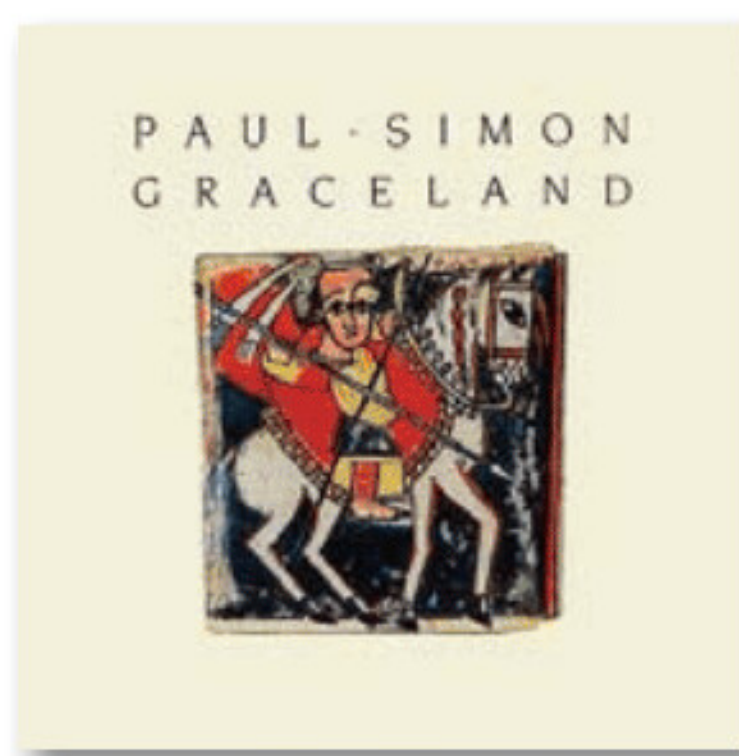
“Trabalho muito nas letras que faço”, Robert Plant contou à *Rolling Stone* em 1975. “Só que nem todas elas devem ser decifradas. Coisas como ‘Black Dog’ são óbvias, do tipo ‘vamos transar no banheiro’, mas ainda assim dão o recado.” No imponente quarto álbum, o Led Zeppelin combina a indecência de “Black Dog” com as letras mais poéticas de Plant, algo que é exemplificado na épica “Stairway to Heaven”. Já o guitarrista Jimmy Page vai do blues apocalíptico de “When the Levee Breaks” ao tributo tórrido a Little Richard em “Rock and Roll”, e chega a “The Battle of Evermore”, canção movida a bandolim (“Ela soava como uma dança em volta do mastro”, Page confessou mais tarde). Com ou sem mastro, este álbum foi o auge do hard rock nos anos 1970.



70. The Stranger

Billy Joel Columbia, 1977

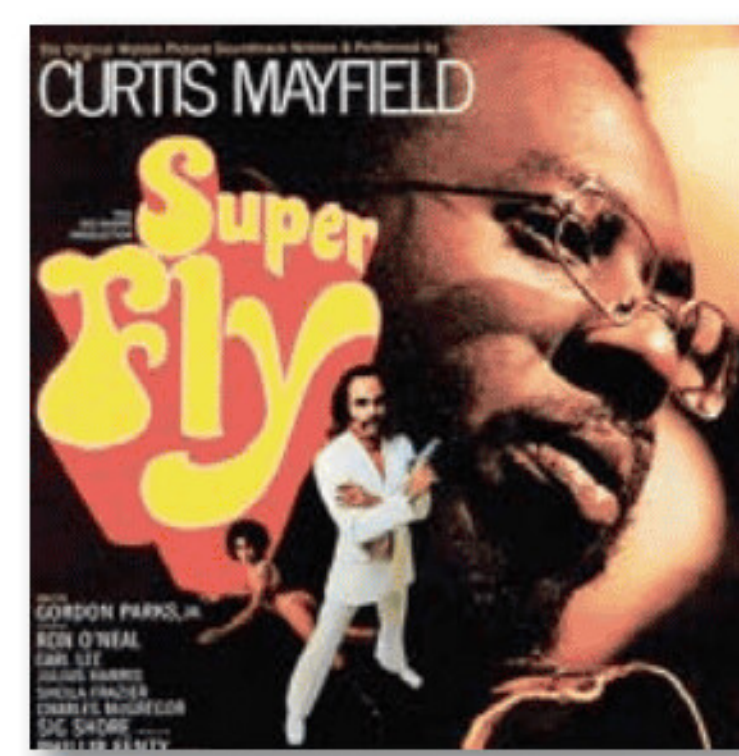
Billy Joel esteve à beira do abismo em meados dos anos 1970, mas seu quinto álbum tinha a receita do sucesso: uma garrafa de vinho tinto, outra de vinho branco e um olhar afiado para as cores da vida nas ruas de Nova York. O pianista aprimora o dom que tem para contar histórias com senso de humor e compaixão ao estilo do diretor Martin Scorsese, seja cantando sobre um vigarista sem sorte em “Movin’ Out (Anthony’s Song)”, ou sobre uma mulher sensual em “She’s Always a Woman” ou sobre um casal fracassado em “Scenes From an Italian Restaurant”. No meio disso tudo, o single “Just the Way You Are” eclipsou o resto do álbum. A faixa foi composta para Elizabeth Weber Small, a primeira esposa e empresária de Joe. Estourou nas paradas pop e ainda venceu o prêmio Grammy.



71. Graceland

Paul Simon Warner Bros., 1986

Frustrado com a experiência de escrever boas músicas, mas que não ficavam bem no estúdio, Paul Simon decidiu “fazer bases realmente boas”, como definiu mais tarde. “Pensei: ‘Tenho técnica de composição suficiente para poder reverter este processo e escrever a letra depois de criar as bases instrumentais.’” Simon arriscou enfrentar críticas sérias ao ir para a África do Sul (na época do apartheid) e trabalhar com os melhores músicos do país. Contando com a energia fluida e a experiência do guitarrista Ray Phiri, e com a trupe vocal Ladysmith Black Mambazo, ele criou um álbum sobre isolamento e redenção que transcendeu o rótulo de world music e se tornou a trilha sonora do mundo inteiro. Os grooves brilhantes deram sustentação a algumas das letras mais afiadas e divertidas da carreira dele.



72. Super Fly

Curtis Mayfield Curtom, 1972

A trilha do filme *Shaft*, feita por Isaac Hayes, saiu antes – tinha um single ótimo, mas muitos instrumentais para tapar buraco. Coube a Curtis Mayfield criar uma trilha sonora no estilo blaxploitation com mais drama do que o próprio filme que acompanhava. *Super Fly* é assombroso, causando partes exuberantes de cordas e grooves profundos de baixo com muito wah-wah de guitarra. Mayfield canta com um falsete cheio de sabedoria, narrando histórias sombrias do gueto em “Pusherman” e “Freddie’s Dead”, dando duras sobre a venda de drogas e a vida dos negros nos anos 1970; era *What’s Going On*, de Marvin Gaye, só que com a cara das ruas. “Não levo crédito por tudo que escrevo”, disse Mayfield. “Olho para minhas composições como interpretações de como a maioria das pessoas a minha volta se sente.”



73. Physical Graffiti

Led Zeppelin Swan Song, 1975

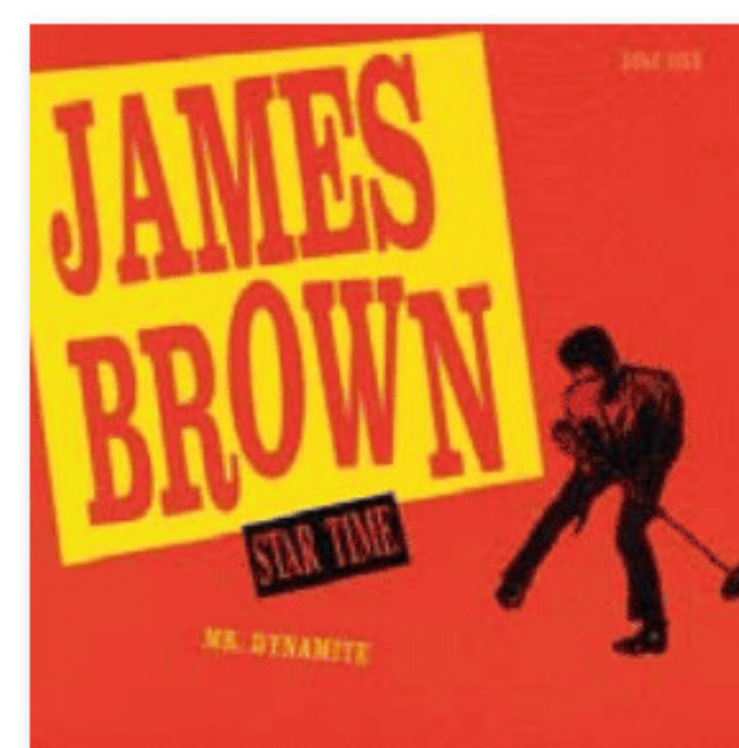
“Digamos assim: eu tinha uma cítara antes de George Harrison”, disse Jimmy Page, explicando seu amor de longa data pela música indiana. O frontman do Led Zeppelin compartilhou a afinidade: em 1972, Robert Plant e Page viajaram para Bombaim para fazer gravações experimentais com músicos de estúdio indianos e se apresentar em uma discoteca underground. *Physical Graffiti* é o auge das tentativas do Led Zeppelin de fundir Oriente e Ocidente, explorando sonoridades árabes e indianas em “Kashmir” e “In the Light”. É o álbum mais eclético do quarteto, com blues sacana (“Black Country Woman”, “Boogie with Stu”), baladas pop (“Down by the Seaside”) e uma canção de onze minutos, “In My Time of Dying”. Um disco excessivo vindo da banda que inventou o excesso.



74. After the Gold Rush

Neil Young Reprise, 1970

Para seu terceiro álbum solo, Neil Young dispensou o Crazy Horse (pela primeira de muitas vezes), pegou um violão e desceu para o porão. Ele instalou equipamentos de gravação na adega da casa que tinha em Topanga Canyon, em Los Angeles, deixando espaço para apenas três ou quatro pessoas. Ali, fez este disco repleto de baladas arrasadoras como “Tell Me Why” e “Don’t Let it Bring You Down”. A música de *After the Gold Rush* é gentil, mas nunca suave (ouça a revigorante “Southern Man”). Nils Lofgren, então um guitarrista de 17 anos em ascensão, participou das sessões, mas Young o mandou para o piano, um instrumento que nunca tinha tocado – foi algo que a princípio pareceu ser ilógico, mas que no final funcionou lindamente.



75. Star Time

James Brown Polydor, 1991

O impacto de James Brown é tão grande que nem os quatro CDs da caixa *Star Time* conseguem ser totalmente abrangentes – entre 1956 e 1988, Brown colocou cerca de 100 singles no Top 40 da parada de R&B. Ainda assim, cada fase da carreira do chefão da soul music está bem representada aqui: o soul suplicante e sem firulas de “Please Please Please”; a reinvenção instantânea do R&B com “Papa’s Got a Brand New Bag”, na qual o ritmo toma conta e a melodia se funde ao groove; a panfletária “Say It Loud – I’m Black and I’m Proud, Pt. 1”; “Get Up (I Feel Like Being a) Sex Machine”, pedra de toque do funk dos anos 1970; e “Funky Drummer”, que deu a dica para a criação do hip-hop. Com 71 faixas, *Star Time* é uma potência do soul e do funk.



76. Purple Rain

Prince and the Revolution

Warner Bros., 1984

A trilha sonora de *Purple Rain*, filme semiautobiográfico de Prince, foi considerada indecente e inspirou a formação do Parents Music Resource Center, grupo de vigilantes da censura. O disco também exibiu as habilidades de Prince como guitarrista, especialmente em “Let’s Go Crazy”, mas, no fundo, *Purple Rain* é definido pelas brilhantes idiossincrasias. O inovador hit “When Doves Cry” não tem linha de baixo (procurando um som diferente, Prince a removeu). De acordo com o tecladista Dr. Fink, a faixa-título foi inspirada por Bob Seger – quando Prince estava em turnê para 1999 [veja o número 163], Seger tocava em muitos dos mesmos locais. Prince não entendia o apelo de Seger, mas decidiu tentar uma balada no modelo seguido pelo colega.



77. Back in Black

AC/DC Albert, 1980

No meio dos ensaios para o disco que o AC/DC iria gravar, o vocalista Bon Scott saiu para uma maratona de bebedeira, engasgou com o próprio vômito e foi encontrado morto no banco de trás de um carro. Depois de dois dias de luto, o guitarrista Malcolm Young pensou: “Bom, dane-se, não vou ficar sentado chorando o ano inteiro”. Ligou para o irmão, o guitarrista Angus Young, e eles voltaram ao trabalho com o vocalista substituto Brian Johnson e o esperto produtor Mutt Lange. O disco resultante ficou pesado como uma marreta. *Back in Black* pode ser considerado a destilação mais pura do hard rock já feita: a faixa-título, “Hells Bells” e a sacolejante “You Shook Me All Night Long” tornaram-se hinos duradouros do rock com guitarras baseadas em um blues acelerado.



78. Otis Blue

Otis Redding Stax/ Volt, 1965

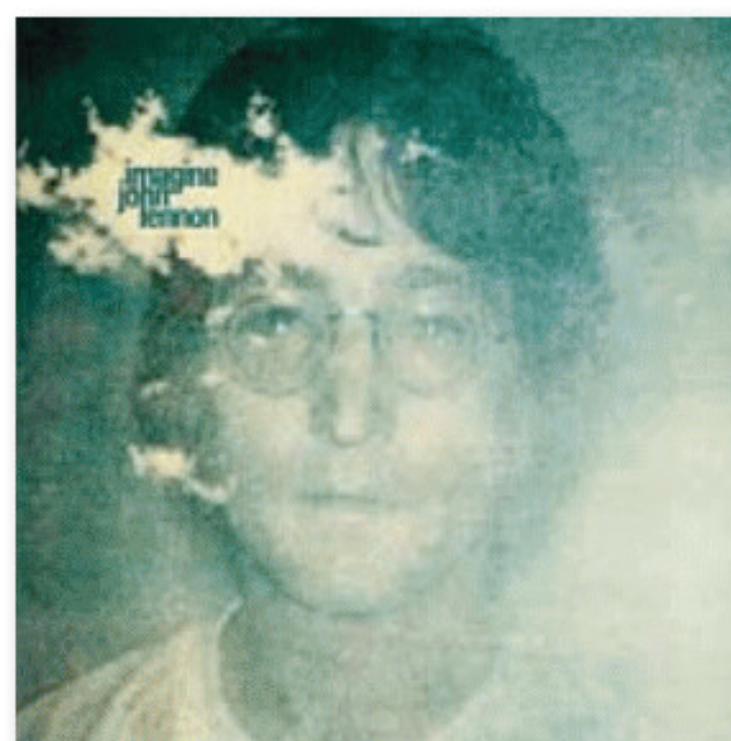
O terceiro álbum de Otis Redding tem regravações de três músicas do ídolo dele, Sam Cooke, morto em dezembro de 1964. Contudo, os estilos de Cooke e Redding eram diferentes: o primeiro era suave e confiante; o segundo, tinha um estilo cru e suplicante. Só que as versões de Redding para “Shake” e “A Change Is Gonna Come” mostram como o som e a mensagem de Cooke ajudaram a mudar o soul sulista de Redding, ouvido aqui em “Respect” e “I’ve Been Loving You Too Long”, composições dele, e em uma cover de “(I Can’t Get No) Satisfaction”, dos Rolling Stones, ironicamente inspirada no som da Stax/Volt. “Uso muitas palavras diferentes da versão dos Stones”, observou Redding. “É porque as inventei.” Dois anos depois, a vida dele também seria tragicamente interrompida.



79. Led Zeppelin II

Led Zeppelin Atlantic, 1969

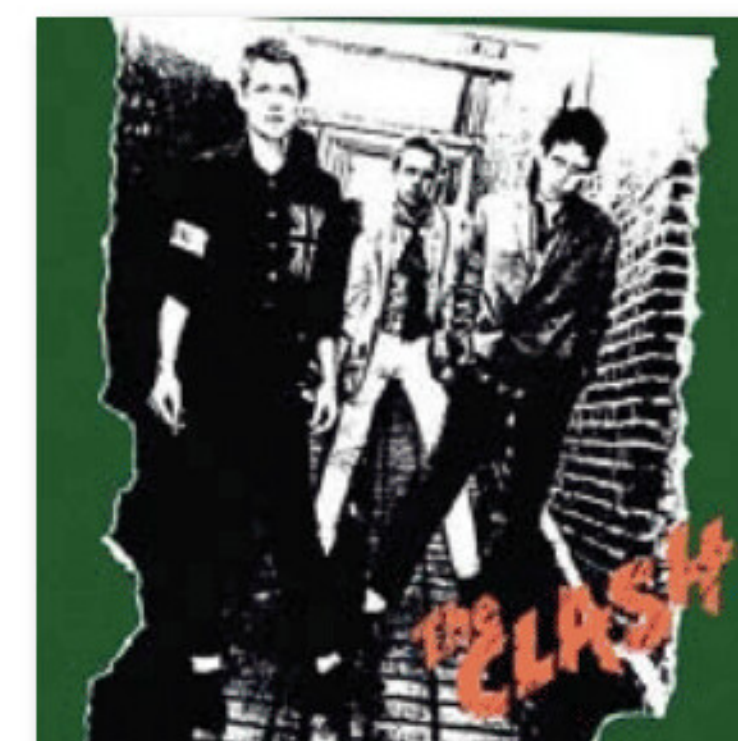
Este álbum – gravado rapidamente enquanto a banda estava em turnê – abre com um dos riffs de guitarra mais exuberantes do rock: a batida excitante de Jimmy Page em “Whole Lotta Love.” Como Page contou à *Rolling Stone*: “No segundo LP, dá para ouvir a identidade real do grupo se formando”. Essa “identidade” era o poder unificado do malicioso blues branco da guitarra de Page, a bateria com as mãos de Deus de John Bonham, o uivo mágico de Robert Plant e as texturas firmes de John Paul Jones no baixo e nos teclados. Outros grandes motivos para bater a cabeça: “The Lemon Song”, “Heartbreaker” e “Ramble On”, na qual Plant conhece uma garota nas profundezas mais escuras de Mordor e assim alavanca a venda dos livros de J.R.R. Tolkien.



80. Imagine

John Lennon Apple, 1971

Depois da terapia primal de *Plastic Ono Band*, John Lennon suavizou a sonoridade em *Imagine*, o álbum solo seguinte. Ainda assim, ele veio com a contundente “Gimme Some Truth”, onde atacava pessoas hipócritas, e a faixa em que malhou impiedosamente o ex-colega Paul McCartney, “How Do You Sleep?” – ambas com George Harrison na guitarra. Só que também há a dor de “Jealous Guy” e a vulnerabilidade irresistível de “Oh Yoko!”. *Imagine* é um álbum iluminado que faz de tudo para ser aceito. Lennon falou sobre a faixa-título: “Ela é antirreligiosa, antinacionalista, anticonvencional e anticapitalista, mas, como é açucarada, ela é aceita. Agora, entendo o que você tem de fazer. Espalhe em sua mensagem política um pouco de mel.”

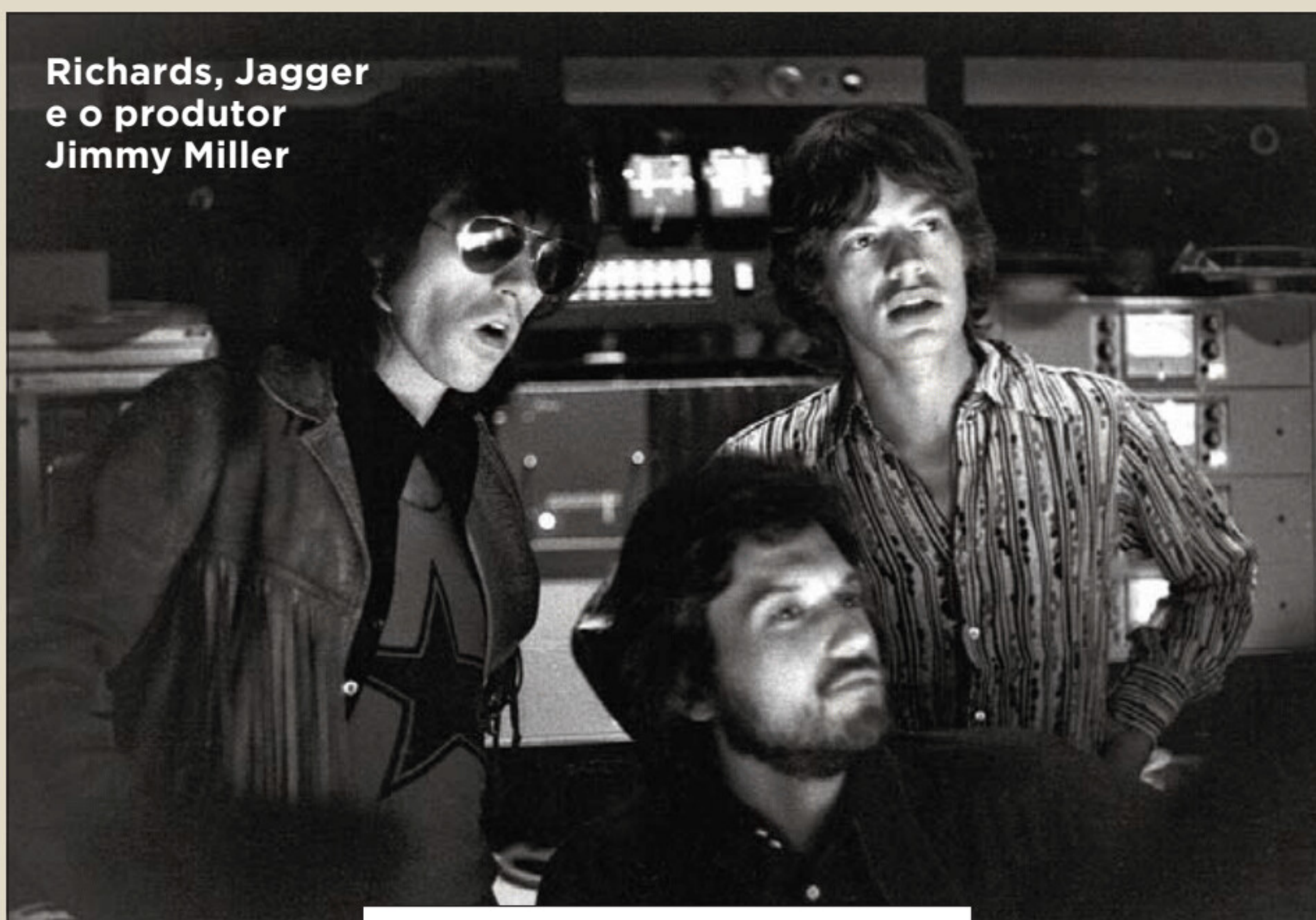


81. The Clash

The Clash CBS, 1977

“Não tenho ilusão sobre nada”, afirmou Joe Strummer. “Mesmo assim, ainda quero tentar mudar as coisas.” Essa ambição juvenil transborda na estreia do Clash, um disparo de metralhadora com músicas sobre desemprego (“Career Opportunities”), racismo (“White Riot”), sobre a própria banda (“Clash City Rockers”) e falando da doentia indústria musical britânica (“White Man In Hammer-smith Palais”). Estas duas últimas faixas são da edição norte-americana do LP. A maioria das guitarras foi tocada por Mick Jones, porque Strummer considerava a técnica de estúdio insuficientemente punk. O lançamento nos Estados Unidos foi adiado por dois anos e substituiu algumas faixas britânicas por singles recentes, incluindo “Complete Control” – uma reclamação exatamente sobre esse tipo de malandragem das gravadoras.

Richards, Jagger
e o produtor
Jimmy Miller



POR TRÁS DE...

Let it Bleed

The Rolling Stones

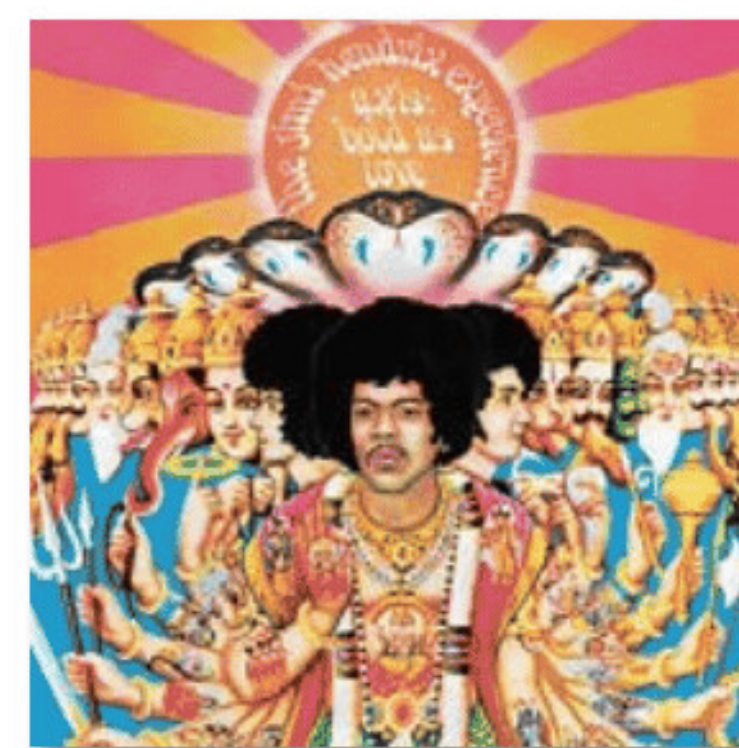
BEGGARS BANQUETE *LET IT BLEED*, DOIS DOS MELHORES álbuns dos Rolling Stones, refletem um período intenso de tumulto e criatividade. De março de 1968 a dezembro de 1969, a banda gravou os dois discos na mesma época em que perdeu um guitarrista (Brian Jones), contratou outro (Mick Taylor), filmou *The Rolling Stones Rock and Roll Circus*, fez uma turnê nos Estados Unidos e realizou concertos históricos em Londres (Hyde Park) e nos arredores de São Francisco (Altamont). Os Stones também estavam processando a inquietude do final dos anos 1960. Como resultado, *Let it Bleed* é o disco mais potente e perturbador da banda. “Bom, é uma era muito difícil, muito violenta”, Mick Jagger refletiu em uma entrevista para a *Rolling Stone*. “A guerra do Vietnã, violência nas telas, pilhagens e incêndios.” *Let it Bleed* foi lançado nos Estados Unidos em dezembro de 1969, apenas um dia antes dos presságios gravados pelos Stones serem confirmados em Altamont, quando um homem foi esfaqueado até a morte por um Hells Angel. ¶ O álbum conta com o London Bach Choir em “You Can’t Always Get What You Want”. “You Got the Silver” foi o primeiro vocal totalmente solo que Keith Richards gravou em uma música dos Stones. Foi também a última faixa que a banda gravou com Jones. A produção ocorreu no Olympic Studios, em Londres, sob o comando de Jimmy Miller, que trabalhou com a banda em *Goats Head Soup*, de 1973, mas Al Kooper, que tocou teclados e trompa em “You Can’t Always Get What You Want”, disse: “Na verdade, Mick foi o produtor. Ele fazia praticamente tudo”. ¶ Quanto a Jones, Kooper lembrou que durante as gravações ele ficou “meio isolado, lendo um artigo sobre botânica”. No meio de tudo isso, os Stones mantiveram os gostos epicuristas. “Muita maconha e coisas assim eram passadas de mão em mão”, contou Kooper, rindo. “Na hora do jantar, duas vans chegavam e traziam uma quantidade de comida que eu nunca tinha visto em um estúdio: cordeiro, pratos com curry e sobremesas chiques. O sonho de um maconheiro!”



82. Harvest

Neil Young Reprise, 1972

O single “Heart of Gold”, incluído em *Harvest*, chegou ao primeiro lugar e ajudou a montar o cenário para a explosão do soft rock nos anos 1970 – ícones do estilo, como James Taylor e Linda Ronstadt, cantam no álbum. Junto a Young, eles estavam em Nashville para aparecer no programa de TV de Johnny Cash na rede ABC no primeiro fim de semana em que *Harvest* estava sendo gravado. O álbum tem um grupo sortido de músicos de estúdio consagrados, como o baixista Tim Drummond, que havia tocado com James Brown. David Crosby, Stephen Stills e Graham Nash, parceiros de Young, também aparecem. Em faixas como “Old Man” e “The Needle and the Damage Done”, guitarra havaiana, slide guitar e banjo se destacam dando ao álbum uma cara intensamente norte-americana.



83. Axis: Bold as Love

The Jimi Hendrix Experience

Track, 1967

Are You Experienced, o primeiro álbum de Jimi Hendrix, capturou a magia da guitarra de uma forma que ninguém tinha sonhado, e a feitiçaria seguiu no segundo trabalho. *Axis: Bold as Love* começa com considerações sobre a vida extraterrestre, depois vai além: ele tem bateria de jazz, baladas funk, solos de guitarra fluidos e metal pesado, tudo coroado pela imortal frase em homenagem a uma legião de chapados incluída em “If 6 Was 9”: “Sou eu quem morrerei quando chegar minha hora, então me deixe viver como quero”. Por todo o álbum, Hendrix inventa novas formas de fazer a guitarra rugir, cantar, falar, grunhir, tremular e voar. E na delicada “Little Wing” criou uma das canções de amor mais crípticas e encantadoras do rock.



84. I Never Loved a Man the Way I Love You

Aretha Franklin Atlantic, 1967

A estreia de Aretha Franklin na Atlantic marca o momento em que o gospel colidiu com o R&B e o rock para criar a soul music contemporânea. Aretha, nascida em Memphis e filha de um pastor, tinha uma dívida de cerca de US\$ 80 mil com a Columbia, a antiga gravadora – onde havia gravado uma série de álbuns sem garra no começo dos anos 1960 –, quando Jerry Wexler, produtor da Atlantic, a contratou em 1966. “Eu a levei para a igreja”, contou Wexler, “fiz com que sentasse ao piano e deixei que fosse ela mesma.” Imediatamente, ela gravou a faixa-título do disco, um desfile de sexualidade feroz, enquanto a versão para “Respect”, de Otis Redding – primeiro single pop número 1 de Aretha – se tornou um hino dos movimentos de direitos civis e das mulheres.



85. Lady Soul

Aretha Franklin Atlantic, 1968

Lady Soul, o terceiro álbum de Aretha Franklin na gravadora Atlantic em menos de dois anos, é outro clássico, com “(You Make Me Feel) Like a Natural Woman”, “Ain’t No Way” e uma versão provocante de “Groovin’”, do grupo The Rascals. Ele foi lançado em um ano de triunfo e turbulência para a cantora: embora tivesse sido capa da *Time*, a revista preferiu detalhar o problemático casamento dela com Ted White, que também a empresariava. Aretha canalizou esse frenesi em performances cheias de orgulho e dor magistral. Outros destaques: “People Get Ready”, de Curtis Mayfield, que se transformou em uma grande oração; o anseio acelerado de “(Sweet Sweet Baby) Since You’ve Been Gone”; e a angústia explosiva no hit “Chain of Fools”, de Don Covay.



A Dama do Soul: Aretha em 1968

EVERETT COLLECTION



86. Born in the U.S.A.

Bruce Springsteen Columbia, 1984

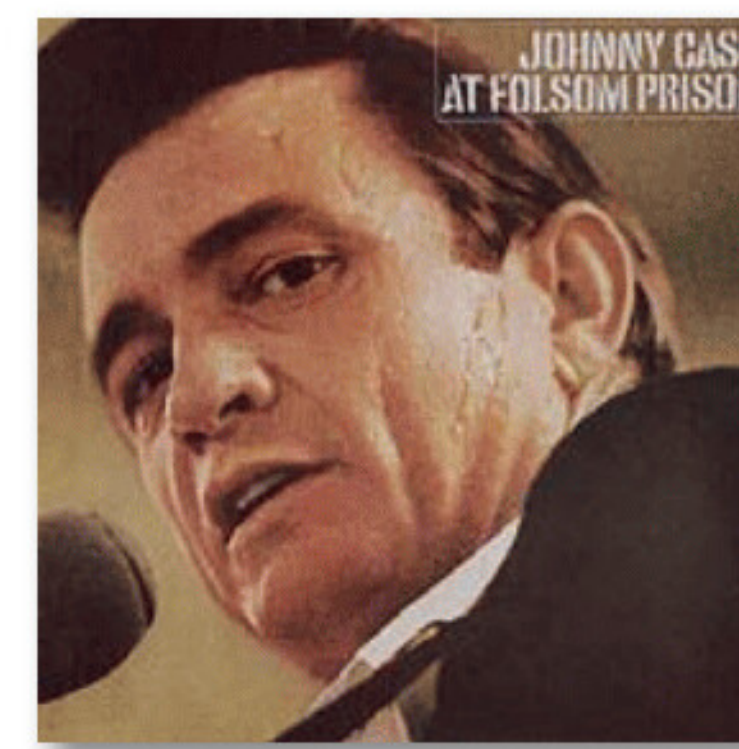
Bruce Springsteen compôs muitas dessas músicas em um surto de inspiração que também deu origem ao angustiante *Nebraska* [veja o número 226]. “Eu escrevi o lado A de *Born in the U.S.A.* de forma parecida com *Nebraska*”, afirmou. “Os personagens, as histórias e o estilo de composição são similares, só que aqui a pegada é mais de rock.” Foi uma diferença crucial: a E Street Band colocou tanta garra na irônica faixa-título que milhões a interpretaram como um mero exercício sobre o ufanismo norte-americano – ela iludiu até mesmo o autor conservador George Will, que escreveu uma coluna com o título “Um Springsteen Patriota”. A força imortal de *Born in the U.S.A.* é a mistura franca de Springsteen de um otimismo triunfal e da sensação, como ele diz, de estar “algemado ao para-lama do Ford de um patrulheiro”.



87. The Wall

Pink Floyd Harvest, 1979

O álbum mais teatral do Pink Floyd foi inspirado no próprio sucesso da banda: mais especificamente, no gigantismo alienante das turnês que fizeram depois do estouro de *The Dark Side of the Moon* [veja o número 43]. Enquanto o quarteto tocava em estádios em 1977, o baixista e letrista Roger Waters resolveu usar a ideia do muro como uma metáfora para isolamento, falta de comunicação e rebelião juvenil. Ele concluiu uma demo do trabalho em julho de 1978. No entanto, a banda demorou um ano para gravar o disco duplo. *The Wall*, a ópera máxima da autopiedade forjada com guitarras, é hipnótico, com o trovão totalitário de “In the Flesh?”, o cansaço suicida de “Comfortably Numb”, o drama Brechtiano de “The Trial” e a raiva contra as instituições do hit “Another Brick in the Wall, Pt. 2”. *The Wall* é a crônica definitiva da arrogância dos astros do rock.



88. At Folsom Prison

Johnny Cash Columbia, 1968

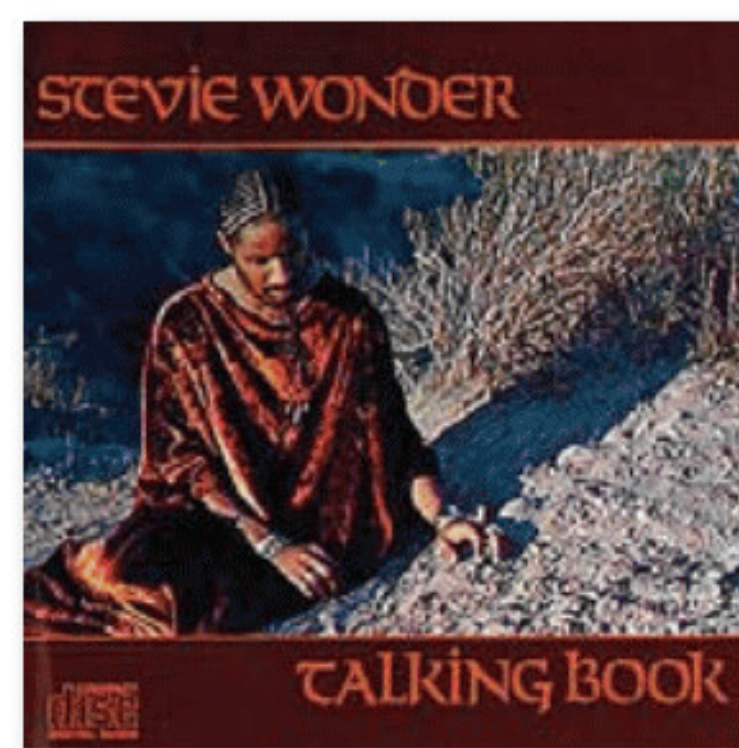
No final dos anos 1960, Johnny Cash era ignorado pelas rádios country e lutava para voltar. *At Folsom Prison* foi um tiro certo. Ganhou Disco de Ouro e reacendeu a carreira dele, trazendo para o cantor um público jovem. Um ano depois, Cash estava escrevendo notas de encarte para *Nashville Skyline*, álbum country de Bob Dylan, e aproveitando o sucesso de *At San Quentin*, segundo disco gravado em uma prisão. Em *At Folsom Prison*, Cash é apoiado por sua durona banda de turnê, incluindo o colega de Sun Records Carl Perkins na guitarra. Os pontos altos são a sarcástica “Cocaine Blues”, “25 Minutes to Go” (contagem regressiva para uma execução) e uma nova versão para “Folsom Prison Blues”, reforçando o infame verso sobre “atirar em um homem só para vê-lo morrer”. Os dois mil presidiários que assistiam rugiram em aprovação.



89. Dusty in Memphis

Dusty Springfield Atlantic, 1969

Dusty Springfield era uma grande cantora de soul escondida dentro de uma rainha branca do pop britânico (tendo acumulado hits no estilo da Motown como “I Only Want to Be With You”) quando Jerry Wexler, produtor da Atlantic, a levou até Memphis para fazer este álbum. Ela ficou tão intimidada com a ideia de trabalhar com músicos que haviam tocado com Aretha Franklin e Wilson Pickett que não conseguiu cantar sequer uma nota ali (“Sempre quis ser Aretha”, lembrou anos mais tarde). Os vocais de Dusty foram gravados depois, em sessões feitas em Nova York, mas o resultado de faixas como “Breakfast in Bed” e “Son of a Preacher Man” foi um soul incandescente, com uma honestidade que transcendeu raça e geografia.



90. Talking Book

Stevie Wonder Tamla-Motown, 1972

“Acho que vocês não sabem de onde venho”, Stevie Wonder advertiu os executivos da gravadora Motown em 1971. “Acho que não conseguem entender.” Sem dúvida, os dois álbuns que ele lançou em 1972 – *Music of My Mind* e *Talking Book* – reescreveram as regras da fábrica de sucessos da Motown. *Talking Book* era cheio de introspecção e comentários sociais, com Wonder produzindo, compondo e tocando a maioria dos instrumentos, mas ainda assim é pop radiante. “Superstition” e “You Are the Sunshine of My Life” chegaram ao primeiro lugar; já “Big Brother” é consciência política embalada por uma melodia leve: “Você matou todos os nossos líderes/ Não tenho de fazer nada para você/Você fará seu próprio país ruir”.



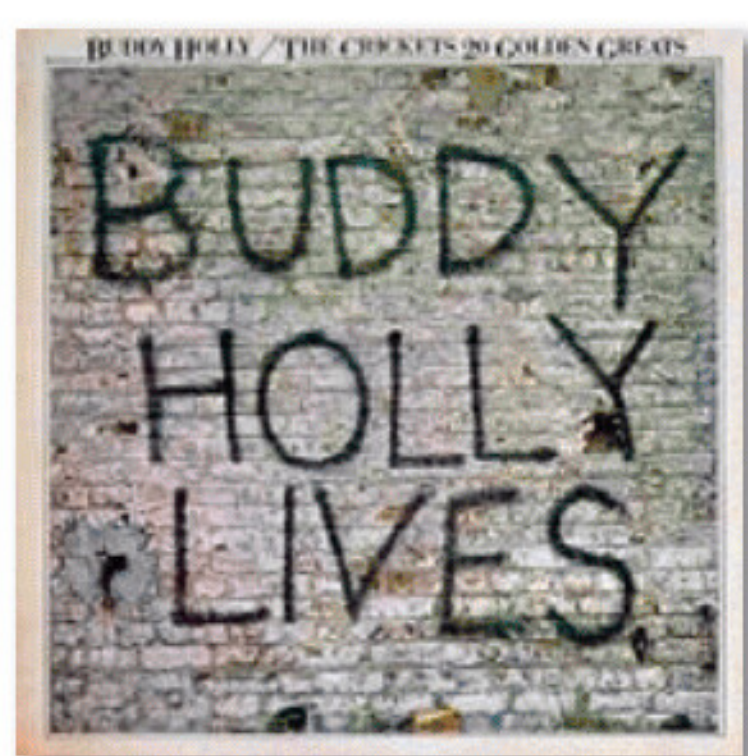
91. Goodbye Yellow Brick Road

Elton John DJM, 1973

Elton John comparou este disco duplo ao Álbum Branco dos Beatles. A essa altura, ele era o fabricante de sucessos mais consistente desde o Fab Four e até gravaria com John Lennon. Tudo em *Goodbye Yellow Brick Road* tem uma sonoridade grandiosa, como na junção wagneriana de “Funeral for a Friend” e “Love Lies Bleeding” e em “Bennie and the Jets”, sátira sobre a indústria musical. “Saturday Night’s Alright for Fighting” é puro balanço, “Candle in the Wind” homenageia Marilyn Monroe (anos mais tarde, embalou o luto pela morte da princesa Diana) e a faixa-título captura as imagens fantásticas do glam e as traduz em uma melodia ao estilo de George Gershwin.



Prince na
década de
1980



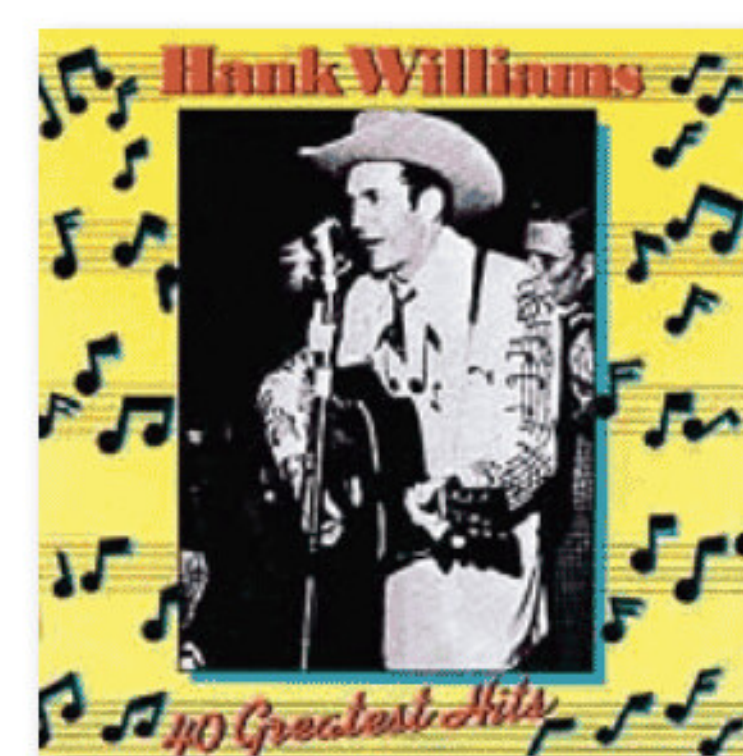
92. 20 Golden Greats
Buddy Holly & The Crickets
MCA, 1978

Holly colocou seu soluço característico em um rockabilly flexível e em baladas orquestrais. Hits como “Rave On”, “Peggy Sue” e “Not Fade Away” fizeram de Buddy Holly e da banda The Crickets dois dos nomes mais influentes dos primórdios do rock.



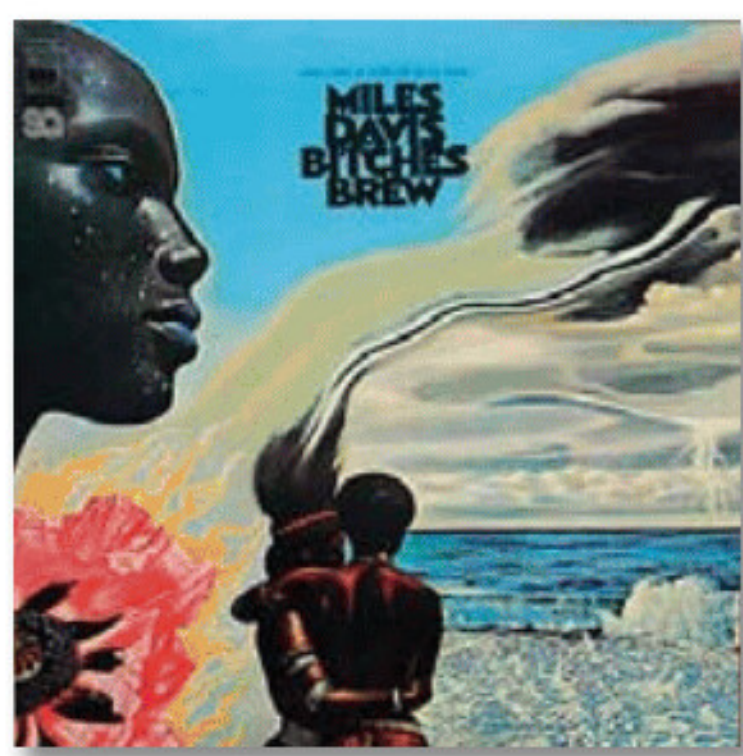
93. Sign o' the Times
Prince Paisley Park, 1987

O álbum é lembrado pela faixa-título apocalíptica, pelo funk explosivo “Housequake” e pela bela “If I Was Your Girlfriend”. No entanto, os momentos mais simples como “The Cross”, com uma guitarra suplicante, e “Slow Love”, resgate do som da Stax, também são inesquecíveis.



94. 40 Greatest Hits
Hank Williams Polydor, 1978

Quando morreu, em 1º de janeiro de 1953, aos 29 anos, Williams era o maior astro da country music. A voz dele embalava canções sobre sofrimento amoroso e dramas familiares. De Elvis a Bob Dylan, passando por The Replacements e Beck, todos foram influenciados por Hank Williams.



95. Bitches Brew

Miles Davis Columbia, 1970

Davis queria conectar a música que fazia com o público de Jimi Hendrix e de Sly Stone. Conseguiu com este álbum duplo que funde jazz e rock, gravado com o saxofonista Wayne Shorter e com o guitarrista John McLaughlin. *Bitches Brew* é cheio das coisas viscerais e sombrias que apareciam em tudo o que o trompetista tocava.



96. Tommy

The Who Decca, 1969

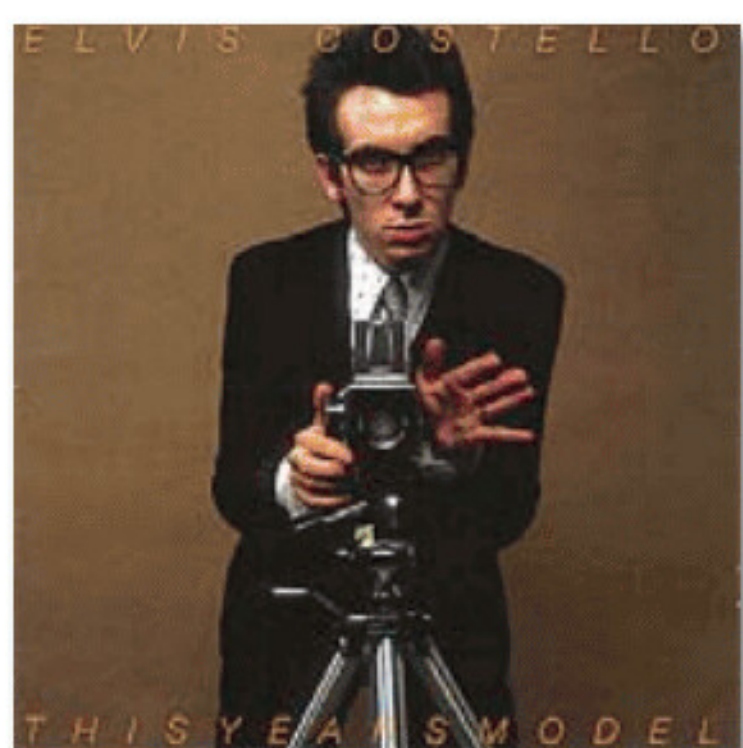
“Ópera rock” é um dos termos usados para descrever *Tommy*, um álbum duplo que explora traumas de infância, abuso sexual, repressão e liberação espiritual. Conduzido pela bateria infernal de Keith Moon e pelo baixo de John Entwistle, o The Who brilha, colocando fogo no drama das melodias de Pete Townshend.



97. The Freewheelin' Bob Dylan

Bob Dylan Columbia, 1963

No segundo álbum de Dylan, a poesia e a fúria articulada das letras e das melodias simples e atraentes de canções como “Masters of War”, “Don’t Think Twice, It’s All Right” e “Blowin’ in the Wind” transformaram o folk e a forma de composição da música norte-americana.



98. This Year's Model

Elvis Costello Radar, 1978

O segundo álbum de Costello, o primeiro com o The Attractions, é o trabalho mais “punk” dele, pelas emoções das composições e pelo acompanhamento feroz da banda de apoio. “Radio, Radio” (presente na edição norte-americana), uma propaganda contra o pop descartável, destila indignação: é Costello contra o mundo – e Costello ganha.



99. There's a Riot Goin' On

Sly & the Family Stone
Epic, 1971

Stand! (1969) escancarava o otimismo de Sly Stone, mas o soulman entrou nos anos 1970 fazendo um funk para baixo, entorpecido e autorreferente. As faixas de *There's a Riot Goin' On* trazem angústia e sonhos que não deram certo.



100. Odessey and Oracle

The Zombies CBS, 1968

O sucesso de *Odessey and Oracle* só aconteceu nos Estados Unidos em 1969 – dois anos depois de ter sido gravado. Na época do lançamento, os Zombies já tinham se separado, mas os arranjos barrocos da banda até hoje têm frescor, combinando a aventura psicodélica com a concisão das melodias do pop britânico. “Time of the Season” foi o sucesso.



101. In the Wee Small Hours

Frank Sinatra Capitol, 1955

A primeira coleção de faixas que Sinatra gravou especificamente para um LP de 12 polegadas sustenta um clima noturno de solidão e amor perdido. Aqui, The Voice se supera em maravilhas como “Glad to Be Unhappy” e “Mood Indigo”.



102. Fresh Cream

Cream Reaction, 1966

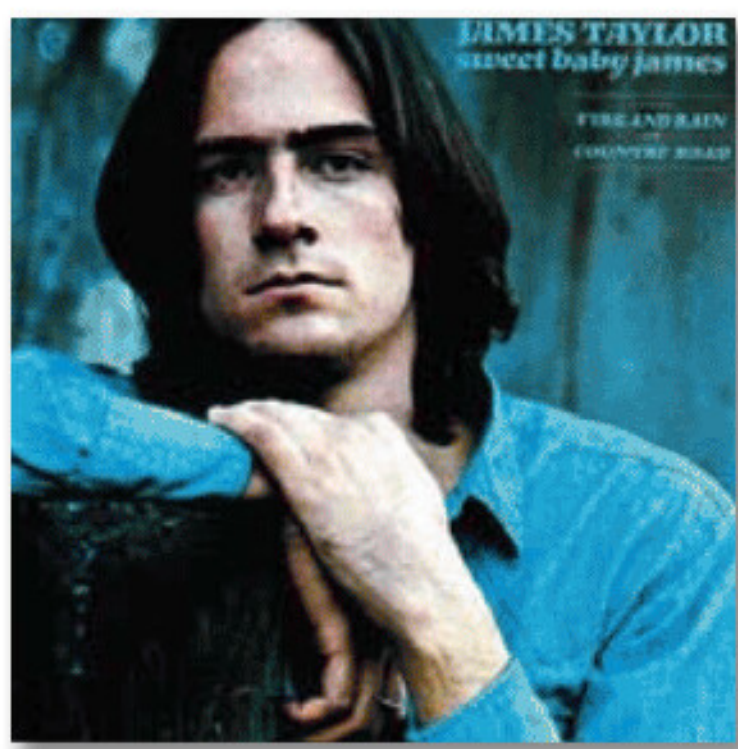
O baixista Jack Bruce, o baterista Ginger Baker e o guitarrista Eric Clapton formaram a primeira superbanda do rock e deram um toque de pop psicodélico ao blues. A estreia do Cream é firme e concisa. No palco, o trio esticava essas faixas em improvisações de 25 minutos.



103. Giant Steps

John Coltrane Atlantic, 1960

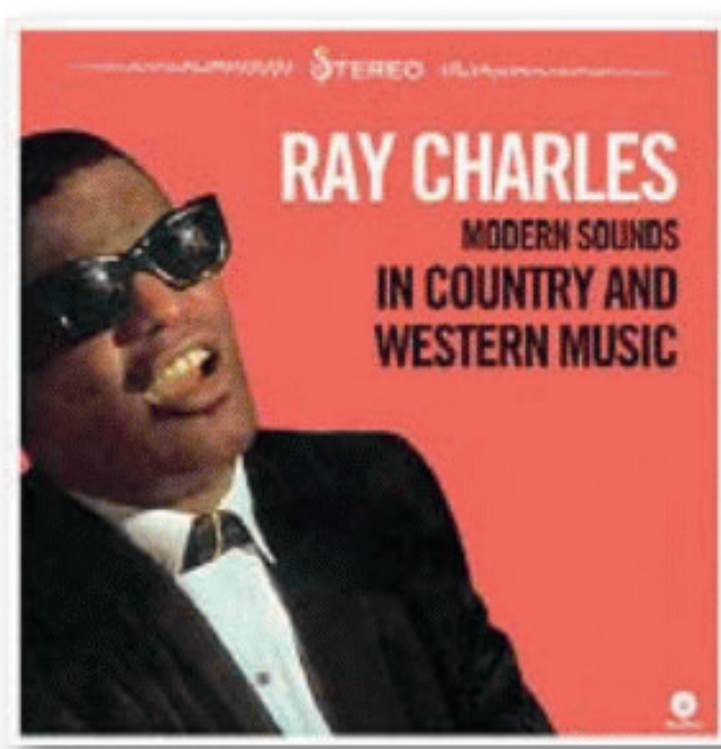
Coltrane deu dois grandes passos em 1959: tocar em *Kind of Blue*, de Miles Davis, e gravar este álbum clássico. Ele tocava notas flutuantes que declaravam novas possibilidades para a improvisação no jazz, prevenindo a ferocidade e liberdade harmônica dos álbuns que faria em meados dos anos 1960.



104. Sweet Baby James

James Taylor Warner Bros., 1970

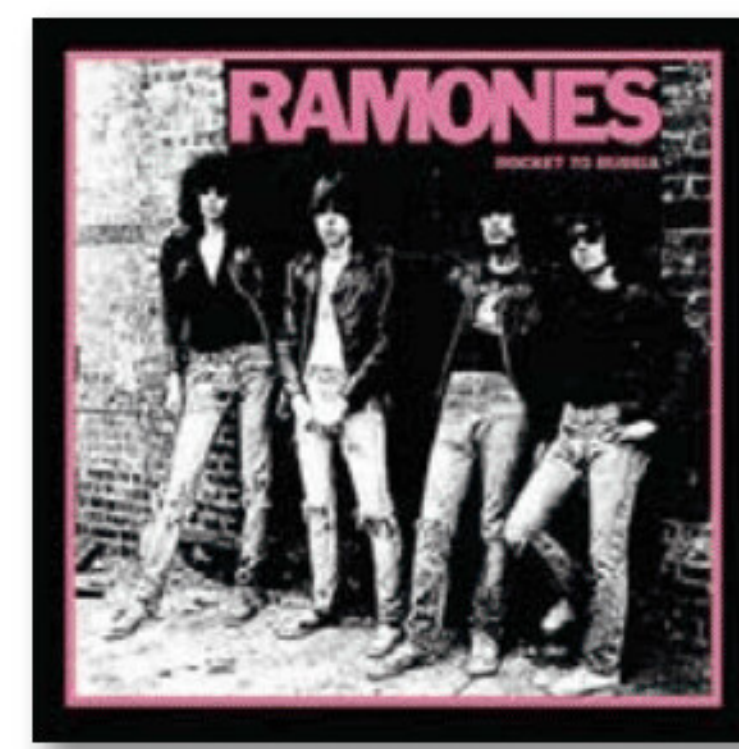
Taylor passou por um inferno antes de gravar este bem-sucedido segundo álbum – duas internações em uma instituição psiquiátrica (o suicídio de um paciente inspirou “Fire and Rain”) –, mas as letras confessionais, as melodias esparsas e a força tranquila da voz do cantor fizeram de *Sweet Baby James* um modelo para o pop dos anos 1970.



105. Modern Sounds in Country and Western Music

Ray Charles ABC-Paramount, 1962

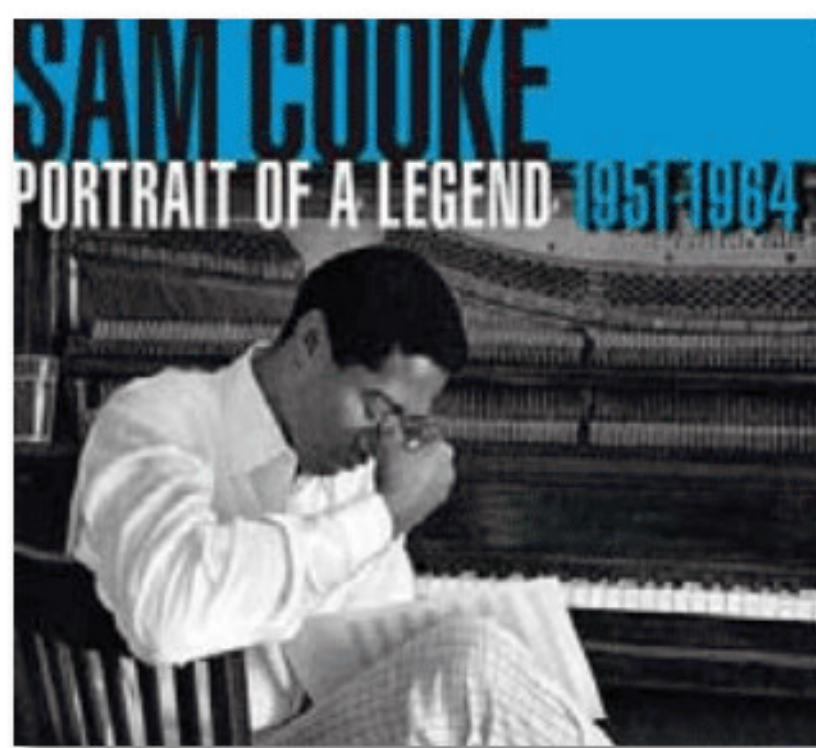
Neste álbum, Charles rompeu fronteiras raciais, unindo a soul music e o country. O músico aplicou aspereza gospel e seções de cordas a clássicos de Hank Williams e Eddy Arnold e criou um novo mercado.



106. Rocket to Russia

Ramones Sire, 1977

O terceiro álbum dos Ramones levou o evangelho formado por três acordes, batida martelada e jeans rasgados para além de Nova York. *Rocket to Russia* foi a tradução em vinil do bombardeio que o quarteto mostrava no palco do CBGB, aprofundado pela comoção de garoto solitário e abandonado dos vocais de Joey Ramone.



107. Portrait of a Legend 1951-1964

Sam Cooke ABKCO, 2003

Cooke era um astro gospel que fez a ponte para a música secular, ajudando a inventar a soul music. Esta abrangente coletânea atinge o pico com “A Change Is Gonna Come”, hino dos direitos civis e sucesso póstumo depois que ele foi assassinado em 1964.



108. Hunky Dory

David Bowie RCA Victor, 1971

Hunky Dory foi primeiro grande álbum de Bowie, uma mistura de extravagância gay, guitarras sobressalentes e baladas com piano de boteco. O LP marca as extremidades polares das ambições artísticas de Bowie – tem canções em tributo a Bob Dylan e Andy Warhol, e inventava e aperfeiçoava um novo estilo de glamour no rock.



109. Aftermath

The Rolling Stones Decca, 1966

O primeiro LP dos Stones totalmente escrito por Jagger e Richards tem músicas marrentas sobre o estrelato, groupies e parasitas londrinos. *Aftermath* junta riffs marcantes (“It’s Not Easy”), misoginia (“Under My Thumb”), psicodelia sinistra (“Paint it Black”, na edição norte-americana) e folk barroco (“I Am Waiting”).

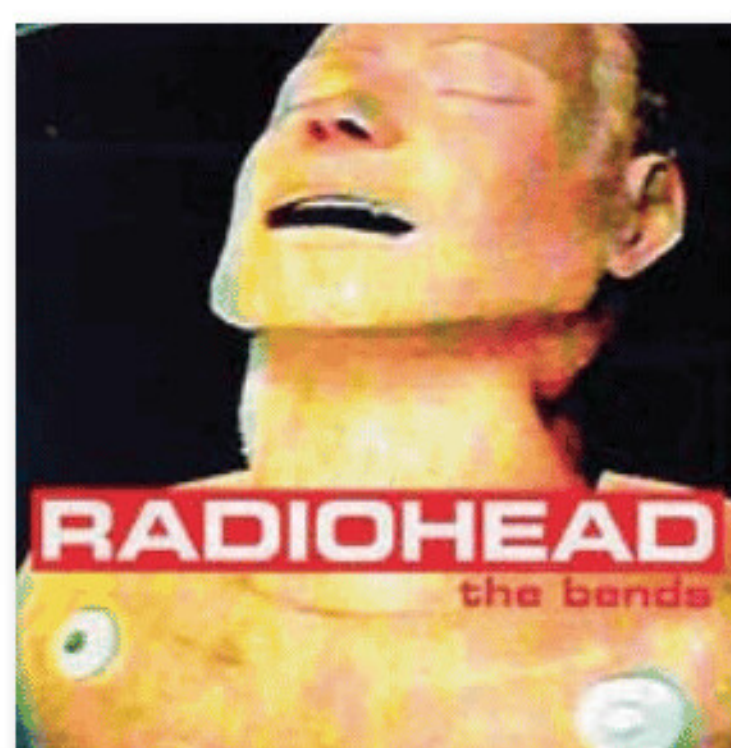


110. Loaded

The Velvet Underground

Cotillion, 1970

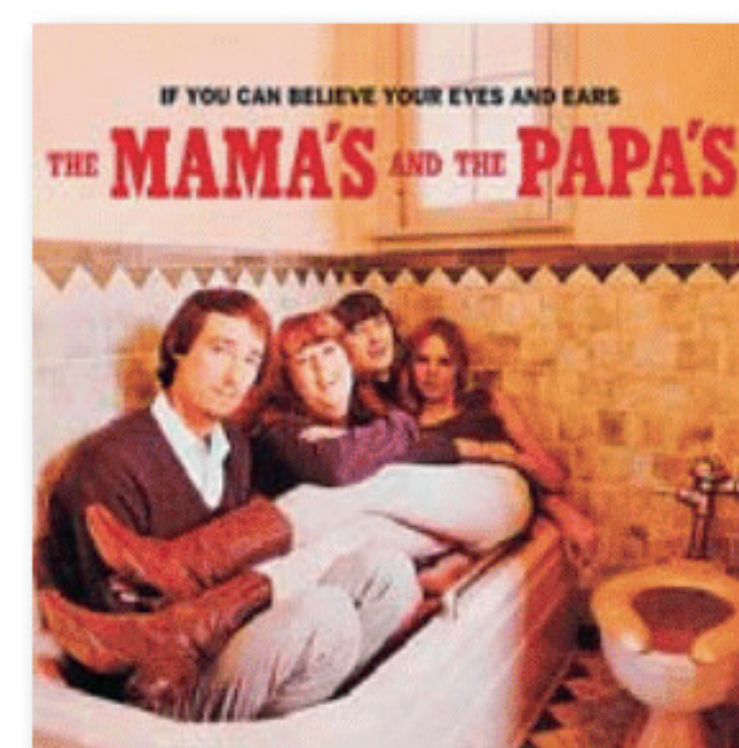
Lou Reed saiu do Velvet pouco antes da conclusão do quarto álbum, mas deixou para trás dois hits perfeitos (“Sweet Jane”, “Rock & Roll”) e um disco que ressalta que por trás das guitarras vanguardistas a banda tinha raízes no doo-wop e no som da Sun Records.



111. The Bends

Radiohead Parlophone, 1995

O rock da primeira metade dos anos 1990 foi moldado pelo Nirvana. O rock da segunda metade foi dominado pelo Radiohead. O segundo álbum da banda casou um som de guitarra majestoso e sombrio com os vocais angustiados de Thom Yorke, usando a grandeza épica do U2 e a melancolia dos Smiths.



112. If You Can Believe Your Eyes and Ears

The Mamas and the Papas

Dunhill, 1966

A família real do folk californiano era craque nas harmonias vocais. Mas as melodias ensolaradas de Papa John Phillips, apesar de sedutoras, escondiam algo sombrio.



II3. Court and Spark

Joni Mitchell Asylum, 1974

Suave e direto, *Court and Spark* é um dos grandes álbuns de Joni Mitchell. Trabalhando com o grupo de fusion do saxofonista Tom Scott, o L.A. Express, a cantora canadense estabelece um groove folk-pop-jazz que continua sendo um marco do pop, especialmente no single de sucesso “Help Me”.



II4. Disraeli Gears

Cream Reaction, 1967

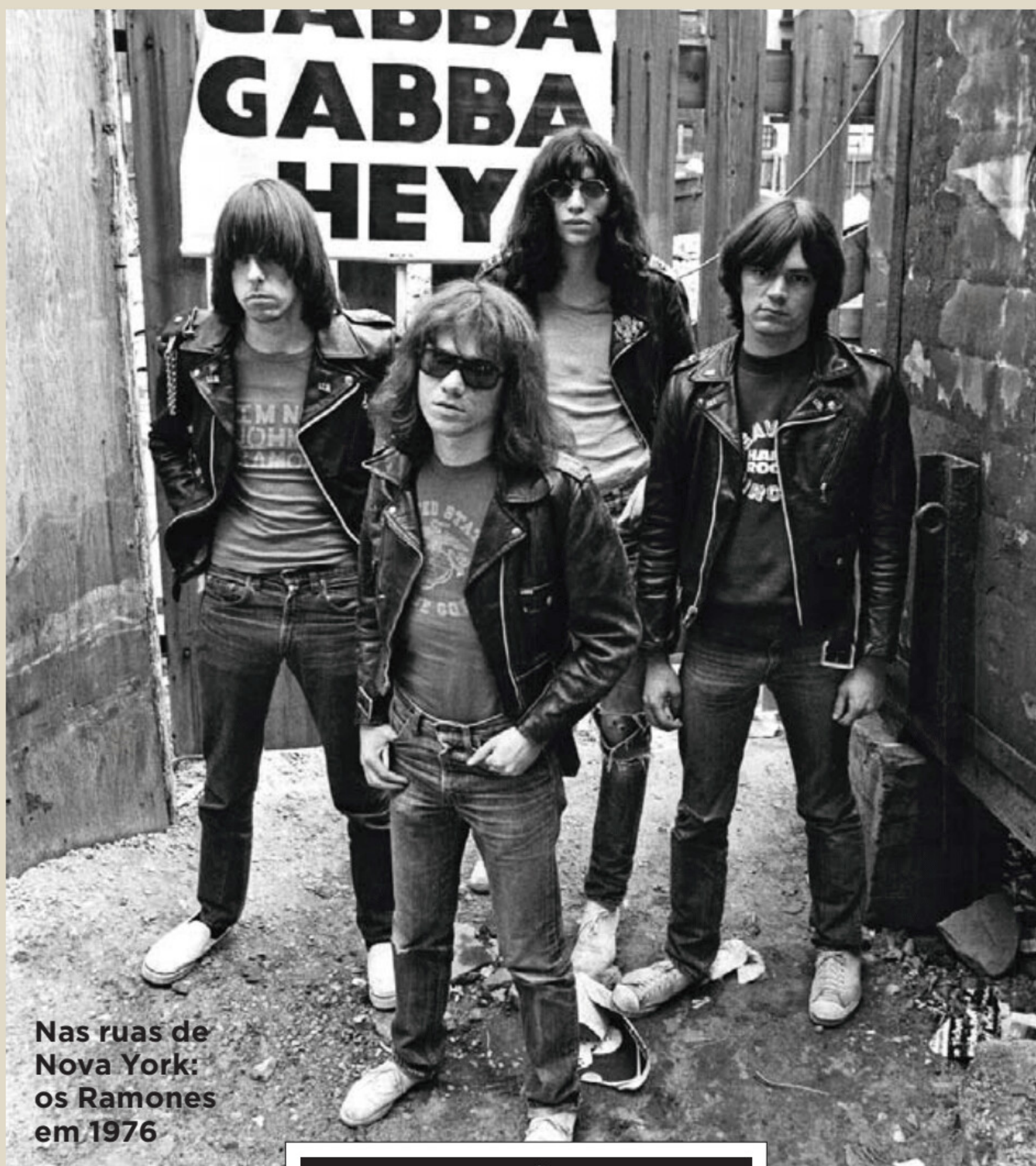
O álbum mais afiado e linear do Cream centralizou as explorações instrumentais em canções exóticas: a elegante “Strange Brew”, a viajante “Dance the Night Away”, a épica “Tales of Brave Ulysses” (permeada por um mar de wah-wah na guitarra) e o hit “Sunshine of Your Love”, conduzida pela batida tribal de Ginger Baker.



II5. The Who Sell Out

The Who Decca, 1968

O primeiro álbum conceitual do The Who foi um tributo às estações de rádios piratas estacionadas no litoral britânico – o LP é costurado com comerciais falsos e jingles de verdade. O hit “I Can See For Miles” ainda sacode paredes e a miniópera “Rael” antecipou o conceito de *Tommy*.



Nas ruas de Nova York: os Ramones em 1976

POR TRÁS DE...

Ramones

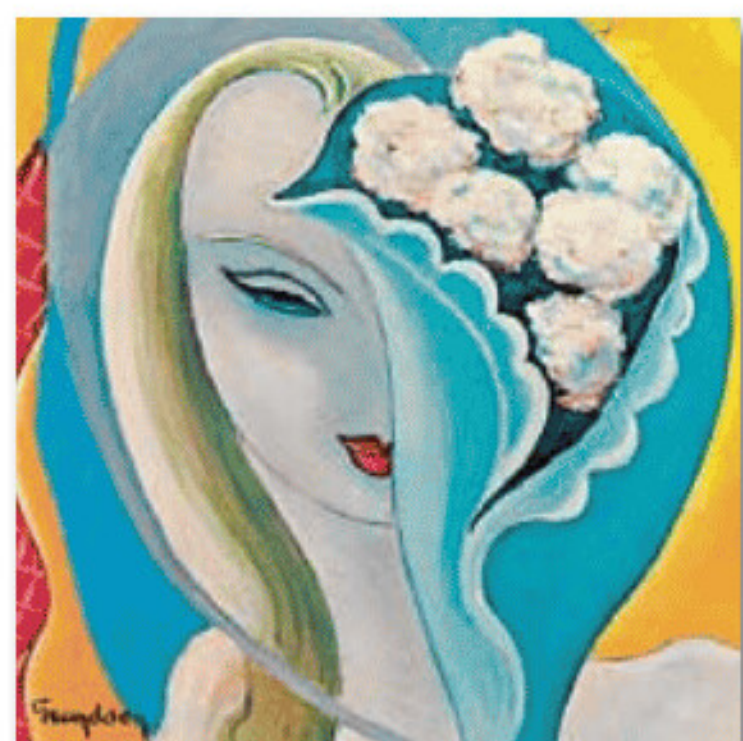
BOSTON, STYX, TOTO – LEMBRA QUE FIZEMOS um show com o Toto?”, Joey Ramone (nascido Jeffrey Hyman) perguntou em uma entrevista de 1997 com a banda. Em todos os sentidos, o álbum que deu o pontapé inicial ao punk não poderia ter sido mais diferente do brilho e do excesso dos anos 1970. *Ramones* foi gravado no Plaza Sound, em Nova York, um estúdio que não existe mais. “Gravamos tudo com guitarras de US\$ 50 em menos de uma semana, por US\$ 6 mil”, contou o falecido baterista Tommy Ramone (nascido Thomas Erdelyi). A abordagem carniceira dos Ramones era uma reciclagem barata de Beach Boys, de guitarras caóticas à la Stooges e de uma filosofia anestesiante influenciada por Andy Warhol. O modus operandi fica evidente no refrão de “Blitzkrieg Bop”. Tommy Ramone relembrou: “Havia um verso em ‘Walking the Dog’, de Rufus Thomas, que dizia: ‘Hi Ho’s nipped her toes’, mas em vez de ‘hi-ho’ eu falava ‘hey-ho’”. Chamando esta mistura de “música de raízes urbanas”, Tommy tinha a noção de que os Ramones estavam à frente de seu tempo – mas não sabia o quanto. “Quando entramos no estúdio, sabíamos que o que estávamos fazendo era importante”, afirmou. “O que não sabíamos é que mudaríamos a música.”



II6. Out of Our Heads

The Rolling Stones London, 1965

Aqui, os Stones começaram a deixar as covers de R&B e blues para trás. O álbum conta com três faixas da dupla Jagger-Richards que definiram a filosofia da banda, todas obras-primas libidinosas: a potente “The Last Time”, a suavemente cruel “Play With Fire” e “(I Can’t Get No) Satisfaction”, que redefiniu o riff de guitarra no rock.



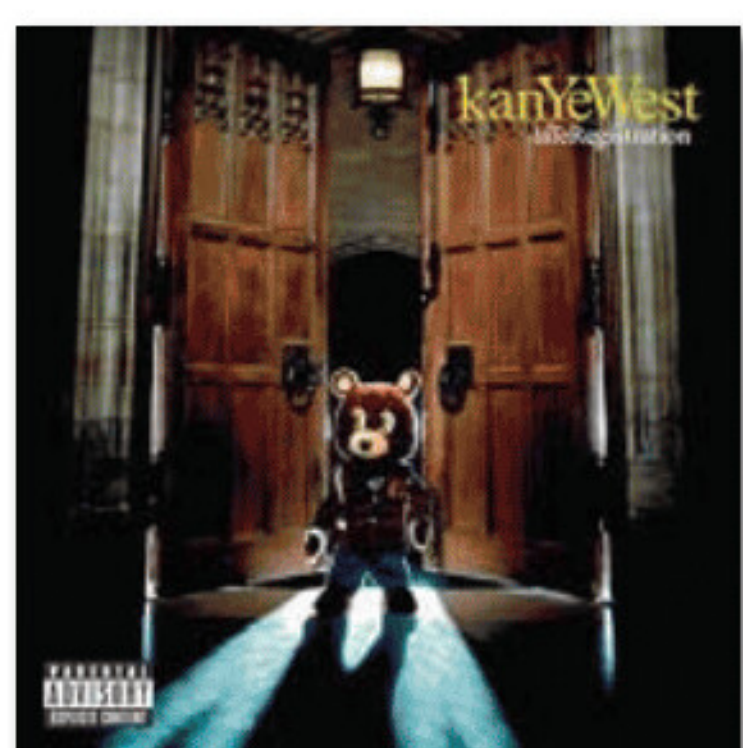
II7. Layla and Other Assorted Love Songs

Derek and the Dominos

ATCO, 1970

Profundamente apaixonado por Pattie Boyd, mulher do amigo George Harrison, Eric Clapton elaborou um álbum de blues torturado que tem como convidado Duane Allman, um guitarrista tão talentoso quanto ele. “Layla” ainda arrepia.

Etta James, diva do soul e do pop

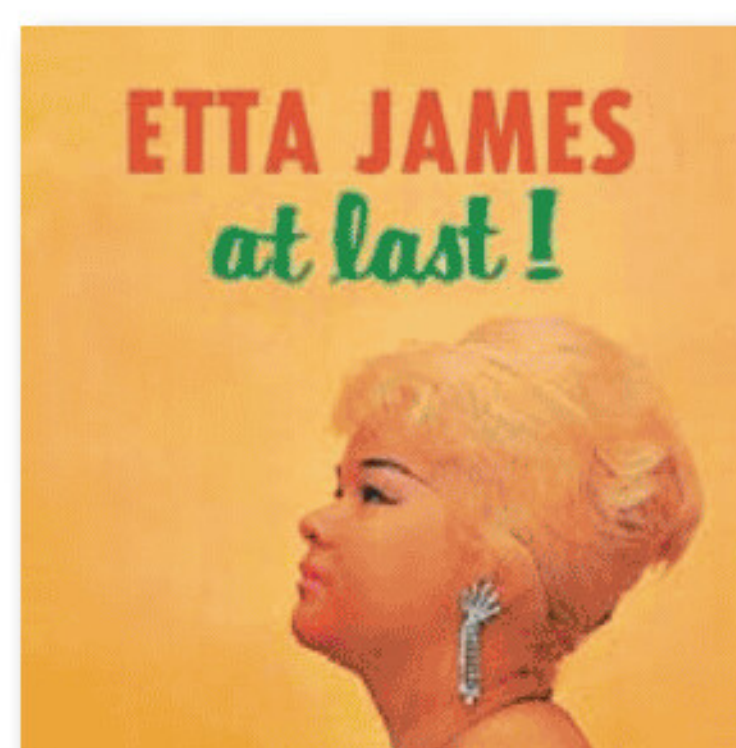


II8. Late Registration

Kanye West

Roc-A-Fella, 2005

Começando com a autobiografia triunfante (“Touch the Sky”), passando pelo pop baladeiro (“Gold Digger”) e usando temas de James Bond e hip-hop de Houston, o segundo álbum de West refez a paisagem musical à própria imagem esquisita dele.



II9. At Last!

Etta James Argo, 1960

“The Wallflower (Roll With Me, Henry)” (1955) fez de Etta James uma estrela adolescente sexualmente precoce. Seis anos depois, ela desabrochou de forma incendiária neste LP encantador. Atingindo as paradas pop e R&B, ela criou um novo modelo vocal: a diva que transitava por vários gêneros e públicos.



II20. Sweetheart of the Rodeo

The Byrds Columbia, 1968

Conduzido pelo novato Gram Parsons, o The Byrds resgatou a tradição de Nashville, gravando músicas de Bob Dylan e Merle Haggard com guitarra havaiana e total obstinação, inventando o country rock.



I21. Stand!
Sly and the Family Stone
 Epic, 1969

Stand! é uma junção empolgante e inclusiva de funk, rock e soul. Sly Stone aproveita o impulso avassalador do movimento de direitos civis em “Stand!” e “You Can Make it if You Try”, mas sem negar as divisões intrínsecas que sugeriam uma guerra racial (a exemplo de “Don’t Call Me Nigger, Whitey”).



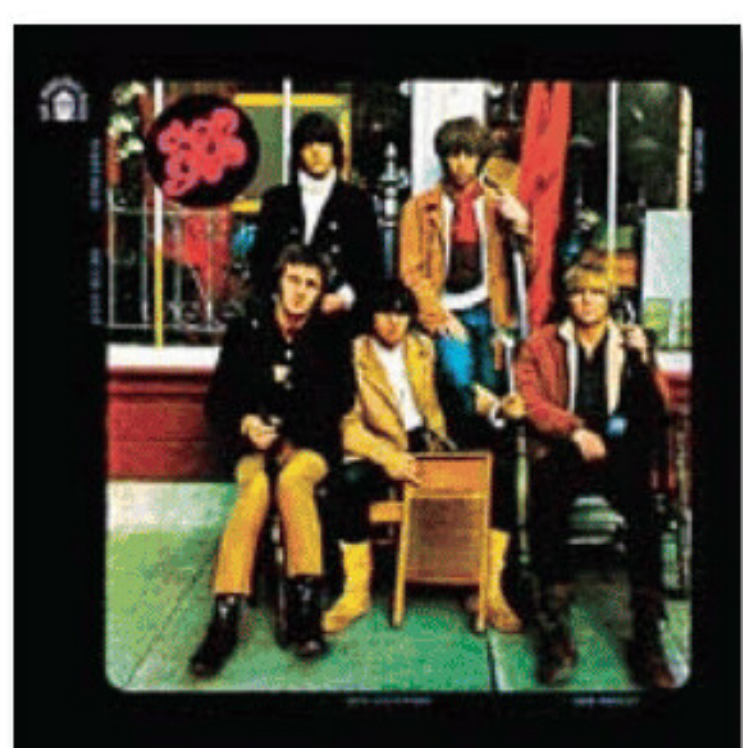
I22. The Harder They Come
Vários Artistas Mango, 1972

A trilha sonora do filme *Balada Sangrenta* levou o reggae para o mundo. Jimmy Cliff, o astro da produção, cantava nele o hino “Many Rivers to Cross”. Nomes como Desmond Dekker e The Maytals também mostram a riqueza da batida jamaicana.



I23. Raising Hell
Run-D.M.C. Profile, 1986

Ao trabalhar com o produtor Rick Rubin, o grupo do Queens fez um álbum que estabeleceu o hip-hop como uma força nas paradas. Run e D.M.C. falavam besteiras sobre as mixagens matadoras de Jam Master Jay e invadiram a MTV com uma releitura de “Walk This Way”, do Aerosmith, com a participação dos integrantes Steven Tyler e Joe Perry.



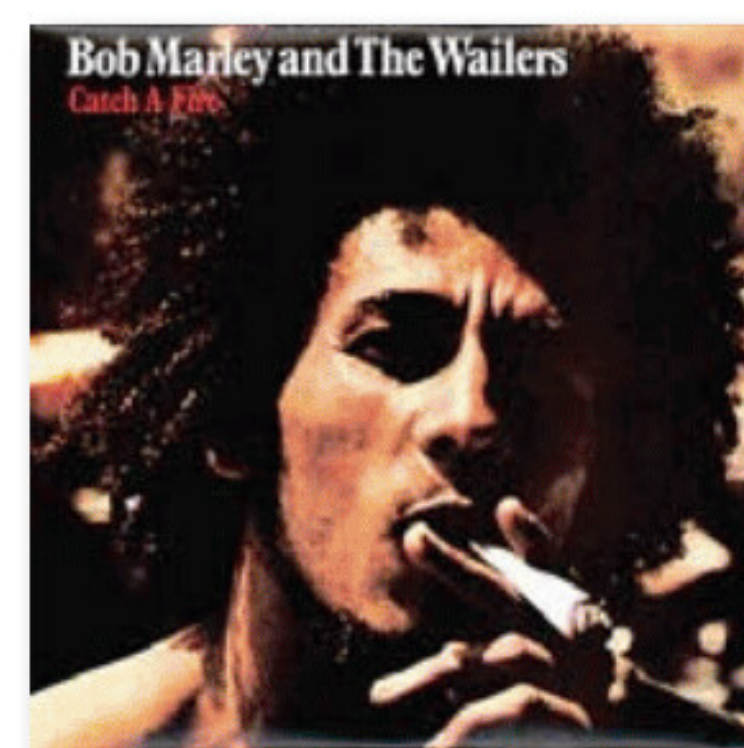
I24. Moby Grape
Moby Grape Columbia, 1967

O álbum é um retrato do rock de São Francisco em seu auge, em 1967 – é o poder hippie genuíno. Os membros do Moby Grape cantavam como demônios e compunham músicas de country blues cheias de empolgação lisérgica. Enquanto isso, os três guitarristas da banda – Jerry Miller, Peter Lewis e Skip Spence – faziam trovejar.



I25. Pearl
Janis Joplin Columbia, 1971

Em *Pearl*, Janis fez um álbum solo digno da voz de cantora de blues do Texas. Interpretando gospel hippie ou country soul, ela nunca soou tão íntima e confiante. “Me and Bobby McGee” chegou ao primeiro lugar, mas a cantora não pôde aproveitar o triunfo – ela morreu de overdose antes de o disco ser concluído.



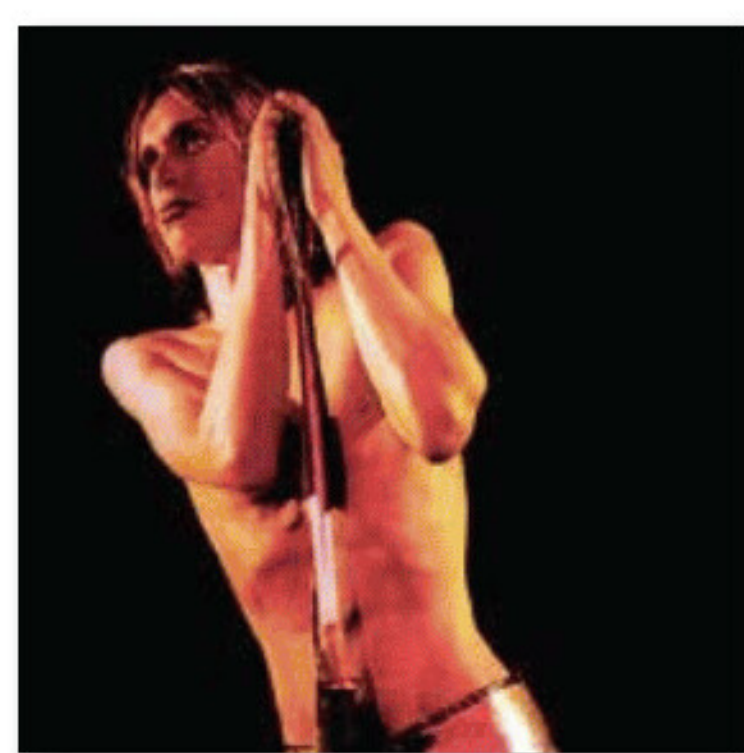
I26 Catch a Fire
Bob Marley and the Wailers
 Island, 1973

A estreia de Bob Marley em uma grande gravadora ampliou o público dele para além da Jamaica sem diluir o poder do reggae que fazia. O produtor Chris Blackwell retrabalhou as sessões gravadas originalmente em solo jamaicano para ouvidos internacionais, mas a raiva dos Wailers foi preservada.



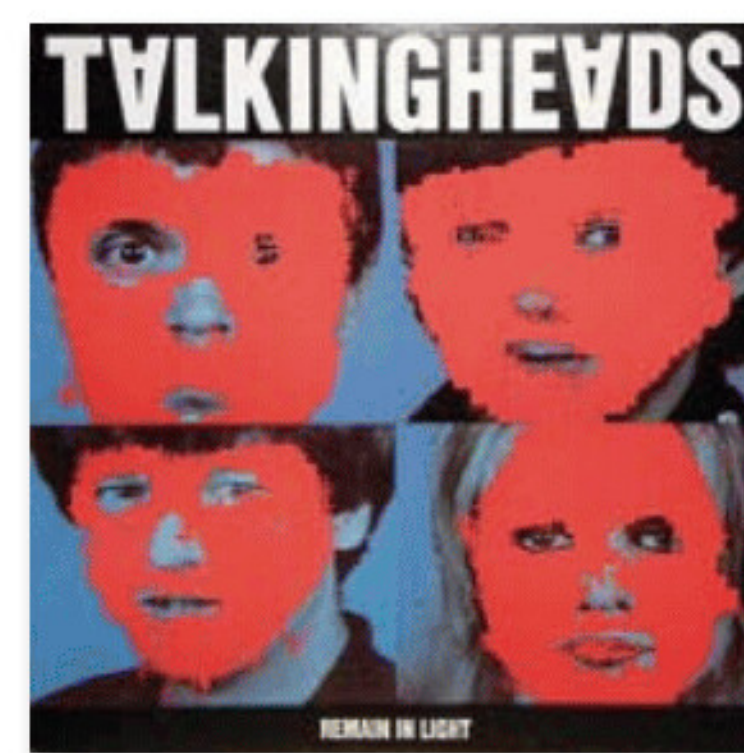
I27. Younger Than Yesterday
The Byrds Columbia, 1967

Em meio a brigas internas, a banda gravou o primeiro álbum verdadeiramente maduro. A sonoridade era um retrato de época e misturava o som metálico de um voo espacial com música caipira eletrificada.



I28. Raw Power
Iggy and the Stooges
 Columbia, 1973

Iggy Pop usava drogas pesadas quando David Bowie ajudou a conseguir para os Stooges um contrato com a Columbia. O cantor e o novo guitarrista James Williamson reagiram com ferocidade em erupções como “Search and Destroy” e “Gimme Danger”.



I29. Remain in Light
Talking Heads Sire, 1980

Neste divisor de águas da new wave, os avatares de vanguarda se tornaram magos do pop polirrítmico. David Byrne e companhia combinaram o impulso do P-Funk, os grooves excêntricos do afropop e as aventuras do produtor Brian Eno, e ainda tiveram sucesso com o single “Once in a Lifetime”.



130. Marquee Moon

Television Elektra, 1977

Os membros do Television eram visionários na cena do clube CBGB, misturando os lamentos do Velvet Underground, as durações das músicas do Yes e a estrutura de guitarras duplas do Quicksilver Messenger Service. A estreia da banda foi tão empolgante em sua ambição quanto o primeiro álbum do Ramones foi em simplicidade brutal.



131. Paranoid

Black Sabbath Vertigo, 1970

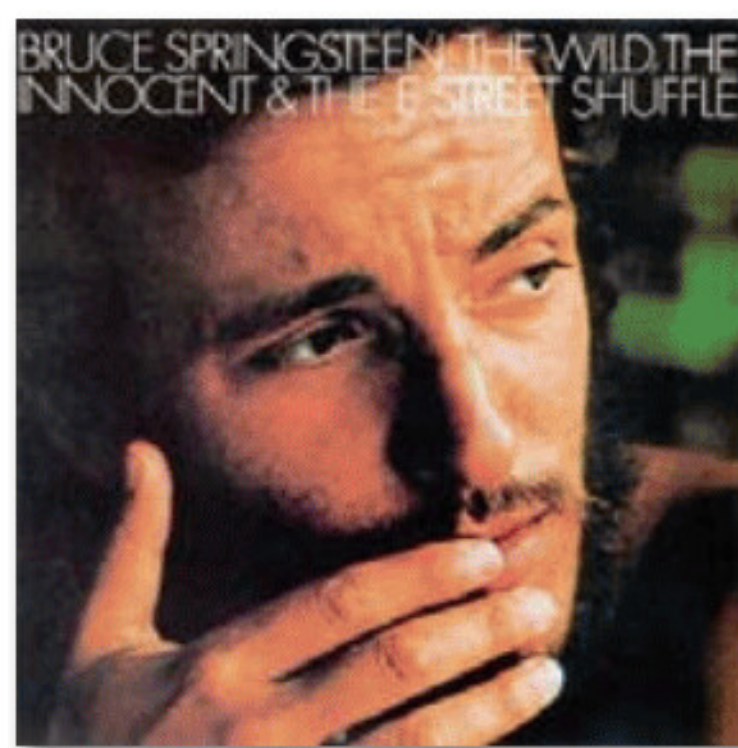
O Sabbath era o máximo para garotos entediados dos anos 1970. Todas as bandas de metal e rock extremo das últimas quatro décadas têm uma dívida com a guitarra de Tony Iommi e com a brutal máquina de ritmo de Bill Ward e Geezer Butler. Isso sem contar os urros agonizantes de Ozzy Osbourne em “Paranoid”, “Iron Man” e “War Pigs”.



132. Saturday Night Fever

Vários Artistas RSO, 1977

A trilha de *Os Embalos de Sábado à Noite* marca o ápice da disco music. As harmonias agudas e precisas dos Bee Gees derretem-se em grooves sincopados, e “Disco Inferno” (The Trammps) e “More Than a Woman” (Tavares) reforçam as raízes black da disco.



133. The Wild, the Innocent & the E Street Shuffle

Bruce Springsteen Columbia, 1973

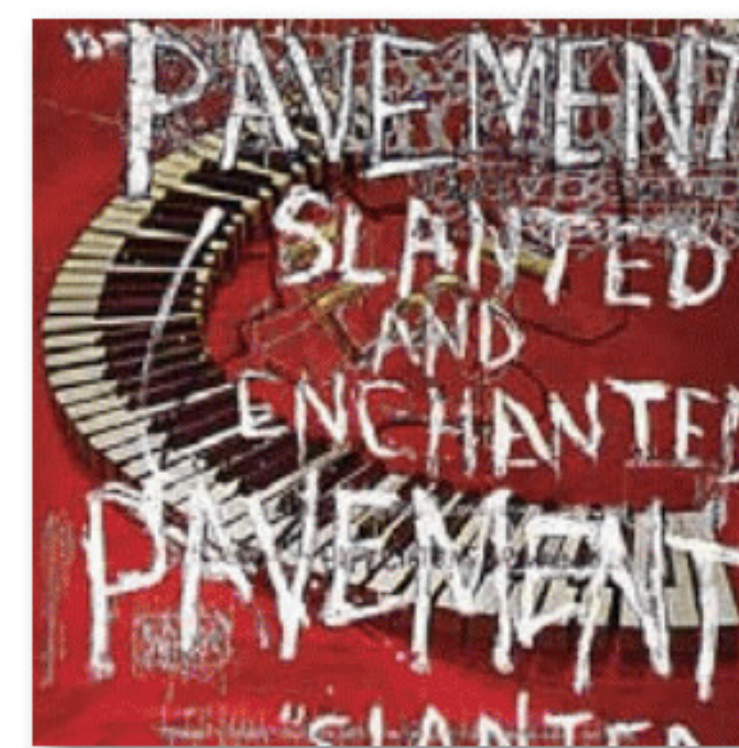
No segundo LP, Springsteen perdeu o rótulo de “novo Dylan” e aplicou a sonoridade de banda de bar de Nova Jersey a algumas das faixas mais fluidas que já compôs, como “Rosalia (Come Out Tonight)” e “Kitty’s Back”.



134. Ready to Die

The Notorious B.I.G. Bad Boy, 1994

B.I.G. usou a experiência de vida de sua juventude difícil no Brooklyn e a colocou em *Ready to Die*. “Big Poppa” é uma jam sexual que virou hit, “Juicy” faz rir e dançar ao mesmo tempo e em “Things Done Changed” e “Everyday Struggle” ele conta histórias de gangster usando uma voz tão grandiosa quanto a cintura dele.



135. Slanted and Enchanted

Pavement Matador, 1992

Este é um álbum que define o rock indie norte-americano. O jeito de tocar é tranquilo, a produção é primitiva, as letras são bizarras, e as melodias, sedutoras. O som é intenso quando Stephen Malkmus exibe seu amor pelo pop das rádios AM dos anos 1970.



136. Greatest Hits

Elton John DJM, 1974

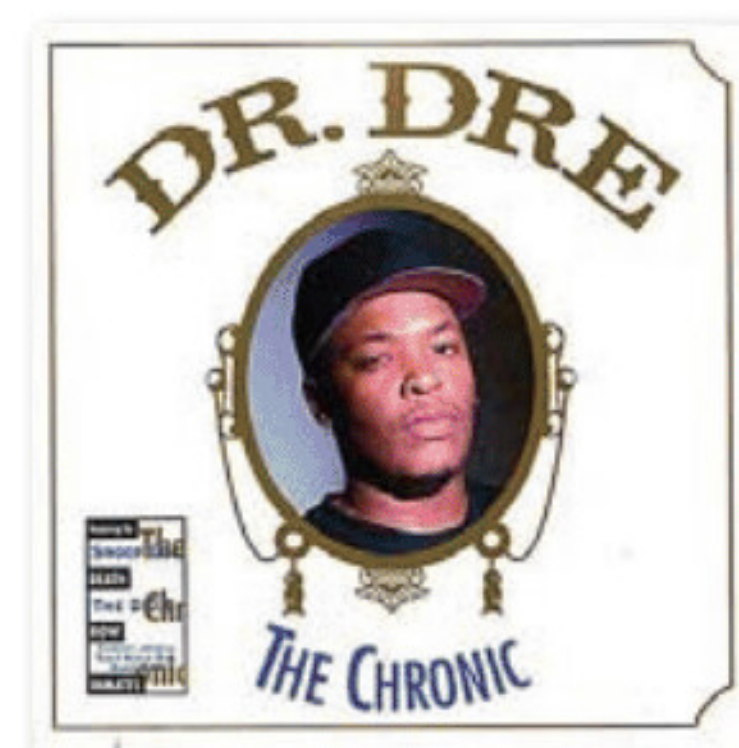
Esta coletânea – lançada durante o auge criativo e comercial de John – inclui quase todos os singles de sucesso que ele teve durante aquela era, de “Your Song” a “Don’t Let the Sun Go Down on Me”. Este é um documento dos motivos que fizeram dele um dos maiores astros pop da década de 1970.



137. Tim

The Replacements Sire, 1985

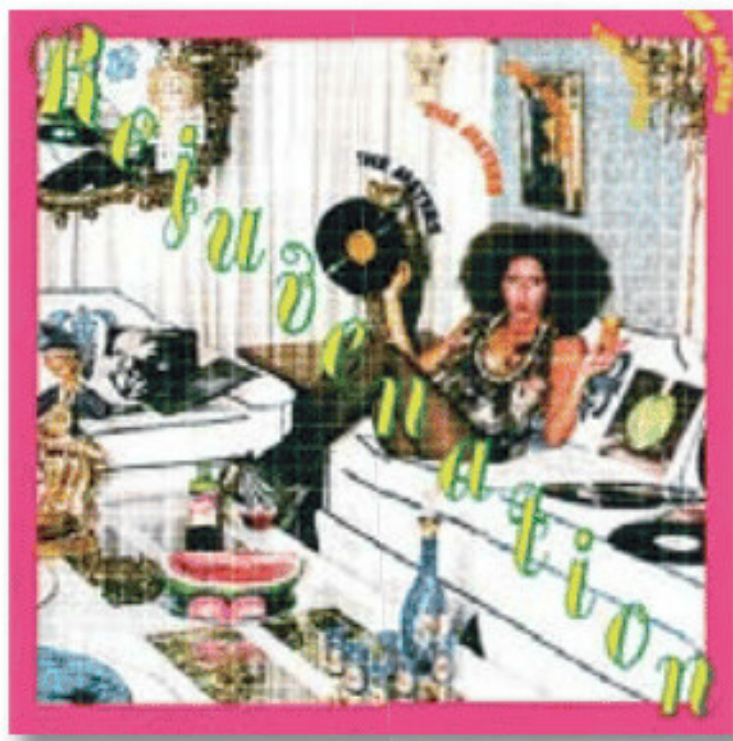
Nesta estreia em uma grande gravadora, o vocalista e guitarrista Paul Westerberg passa brilhantemente de acordes potentes (“Bastards of Young”) à pura contemplação (“Here Comes a Regular”). Nenhuma banda pré-Nirvana fez isso melhor e *Tim* ainda ressoa na cena alternativa.



138. The Chronic

Dr. Dre Death Row, 1992

Dr. Dre já tinha levado o gangsta rap para o grande público com o N.W.A. Em *The Chronic*, trouxe ainda mais funk às rimas com samples de velhos sucessos de George Clinton, uma produção cheia de baixos suaves e a voz tranquila do então desconhecido rapper Snoop Doggy Dogg.



139. Rejuvenation

The Meters Reprise, 1974

Allen Toussaint, produtor de Nova Orleans, construiu discos de sucesso com um estilo que mais parecia código Morse. A guitarra rítmica era enraizada nas batidas de bandas marciais da Louisiana. Essa disciplina funk define o álbum: o The Meters aperfeiçoa um equilíbrio entre funk, rock e R&B sulista em “People Say” e “Hey Pocky A-Way”.



141. Live at the Regal

B.B. King ABC-Paramount, 1965

Gravado em Chicago em 1964, enquanto um novo público de fãs brancos de rock descobria o blues, *Live at the Regal* é o disco ao vivo definitivo de B.B. King. O som da guitarra do bluesman é preciso e potente, emitindo versões emotivas de algumas das músicas mais influentes dele, como “Every Day I Have the Blues” e “How Blue Can You Get?”.



Debbie Harry,
garota de
Nova York



140. Parallel Lines

Blondie Chrysalis, 1978

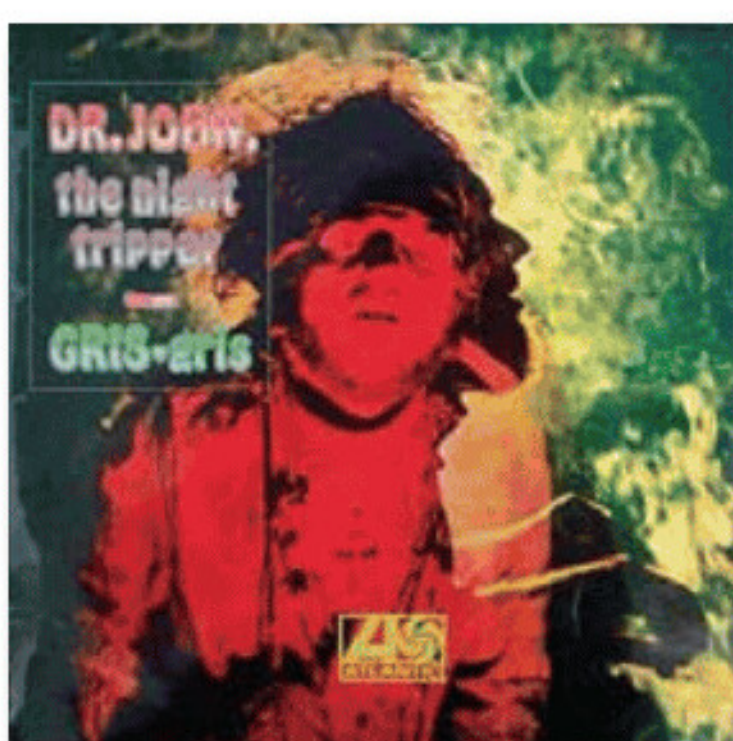
Parallel Lines é um marco da new wave: uma síntese perfeita de ousadia punk, inteligência retrô e glamour do centro de Nova York. A loira Debbie Harry criou um novo tipo de apelo sexual no pop rock que levou o estilo cosmopolita da Big Apple para as grandes massas. Madonna com certeza estava observando.



142. A Christmas Gift For You

Vários Artistas Philles, 1963

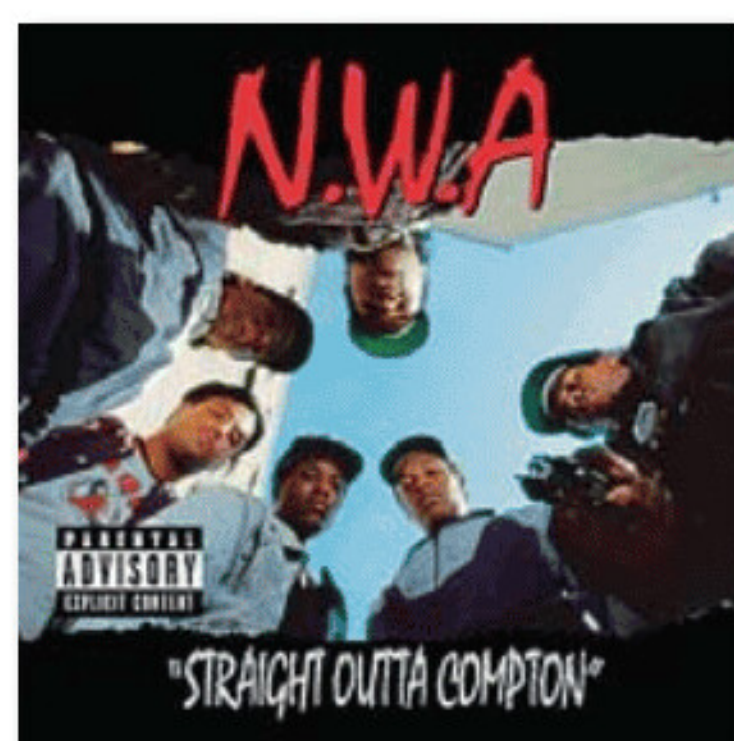
Este é o melhor álbum de fim de ano na história da música pop. Ronnie Spector brilha em “Frosty the Snowman” e tira a inocência de “I Saw Mommy Kissing Santa Claus” – e tudo vem embalado com a exuberante produção do método da Wall of Sound de Phil Spector.



143. GRIS-gris

Dr. John ATCO, 1968

Nos anos 1960, John “Mac” Rebennack, um pianista de Nova Orleans, se mudou para Los Angeles, encontrou a psicodelia californiana, mudou de nome para Dr. John the Night Tripper e fez este clássico do funk sulista. *GRIS-gris* mistura R&B de Nova Orleans, cantos vodu e inspiração química.



144. Straight Outta Compton

N.W.A. Ruthless, 1988

“Pareço a porra de um modelo a ser seguido?”, Ice Cube pergunta em “Gangsta Gangsta”. A raiva de Cube, a malvadeza criminal de Eazy-E e as batidas de sirene de polícia de Dr. Dre iniciaram uma nova era do hip-hop.



145. Aja

Steely Dan ABC, 1977

Aja, o meticulosamente elaborado sexto álbum do Steely Dan, foi a tentativa de Walter Becker e Donald Fagen de se tornarem superastros do pop adulto influenciado pelo jazz. E graças a faixas doces, inteligentes e escorregadias como “Deacon Blues” e “Peg”, ele conseguiram atingir esse objetivo.

Public Enemy
quebrando
as regras

POR TRÁS DE...

It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back

Public Enemy

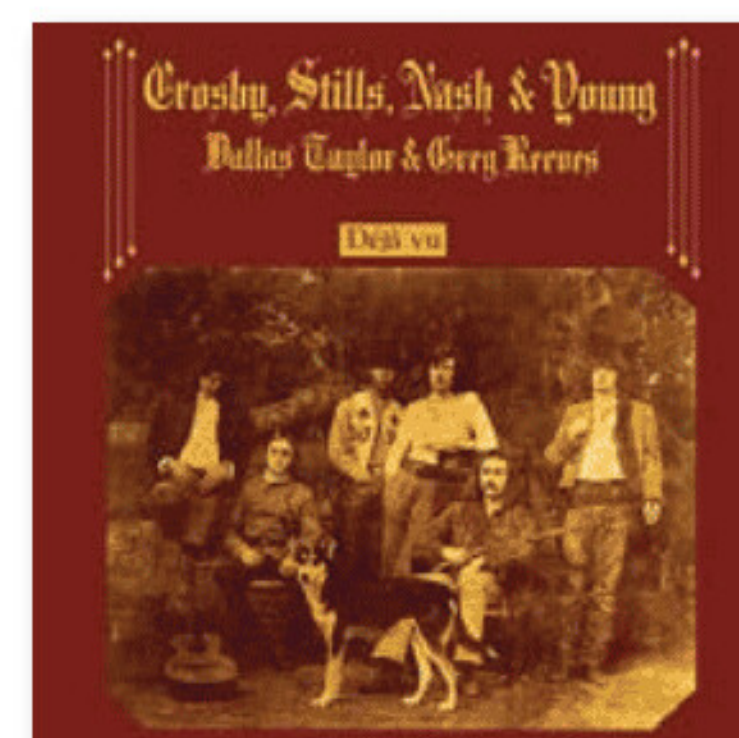
“EU ODIAVA AQUELA MÚSICA”, DIZ O LÍDER DO Public Enemy, Chuck D. Acredite se quiser, ele está se referindo a “Bring the Noise”, a frenética primeira faixa da obra-prima do rap gravada pelo grupo. Então, o PE a tocou em uma turnê na Inglaterra em 1987. “As pessoas enlouqueceram”, lembra Chuck D. “Bring the Noise”, junto a clássicos de *It Takes a Nation...* como “Rebel Without a Pause”, foi concebida no Spectrum City, estúdio da banda em Hempstead, Nova York. Para “Rebel...”, o Public Enemy aliou gritos agudos (um trecho de “The Grunt”, da banda de James Brown, The J.B.’s, tocado ao contrário) com “Funky Drummer”, de Brown (“Aquela música me alimentava”, afirma Hank Shocklee, da equipe de produção do PE, o The Bomb Squad). Coube, então, a Chuck escrever a letra. “Eu me tranquei em casa por 24 horas”, ele conta. Saiu de lá com versos que simulavam o fluxo fora de ritmo de Rakim, gigante do rap dos anos 1980, mas que se mantinham fiéis à personalidade forte dele próprio. “Don’t Believe the Hype” foi a primeira grande polêmica de Chuck, neste caso envolvendo a mídia. A letra foi inspirada pelo desdém com que o locutor de rádio Mr. Magic se referiu a ele. O Public Enemy também tinha dúvidas sobre esta faixa – até que D.M.C., do Run-D.M.C., tocou-a em seu carro em uma noite de sábado. “O quartirão inteiro balançou com ela”, conta Shocklee. Em janeiro de 1988, tudo se encaixou. “Você tinha a combinação do barulho de ‘Rebel...’, o andamento de ‘Bring the Noise’ e o assunto de ‘Don’t Believe the Hype’”, diz Chuck. “Isso fez *It Takes a Nation...* decolar muito bem.”



146. Surrealistic Pillow

Jefferson Airplane RCA Victor, 1967

O segundo álbum do Jefferson Airplane é uma mistura alucinógena de vocais de folk blues e guitarras de rock de garagem. “White Rabbit” e “Somebody to Love”, com o poder vocal de Grace Slick, foram sucessos no Verão do Amor, e a espectral “Today”, de Marty Balin, ainda é a melhor balada sobre os dias de glória de São Francisco.

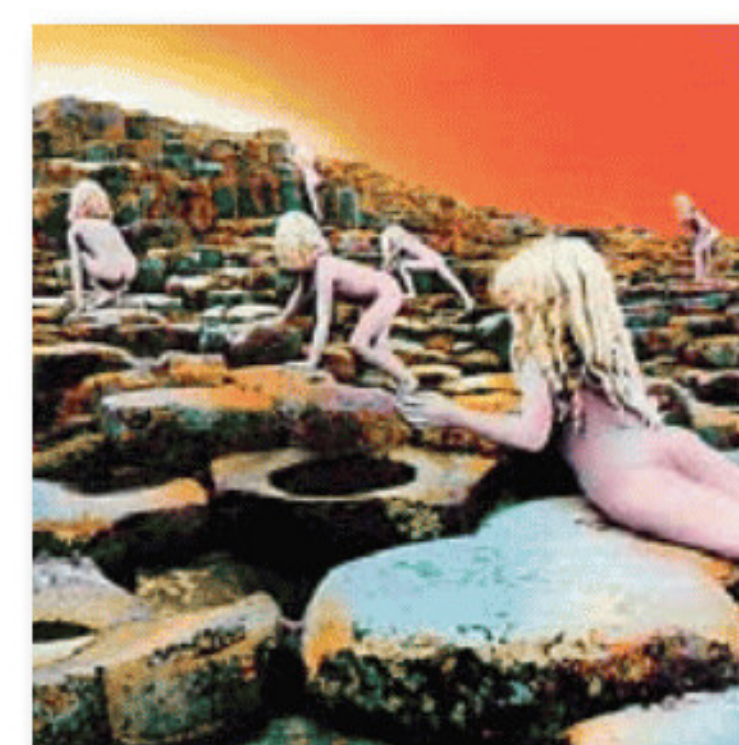


147. Déjà Vu

Crosby, Stills, Nash & Young

Atlantic, 1970

A chegada de Neil Young mudou o folk rock do CS&N, oferecendo idealismo (“Teach Your Children”, de Graham Nash), blues militante (“Almost Cut My Hair”, de David Crosby) e vocalizações memoráveis (“Carry On”, de Stephen Stills). O lamento de “Helpless” apresenta Young na plenitude criativa.



148. Houses of the Holy

Led Zeppelin Atlantic, 1973

No quinto álbum, o Zeppelin entrou no groove. “D’yer Mak’er” mostra o quarteto experimentando com o reggae; já “The Crunge” é funk. A banda também entra em um clima cósmico com “The Rain Song” (com Robert Plant se destacando) e elabora um canto de morte viking em “No Quarter”.



O trovão
sonoro de
Plant e Page



A Tribe Called Quest, renovando o hip-hop



149. Santana

Santana Columbia, 1969

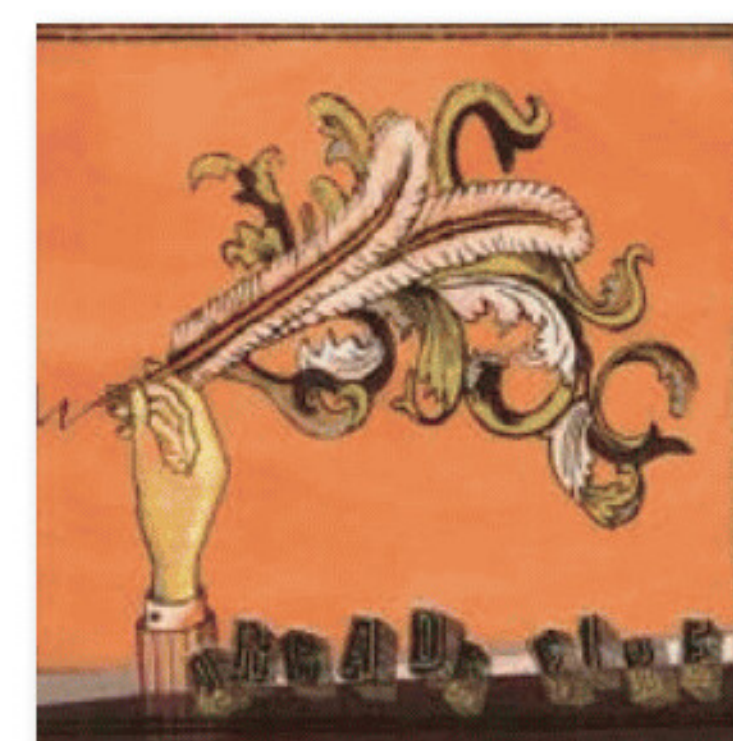
Esta estreia revelou a mistura singular de ritmos latinos, guitarras e blues lírico de Carlos Santana. O estilo do guitarrista de 22 anos foi movido pela psicodelia. “[*Drogas*] me deixaram ciente do esplendor e do arrebatamento”, afirmou. A música do Santana fez o mesmo para os fãs.



150. Darkness on the Edge of Town

Bruce Springsteen Columbia, 1978

Este álbum é a trilha para a noção de realidade duramente conquistada por Springsteen, narrando os sonhos e o desespero da classe operária em faixas como “The Promised Land” e “Racing in the Street”.



151. Funeral

Arcade Fire Merge, 2004

Amor, perda, amadurecimento forçado e esperança: a estreia da banda liderada por Win Butler e Régine Chassagne tocou nesses temas e definiu a música indie dos anos 2000. É um tipo de rock elaborado que realmente funciona. O Arcade Fire encontra consolo e propósito na celebração coletiva.



152. The B-52's

The B-52's Warner Bros., 1979

A turma do The B-52's soa como um grupo de amigos de escola brincando com piadas internas e sons esquisitos. Ninguém conseguiu resistir à new wave escrachada e artística deles. Com instrumentos de brinquedo e penteados retrô gigantescos, a imagem do B-52's era tão exótica quanto a música, que, como "Rock Lobster", era bem peculiar.



153. The Low End Theory

A Tribe Called Quest Jive, 1991

Muitos ligaram alguns dos pontos entre o hip-hop e o jazz, mas este LP desenhou a figura toda. Enquanto o lendário baixista Ron Carter entra na onda, o trio faz discursos sobre tudo, da indústria musical à política sexual. O groove fica profundo.



154. Moanin' in the Moonlight

Howlin' Wolf Chess, 1959

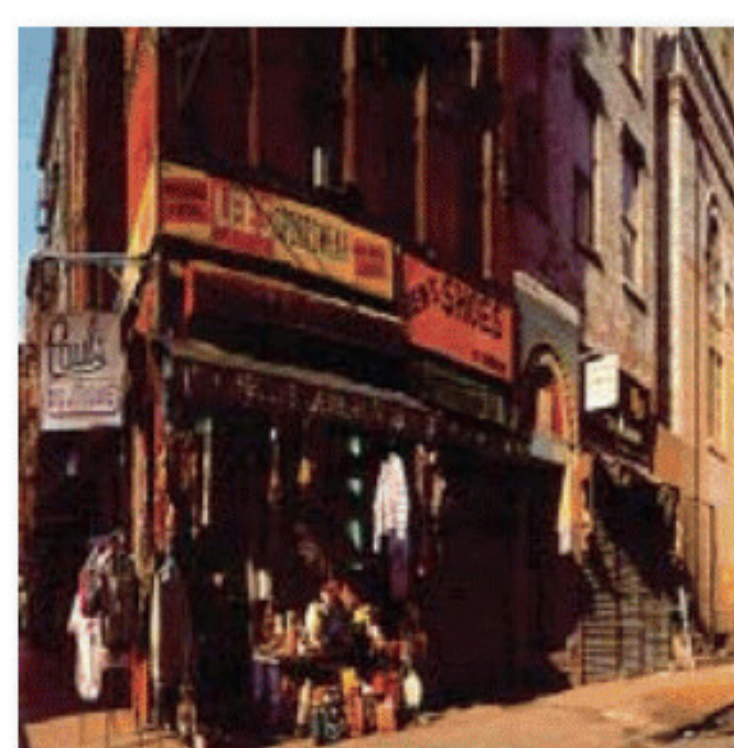
O som de Wolf – um grunhido feroz misturado com a guitarra explosiva dos gênios Willie Johnson e Hubert Sumlin – era potente e assustador, e esta coletânea ensinou lições de blues aos Rolling Stones, Eric Clapton e outros roqueiros da Inglaterra.



155. Pretenders

The Pretenders Real, 1980

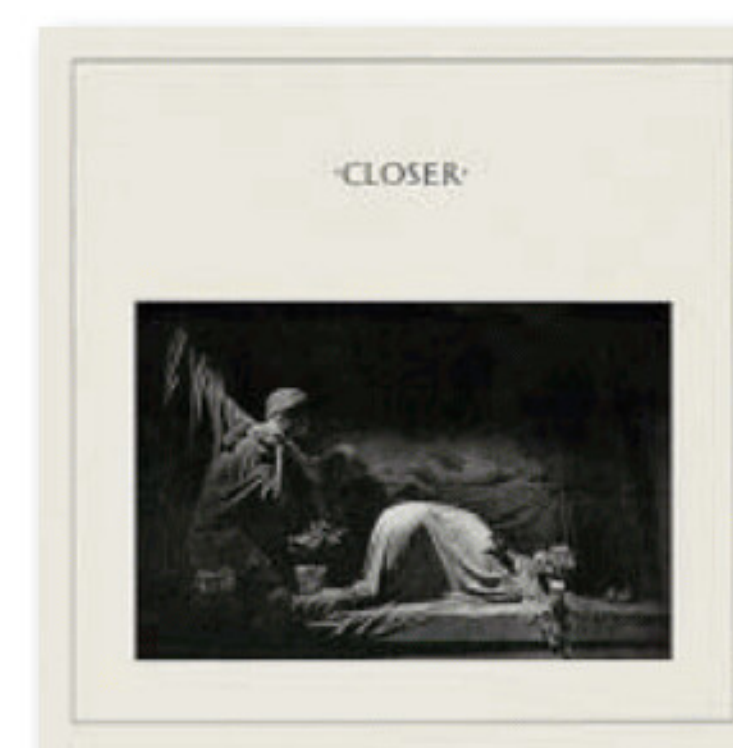
Depois de anos escrevendo resenhas sobre discos e andando com os Sex Pistols, Chrissie Hynde montou uma banda tão durona quanto ela. *Pretenders* é cheio de rock sem firulas como "Brass in Pocket", uma meditação sobre ambição e sedução que continua sendo um dos grandes momentos da new wave radiofônica.



156. Paul's Boutique

Beastie Boys Capitol, 1989

Para o segundo álbum, os Beasties contrataram os Dust Brothers, um time de produção que forneceu a eles alguns dos melhores samples já gravados. O título é uma brincadeira com *Abbey Road*, que era supostamente uma "boutique" de Paul McCartney. Como no álbum dos Beatles, *Paul's Boutique* une deslumbrantes fragmentos sonoros.



157. Closer

Joy Division Factory, 1980

Este é um álbum arrepiante, com guitarras arrastadas, linhas de baixo gélidas e voais impressionantes. Isso sem falar das letras, que discursam sobre a epilepsia e o casamento em ruínas do vocalista Ian Curtis. Quando ele se enforcou aos 23 anos, em 18 de maio de 1980, *Closer* se tornou oficialmente o produto de uma lenda do rock.



158. Captain Fantastic and the Brown Dirt Cowboy

Elton John DJM, 1975

Aqui, John e o letrista Bernie Taupin celebram a mitologia criada sobre a parceria deles. "Someone Saved My Life Tonight" fala da tentativa fracassada de suicídio de John.



159. Alive!

Kiss Casablanca, 1975

Alive!, LP duplo ao vivo do Kiss, foi gravado na maior parte em Detroit (com enxertos feitos em estúdio). O álbum levou a banda a um estrelato sem precedentes, com versões explosivas para "Strutter" e "Rock and Roll All Nite". "Eu me divirto no palco, circulando por ele", disse o vocalista Paul Stanley.



160. Electric Warrior

T. Rex Reprise, 1971

Marc Bolan enfeitiçou a Inglaterra com este álbum, dando à sua música hippie com toques de Tolkien uma versão glamourosa. Ninguém ficava indiferente ao tipo de rock feito por ele. Bolan usava, entre outras figuras de linguagem, metáforas comparando carros ao sexo.



161. The Dock of the Bay

Otis Redding Volt, 1968

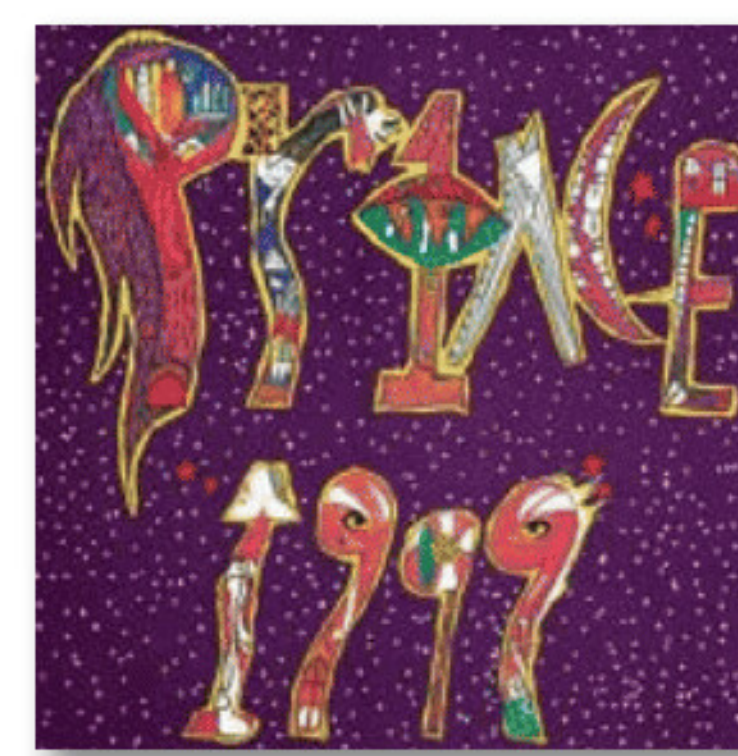
Redding gravou “(Sittin’ on) The Dock of the Bay” quatro dias antes de morrer em um desastre de avião. Steve Cropper, guitarrista do Booker T. & the M.G.’s, que o acompanhava, resgatou as últimas sessões do soulman neste indispensável álbum póstumo.



162. OK Computer

Radiohead Parlophone, 1997

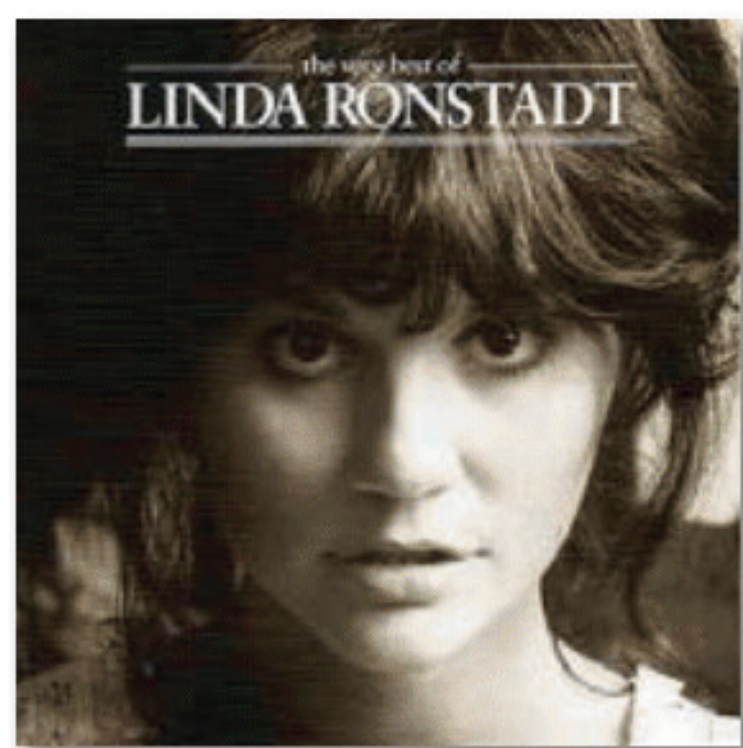
Em *OK Computer*, o Radiohead começou a ampliar o som, sem se preocupar se ainda era “rock”. O resultado é um álbum lento e assombroso com faixas inesquecíveis como “Karma Police” e “Paranoid Android”. O guitarrista Jonny Greenwood fez arranjos de cordas com ruído branco e Thom Yorke tornou a alienação algo atraente.



163. 1999

Prince Warner Bros., 1982

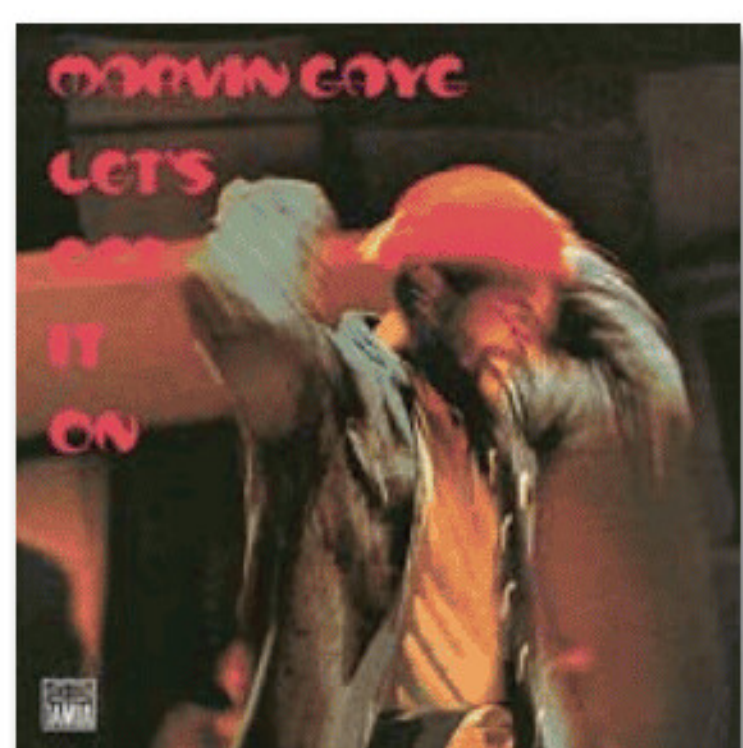
“Não queria fazer um álbum duplo”, contou Prince, “mas continuei compondo. Claro que não sou bom em editar.” A segunda metade de *1999* é música dançante com um fundo de obsessão por sexo. A potente fusão entre rock e funk do álbum estabeleceu a base para a gloriosa carreira de Prince na década de 1980.



164. The Very Best of Linda Ronstadt

Linda Ronstadt Rhino, 2002

Linda fazia um som que era a cara do sul da Califórnia. Ela não compunha, mas, como intérprete, conseguia transformar completamente uma canção – ouça “Long Long Time”, na qual soa como uma garota comportada com uma voz de derreter gelo.



165. Let's Get It On

Marvin Gaye Tamla/Motown, 1973

Neste álbum, Gaye meditou sobre o abismo entre sexo e amor e como conciliá-los – uma versão adulta das canções da Motown sobre as quais ele construiu a carreira. O disco tem algumas das músicas mais lindas que o cantor já fez, que brilham com cordas de bom gosto e o canto claro dele.



Gaye: canto sensual



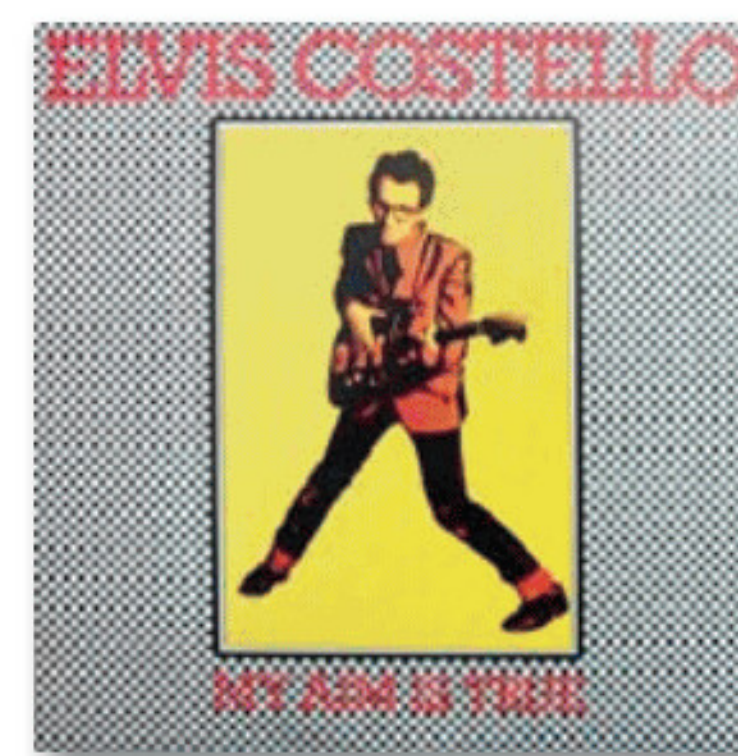
166. Imperial Bedroom
Elvis Costello and the Attractions F-Beat, 1982

Costello queria que sua música fosse tão complexa quanto as letras que escrevia (que cada vez mais documentavam a tensão matrimonial). Ele e o engenheiro de som Geoff Emerick experimentaram com uma paleta sonora diversa (acordeões, mellotron, trompetes) que imprimia tristeza às faixas.



167. Master of Puppets
Metallica Elektra, 1986

As letras do terceiro álbum do Metallica têm um tema: manipulação. “Drogas controlando você”, disse o vocalista James Hetfield. Ele também tem um mote sonoro: guitarras altas, tocadas com a velocidade de um míssil. Quando a banda desacelera em “Welcome Home (Sanitarium)”, apenas enfatiza a natureza incansável das músicas.



168. My Aim is True
Elvis Costello Stiff, 1977

Costello ouviu The Clash enquanto gravava o disco de estreia. Embora o som esteja mais para o pub rock, as letras reverberam o ataque verbal do punk. O assassinato misterioso em “Watching the Detectives” e “Allison”, uma balada sobre uma namorada envenenada, estabeleceram Costello como um dos letristas mais afiados de sua geração.



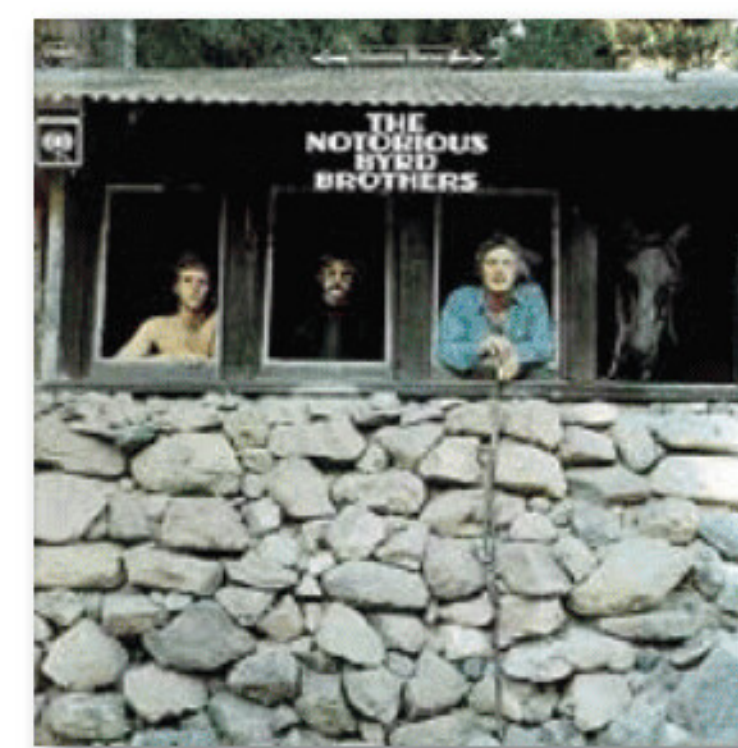
169. Exodus
Bob Marley & the Wailers Island, 1977

Como o título sugere, este álbum não foi gravado na Jamaica; depois de Marley levar um tiro em uma tentativa de homicídio em 1976, ele se mudou com os Wailers para Londres. Contudo, faixas como “Jamming” e “Three Little Birds” ainda têm a essência profunda do reggae e da vida jamaicana.



170. Live at Leeds
The Who Track, 1970

Com a tarefa de suceder *Tommy* [veja o número 96], The Who caiu na estrada e aumentou o volume dos amplificadores. Neste show de Leeds não há sutileza, só o puro poder de uma banda tocando muito tão alto. Quando o Who levou “Summertime Blues” (Eddie Cochran) a proporções comparáveis ao Godzilla, inventou o rock de estádio.



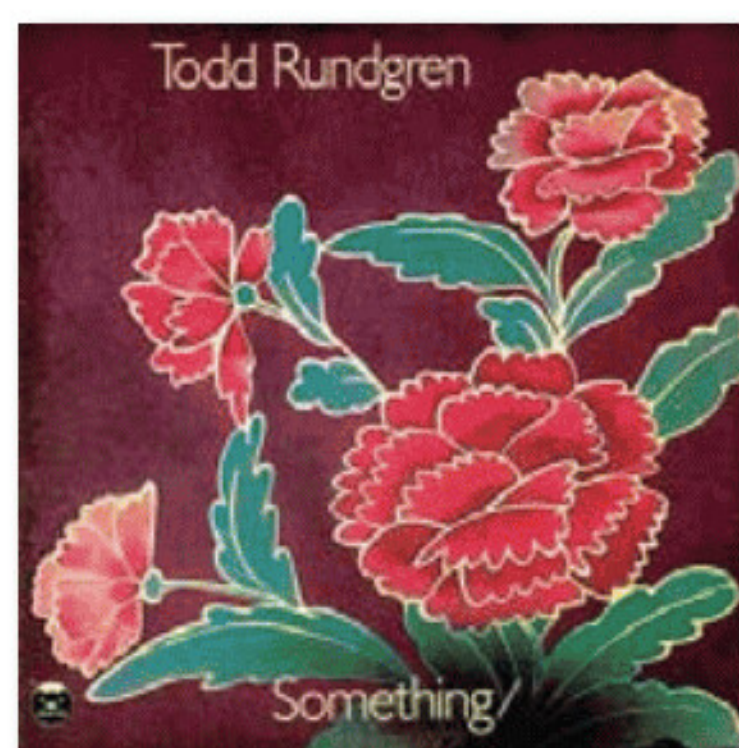
171. The Notorious Byrd Brothers
The Byrds Columbia, 1968

O cavalo na capa (supostamente) representa David Crosby, que tinha acabado de ser demitido. No entanto, apesar do drama interno, o The Byrds fez um álbum acolhedor e gentil para aqueles que acordaram na manhã seguinte ao Verão do Amor.



172. Every Picture Tells a Story
Rod Stewart Mercury, 1971

O melhor disco de Stewart é livre e caloroso – soa intenso, mesmo tendo sido gravado basicamente com instrumentos acústicos. “Mandolin Wind” é uma balada comovente; já “Maggie May” foi um grande hit.



173. Something/Anything?
Todd Rundgren Bearsville, 1972

Neste genial álbum duplo, Todd Rundgren demonstra o domínio que tem sobre o estúdio, desdobrando seu falsete sobre um caleidoscópio de gêneros do rock – incluindo o pop-soul de “Hello It’s Me”.



174. Desire
Bob Dylan Columbia, 1976

Desire foi na maior parte gravado em Nova York, movido a tequila, em uma sessão que durou a noite inteira. “Sara”, o relato sobre o casamento em frangalhos, e “Hurricane”, sobre um boxeador acusado injustamente, marcam o último grande álbum de Dylan em muitos anos.



175. Close to You

Carpenters A&M, 1970

Com canções sofisticadas e uma imagem certinha, Richard e Karen Carpenter simbolizavam a música que dominou o início dos anos 1970. Anos mais tarde, enquanto o soft rock se tornava um ponto de referência para os descolados, a elegância inocente de baladas como “Close to You” e “We’ve Only Just Begun” influenciou bandas indie.



176. Rocks

Aerosmith Columbia, 1976

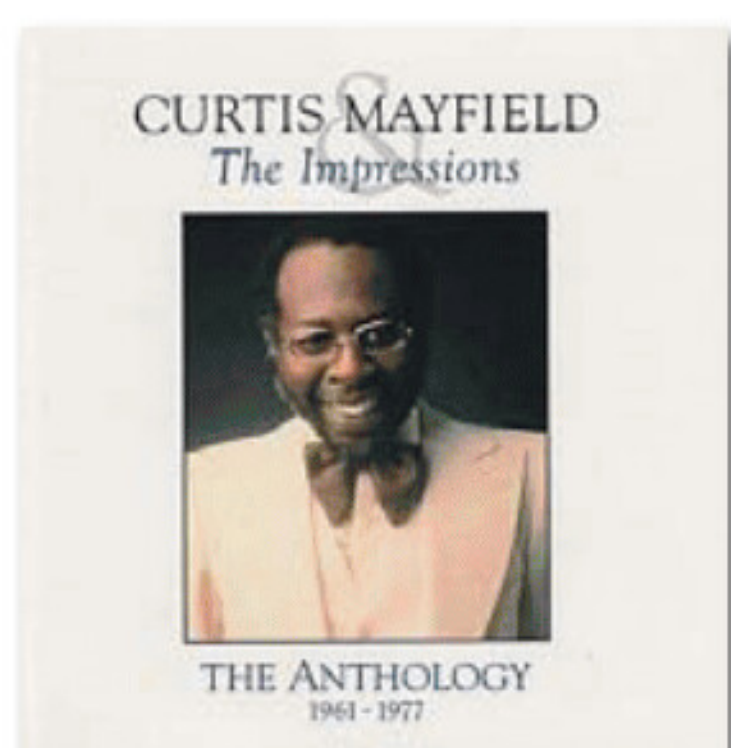
Depois de *Toys in the Attic* provar que o Aerosmith era mais do que uma caricatura dos Stones, a banda mostrou a que veio no álbum apropriadamente chamado *Rocks*, uma disparada de músicas aceleradas. Em uma era de grandiosidade nos estádios, faixas como “Back in the Saddle” e “Last Child” mantinham a banda com os pés no chão.



177. One Nation Under a Groove

Funkadelic Warner Bros., 1978

O primeiro disco do Funkadelic a vender um milhão de cópias enfileira músicas com um groove capaz de alterar a mente – da colossal faixa-título, passando pelo soul sensual cósmico de “Into You” e chegando à filosofia escatológica de “The Doo Doo Chasers”.



178. The Anthology: 1961-1977

Curtis Mayfield & the Impressions Curtom, 1992

Mayfield pregava a consciência sociocultural ao mesmo tempo em que lançava baladas (“Gypsy Woman”), hinos inspiracionais (“People Get Ready”, “Move On Up”) e narrativas ousadas sobre as ruas (“Superfly”).



179. The Definitive Collection

Abba Universal, 2001

O quarteto sueco dominou as paradas na década de 1970 com um pop que beirava a perfeição. O desespero nórdico se escondia por trás de canções que foram sucesso mundial como “Fernando”, “Dancing Queen” e outras incluídas nesta compilação.



180. The Rolling Stones, Now!

The Rolling Stones London, 1965

A exuberância permeia o terceiro lançamento dos Stones nos Estados Unidos, com interpretações quentes de canções de Chuck Berry, Bo Diddley, Willie Dixon e Muddy Waters. A autoral “Heart of Stone” introduz um elemento crucial dos Stones: ameaça.



181. Natty Dread

Bob Marley & the Wailers Island, 1974

O primeiro álbum dos Wailers a dar destaque a Bob Marley tem música rebelde e multifacetada – da abertura “Lively Up Yourself” (sobre dança ou revolução ou ambas as coisas) a “No Woman, No Cry”, um hino de luta e esperança com sabor gospel.



182. Fleetwood Mac

Fleetwood Mac Reprise, 1975

O primeiro álbum de Mick Fleetwood, John McVie e sua esposa Christine com o casal californiano Lindsey Buckingham e Stevie Nicks gerou grandes hits radiofônicos, entre eles “Say You Love Me” e “Rhianon”, e moldou as ricas harmonias e melodias que a banda aperfeiçoou em *Rumours*.



183. Red Headed Stranger

Willie Nelson Columbia, 1975

Este álbum conceitual foi pioneiro na country music. Ele se tornou um dos maiores sucessos de Nelson – uma narrativa honesta falando de assassinato e infidelidade, com música simples, mas ambiciosa.



Madonna:
domínio no palco



184. The Immaculate Collection

Madonna Sire, 1990

Um álbum perfeito para entender Madonna: ele tem o pop atemporal de "Holiday", as provocações em "Papa Don't Preach", o pique dançante de "Into the Groove" e a polêmica ode sexual "Justify My Love", produzida pelo na época novato Lenny Kravitz.



185. The Stooges

The Stooges Elektra, 1969

Movidos por "um pouco de maconha e muita alienação", os Stooges, de Michigan, contradisseram o idealismo hippie com ferocidade. John Cale, ex-integrante do Velvet Underground, produziu esta estreia primitiva na qual Iggy Stooze (nascido James Osterberg) rosou clássicos seminais do punk como "I Wanna Be Your Dog", "No Fun" e "1969".



186. Fresh

Sly and the Family Stone

Epic, 1973

Com o desenrolar dos anos 1970, Stone se tornou cada vez mais sem rumo, mas tinha mais uma carta na manga: a inebriante "If You Want Me to Stay", cercada aqui por faixas bastante peculiares, como uma versão para "Que Sera, Sera", sucesso de Doris Day.



187. So

Peter Gabriel Charisma, 1986

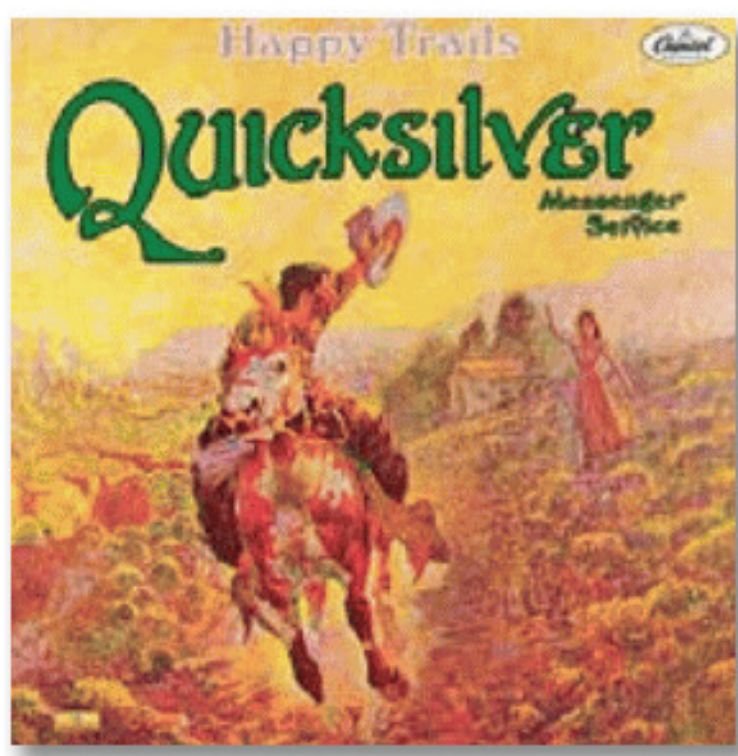
Em 1982, Gabriel entrou de cabeça no funk com o single "Shock the Monkey". Levou quatro anos para ele lançar um novo disco de estúdio, mas *So* chegou com a visceral "Sledgehammer", a animada "Big Time", a balada gótica "In Your Eyes" e a inspiradora "Don't Give Up", dueto com Kate Bush.



188. Buffalo Springfield Again

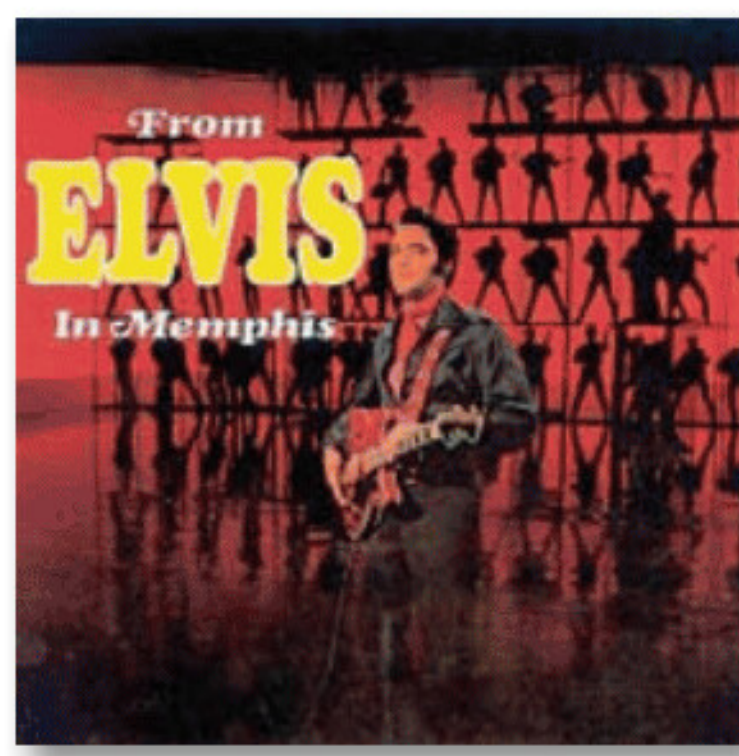
Buffalo Springfield ATCO, 1967

O segundo disco da banda tem o folk rock de Los Angeles criado por Stephen Stills, o country rock pioneiro de Richie Furay e duas joias de Neil Young: a crua "Mr. Soul" e a suíte "Broken Arrow".



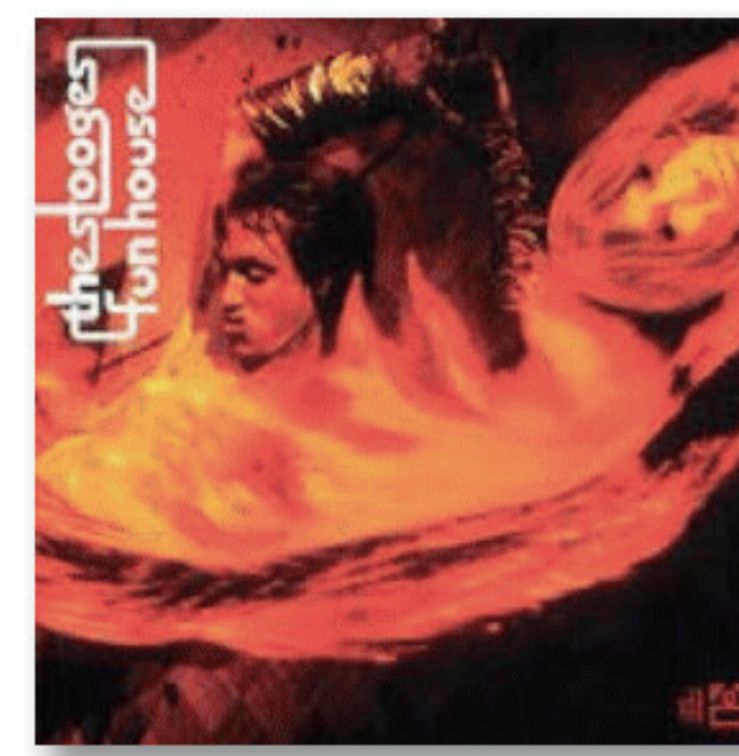
189. Happy Trails
Quicksilver Messenger Service
 Capitol, 1969

Esta é a gravação ao vivo definitiva para sentir a experiência dos bailes psicodélicos do final da década de 1960. O segundo álbum desta banda de acid blues de São Francisco captura os dois guitarristas em pleno voo. A épica “Calvary” prova que a psicodelia era mais do que só viajar.



190. From Elvis in Memphis
Elvis Presley RCA Victor, 1969

“Tive que sair da cidade por um tempo”, Presley canta ao abrir o álbum. O Rei estava de volta. Com um time de músicos craques de Memphis, Presley habilmente canta country, gospel, soul, pop e, em “In the Ghetto”, passa uma mensagem social.



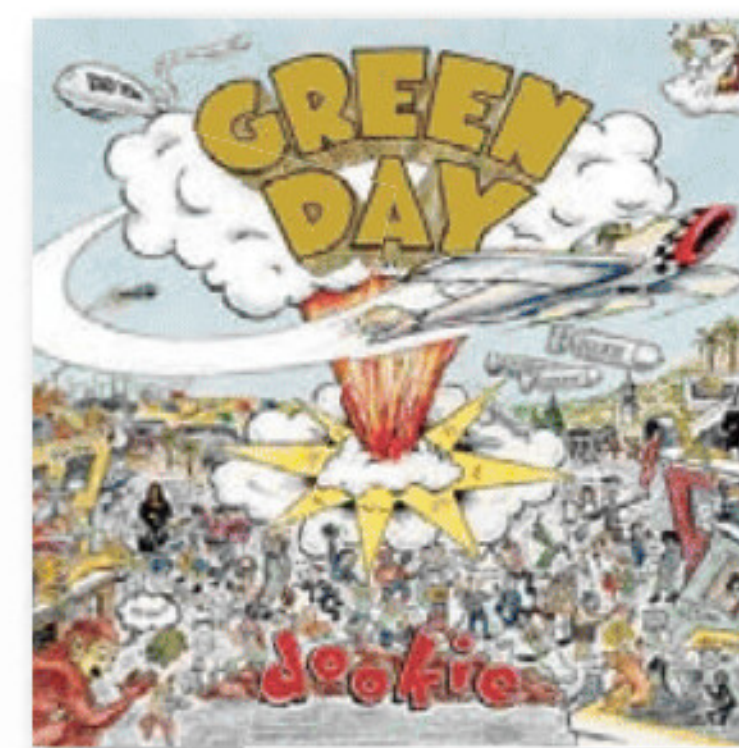
191. Fun House
The Stooges Elektra, 1970

Com Don Gallucci, o descolado ex-tecladista do grupo Kingsmen, produzindo este segundo álbum, o incansável “groove troglodita” dos Stooges conseguiu se desenvolver de forma psicótica e intensa. “Eu meto fundo”, Iggy Pop rosna em “Loose”, e torpedos punk como “Down on The Street” e “T.V. Eye” cumprem essa promessa.



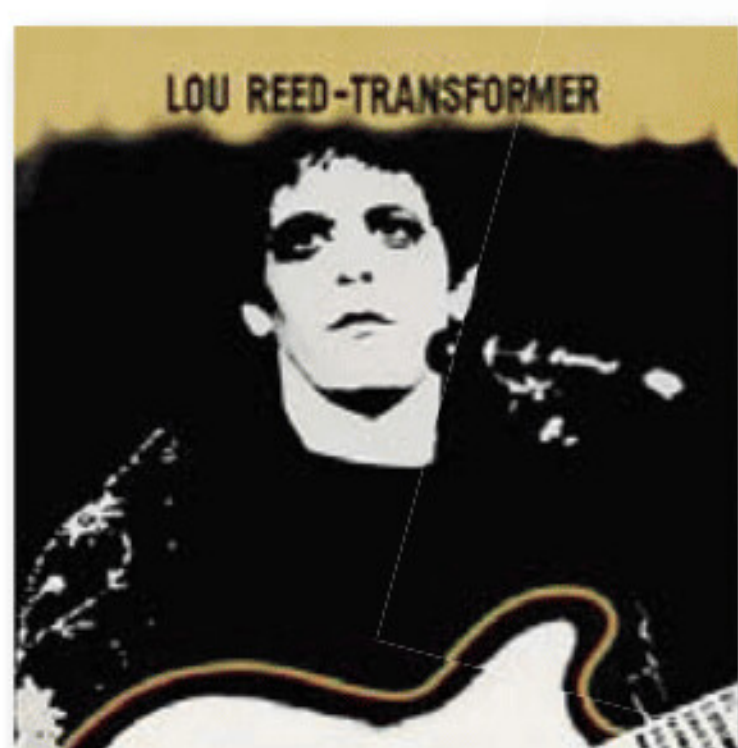
192. The Gilded Palace of Sin
The Flying Burrito Brothers
 A&M, 1969

Este influente disco de country rock feito pelos ex-The Byrds Gram Parsons e Chris Hillman tem hinos caipiras feitos em Los Angeles, soul hippie temente a Deus e belas harmonias em duas vozes.



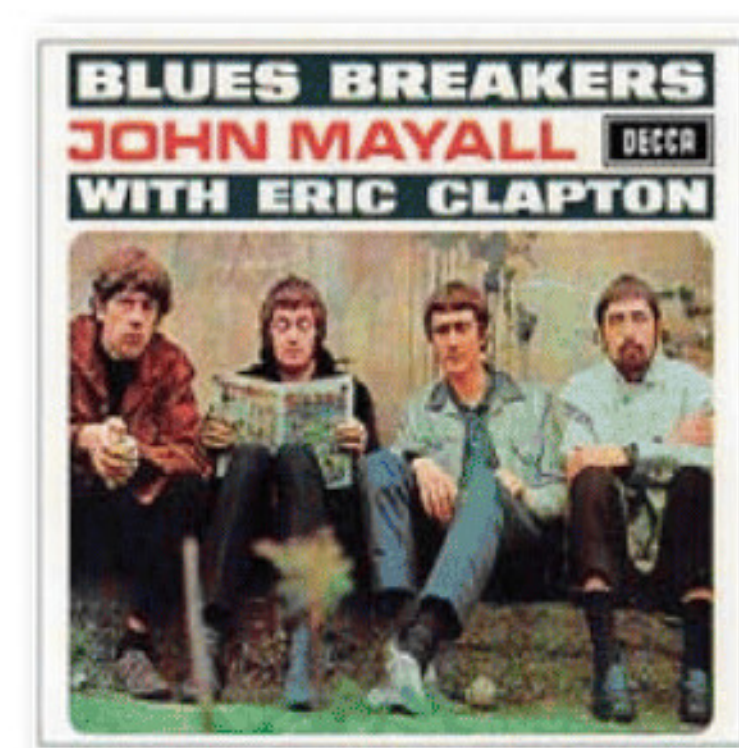
193. Dookie
Green Day Reprise, 1994

O álbum que marcou a volta do pop punk dos anos 1990. O vocalista e guitarrista Billie Joe Armstrong cozinhou o tédio suburbano em doses herméticas de três minutos como “Welcome to Paradise”, “Basket Case” e o contagiante hit “Longview” – que ele descreveu como “autoterapia barata por ver TV demais”.



194. Transformer
Lou Reed RCA, 1972

David Bowie tinha o ex-líder do Velvet Underground como uma grande inspiração e retribuiu produzindo o melhor álbum de Reed. *Transformer* tem exibicionismo glam, cortesia do guitarrista Mick Ronson. “Walk on the Wild Side” levou drag queens e vigaristas para as paradas.



195. Blues Breakers
John Mayall With Eric Clapton
 Decca, 1969

Os solos do ex-Yardbirds Eric Clapton neste álbum geraram a expressão “Clapton é Deus”. A banda faz covers magistrais de Robert Johnson e Freddie King, e estende “What’d I Say” (Ray Charles) com um longo solo de bateria que antecipa o Cream.



196. Nuggets

Vários Artistas Elektra, 1972

Esta compilação dupla de 27 faixas foi organizada pelo crítico e guitarrista Lenny Kaye e tem o melhor do rock de garagem da década de 1960, incluindo faixas de Count Five, The Music Machine, Blues Magoos, The Standells, The Seeds e outros. São canções breves e divertidas que inspiraram toda uma geração de punks e bandas barulhentas.



197. Murmur

R.E.M. I.R.S., 1983

Murmur foi a pedra de fundação do rock alternativo, lançado quando a Geração X estava entrando na faculdade. O R.E.M. conseguiu envolver as faixas em uma espécie de mistério catártico. A guitarra de Peter Buck cintila e o cantor Michael Stipe declama as letras em um tom grave como se elas constituíssem um novo idioma sonoro.

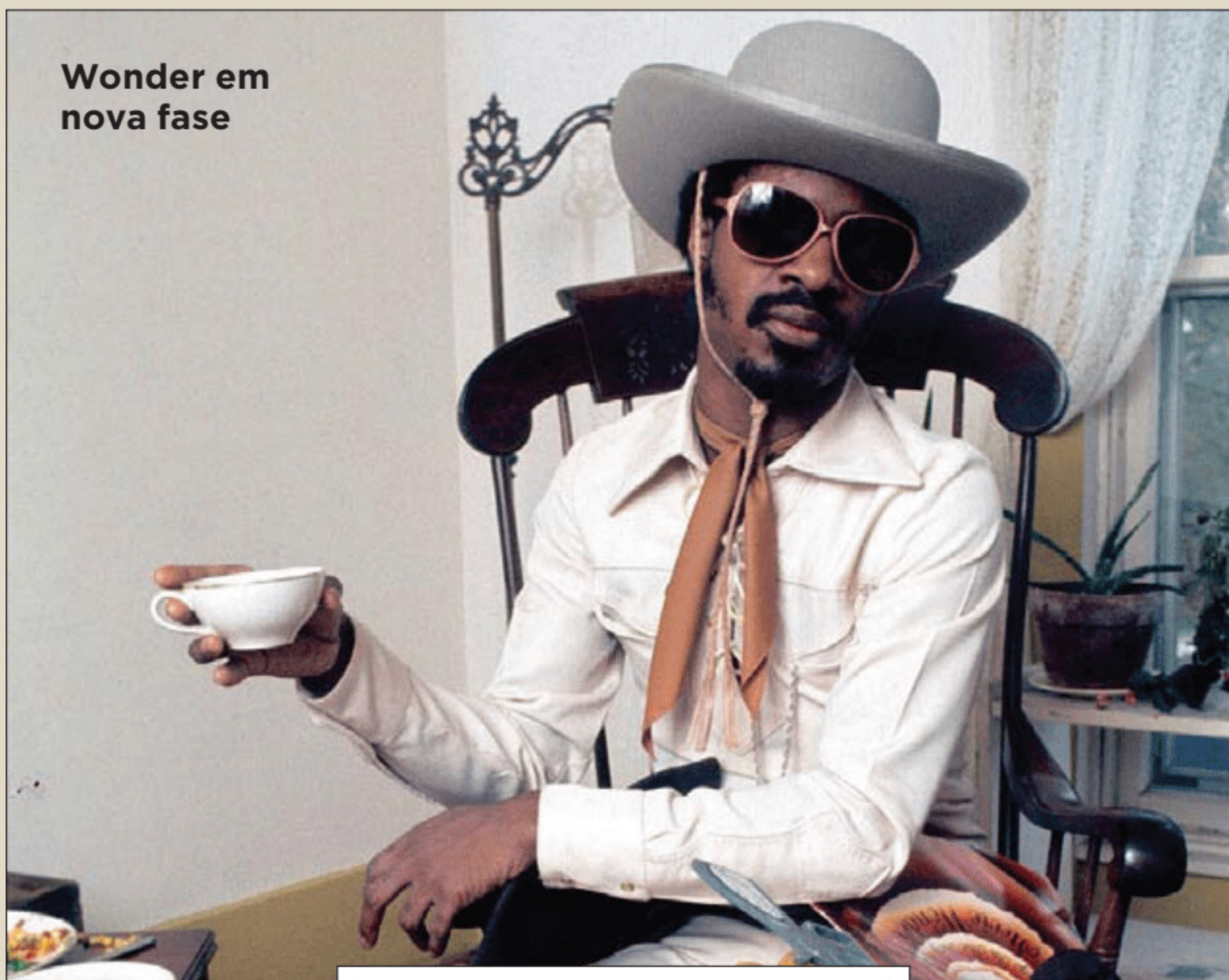


198. The Best of Little Walter

Little Walter Chess, 1957

Little Walter atacava a gaita com a autoridade dos saxofonistas de hard bop que ele amava, trazendo um som dinâmico para o blues de Chicago. Em 1952, a intensa "Juke" chegou ao topo das paradas de R&B.

Wonder em nova fase

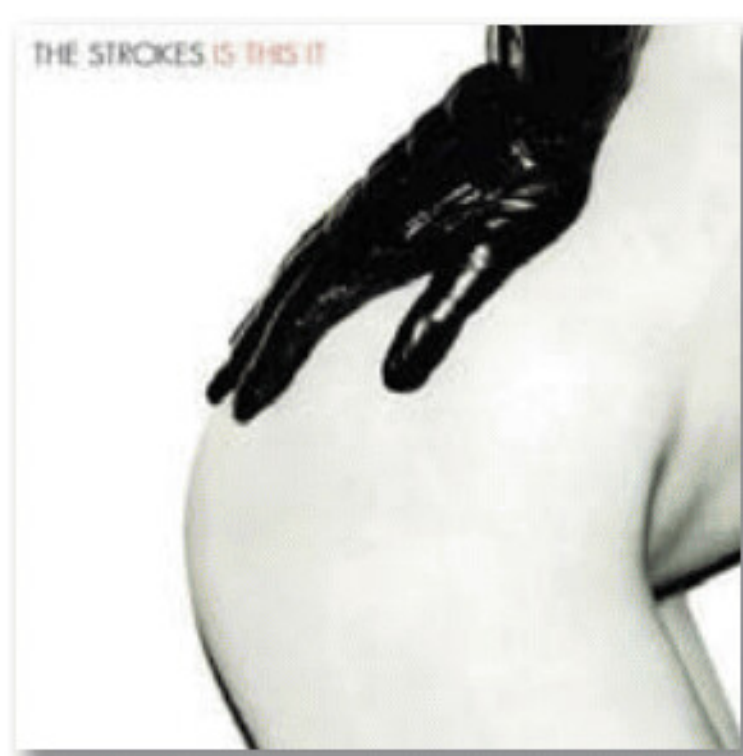


POR TRÁS DE...

Songs in the Key of Life

Stevie Wonder

M ESES ANTES DO FIM DAS SESSÕES DE GRAVAÇÃO para *Songs in the Key of Life*, os músicos da banda de Stevie Wonder costumavam usar camisetas que diziam: "Estamos quase acabando". Foi a resposta padrão a fãs e executivos da Motown que estavam esperando dois anos pelo próximo capítulo de Wonder nos impressionantes anos 1970. "Sentíamos como se o mundo inteiro estivesse esperando por isso", lembra o tecladista Greg Phillinganes. ¶ Muitos na indústria aconselharam Wonder a não fazer um disco duplo, mas ele "acreditava que havia muita coisa que precisava ser dita", como contou à BBC. Mais, na verdade, do que ele conseguiria colocar em um álbum duplo – também houve um disco bônus com quatro faixas adicionais. *Songs...*, lançado em 1976, abrange uma gama incrível de experiências de vida – da alegria pura de um bebê na banheira ("Isn't She Lovely", com a participação de Aisha Morris, filhinha de Wonder) a um tributo a seus heróis musicais ("Sir Duke", sobre Duke Ellington). ¶ Wonder começava a gravar sozinho, no piano elétrico ou na bateria, depois murmurava um esboço dos vocais, e chamava os músicos quando necessário. "Eram três da manhã e você tinha de ir [ao estúdio], mas era sempre ótimo quando se estava lá", conta Phillinganes. Embora o cantor memorizasse muitas das letras, algumas músicas tinham quatro ou cinco versos complicados, então alguém lia as palavras pelo fone de ouvido de Wonder segundos antes de ele cantá-las. "Ele nunca se confundia", espanta-se o engenheiro John Fischbach. "Os vocais dele tinham muito poder e presença."



199. **Is This it** The Strokes RCA, 2001

A estreia do quinteto The Strokes foi uma algarria de guitarras que fez as sombras de Nova York parecerem cruéis e empolgantes novamente. *Is This it* mistura a imundície do Velvet Underground e o balanço da new wave com as meditações de Julian Casablancas, típicas do Lower East Side – às vezes ácidas, mas sempre cheias de ótima melodia.



200. **Highway to Hell** AC/DC Albert, 1979

Bon Scott era uma força da natureza movida a uísque e, no quarto álbum do AC/DC, ele e o guitarrista Angus Young se transformaram em uma dupla responsável por músicas matadoras. No entanto, os excessos de Scott tiveram um preço muito alto – ele morreu seis meses depois do lançamento de *Highway to Hell*.



201. **The Downward Spiral** Nine Inch Nails Nothing, 1994

Enfurnado na casa que tinha sido de Sharon Tate, vítima da família Manson, Trent Reznor construiu uma meditação opressora sobre o tema central do NIN: controle.



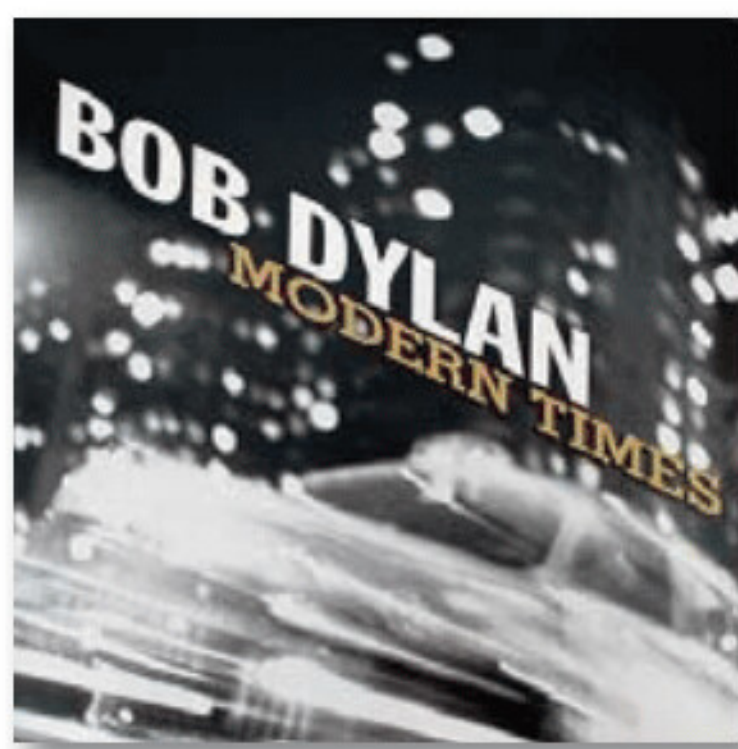
202. **Parsley, Sage, Rosemary and Thyme** Simon and Garfunkel Columbia, 1966

O LP da dupla tem a descontraída “The 59th Street Bridge Song (Feeling’ Groovy)” e as intelectuais “For Emily, Whenever I May Find Her” e “The Dangling Conversation”.



203. **Bad** Michael Jackson Epic, 1987

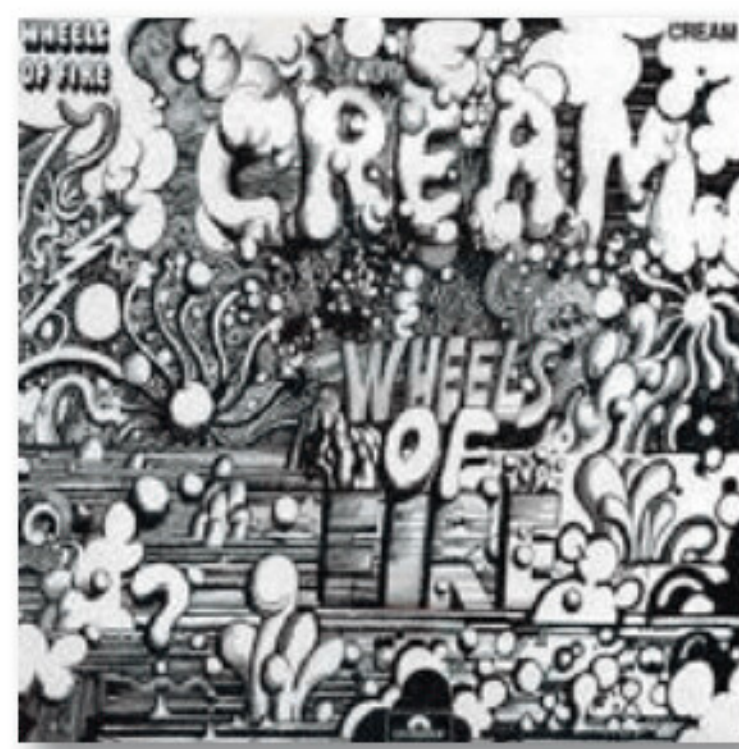
Bad, o muito esperado sucessor de *Thriller*, adicionou mais hits à coleção de Jackson: “Bad”, “The Way You Make Me Feel” e “Man in the Mirror”. Ele também começou a desabafar sobre algumas de suas emoções mais sombrias na fantasia violenta de “Smooth Criminal” e na paranoia de “Dirty Diana”.



204. Modern Times

Bob Dylan Columbia, 2006

Aqui é a história se repetindo – com Dylan ecoando o blues de Slim Harpo e Memphis Minnie e se recusando a se dobrar até nos ventos mais fortes. “Coração queimando, ainda ansiando”, ele canta em “Ain’t Talkin’”, a última faixa do álbum, uma caminhada orgulhosa por uma terra sem vida que Woody Guthrie logo teria reconhecido.



205. Wheels of Fire

Cream Polydor, 1968

Metade disco de estúdio, metade álbum ao vivo, *Wheels of Fire* não apenas tem a faixa definitiva do Cream – “White Room” –, mas também é a prova irrefutável da maestria da guitarra de Eric Clapton. “Crossroads”, uma releitura ao vivo do clássico de Robert Johnson, conta com um dos solos mais incendiários já gravados.



206. Dirty Mind

Prince Warner Bros., 1980

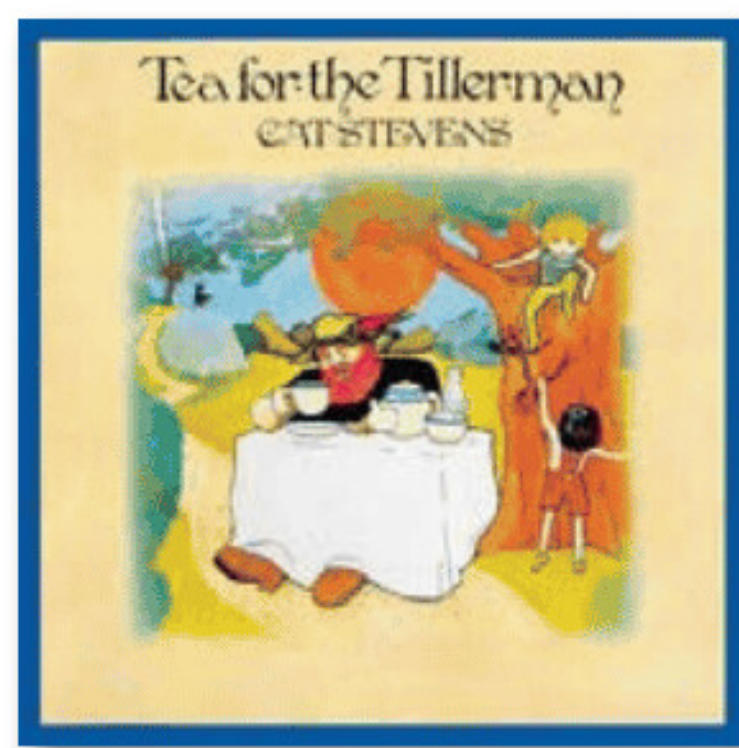
Uma mistura de funk provocante, rock com sintetizadores e insinuação sexual, *Dirty Mind* é uma obra-prima do R&B dos anos 1980. O álbum inclui a alegre e dúbia “When You Were Mine” e “Sister”, uma faixa sobre incesto. “Eu não estava sendo deliberadamente provocante”, afirmou Prince. “Estava sendo deliberadamente eu mesmo.”



207. Abraxas

Santana CBS, 1970

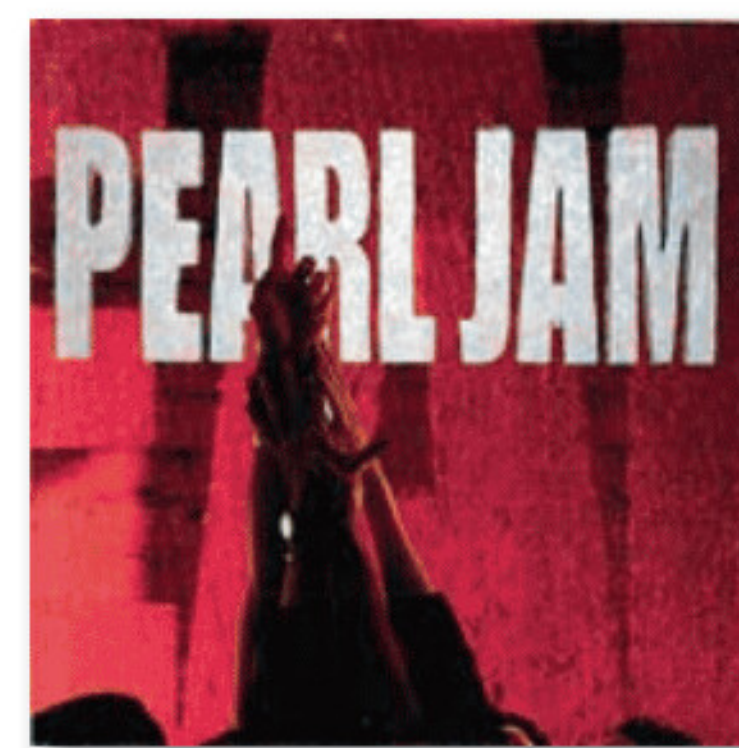
“Black Magic Woman”, o hit de *Abraxas*, define o Santana: grooves afrolatinos com uma guitarra blues psicodélica lírica e cortante. É uma cover de uma música do Fleetwood Mac composta pelo guitarrista Peter Green, um dos heróis de Carlos Santana. O outro hit do álbum também foi uma releitura: “Oye Como Va”, de Tito Puente.



208. Tea for the Tillerman

Cat Stevens Island, 1970

Os sofisticados arranjos de pop barroco fizeram deste o álbum mais ambicioso e pessoal do cantor folk britânico. As letras de “Wild World” e “Hard Headed Woman” mostram Cat Stevens condenando as atitudes da ex-mulher, a modelo Patti D’Arbanville.



209. Ten

Pearl Jam Epic, 1991

Quando este álbum de estreia foi lançado, o Pearl Jam competia com o Nirvana na seara grunge. O fato é que *Ten* foi igualmente importante para mudar o panorama: o grunhido trêmulo e agonizante de Eddie Vedder e os solos de guitarra lamentosos de Mike McCready em “Alive” e “Jeremy” empurram essas duas faixas para a beira do precipício.



210. Everybody Knows This is Nowhere

Neil Young with Crazy Horse
Reprise, 1969

Young e o Crazy Horse estavam juntos havia alguns meses quando gravaram este álbum – e as jams produzidas aqui soam livres, no melhor sentido possível.



211. Wish You Were Here

Pink Floyd Harvest, 1975

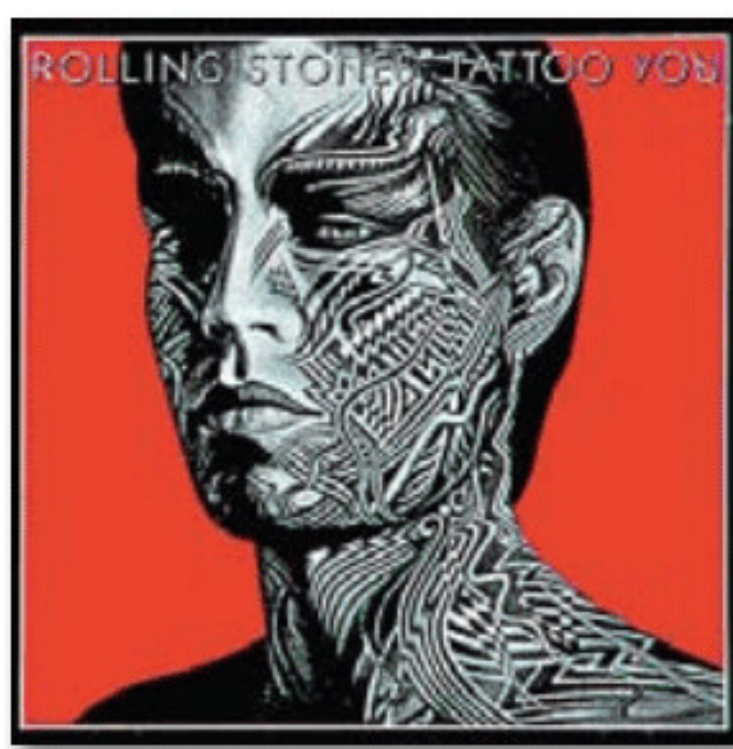
O sucessor de *The Dark Side of the Moon* foi mais um ensaio sobre a loucura cotidiana – completado pela suíte “Shine On You Crazy Diamond”, uma alusão tocante ao errante ex-membro e fundador Syd Barrett.



212. Crooked Rain, Crooked Rain

Pavement Matador, 1994

O segundo álbum do Pavement fala de amor e rock, com pop suingado e trechos ruidosos e líricos. “Range Life” atacava os Smashing Pumpkins enquanto buscava o jeito certo de passar a mensagem.



213. Tattoo You

The Rolling Stones

Rolling Stones Records, 1981

Apesar de ter sido lançado oficialmente em 1981, *Tattoo You* foi montado com sobras de estúdio. Mick Jagger tirou o pó do material rejeitado e o resultado mostrou consistência. O rock “Start Me Up” e a balada “Waiting on a Friend”, uma radiografia da amizade de Jagger com Keith Richards, foram os hits.



214. Proud Mary: The Best of Ike and Tina Turner

Ike and Tina Turner EMI, 1991

Nos primeiros singles, a exemplo de “A Fool in Love”, Tina Turner mostra poder selvagem e vulnerabilidade. Então, vêm as covers de rock, o funk dos anos 1970 e, é claro, a épica “River Deep, Mountain High”.



215. New York Dolls

New York Dolls Mercury, 1973

“Você transaria com Frankenstein?”, a banda perguntava (e não estava brincando). O quinteto pegou riffs de pioneiros do rock e os enriqueceu com atitude nova-iorquina. Produzidas por Todd Rundgren, músicas como “Personality Crisis” transbordam sordidez e estilo. O New York Dolls já antecipava a revolução punk.



216. Bo Diddley/Go Bo Diddley

Bo Diddley MCA, 1986

A influência de Diddley é incalculável, da batida incomum de “Pretty Thing” ao acelerado canto de blues dele. Este lançamento – que junta os dois primeiros discos do bluesman – tem inúmeros clássicos, incluindo “I’m a Man” e “Who Do You Love?”.



217. Two Steps From the Blues

Bobby Bland Duke, 1961

O gemido gutural de Bland é simbolizado por clássicos como “Little Boy Blue” e “Cry, Cry, Cry”, que apagam qualquer distinção entre blues e soul. “I Pity the Fool” e “Lead Me On” também são faixas puras e simplesmente arrasadoras.



218. The Queen Is Dead

The Smiths Rough Trade, 1986

Os reis do rock lamurioso inglês merecem este título com base neste álbum. O disco mais melódico do quarteto The Smiths está cheio de angústia (“The Queen Is Dead”), tristeza épica (“There Is a Light That Never Goes Out”) e crítica social (“Frankly, Mr. Shankly”). *The Queen is Dead* foi a trilha sonora para os deprimidos dos anos 1980.



219. Licensed to Ill

Beastie Boys Def Jam, 1986

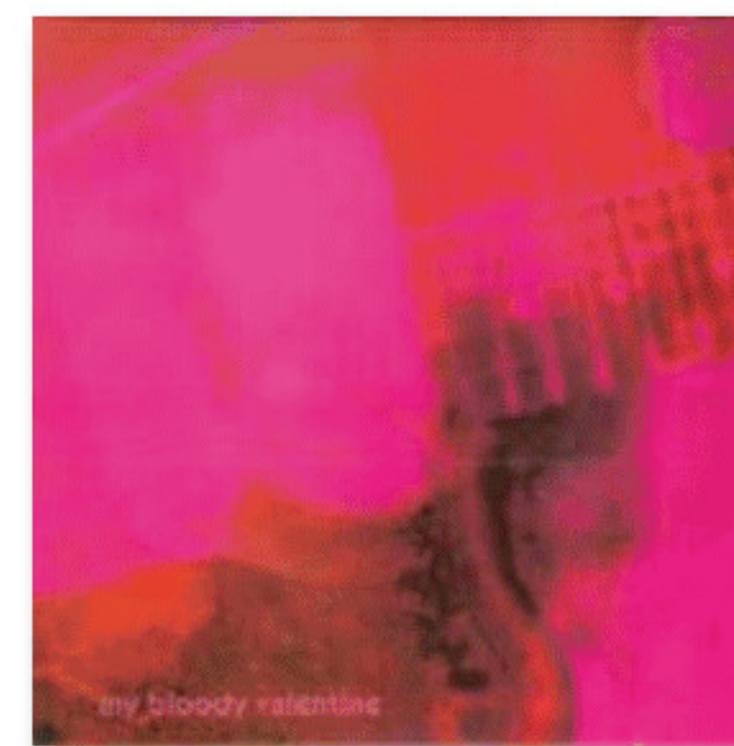
Gravado quando o trio de rap de Nova York mal tinha saído do ensino médio, *Licensed to Ill* segue como uma combinação revolucionária de batidas de hip-hop, riffs de metal e algumas das rimas mais exuberantes e espertas já feitas. É o álbum de rap mais vendido dos anos 1980.



220. Look-Ka Py Py

The Meters Josie, 1970

O segundo álbum dos mestres do ritmo de Nova Orleans exemplifica o groove elementar do grupo. Esses instrumentais são a base de um funk criado pelos deuses, com destaque para o baixo monstruoso de George Porter Jr. e a incrível bateria de Ziggy Modeliste.



221. Loveless

My Bloody Valentine

Creation, 1991

O quarto álbum do MBV é uma obra-prima do estilo shoegazer. *Loveless* custou 250 mil libras e valeu cada centavo, expandindo as possibilidades do ruído como melodia ao combinar estrondos vertiginosos de guitarra e os vocais etéreos de Bilinda Butcher.



222. New Orleans Piano

Professor Longhair Atlantic, 1972

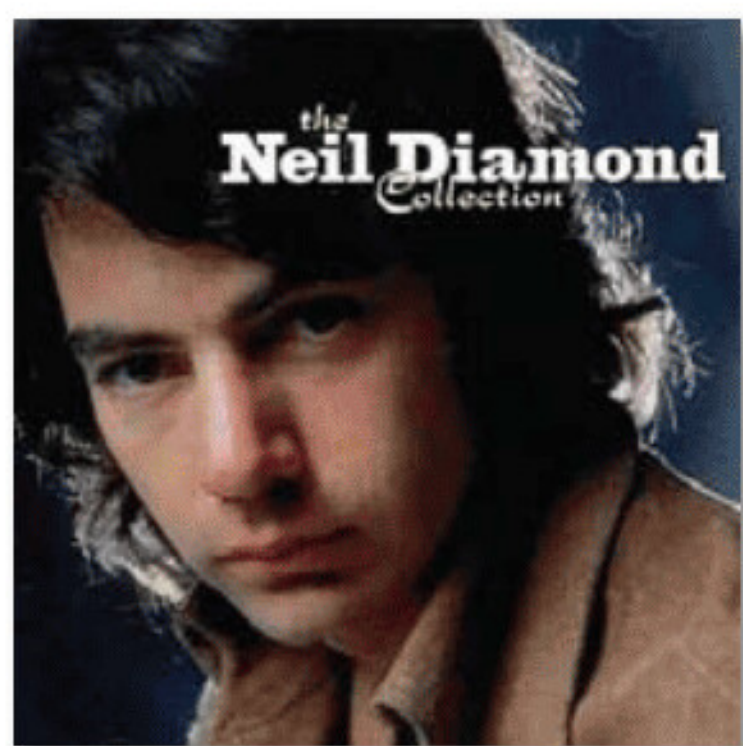
Nunca vai existir um pianista mais divertido que Henry Byrd, mais conhecido como Professor Longhair. *New Orleans Piano* reúne os singles que o influente músico lançou pela Atlantic Records de 1949 a 1953, incluindo “Mardi Gras in New Orleans”, uma embriagante celebração aos prazeres da cidade que foi berço do jazz.



223. War

U2 Island, 1983

O U2 já estava prestes a se tornar uma das bandas mais importantes dos anos 1980 quando lançou o terceiro álbum. É o disco mais abertamente político da banda, com músicas sobre o movimento Solidariedade, da Polônia (“New Year’s Day”), e tumultos sociais que dividiam a Irlanda (“Sunday Bloody Sunday”).



224. The Neil Diamond Collection

Neil Diamond MCA, 1999

A voz melodramática de Diamond é o principal atrativo de inúmeros hits que marcaram época nas décadas de 1960 e 1970 como “Sweet Caroline”, “Song Sung Blue”, “Cherry, Cherry” e “I Am... I Said”.



Aretha em ação no estúdio

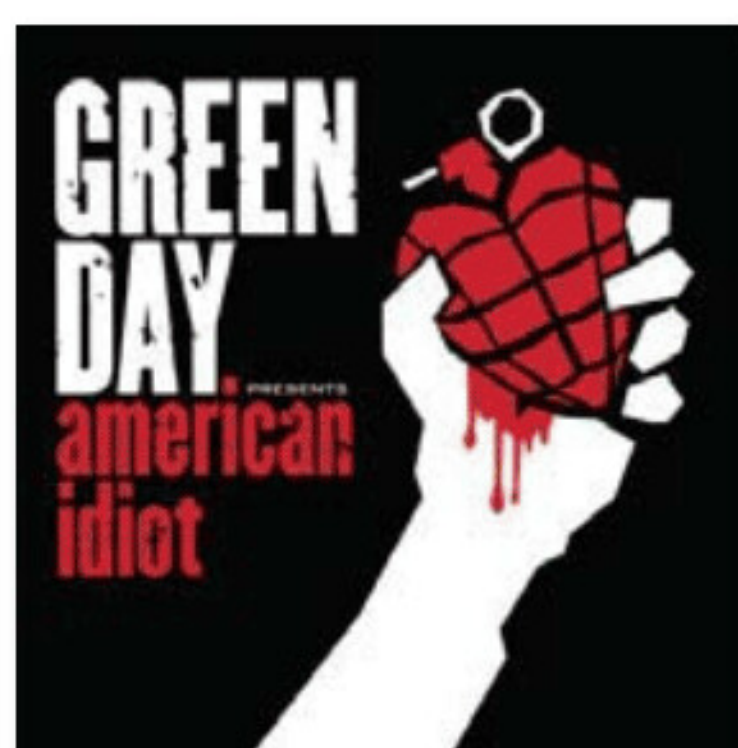
POR TRÁS DE...

Lady Soul Aretha Franklin

A O RELEMBRAR *LADY SOUL*, ÁLBUM QUE LANÇOU EM 1968, Aretha Franklin provou que, quando se trata de respeito, ela é capaz de dar tanto quanto recebe. Elogiou o fabuloso trabalho do produtor Jerry Wexler, do arranjador Arif Mardin e do engenheiro Tom Dowd, a tríade que ajudou a polir seu estilo sexualmente carregado com toques de gospel. Em seguida, agradeceu a compositores como Don Covay, que contribuiu com “Chain of Fools”, e Carole King, cuja balada “(You Make Me Feel Like) A Natural Woman” (coescrita com Wexler e Gerry Goffin) à comovia profundamente. “[A *letra*] representava a minha experiência pessoal”, contou Aretha. “Não era sobre a liberdade feminina – era só o que eu precisava dizer.” ¶ No entanto, claro, a maior parte do crédito por *Lady Soul* pertence à própria Dama do Soul. “Para mim, vindo da Europa e de uma história no jazz, aquelas sessões foram como ir à escola – à Universidade do Soul de Aretha Franklin”, afirmou Mardin, que descreveu a artista como tendo sido “muito gentil, tímida e modesta”, mas acrescentou que a jovem diva nunca hesitou em afirmar sua autoridade. “Seu jeito de tocar o piano foi um dos aspectos mais importantes”, disse Mardin. “Ela era o ponto de partida. Todos trabalhávamos ao redor dela.” Os resultados ainda brilham, da cover estimulante de “People Get Ready” (Curtis Mayfield) a “Ain’t No Way” (escrita por Caroly, a falecida irmã de Aretha), a sensual e delirante última faixa do disco. Mardin concluiu: “É por isso que estou neste negócio – para ter momentos como esses”.



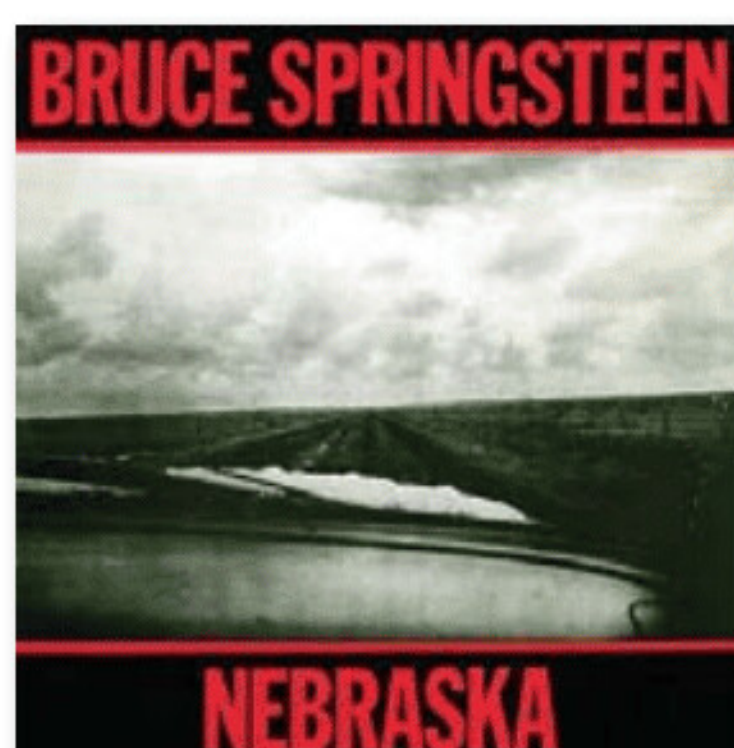
O Queen na
época de *A Night
at The Opera*



225. American Idiot

Green Day Reprise, 2004

Os irrepreensíveis pestinhas punks dos anos 1990 cresceram fazendo barulho, provando que poderiam criar um tipo de álbum conceitual à moda antiga. Billie Joe Armstrong vociferou contra a complacência política dos Estados Unidos da era Bush com ferocidade e grandeza. “Boulevard of Broken Dreams” passa o recado.



226. Nebraska

Bruce Springsteen Columbia, 1982

Registradas em um gravador no quarto de Springsteen, as músicas de *Nebraska* são demos acústicas que ele decidiu lançar sem outros complementos sonoros. Cheio de histórias sombrias, o LP termina com “Reason to Believe”, uma das músicas em que a busca de Springsteen por fé inspira a própria fé.



227. Doolittle

Pixies 4AD, 1989

Kurt Cobain reconheceu a influência do Pixies em “Smells Like Teen Spirit”. *Doolittle* é uma mistura das primeiras tempestades hardcore da banda, dos autodescritos discursos de “fluxo de inconsciência” de Black Francis e da estranha guitarra de surf-metal que definiram a magia do quarteto.



228. Paid in Full

Eric B. & Rakim

4th and B'way, 1987

O titã da velha guarda Rakim ainda pode liderar a corrida pelo posto de Melhor Rapper de Todos os Tempos, e este álbum é um grande motivo para isso. *Paid in Full* foi um dos primeiros discos de hip-hop a de fato adotar samples de funk dos anos 1970 em clássicos como a faixa-título.



229. Toys in the Attic

Aerosmith Columbia, 1975

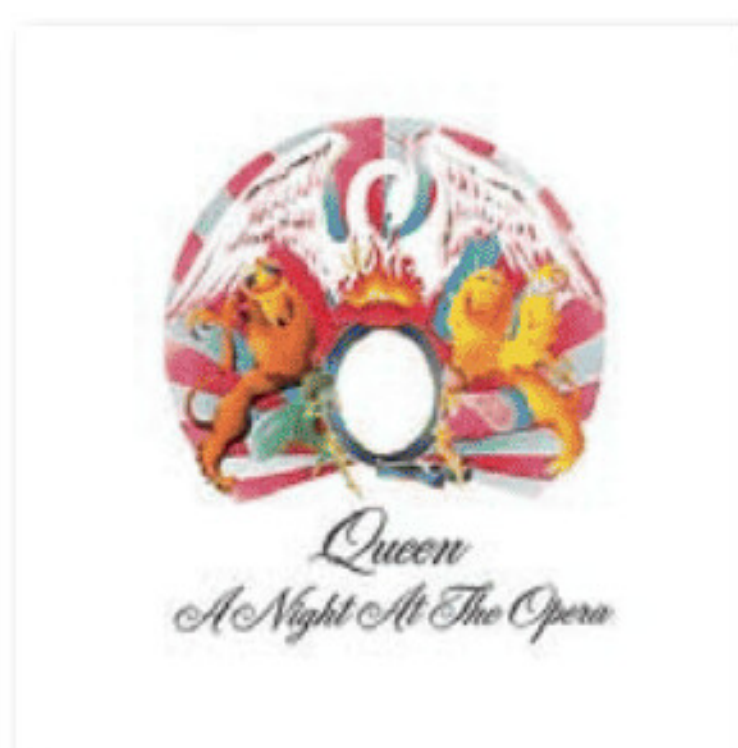
Foi em *Toys in the Attic* que o Aerosmith aperfeiçoou o som de blues rock obscuro da banda, com o guitarrista Joe Perry trazendo alguns dos riffs mais inesquecíveis dos anos 1970 e o cantor Steven Tyler aprimorando a fanfarronice em músicas inesquecíveis sobre seu tópico preferido, o sexo. Basta ouvir “Walk This Way” e comprovar.



230. Nick of Time

Bonnie Raitt Capitol, 1989

Depois de ser dispensada pela gravadora anterior, a veterana cantora e guitarrista se vingou com este álbum ganhador do Grammy. O produtor Don Was a ajudou a afiar as canções sem sacrificar o estilo de Raitt na slide guitar. Além disso, ela revelou que o décimo disco dela foi o primeiro que fez sóbria.



231. A Night at the Opera

Queen EMI, 1975

Freddie Mercury queria que o Queen fosse algo como “o [produtor] Cecil B. DeMille do rock”, e aqui foi onde a banda exagerou – especialmente em “Bohemian Rhapsody”, a música mais operística do rock.



232. The Kink Kronikles

The Kinks Reprise, 1972

Cobrindo o período 1966 a 1970, este disco compila o melhor da segunda fase da carreira dos The Kinks. “Waterloo Sunset”, uma observação sobre Londres, revela Ray Davies como um grande cronista de seu tempo.



233. Mr. Tambourine Man

The Byrds Columbia, 1965

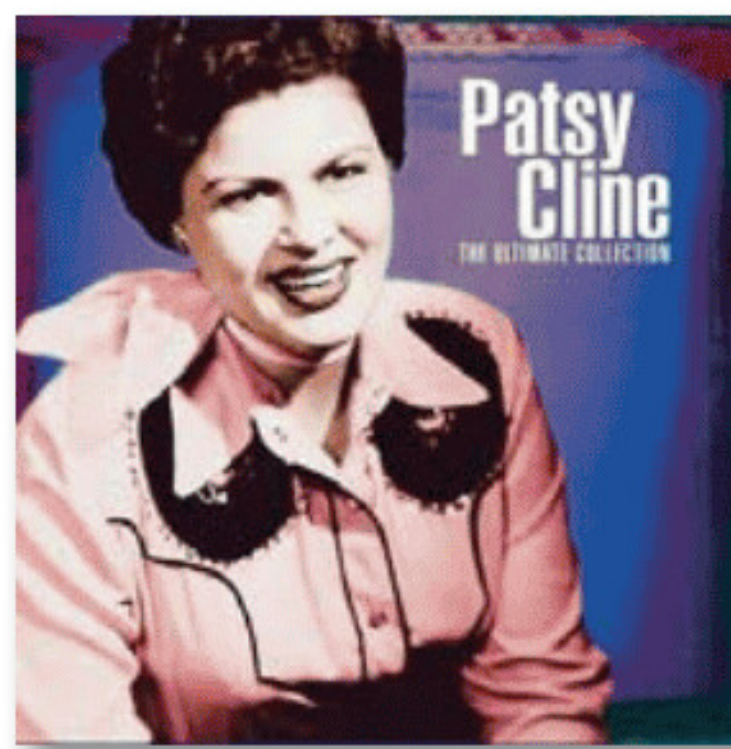
“Dá até para dançar agora!”, disse Bob Dylan ao ouvir as versões que The Byrds deram para as músicas dele, que ganharam harmonias vocais e guitarra de 12 cordas. A estreia do quinteto definiu o folk rock.



234. Bookends Simon & Garfunkel

Columbia, 1968

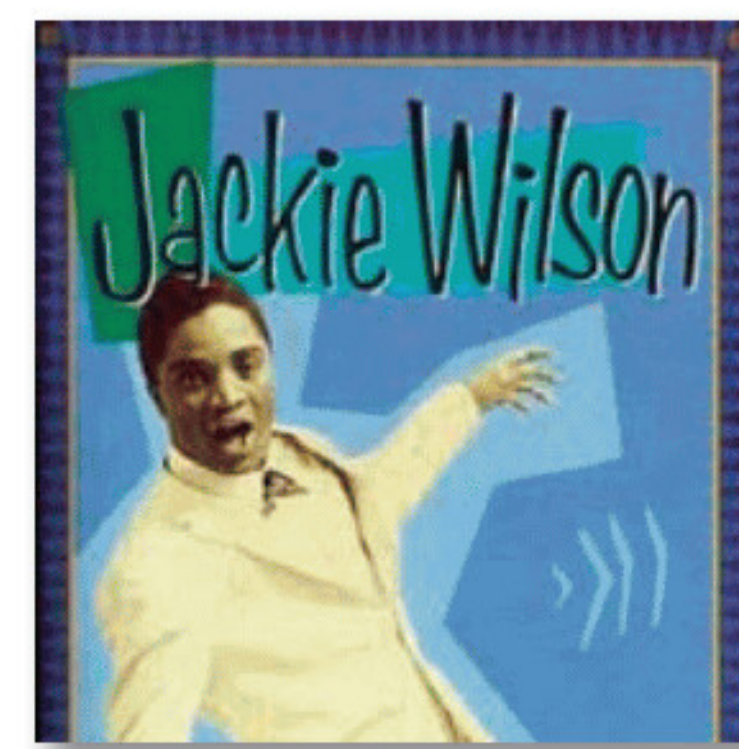
Paul Simon chamou este de “o álbum mais refinado de Simon & Garfunkel”. É o mais abrangente – uma viagem bela, mas sombria pelos Estados Unidos da época que inclui a épica “America”, “Mrs. Robinson”, tema do filme *A Primeira Noite de um Homem*, e a faixa-título, um estudo sobre a velhice.



235. The Ultimate Collection Patsy Cline

UTV, 2000

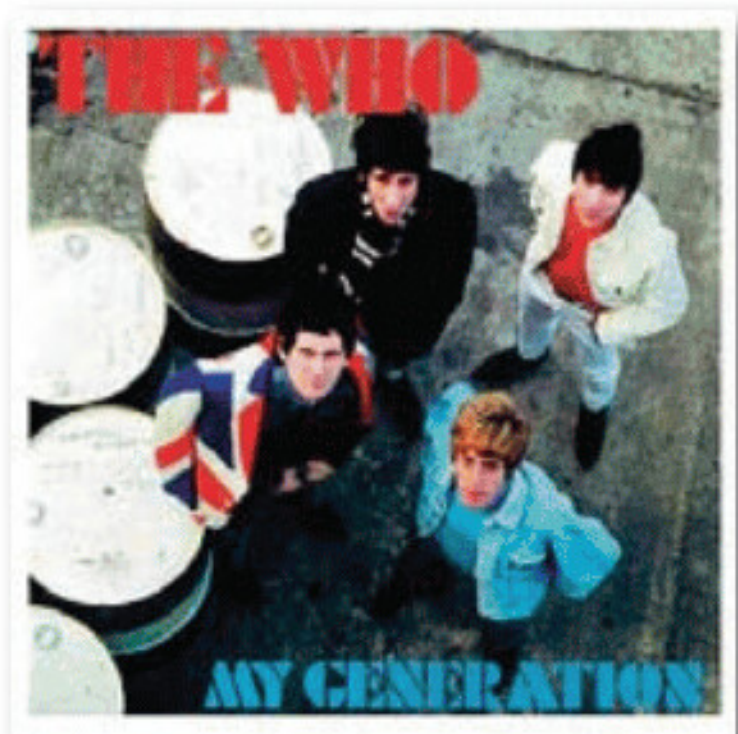
Patsy morreu em um desastre de avião em 1964 e virou lenda da country music. “Walkin’ After Midnight” e “I Fall to Pieces” foram sucessos pop, e a versão de “Crazy” foi uma benção para o compositor Willie Nelson, que passava por dificuldades na época.



236. Mr. Excitement!

Jackie Wilson Rhino, 1992

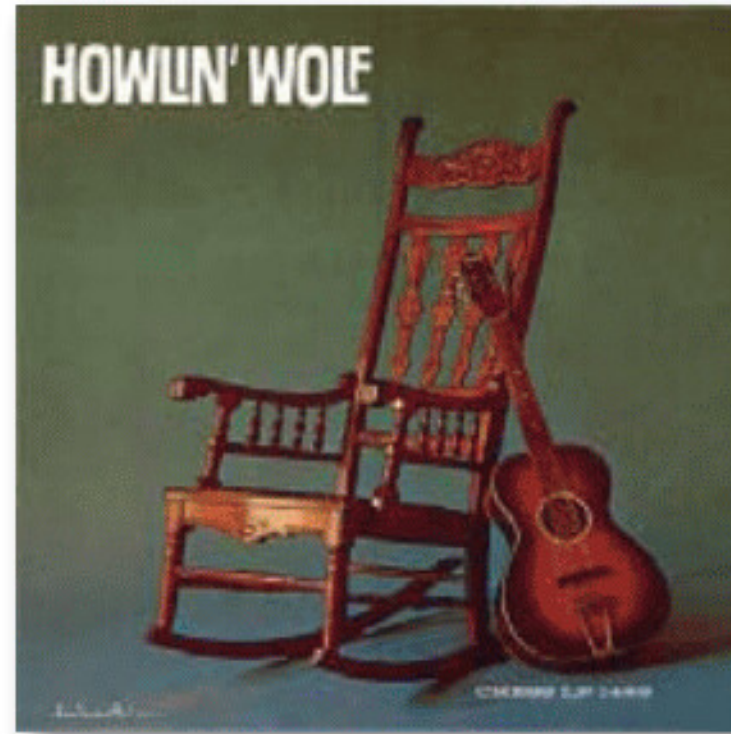
Wilson era um tremendo artista ao vivo que cantava baladas com uma voz que era, como dizia o arranjador Dick Jacobs, “como mel em raios de luar”. O destaque desta abrangente caixa com três discos – que vai dos anos 1950 aos 1970 – é a construção infinita de “(Your Love Keeps Lifting Me) Higher and Higher”.



237. My Generation

The Who Brunswick, 1965

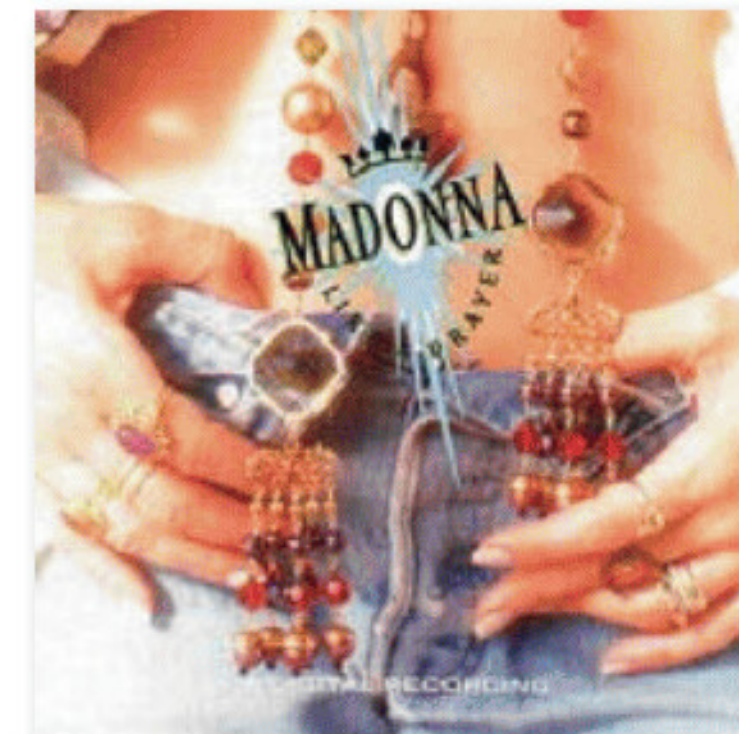
O The Who estreou em modo R&B: os power chords eram baseados nas baladas de James Brown. Quando um empresário forçou Pete Townshend a intensificar a agressividade de “My Generation”, a explosão resultante fez um buraco no futuro. A faixa instrumental “The Ox” é uma tour de force pesada e pulsante.



238. Howlin' Wolf

Howlin' Wolf Chess, 1962

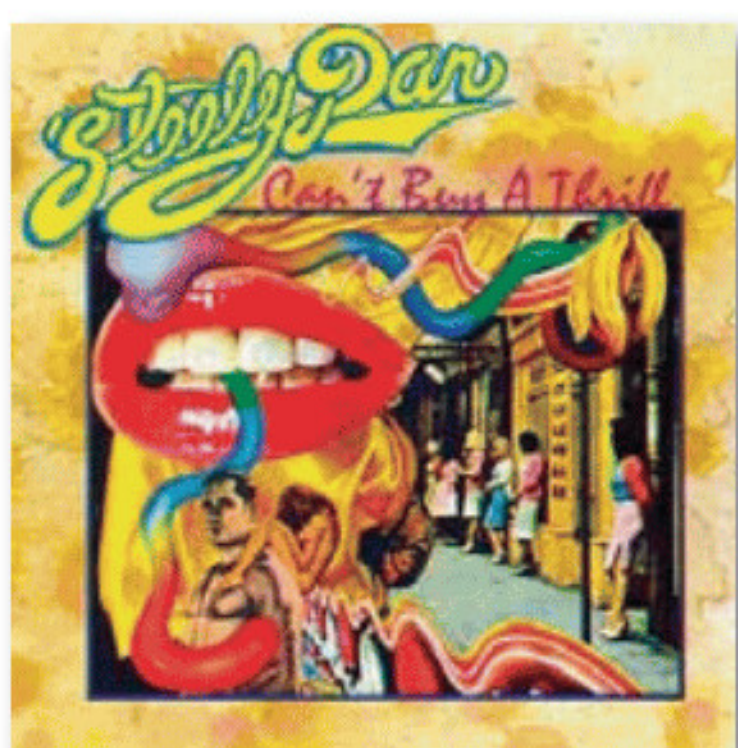
Howlin' Wolf canta um conjunto escandaloso de músicas sobre sexo compostas por Willie Dixon, incluindo “Shake for Me”, “The Red Rooster” e “Back Door Man”. Em 1971, em *The London Howlin' Wolf Sessions*, Wolf finalmente ensinou um extasiado Eric Clapton a forma certa de tocar “The Red Rooster”.



239. Like a Prayer

Madonna Sire, 1989

“Gosto do desafio de unir arte e comércio”, disse Madonna. Ela ganhou reconhecimento artístico com *Like a Prayer*, seu conjunto mais pessoal de canções até aquele momento. O álbum inclui “Till Death Do Us Part”, “Oh Father”, “Express Yourself” e a faixa-título, cujo videoclipe fez o Vaticano falar de blasfêmia.



240. Can't Buy a Thrill

Steely Dan ABC, 1972

Durante o dia, Donald Fagen e Walter Becker faziam música para outros artistas. Ensaaiavam esta estreia nos escritórios dos executivos à noite. “Tocamos rock, mas suingamos”, disse Becker. Para uma prova, basta ouvir os ritmos de cool jazz de “Do it Again” e “Reelin’ in The Years”.



241. Let it Be

The Replacements Twin/Tone, 1984

Roubar um título dos Beatles foi atrevimento; vinculá-lo a uma obra-prima do pós-punk foi um sinal de maturidade. Misturando punk e country com letras irônicas, “Unsatisfied” soa como se Paul Westerberg exigisse mais da banda e de si mesmo. Sem dúvida, ele conseguiu.



242. Run-D.M.C.

Run-D.M.C. Profile, 1984

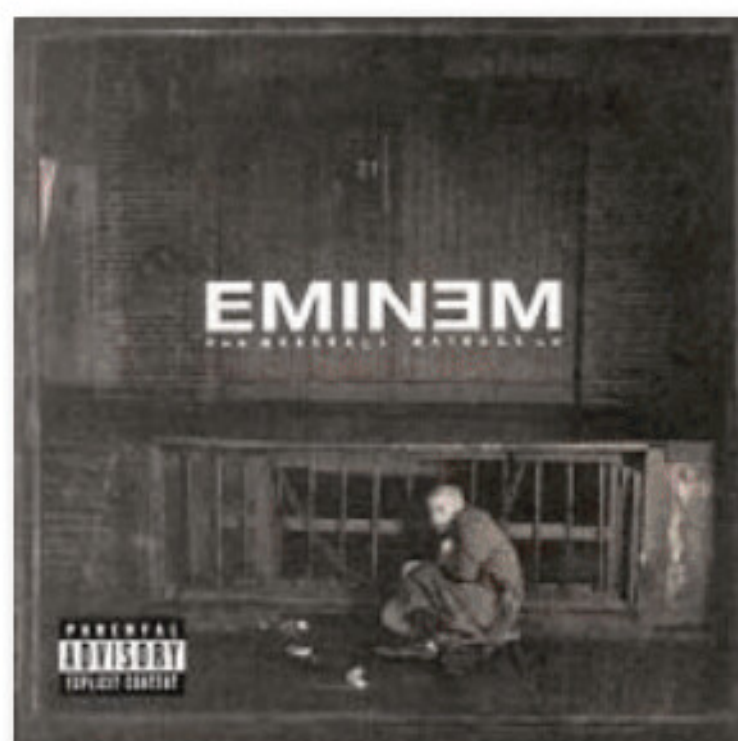
“É bom ser cru”, disse Run, e o poder metálico da guitarra em “Rock Box” provou isso. A estreia do Run-D.M.C. dispensa as rimas festeiras do começo do rap para codificar o estilo B-boy e fazer história, mostrando a forma como eles se vestiam e as batidas pesadas que escutavam.



243. Black Sabbath

Black Sabbath Vertigo, 1970

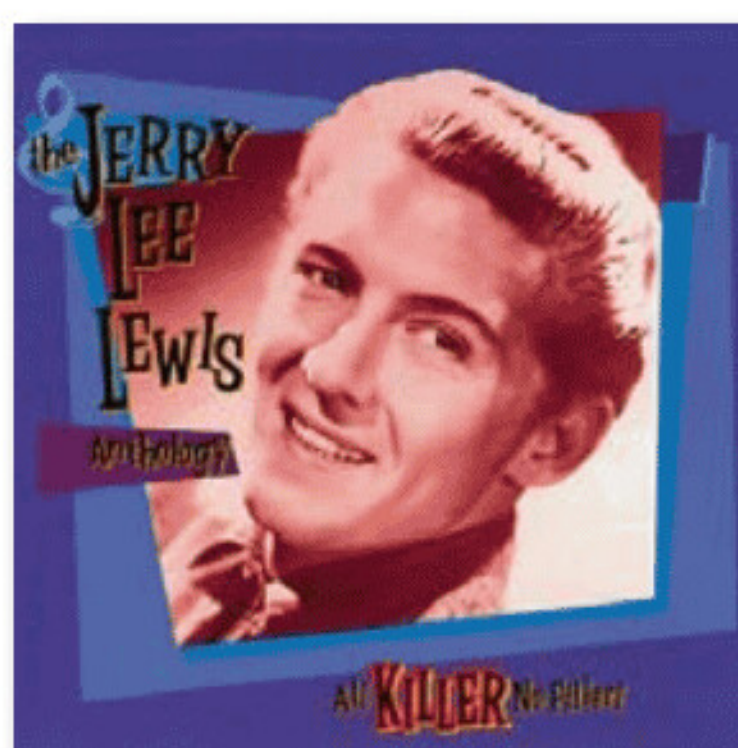
Gravada em um só jorro de doze horas por uma banda que antes tocava blues, a estreia do Sabbath criou um novo som: são as dores do parto do heavy metal. A slide guitar em “The Wizard” e o boogie meio grunge de “Wicked World” influenciariam não apenas as futuras bandas de metal, mas até mesmo o som do Nirvana.



244. The Marshall Mathers LP

Eminem Aftermath, 2000

Antes de seu segundo LP por uma grande gravadora, Eminem era um rapper chocante e bem-humorado; depois de ...*Mathers*, virou a voz de uma geração. “The Real Slim Shady” deu a ele um público amplo, e ninguém pode negar o peso narrativo de “Stan”.

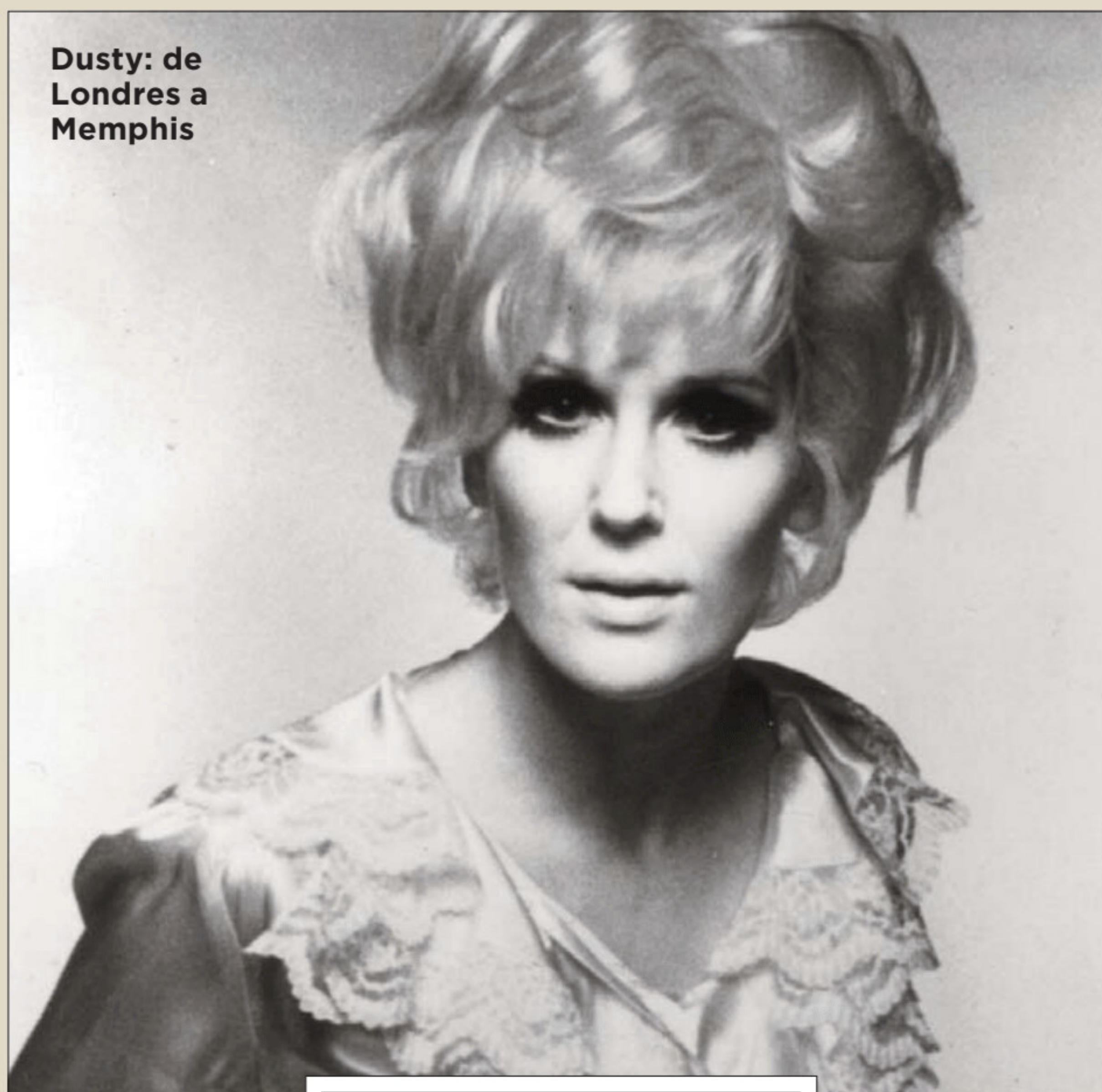


245. All Killer, No Filler!

Jerry Lee Lewis Rhino, 1993

Lewis é famoso pelas músicas frenéticas que gravou na Sun Records nos anos 1950. Contudo, a carreira dele com hits country durou décadas. Escute “What Made Milwaukee Famous (Has Made a Loser Out of Me)” e você poderá concordar quando Lewis dizia: “Elvis era o maior, mas sou o melhor”.

Dusty: de Londres a Memphis



POR TRÁS DE...

Dusty in Memphis

Dusty Springfield

DUSTY FOI PARA MEMPHIS, MAS “ELA SE RECUSOU A cantar!”, diz o veterano produtor de soul Jerry Wexler. A londrina contratou Wexler por causa do trabalho que ele tinha feito com grandes nomes do soul sulista como Aretha Franklin e Wilson Pickett. Wexler agendou um horário para uma sessão no estúdio Muscle Shoals, no Alabama, e escolheu a dedo 80 músicas para Dusty. Ela rejeitou todas. Alguns meses depois, aprovou vinte, mas o Muscle Shoals já estava ocupado. Então, Wexler a levou para o American Sound Studio, de Chips Moman, em Memphis. A banda do estúdio, trabalhando com Wexler e os coprodutores Arif Mardin e Tom Dowd, gravou as bases, mas Dusty nunca fez um vocal. “Ela estava acostumada a gravar com uma orquestra completa, mas estávamos lidando com uma base que não tinha nenhum vocal”, conta Wexler. “As pessoas acostumadas a cantar com suporte se sentem perdidas.” Mardin tinha uma teoria de que Dusty se sentia intimidada demais para usar a mesma cabine em que Pickett havia cantado. As sessões foram para Manhattan, e ela finalmente cantou. “Dusty tinha absorvido o que estava acontecendo [*no American Sound Studio*]”, afirma Wexler. No final, os vocais dela misturaram tristeza com uma franqueza sensual e o som cheio de soul que a cantora estava esperando.



246. Freak Out!
The Mothers of Invention
Verve, 1966

Um mestre na guitarra e na provocação, Frank Zappa fez mais de 60 álbuns, mas *Freak Out!*, o primeiro, foi talvez o mais inovador. O disco duplo declarou a chegada de um maluco visionário que misturava doo-wop, paródias, canções de protesto, rock artístico e vanguardismo erudito.



247. Live/Dead
Grateful Dead
Warner Bros./Seven Arts, 1969

Depois que dois caros álbuns de estúdio deixaram o Grateful Dead com uma dívida de US\$ 100 mil, este disco ao vivo foi mais do que barato – foi crucial para a carreira deles. Para a banda, a mágica acontecia no palco, como demonstrado no improviso de 23 minutos em “Dark Star”.



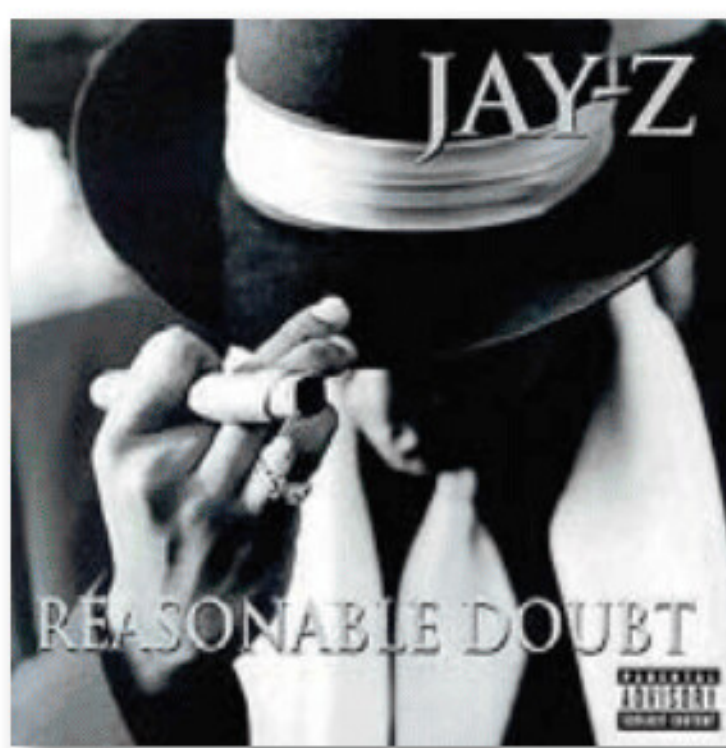
248. The Shape of Jazz to Come
Ornette Coleman Atlantic, 1959

O som de Coleman era inovador, desconcertante e, muitas vezes, incompreendido. O saxofonista desconstruiu o jazz: nada de acordes ou harmonias nas quais qualquer músico pode assumir o comando – música que conseguia ser tão lírica quanto exigente.



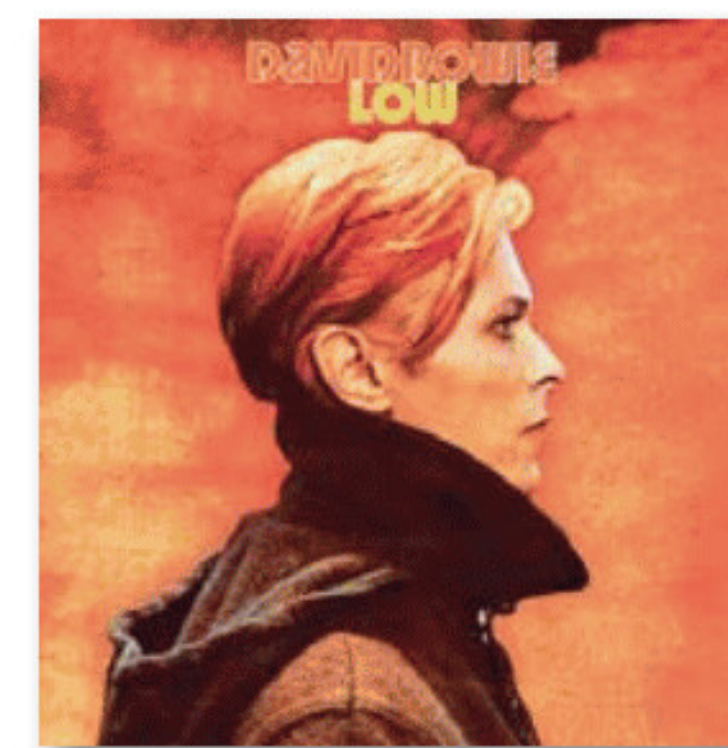
249. Automatic For the People
R.E.M. Warner Bros., 1992

“Não soa muito como nós”, advertiu o guitarrista Peter Buck, mas essa era de fato a intenção do oitavo álbum do R.E.M. Amplamente acústico e com cordas arranjadas por John Paul Jones (Led Zeppelin), esta gui-nada musical tem uma beleza assombrada.



250. Reasonable Doubt
Jay Z Roc-A-Fella, 1996

“O estúdio era como o sofá de um psiquiatra para mim”, Jay Z contou à *Rolling Stone*. A estreia dele está cheia dos lamentos de um batalhador de rua e o estabeleceu como o melhor rapper freestyle de sua geração. Inclui ainda uma participação de Foxy Brown aos 16 anos em “Ain’t No Nigga”.



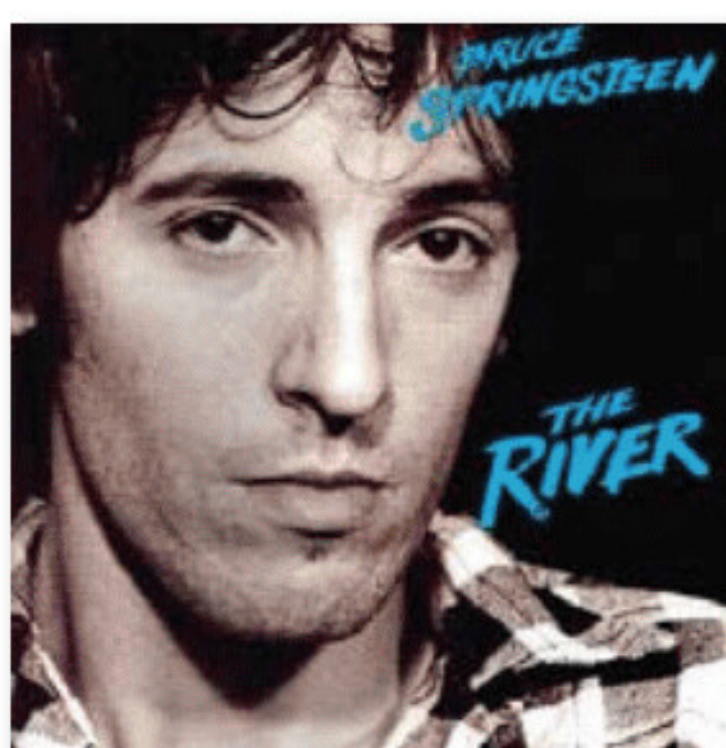
251. Low
David Bowie RCA Victor, 1977

Depois de se mudar para a Berlim Ocidental para largar a cocaína, David Bowie se juntou ao produtor Brian Eno. *Low* foi o primeiro álbum da chamada “trilogia de Berlim”, que incluiu *Heroes* (1977) e *Lodger* (1979). Em *Low*, Bowie e Eno criaram instrumentais eletrônicos e funk esquisito como em “Sound and Vision”.



252. The Blueprint
Jay Z Roc-A-Fella, 2001

Se Frank Sinatra tivesse nascido como um rapper do Brooklyn, *The Blueprint* teria sido o álbum de estreia dele. É puro exibicionismo e bravata, com Jay Z criticando rivais, falando sobre seus problemas com a polícia e mandando ver com mulheres por todo o globo.



253. The River
Bruce Springsteen Columbia, 1980

Springsteen disse que demorou cinco álbuns para começar a escrever sobre relacionamentos reais, “pessoas tentando encontrar uma espécie de consolo umas nas outras”. *The River* equilibra essas histórias com as batidas da E Street, juntando R&B de banda de bar, rockabilly e rock épico.

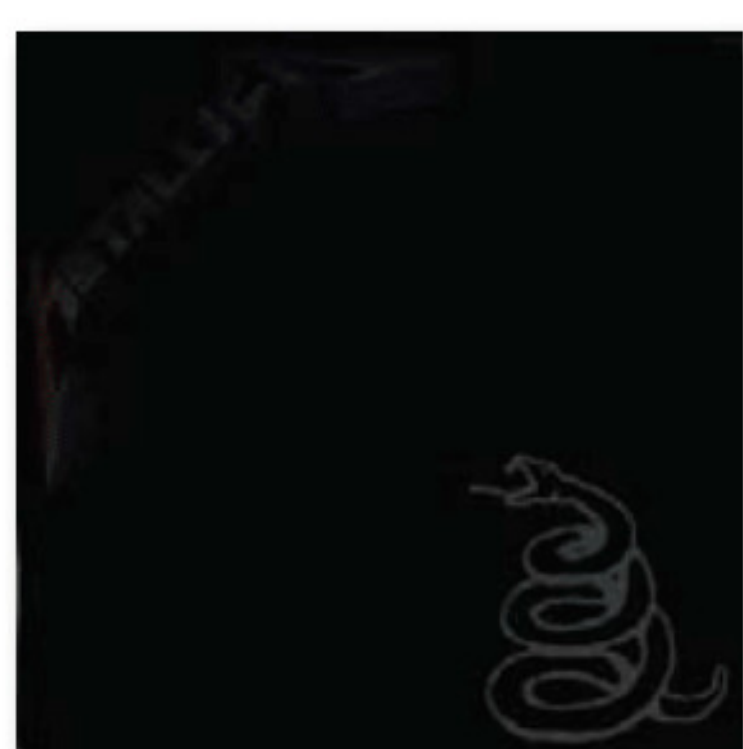


254. Dictionary of Soul
Otis Redding Volt, 1966

“Try a Little Tenderness” era uma balada de Bing Crosby dos anos 1930 até que Redding a transformou em puro soul de Memphis. Em *Dictionary...*, ele faz o mesmo com “Tennessee Waltz” e “Day Tripper”, dos Beatles, além de suas próprias baladas “Fa-Fa-Fa (Sad Song)” e “My Lover’s Prayer”.



James Hetfield
no comando
do Metallica



255. Metallica

Metallica Elektra, 1991

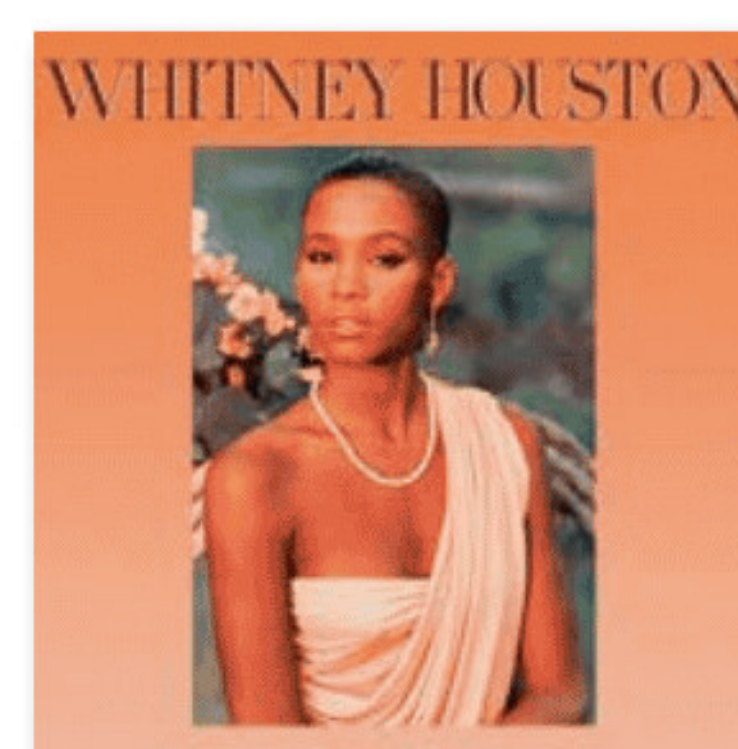
Um dos álbuns de heavy metal mais vendidos da história, criado junto com produtor Bob Rock, o “Álbum Negro” foi puxado por “Enter Sandman” e pela balada “Nothing Else Matters”. “É assustador olhar e ver casais se abraçando durante essa música”, disse o líder James Hetfield.



256. Trans Europa Express

Kraftwerk Kling-Klang, 1977

Os grooves de sintetizadores robóticos deste grupo alemão influenciaram nomes da electro-disco, experimentalistas como Brian Eno e rappers, incluindo Afrika Bambaataa, que usou a faixa-título para “Planet Rock”.



257. Whitney Houston

Whitney Houston Arista, 1985

Whitney tinha sido modelo e cantora de casas noturnas quando gravou esta sofisticada estreia com dons vocais e técnica impressionantes. A melhor música: “How Will I Know”, um funk com levada animada que evoca Aretha Franklin, amiga da família de Whitney Houston.



258. The Village Green Preservation Society

The Kinks Pye, 1968

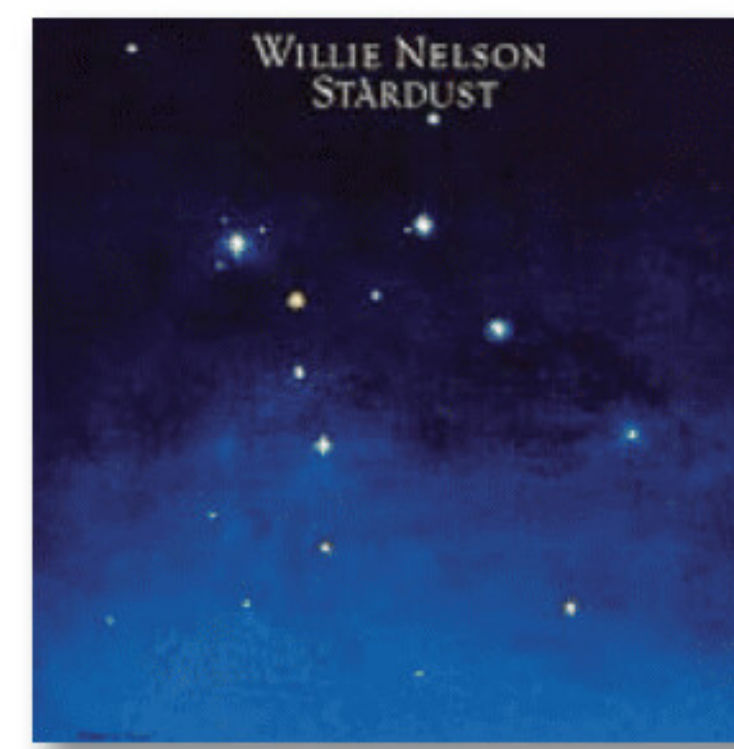
Depois de trocar a sujeira inicial do rock de garagem por arranjos bem trabalhados, o grupo The Kinks fez esta ode nostálgica de Ray Davies à vida pastoral britânica. O som é delicado, como o quadro de uma cidadezinha desaparecendo diante de seus olhos.



259. The Velvet Rope

Janet Jackson Virgin, 1997

Janet deixou para trás a imagem de boazinha com *The Velvet Rope*, um álbum sexy e confessional com o toque crucial dos produtores Jimmy Jam e Terry Lewis. Ela junta Joni Mitchell e Q-Tip em “Got ’Til it’s Gone” e faz house music em “Together Again”, mas o choque é a versão lésbica de “Tonight’s the Night”, de Rod Stewart.



260. Stardust

Willie Nelson Columbia, 1978

Stardust é a declaração de amor de Nelson à música norte-americana dos velhos tempos: no auge de sua popularidade no mercado country, o cantor desenterrou standards como “Blue Skies”, “All of Me”, “Georgia on My Mind” e “Unchained Melody”, os fazendo balançar como se tivesse acabado de criá-los.



261. American Beauty

Grateful Dead Warner Bros., 1970

O Grateful Dead nunca foi tão bom em estúdio quanto no chapado *American Beauty*. Lançado apenas seis meses depois do clássico folk *Workingman’s Dead* [veja o número 264], o disco tem algumas das músicas mais amadas da banda, incluindo “Box of Rain”, “Sugar Magnolia”, “Ripple” e “Friend of the Devil”.



Jerry Garcia
no comando
do Grateful
Dead em 1970



262. Crosby, Stills & Nash

Crosby, Stills & Nash Atlantic, 1969

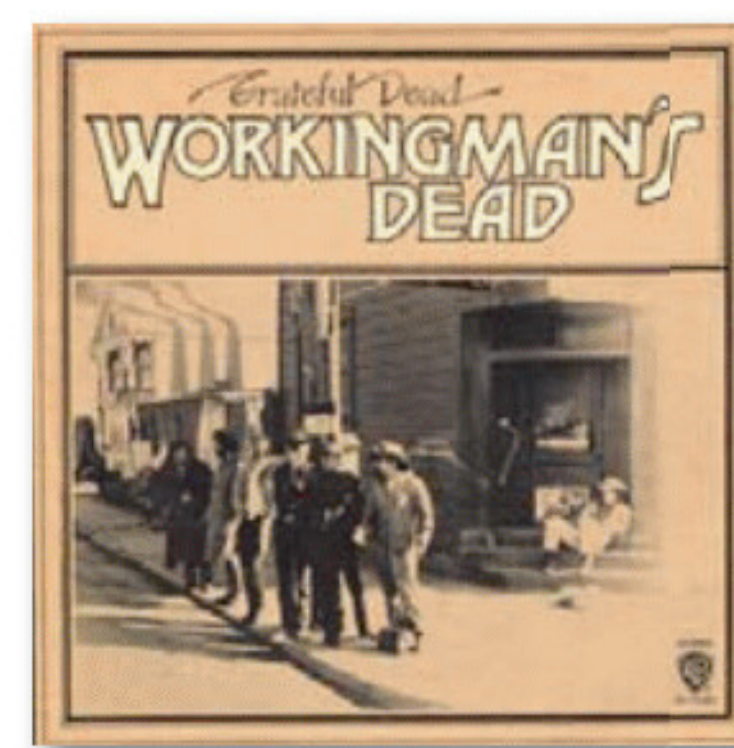
Jimi Hendrix chamava o CS&N de “música do céu ocidental”. O trio combinou pela primeira vez as harmonias de ouro que cada um fazia nesta estreia, que tem “Marrakesh Express” e “Suite: Judy Blue Eyes”, faixa de sete minutos.



263. Tracy Chapman

Tracy Chapman Elektra, 1988

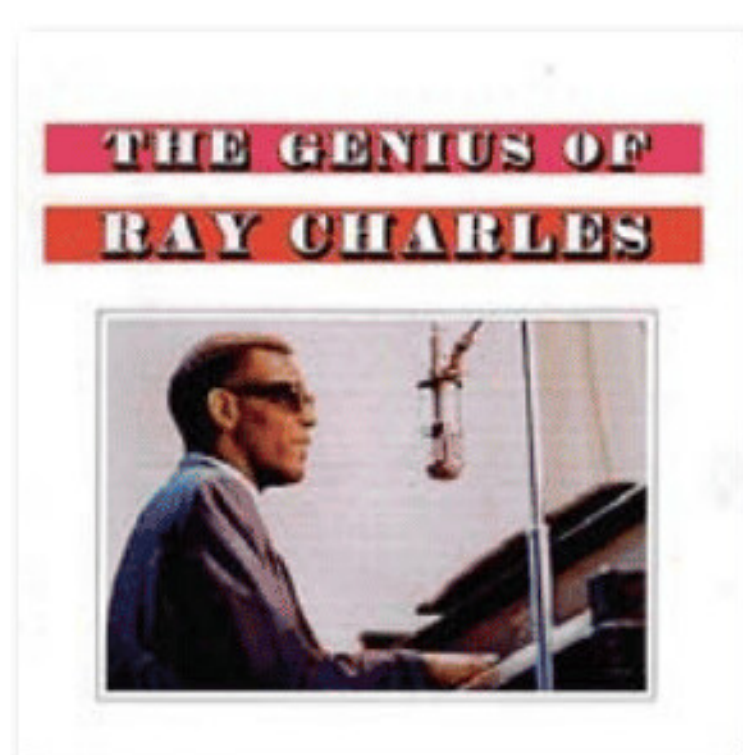
De alguma forma, esta jovem cantora folk prendeu os ouvidos de todo mundo no final dos anos 1980, quando as rádios estavam dominadas pelo metal farofa. Tracy tinha passado um tempo tocando violão por trocados nas ruas de Boston. A voz seca dela e a narrativa de “Fast Car” comovem.



264. Workingman’s Dead

Grateful Dead Warner Bros., 1970

O Grateful Dead se despiu de grandes arranjos para oito arrepiantes faixas de country e folk que rivalizam com o melhor de Bob Dylan (especialmente as mórbidas “Black Peter” e “Dire Wolf”).



265. The Genius of Ray Charles

Ray Charles Atlantic, 1959

Charles passou os anos 1950 trabalhando duro para ser pioneiro em uma fusão de jazz, gospel e blues em um novo estilo de soul que mudou a música norte-americana. Mas em *Genius* ele relaxa e faz um pop dançante despretensioso, com arranjos na linha big band.



266. Child Is Father to the Man

Blood, Sweat & Tears
Columbia, 1968

O organista Al Kooper formou este coletivo eclético de jazz-rock, colocando os metais ao lado das guitarras. A fórmula funciona em covers de Tim Buckley e Randy Newman, e na explosiva “I Can’t Quit Her”.



267. Quadrophenia

The Who Track, 1973

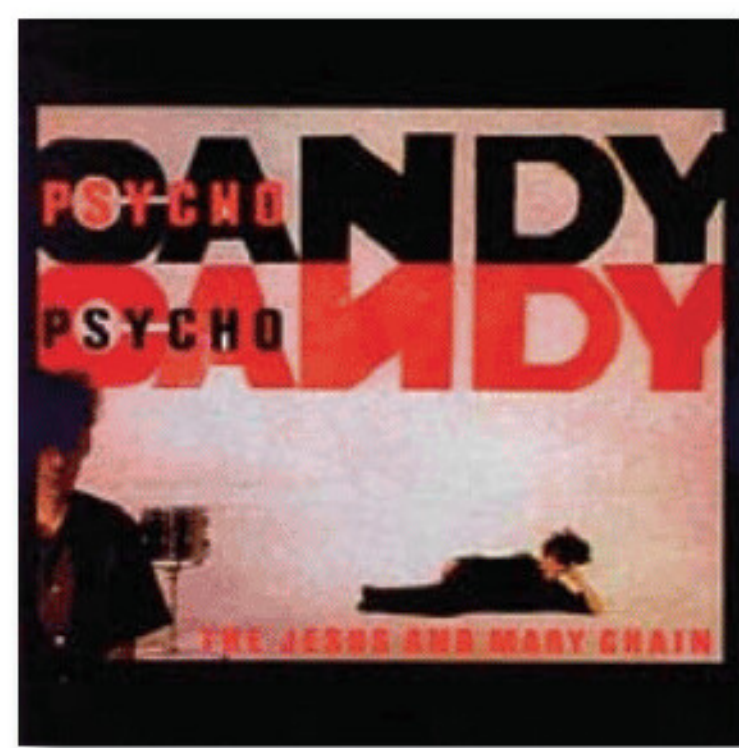
O álbum que trouxe de volta as motonetas Vespa: Pete Townshend se baseou nas raízes do Who na cena mod londrina do começo dos anos 1960 e compôs esta ópera rock expansiva e fragmentada sobre um adolescente solitário que procura amor na cidade. O disco duplo fica ainda melhor quando você vê o filme homônimo.



268. Paul Simon

Paul Simon Columbia, 1972

O primeiro álbum de Paul Simon depois que se separou de Garfunkel é um tour de force quando o foco está em composições, narração de histórias e dedilhado virtuoso na guitarra. O disco também tem o reggae “Mother and Child Reunion” e a percussiva “Me and Julio Down by the Schoolyard”.



269. Psychocandy

The Jesus and Mary Chain
Blanco y Negro, 1985

Aqui, garotos escoceses bonitos surfam uma onda de baixo astral e aproveitam cada momento disso. A estreia do Jesus and Mary Chain é uma obra-prima decadente do rock alternativo afogada em distorção. Destaque para “Just Like Honey”, “My Little Underground” e “Never Understand”.



270. Some Girls

The Rolling Stones
Rolling Stones, 1978

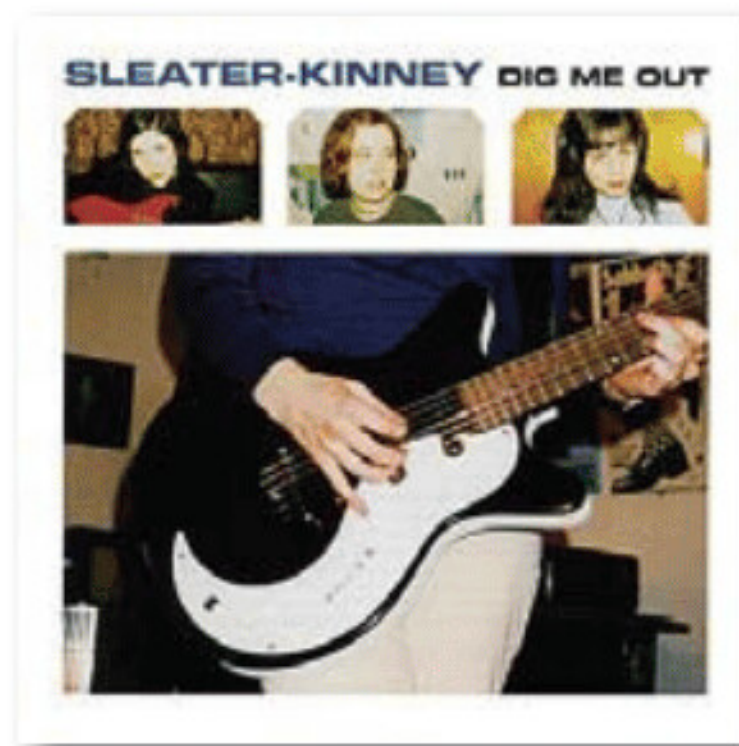
“Keith vai em cana todo ano”, reclamou Mick Jagger. Keith Richards estava no inferno das drogas e os Stones estavam à beira da destruição, mas a banda se recuperou com as sacanas “Miss You” e “When the Whip Comes Down”. Aqui, Richards fez sua melhor música, “Before They Make Me Run”.



271. The Beach Boys Today!

The Beach Boys Capitol, 1965

Os Beach Boys ainda curtiavam carros, garotas e pranchas de surfe, mas Brian Wilson já queria mudar, compondo doces canções californianas. A atmosférica “She Knows Me Too Well” é uma previsão de *Pet Sounds*.



272. Dig Me Out

Sleater-Kinney Kill Rock Stars, 1997

Quando a baterista Janet Weiss se uniu às vocalistas e guitarristas Corin Tucker e Carrie Brownstein no terceiro LP da banda, a força dessas riot grrrls juntas as transformou em um dos grupos de rock mais potentes do mundo, conduzidas pelo vibrato inconfundível de Corin.



273. Going to a Go-Go

Smokey Robinson and the Miracles Tamla/ Motown, 1965

Robinson usa seu falsete arrasador de soul em baladas incrivelmente tristes, como “The Tracks of My Tears” e “Ooo Baby Baby”, enquanto os Miracles choram junto. É o som da gravadora Motown em um momento descontraído e sexy.

Biggie Smalls
mudou o hip-hop



POR TRÁS DE...

Ready to Die

The Notorious B.I.G.

VOCÊ NUNCA SABE AO CERTO SE ESTÁ CRIANDO um clássico, mas eu sabia que, se tivesse alguma chance na vida de ser associado a um clássico, seria este”, diz Diddy sobre produzir a estreia marcante de Notorious B.I.G. Biggie Smalls já era um superastro do gueto antes de entrar em estúdio com Diddy, mas gravar um álbum inteiro foi um novo desafio. “Inicialmente, B.I.G. escrevia rimas longas, com uns 10 minutos de duração, sem estrutura nem refrão – só ele destruindo o microfone”, conta Diddy. “Demorou alguns meses para ensinar como transformá-las em música. Só que, assim que ele entendeu, começou a compor como ninguém que eu já tenha visto.”

¶ A primeira faixa gravada para *Ready to Die* foi “Gimme the Loot”, que cimentou o estilo confessional vívido característico de Biggie. De acordo com o DJ Premier, que produziu “Unbelievable”, Biggie sabia exatamente o que queria. “Quando B.I.G. a escutou pela primeira vez, tudo que eu tinha era o sample ‘Biggie Smalls is the illest’”, lembra Premier. “Ele falou: ‘Mantenha isso, mas não durante a música inteira. Então mude um pouco no refrão e inclua R. Kelly cantando ‘unbelievable’ de ‘Your Body’s Callin’’. Aquele sample foi maluco – foi ideia dele, e funcionou.”

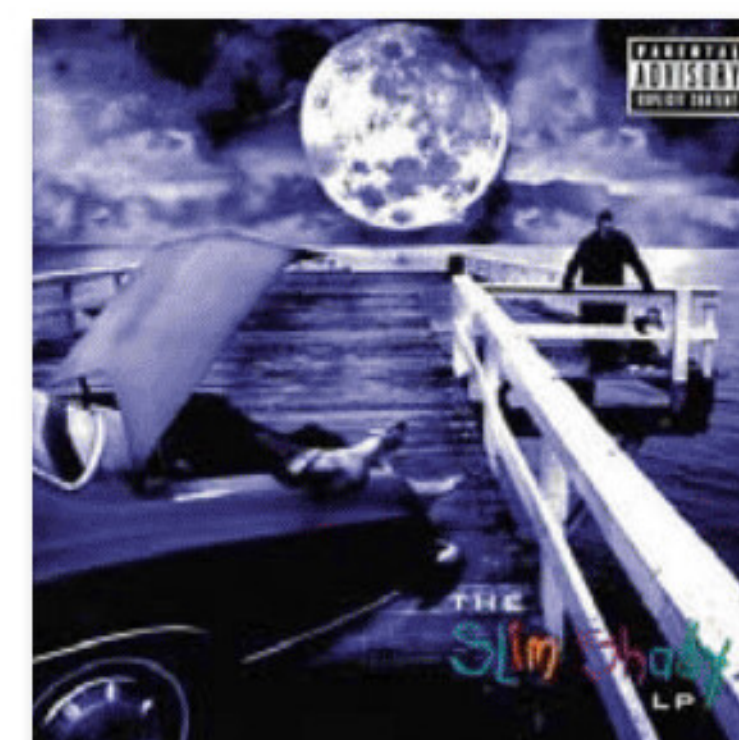
¶ No entanto, B.I.G. não era do tipo que apenas ligava para os negócios durante a gravação. “Uma vez, Biggie estava peladão no sofá com algumas mulheres em seu quarto de hotel”, conta Premier. “Elas estavam ‘testando o microfone’ dele. Perguntou se eu queria uma e respondi: ‘Não, estou legal’. Mesmo assim, eu agradeço a ele. B.I.G. sabia dividir!”



274. Nightbirds

Labelle Epic, 1974

“Lady Marmalade” tem um dos vocais mais funk da disco music dos anos 1970. Nenhum grupo de garotas que cantava disco fez isto tão bem quanto as integrantes do Labelle: elas eram Funkadelic com The Supremes, com saltos plataforma, macacões prateados em lamê e músicas sobre prostitutas de Nova Orleans.



275. The Slim Shady LP

Eminem Aftermath, 1999

Neste álbum marcante, Eminem se apresenta como um branquelo esquisitão, o “calouro palhaço da classe/vestido como Les Nessman”. O público do hip-hop nunca tinha ouvido nada como as rimas do rapper neste álbum, que rendeu a Eminem respeito, fortuna, fama e um processo movido pela própria mãe.



276. Mothership Connection

Parliament Casablanca, 1975

George Clinton lidera o grupo de irmãos extraterrestres de Detroit em um álbum visionário de funk de ficção científica em jams como “Supergroovalisticprosifunkstication” e “Give Up the Funk”.



277. Janet Jackson's Rhythm Nation 1814

Janet Jackson A&M, 1989

Jackson dominou as rádios por dois anos com este álbum, que trouxe torpedos como “Escapade” e “Alright”. Junto aos produtores Jimmy Jam e Terry Lewis, ela faz uma grandiosa declaração pop com funk, hip-hop, jams lentas e até metal farofa.



278. Anthology of American Folk Music

Vários Artistas Folkways, 1952

Esta influente compilação editada por Harry Smith inspirou músicos folk como Pete Seeger e Bob Dylan, e reacendeu o interesse no blues. Jerry Garcia costumava reduzir a velocidade de sua vitrola pela metade para aprender os solos.



279. Aladdin Sane

David Bowie RCA Victor, 1973

“Acho que *Alladin* era meio ‘Ziggy vai para a América’”, Bowie observou sobre o disco composto majoritariamente durante a primeira grande turnê dele pelos Estados Unidos. “The Jean Genie” e uma cover obscena de “Let’s Spend the Night Together” (Rolling Stones) mostram um Bowie mais barulhento e sexy.



280. All That You Can't Leave Behind

U2 Island, 2000

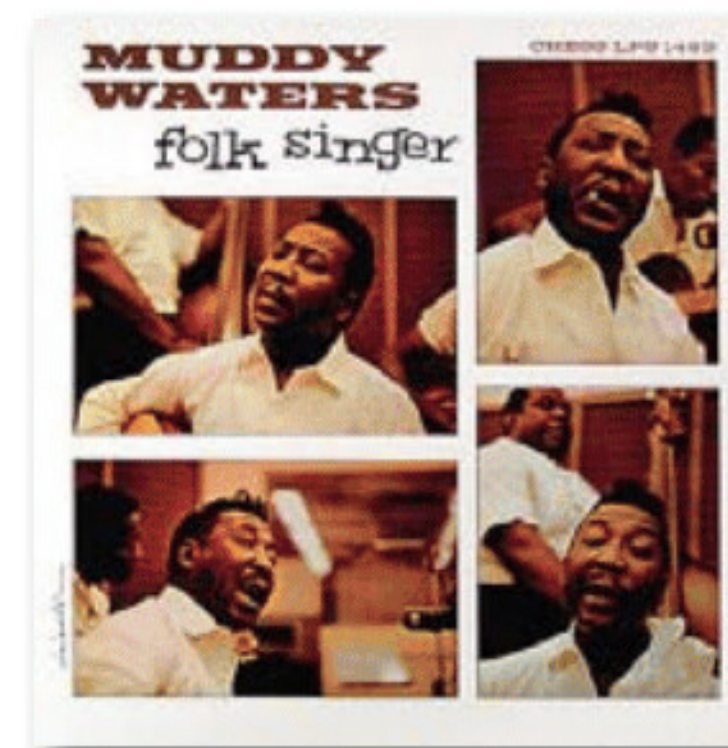
“Nosso melhor trabalho foi depois que fizemos 30 anos”, disse Bono em 2000. O décimo álbum do U2 trouxe as coisas de volta à essência ao lidar com temas como a mortalidade – particularmente na balada gospel “Stuck in a Moment You Can’t Get Out of”.



281. My Life

Mary J. Blige Uptown, 1994

Este álbum é o mais autobiográfico de Mary J. Blige. Jams animadas como “Be Happy” foram criadas durante a luta dela contra o abuso de substâncias e um relacionamento tumultuado. “Há um espírito ruim de suicídio ali”, ela admitiu. Em faixas como “You Bring Me Joy” e “Mary Jane (All Night Long)”, Mary conta tudo.



282. Folk Singer

Muddy Waters Chess, 1964

Preocupados com a crescente popularidade do folk, que afastava os ouvintes do blues, os executivos da Chess Records mandaram Muddy Waters gravar com instrumentos acústicos. Essas sessões – com Waters, Willie Dixon e um jovem Buddy Guy – foram muito bem, e este “acústico” pioneiro é amado por fãs de blues e folk.



283. Can't Get Enough

Barry White 20th Century, 1974

Em 1974, White tinha três álbuns simultaneamente nas paradas, todos com hits orquestrados que alimentavam a chama da febre disco. No entanto, o recém-casado maestro também era mestre em baladas, e “I Can’t Believe You Love Me” oferece drama sonoro por mais de 10 minutos.



284. The Cars

The Cars Elektra, 1978

“Costumávamos brincar que o primeiro álbum deveria se chamar *Os Grandes Sucessos do Cars*”, contou o guitarrista Elliot Easton. A estreia era suficientemente artística e concisa para fazer parte da cena new wave de Boston, mas tão contagiante que quase todas as faixas tocaram nas rádios.



285. Music of My Mind

Stevie Wonder Tamla/ Motown, 1972

O disco foi gravado após o fim de um oneroso contrato com a Motown. Wonder exerceu o recém-adquirido controle artístico fazendo um aquecimento para os megassucessos que viriam e tocando praticamente toda nota funk existente em clássicos como “Love Having You Around”.



286. I'm Still in Love With You

Al Green Hi, 1972

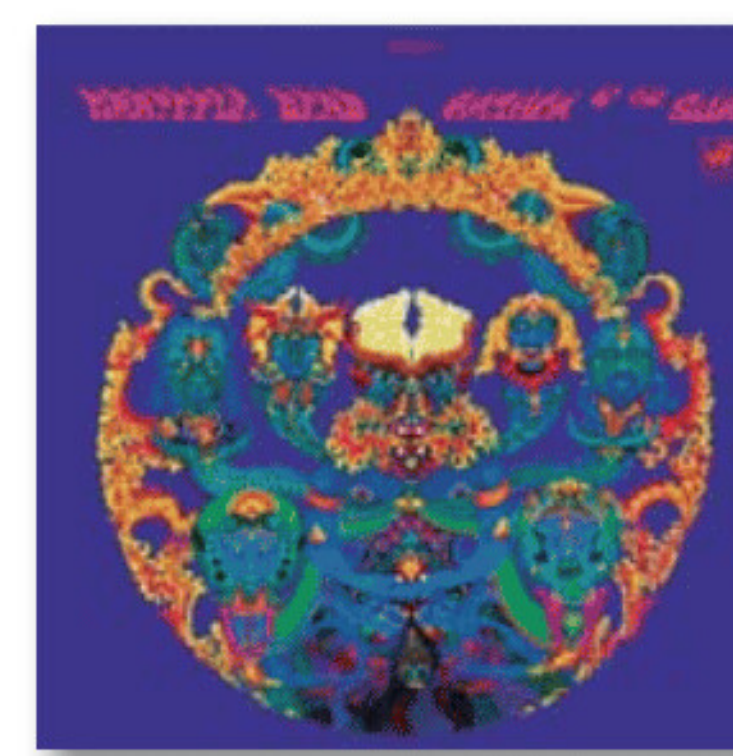
Depois de liderar as paradas com *Let's Stay Together*, Green lançou o segundo LP de 1972 – uma experiência ainda mais sensual. “Love and Happiness” é uma obra-prima: a banda toca um groove sutil enquanto Green acrescenta montanhas de soul.



287. Los Angeles

X Slash, 1980

A melhor banda punk de Los Angeles fez o primeiro grande álbum punk da costa oeste nesta estreia. *Los Angeles* é mais conhecido pelo hino que define a cidade e a tórrida “Johnny Hit and Run Paulene”. Produzido por Ray Manzarek (The Doors), ele também provou que punk e classic rock poderiam andar juntos.



288. Anthem of the Sun

Grateful Dead Warner Bros., 1968

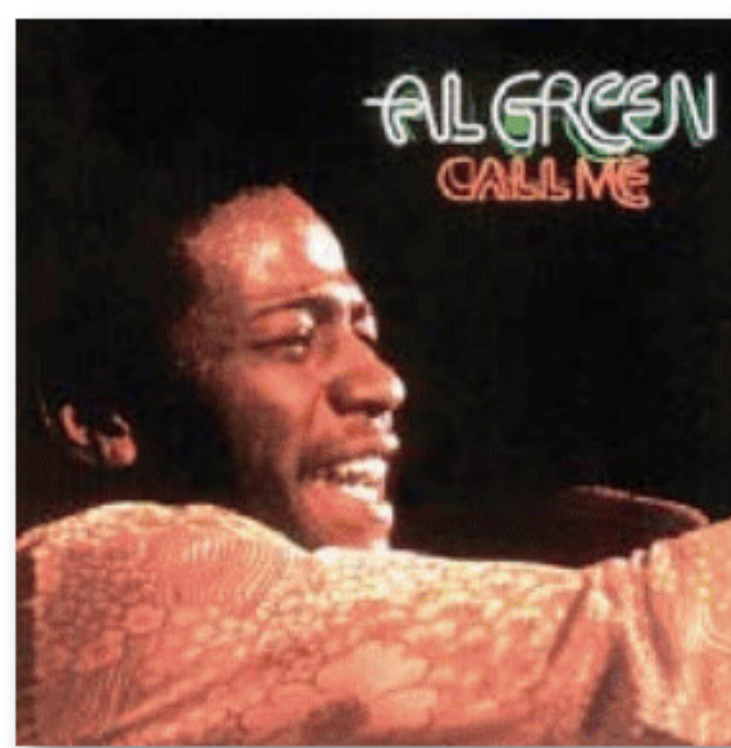
O segundo álbum do Grateful Dead foi montado com várias apresentações ao vivo e gravações de estúdio, que foram manipuladas para recriar a alquimia dos shows da banda. A longa suite “That’s it for the Other One”, “New Potato Caboose” e “Born Cross-Eyed” registram a essência da banda de blues psicodélico.



289. Something Else by The Kinks

The Kinks Pye, 1967

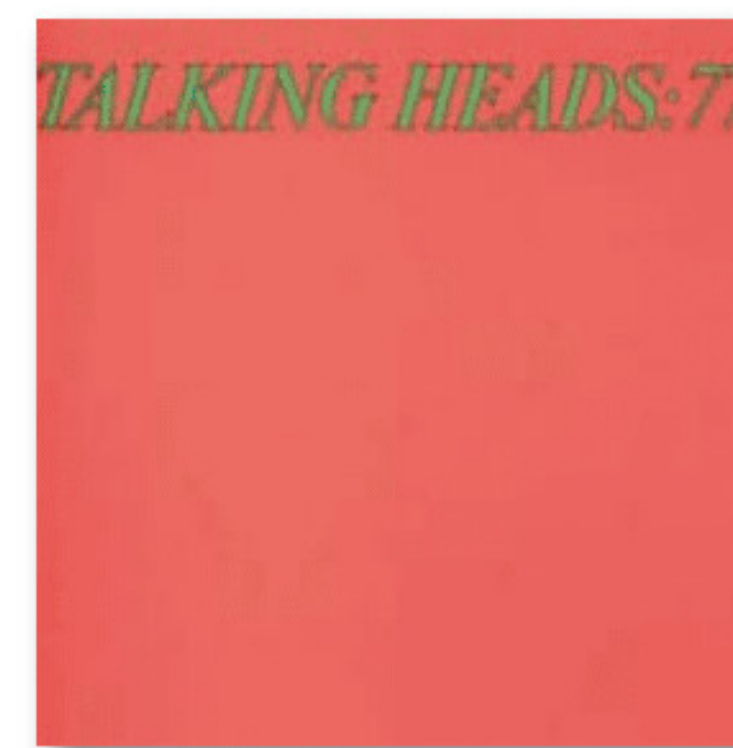
O álbum mais melódico e reflexivo dos Kinks é ancorado pelas clássicas “Waterloo Sunset” e “Death of a Clown”. O disco não repercutiu nos Estados Unidos, mas preparou o terreno para a obra-prima pastoral *The Village Green Preservation Society*.



290. Call Me

Al Green Hi, 1973

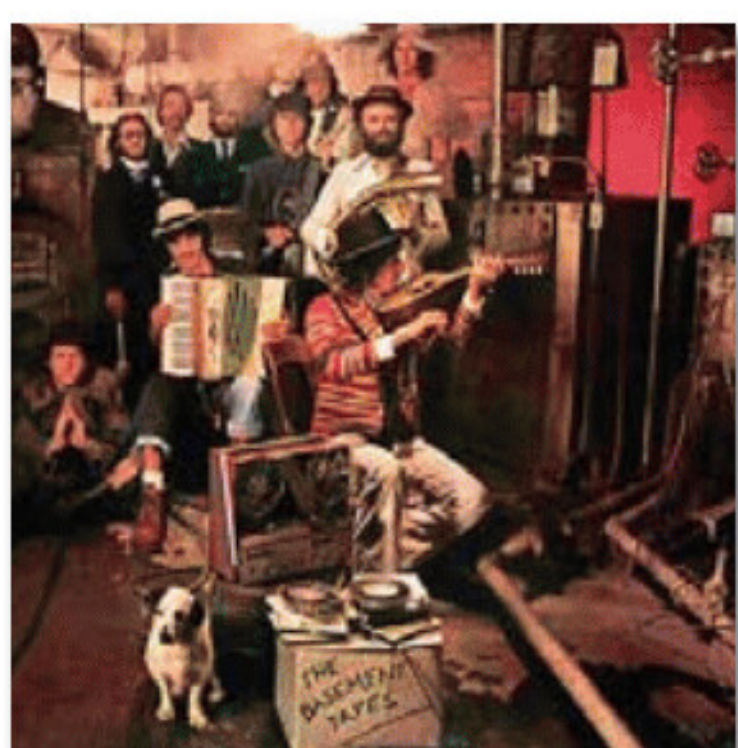
Na época em que gravaram o gracioso e quase perfeito *Call Me*, Green e o produtor Willie Mitchell só acertavam. Para reforçar, Green mostrou como poderia rivalizar com Ray Charles como intérprete de música country na matadora e desacelerada cover de “I’m So Lonesome I Could Cry”, de Hank Williams.



291. Talking Heads: 77

Talking Heads Sire, 1977

A banda vestiu camisas abotoadas até o pescoço e aceitou a normalidade como forma de rebelião. “Por muito tempo, pensei: ‘Bom, danem-se todos’”, David Byrne contou à revista *Punk* em 1976. “Agora, quero ser aceito.” O resultado foi o som tenso e engenhosamente constrito desse álbum de estreia.



292. The Basement Tapes

Bob Dylan & The Band Columbia, 1975

O álbum foi gravado em 1967 nas casas onde Dylan e a The Band moravam perto de Woodstock. As sessões foram pirateadas e lançadas oficialmente oito anos depois.



293. White Light/White Heat

The Velvet Underground Verve, 1968

Abusando do fuzz de guitarra e ruídos, a banda de Nova York fez o disco mais extremo de um catálogo extremo. “Sister Ray” tem 17 minutos de amplificadores gritando.



294. Kick Out the Jams

MC5 Elektra, 1969

É a saudação máxima do rock: “Vamos detonar, filhos da puta!”. Gravado ao vivo em Detroit com Rob Tyner e sua trupe anarquista, *Kick Out the Jams* berra com a crença no rock como desobediência civil. A prova: foi banido por uma loja de departamentos de Michigan.



Zappa e The Mothers zombam da contracultura



295. Songs of Love and Hate

Leonard Cohen Columbia, 1971

Este é o álbum mais intenso do poeta e compositor canadense. Cohen toca violão e murmura sobre os poderes destrutivos do amor, e seu coaxar terno dá a músicas como “Famous Blue Raincoat” e “Avalanche” um ar de drama silenciado.



296. Meat Is Murder

The Smiths Rough Trade, 1985

Respalhado por músicas longas e brutais sobre castigo corporal e os horrores da indústria da carne, este é o item mais sombrio no catálogo da banda no Reino Unido. Em “How Soon Is Now?”, incluída na edição norte-americana do álbum, Morrissey resume com grande pena e hilaridade como é chato ser tímido.



297. We're Only in it for the Money

The Mothers of Invention Verve, 1968

O LP é o marco da maluquice em estúdio e uma sátira impiedosa de tudo o que irritava Frank Zappa no auge do flower power – hippies chatos, o sistema, o que fosse.



298. The College Dropout

Kanye West Roc-A-Fella, 2004

Nesta estreia, o autoproclamado “primeiro [rapper] com uma Mercedes e uma mochila” acabou com o mau agouro de “produtor que tenta fazer rap” e rompeu barreiras que outros não reconheceriam.



299. Weezer

Weezer DGC, 1994

Quando saiu, a estreia do Weezer foi considerada meramente um álbum legal com alguns singles de sucesso – “Buddy Holly” e “Undone - The Sweater Song”. No entanto, a banda de Rivers Cuomo influenciou uma legião de outros grupos que se inspiravam no ganchos de power pop que eles criavam.



300. Master of Reality

Black Sabbath Vertigo, 1971

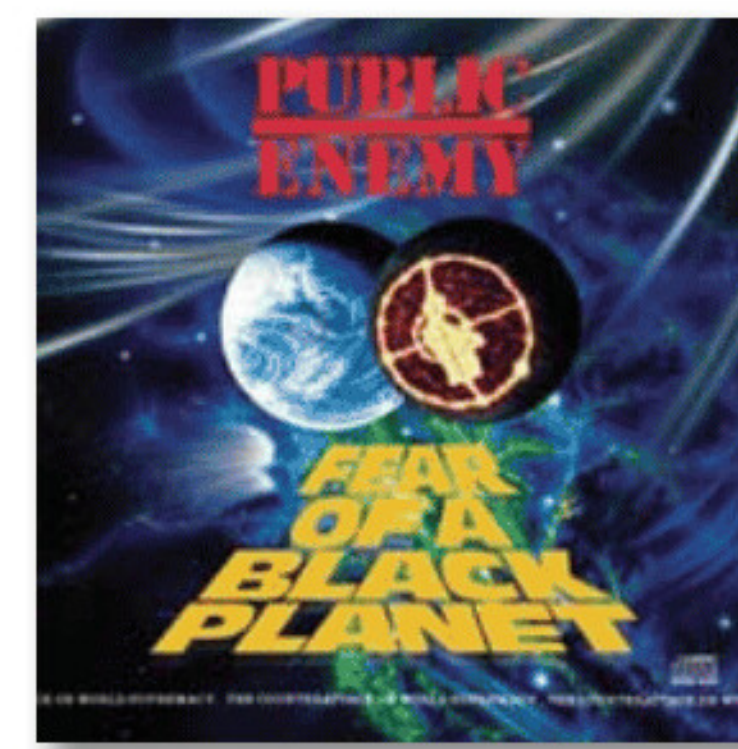
A maior banda de metal no auge. *Paranoid* pode ter os hits mais conhecidos, mas *Master of Reality*, lançado apenas seis meses depois, é mais pesado e perturbador. O destaque é “Sweet Leaf”, uma canção ruidosa de amor à maconha, mas a vibração é perfeitamente resumida por “Into the Void”, a última faixa.



301. Coat of Many Colors

Dolly Parton RCA Victor, 1971

O álbum mais emotivo de Dolly Parton. A faixa-título fala sobre vestir trapos, mas manter o orgulho; em “Traveling Man”, a mãe de Dolly foge com seu homem; em “If I Lose My Mind”, seu namorado faz sexo com outra mulher na frente dela.



302. Fear of a Black Planet

Public Enemy Def Jam, 1990

O Public Enemy expandiu sua ampla visão do hip-hop no terceiro álbum. *Fear of a Black Planet* inclui a direta e honesta “Fight the Power”, o sentimento de euforia de “Brothers Gonna Work it Out” e o funk agitado de “911 Is a Joke”.



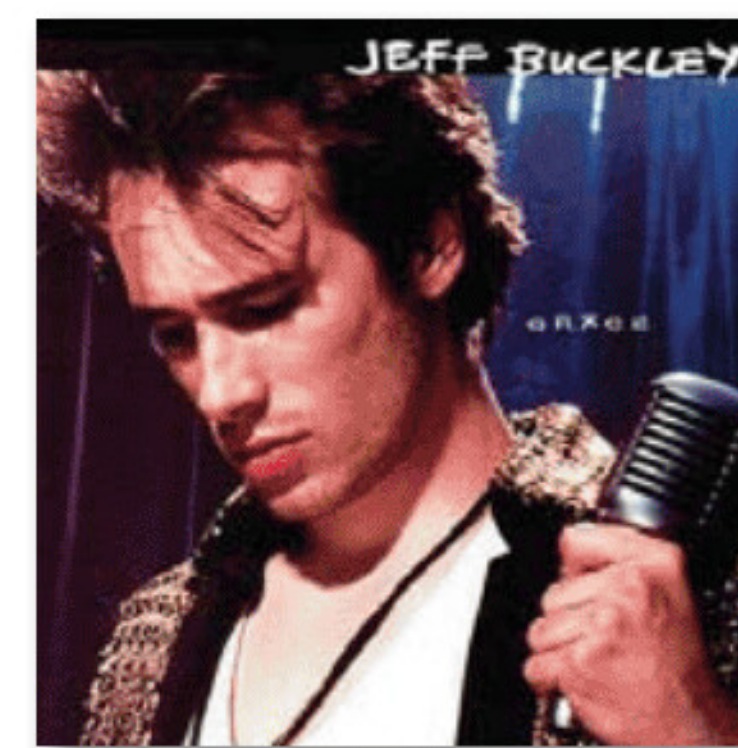
303. John Wesley Harding

Bob Dylan Columbia, 1967

Recuperando-se do lendário acidente de moto de 1966, Dylan desviou para o country e o misticismo, conectando-se com Nashville por meio de diversos personagens da Bíblia e da história norte-americana. É o álbum mais sinistro dele.



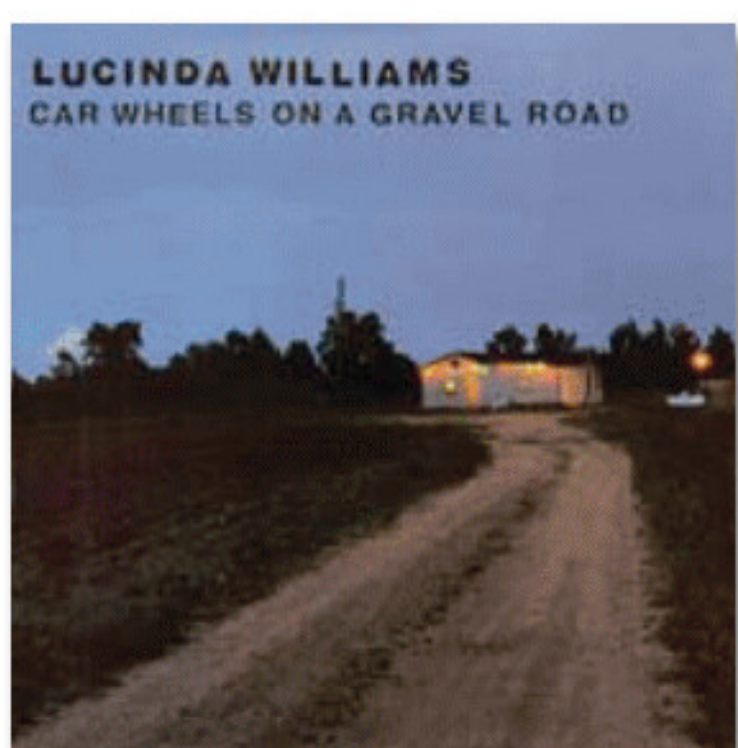
Dylan: renascido



304. Grace

Jeff Buckley Columbia, 1994

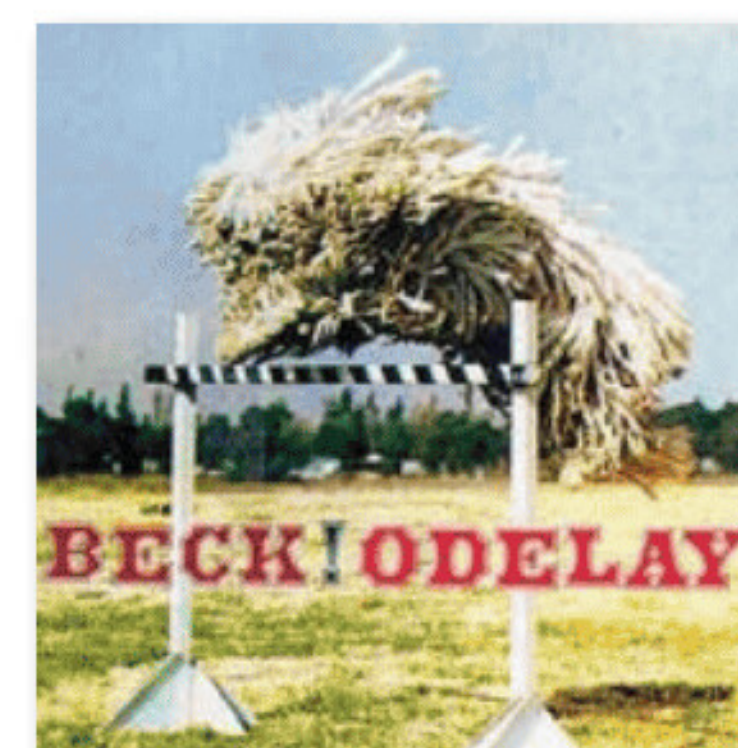
Buckley tinha a voz de um anjo libidinoso. O rock feroz “Eternal Life” subverte o tratamento do Led Zeppelin ao blues ao mesmo tempo em que o homenageia: em vez de um cão dos infernos em seu encalço, Buckley evoca a imortalidade sobre si. A brilhante carreira do músico acabou em 1997 quando ele morreu afogado.



305. Car Wheels on a Gravel Road

Lucinda Williams Mercury, 1998

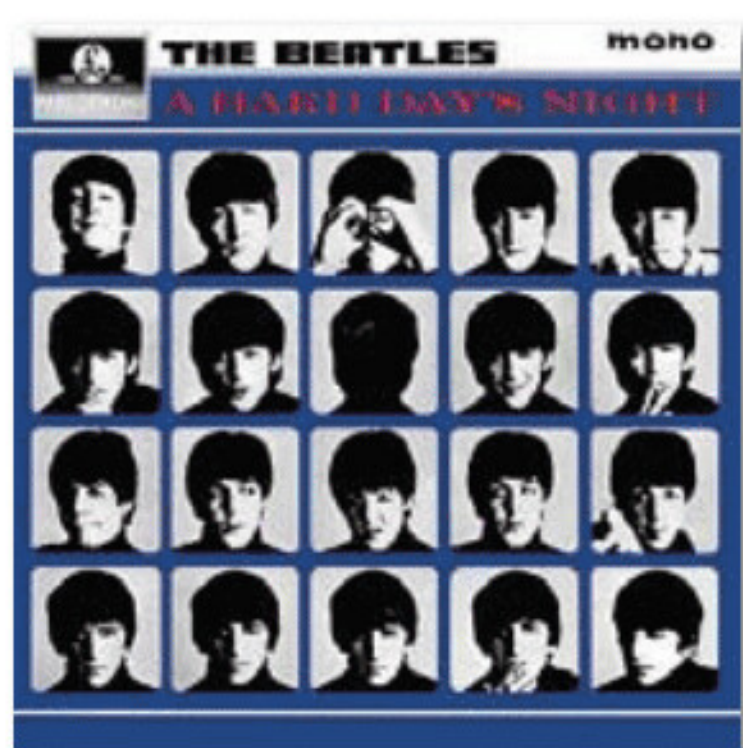
Lucinda levou três torturantes anos para concluir esta obra-prima do country alternativo. São músicas que exploram a falta de raízes da vida norte-americana, com imagens vívidas e uma guitarra bela e áspera.



306. Odelay

Beck DGC, 1996

Enfurnado no estúdio com os produtores The Dust Brothers, Beck voltou com uma visão “Woody Guthrie encontra Grandmaster Flash”, demonstrando a seus colegas no mundo do rock que manipular os toca-discos tinha um futuro mais brilhante do que fazer grunge requeentado.



307. A Hard Day's Night

The Beatles Parlophone, 1964

O filme de Richard Lester mostrava o charme e carisma dos Beatles. A trilha sonora aprofundou a genialidade da banda exemplificada na beleza incomum das baladas “If I Fell” e “And I Love Her”, no balanço de “Can’t Buy Me Love” e “Tell Me Why”, e na magia de “I Should Have Known Better” e da faixa-título do álbum.



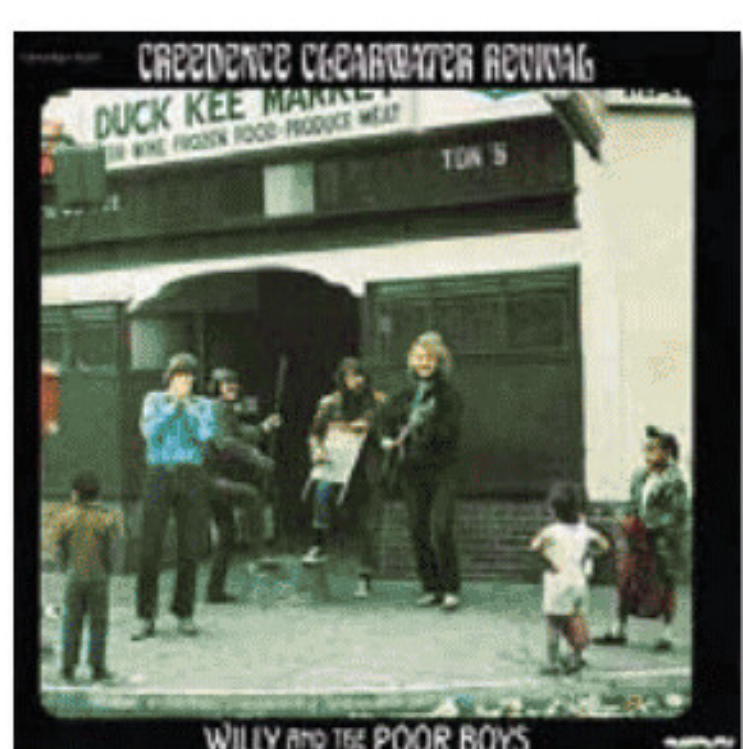
308. Songs for Swingin' Lovers!

Frank Sinatra Capitol, 1956

Um álbum que queria negar o rock que estava na época mudando os Estados Unidos. As músicas eram standards, a maioria com 10 ou 20 anos, mas Sinatra e o arranjador Nelson Riddle mostraram quão atemporal a sofisticação avançada do jazz pode ser.



Nada sérios:
Red Hot Chili
Peppers na
década de 1980



309. Willy and the Poor Boys

Creedence Clearwater Revival
Fantasy, 1969

O Creedence assume um alter ego para voltar às raízes nas tradicionais “Cotton Fields” e “The Midnight Special”, e John Fogerty faz chover fogo e perdição em “Effigy”.



310. Blood Sugar Sex Magik

Red Hot Chili Peppers
Warner Bros., 1991

O ponto alto dos Chili Peppers tem riffs de guitarra cheios da energia de John Frusciante, o envolvimento do produtor Rick Rubin e a balada de sucesso “Under the Bridge”.



311. The Sun Records Collection

Vários Artistas Rhino, 1994

A compilação tem blues cru, country sem breiguice e rockabilly tocado com abandono por Elvis Presley, Jerry Lee Lewis e Johnny Cash, além de joias escondidas, como a instrumental “Raunchy”, de Bill Justis.



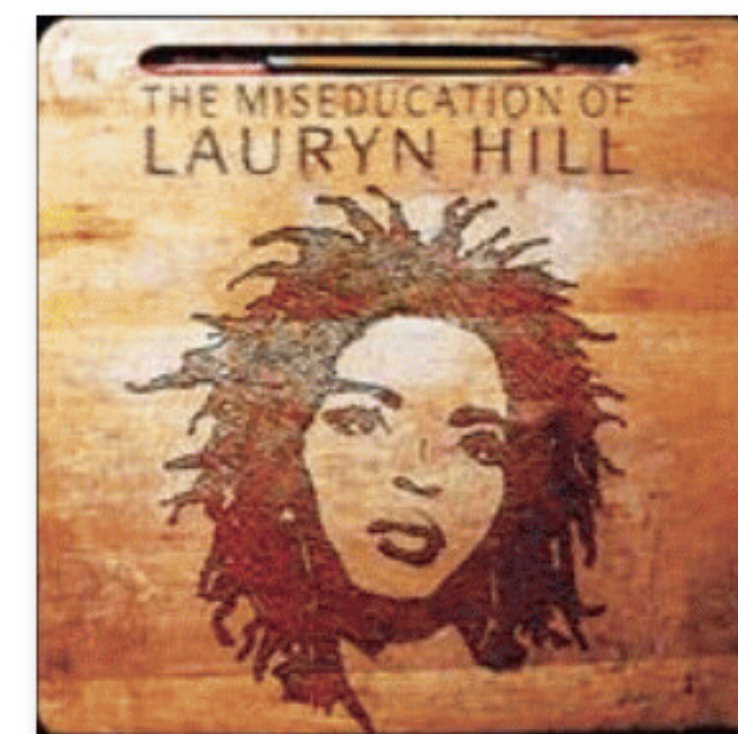
312. Nothing's Shocking
Jane's Addiction
 Warner Bros., 1988

A memorável estreia do Jane's Addiction em uma grande gravadora reescreveu a história do rock pré-Nirvana, unindo punk e metal com riffs devastadores. A balada "Jane Says" fez sucesso.



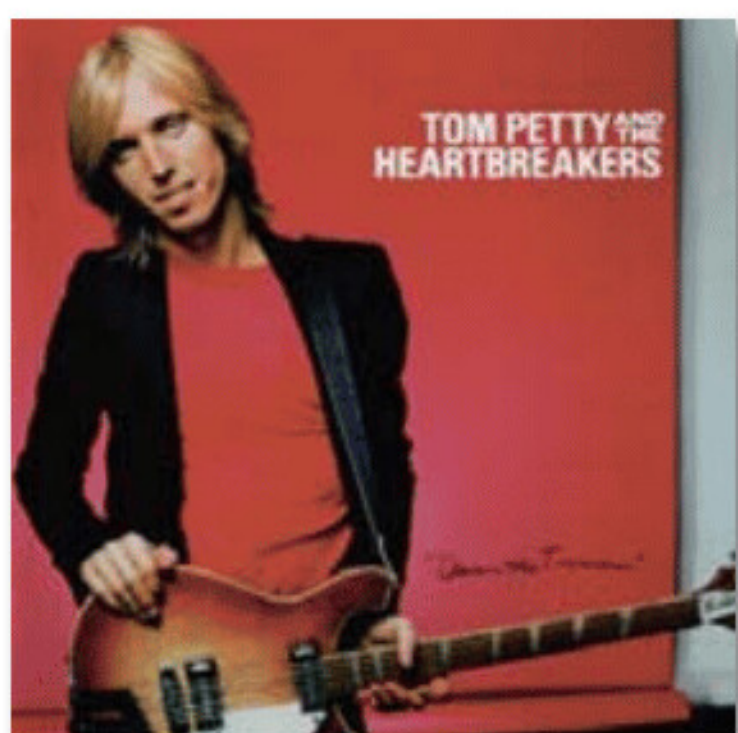
313. MTV Unplugged in New York
Nirvana DGC, 1994

O Nirvana brilha aqui porque o volume fica baixo para deixar a vulnerabilidade torturada de Kurt Cobain brilhar. As covers de canções de Lead Belly, David Bowie e Meat Puppets resumem o Nirvana como uma banda assombrada e crua na essência.



314. The Miseducation of Lauryn Hill
Lauryn Hill Ruffhouse, 1998

Nesta estreia solo (e, até agora, o único álbum de estúdio dela), Lauryn Hill pegou o soul dos anos 1970 e deu a ele significado para a geração do hip-hop. A produção é sutil e gloriosa em faixas arrasadoras como "Ex-Factor" e "Doo Wop (That Thing)".



315. Damn the Torpedoes
Tom Petty and the Heartbreakers Backstreet, 1979

Com conhecimento musical enciclopédico e uma voz parecendo com a de um Bob Dylan afinado, Petty e sua fiel banda resgataram o classic rock: *Damn the Torpedoes* mantém as promessas que muitos tinham esquecido.



316. The Velvet Underground
The Velvet Underground MGM, 1969

O álbum que virou o rock do avesso. O Velvet começou como um antídoto sinistro contra os hippies. Desilusão silenciosa, exaustão e dor aqui são explosivas como no primeiro álbum da banda, lançado dois anos antes.



317. Surfer Rosa
Pixies 4AD, 1988

Era um pouco difícil entender o ruído feroz do Pixies, indeciso entre punk e rock alternativo. A arma secreta da banda era saltar da doçura para o grito, do meditativo para o agressivo. Em "Gigantic", a baixista Kim Deal canta como Patty Pimentinha enquanto a banda enfia uma estaca no rock dos anos 1980.



318. Back Stabbers
The O'Jays
 Philadelphia International, 1972

Depois da guerra do Vietnã e do escândalo de Watergate, a soul music também retratou a escuridão política e social que o mundo vivia no começo da década de 1970. A faixa-título é um aviso: cheia de funk e paranoia, é bem a cara da época.



319. Burnin'
The Wailers Island, 1973

Honesto e totalmente em sintonia, este é o último álbum dos Wailers com Peter Tosh e Bunny Wailer. O grito cheio de soul de Bob Marley é rivalizado pelos riffs grudentos de órgão. A versão original de "I Shot the Sheriff" é muito mais desesperada do que a regravação de sucesso de Eric Clapton.



320. Amnesiac
Radiohead Parlophone, 2001

A segunda metade do golpe duplo que o Radiohead começou com *Kid A* era mais suave na superfície, mas igualmente desorientadora, trazendo mais guitarras que o antecessor. "Pyramid Song", "Hunting Bears" e "Knives Out" ainda impressionam pelas texturas e acabamento.



321. Pink Moon

Nick Drake Island, 1972

Nick Drake gravou o derradeiro álbum da carreira dele em poucas noites. O cantor entregou as fitas para a Island Records e se internou em um hospital psiquiátrico. Se a música fosse tão sombria quanto as letras, poderia ser inaudível, mas os vocais calmos de Drake fazem *Pink Moon* fluir com uma ternura sobrenatural.



322. Sail Away

Randy Newman Reprise, 1972

O produtor Lenny Waronker chamava Randy Newman de “Rei dos Cantores Suburbanos de Blues”. Esta é a obra-prima do cantor e pianista, com pouco rock e muita influência de música de cabaré. “Political Science” até hoje é relevante. A faixa-título foi regravada por uma lista imensa de outros cantores da época.



323. Ghost in the Machine

The Police A&M, 1981

Em *Ghost in the Machine*, o trio emulou instrumentos de corda através de sintetizadores e falou de política. “Every Little Thing She Does Is Magic” é pura inteligência pop e “Invisible Sun”, que fala sobre a violência na Irlanda do Norte, é tocante.



324. Station to Station

David Bowie RCA Victor, 1976

Station to Station foi gravado em uma tempestade de cocaína em Los Angeles – Bowie estava atolado no mundo junkie. “TVC 15” é R&B de Nova Orleans como um funk robótico; “Golden Years” (que o cantor escreveu com Elvis Presley na mente) é James Brown do espaço sideral, destacando o incrível falsete de Bowie.



325. Slowhand

Eric Clapton RSO, 1977

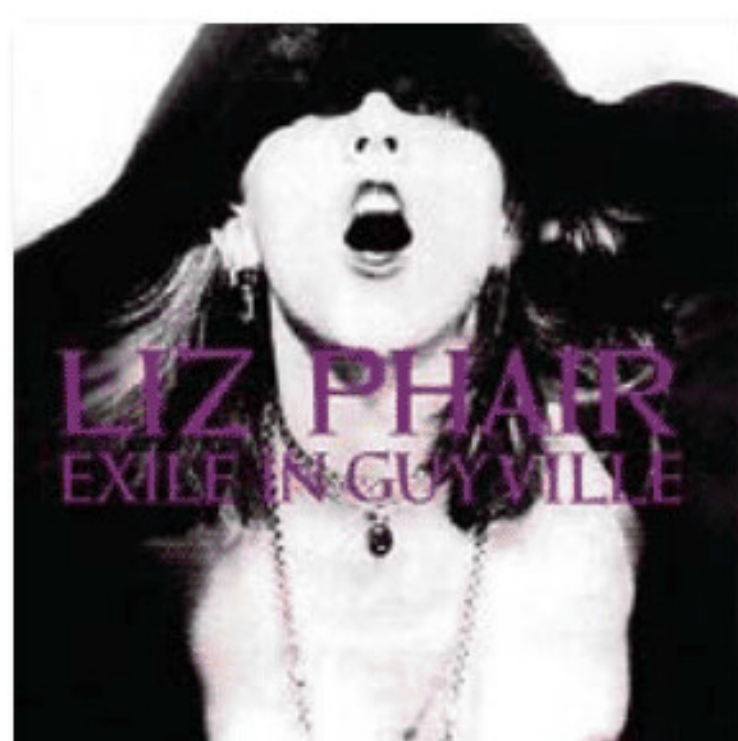
Neste álbum, Clapton mistura canções de amor à luz de velas e riffs inesquecíveis. A explícita “Cocaine” e a balada “Wonderful Tonight” são os hits e puxaram a vendagem de *Slowhand*. Contudo, não dá para ignorar “Next Time You See Her”, uma melodia suave carregada com uma ameaça de morte ao pretendente de uma namorada.



326. Disintegration

The Cure Fiction, 1989

De acordo com os moleques do desenho *South Park*, *Disintegration* é o melhor álbum já feito. Para muitos garotos depressivos com a cabeça nos anos 1980, este é o único álbum já feito. Em “Fascination Street”, a voz de Robert Smith bate forte enquanto ele faz a angústia adolescente soar como algo maravilhoso.



327. Exile in Guyville

Liz Phair Matador, 1993

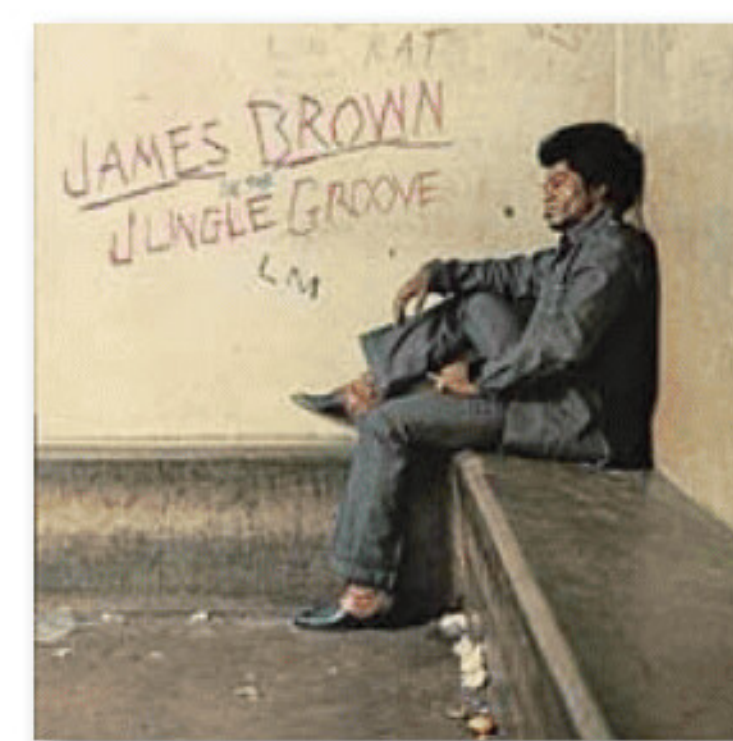
O álbum foi criado como uma paródia de *Exile on Main St.*, dos Rolling Stones. A franqueza de Liz sobre sexo causou comoção, mas é a honestidade lacerante de “Divorce Song” que fica. “Fuck and Run” é uma música triste sobre sonhar com romance e se contentar com pouco.



328. Daydream Nation

Sonic Youth Enigma, 1988

O Sonic Youth teve uma longa e brilhante carreira fazendo punk artístico, e este é o triunfo máximo da banda. As guitarras de Thurston Moore e Lee Ranaldo são como antenas pegando sinais do outro mundo e os canalizando na névoa urbana suja de “Teenage Riot” e “Eric’s Trip”.



329. In the Jungle Groove

James Brown Polydor, 1986

Esta é uma compilação dos singles do Mr. Dynamite de 1969 a 1970, período em que deixou a soul music para trás e se dedicou ao funk. O álbum tem a infinitamente sampleada “Funky Drummer” e um remix de “Give it Up or Turnit a Loose”, onde Brown faz o funk mais pesado da vida dele – ou da nossa.



Neil Young,
sempre
intenso



330. Tonight's the Night

Neil Young Reprise, 1975

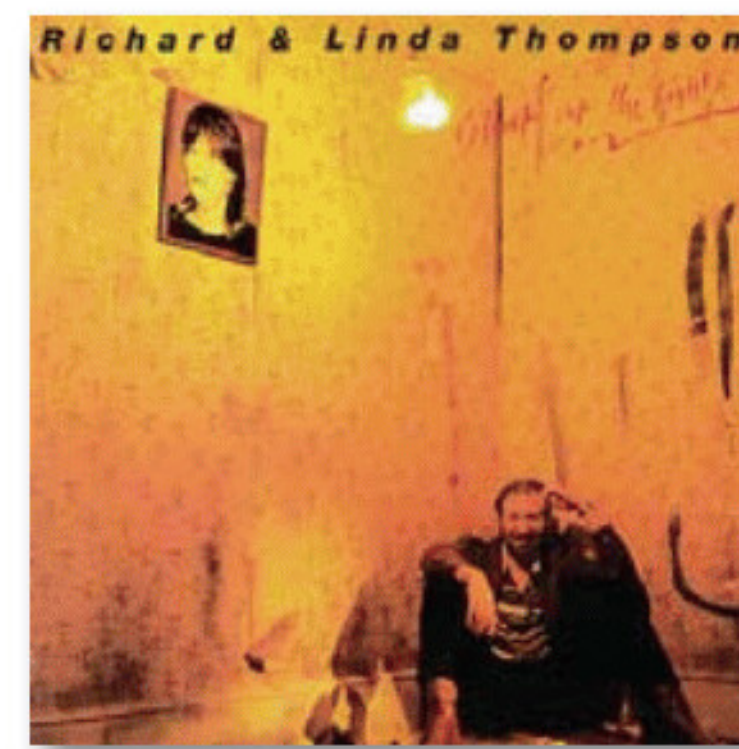
Young fez seu álbum mais emocionalmente devastado como um tributo a dois amigos que morreram por causa das drogas: Danny Whitten (guitarrista do Crazy Horse) e o roadie Bruce Berry. Ele soa como se estivesse à beira de um colapso.



331. Help!

The Beatles Parlophone, 1965

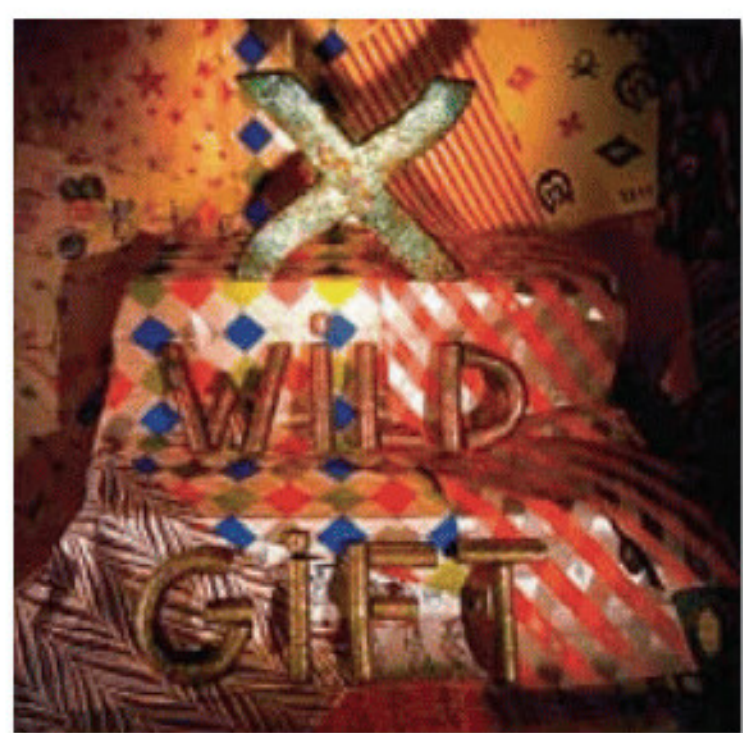
O segundo filme da banda foi uma colorida paródia da Swinging London e a trilha sonora inclui clássicos como a desesperada faixa-título e o hit "Ticket to Ride". O lado B do LP tem nada menos do que "Yesterday". Os ventos acústicos de *Help!* apontaram o caminho para a próxima parada dos Beatles: *Rubber Soul*.



332. Shoot Out the Lights

Richard & Linda Thompson Hannibal, 1982

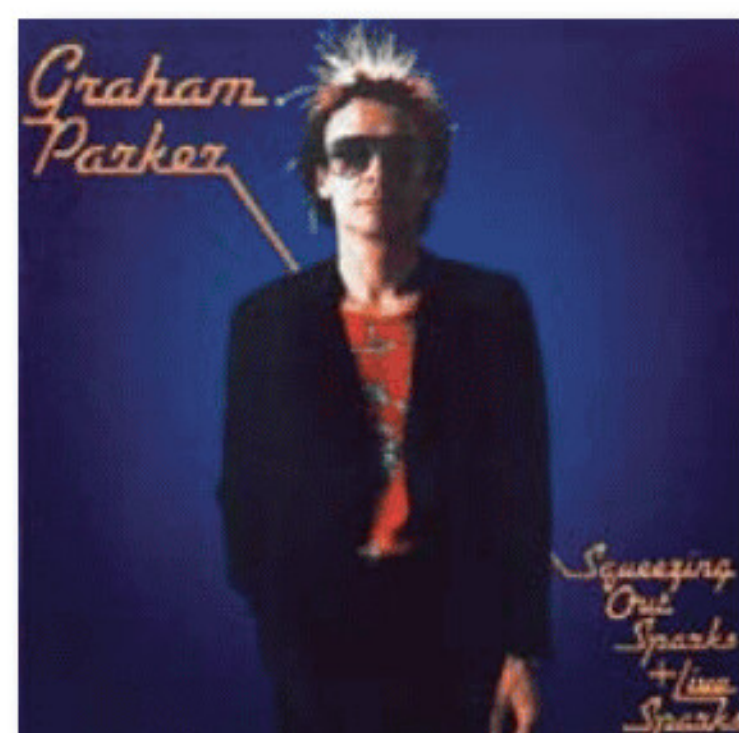
O último álbum desta dupla britânica de folk rock é um retrato de um casamento falido, feito enquanto a relação dos dois ruía. A música mais contagiante: "Wall of Death". A mais assustadora: "Walking on a Wire".



333. Wild Gift

X Slash, 1981

Em *Wild Gift*, John Doe e Exene Cervenka falam sobre amor usando como base um rock sujo de garagem, mudando a linguagem emocional do punk. Eles eram os White Stripes de sua época, um jovem casal mexendo com country e blues em pérolas como "Adult Books", "Beyond and Back" e "We're Desperate".



334. Squeezing Out Sparks

Graham Parker Vertigo, 1979

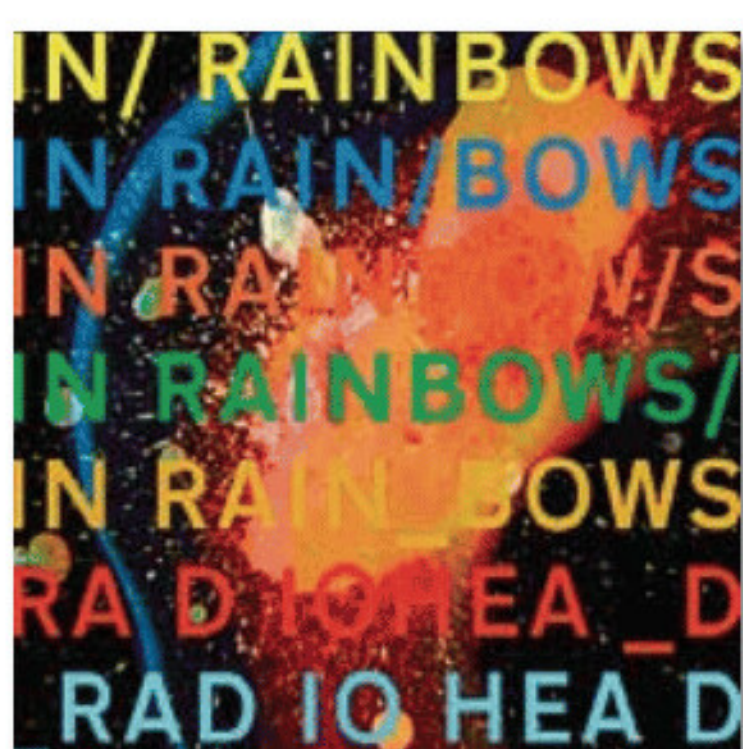
Um jovem raivoso ao estilo de Elvis Costello, este ex-frentista de posto de gasolina surfou a onda do punk britânico. O quinto álbum dele combina rock de banda de bar com ganchos da new wave. A paranoia amarga de Parker brilha em cada faixa.



335. Superunknown

Soundgarden A&M, 1994

O Soundgarden era a resposta pesada da cena punk de Seattle ao som de *Led Zeppelin II*. Os membros da banda tornaram-se compositores de verdade em *Superunknown*, moldando a raiva em hinos grunge como "Black Hole Sun". "Percebemos a importância da melodia", disse Chris Cornell. "Talvez estejamos escutando Bryan Ferry."



336. In Rainbows

Radiohead independente, 2007

Depois que a moda do "pague quanto quiser" morreu, o que restou para os fãs? As canções de amor mais intensas que Thom Yorke já cantou, e uma sensação cálida de percussão ao vivo que dá a todo o álbum a vibração de uma jam session hippie – acontecendo no fim do mundo, claro.



337. Aqualung

Jethro Tull Chrysalis, 1971

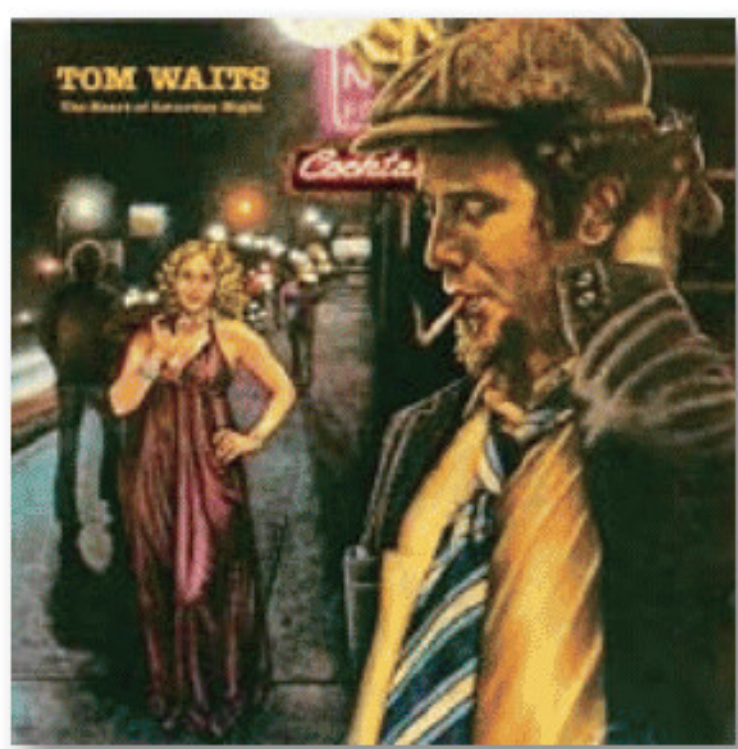
Os membros do Jethro Tull eram filósofos cabeludos do rock progressivo que criticavam a religião e a hipocrisia moderna ao mesmo tempo em que incorporavam solos de flauta. Com vários hits feitos para as rádios, este disco os transformou em uma grande banda de estádios.



338. Cheap Thrills

Big Brother & the Holding Company Columbia, 1968

Estes músicos de acid rock de São Francisco foram a banda mais compatível que Janis Joplin já teve, especialmente quando a barulheira áspera deles a apoia em "Piece of My Heart", talvez a melhor gravação feita pelo Big Brother.



339. The Heart of Saturday Night

Tom Waits Asylum, 1974

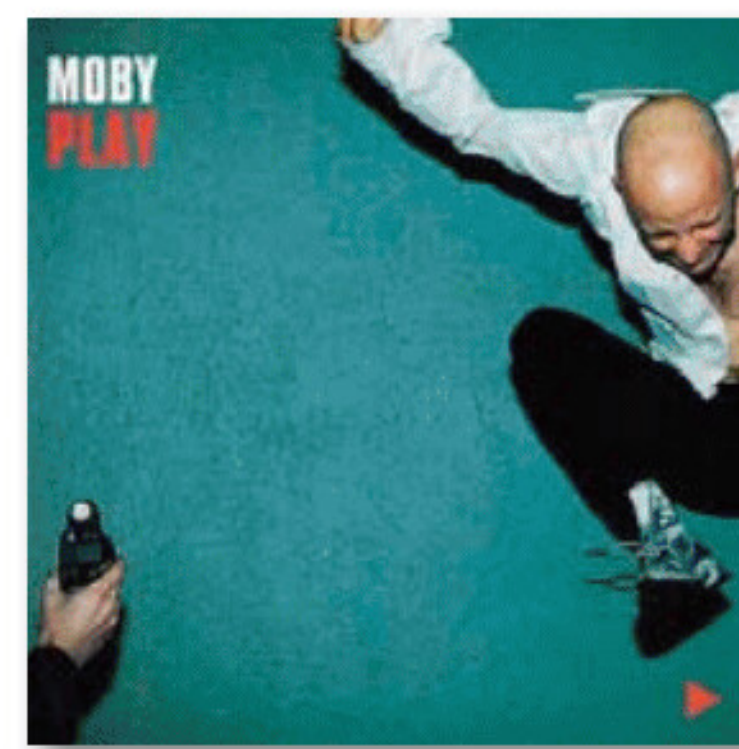
Na época em que Waits gravou o segundo álbum, ele tinha desenvolvido o talento para grunhir histórias da sarjeta beatnik do jazz e havia se livrado das canções de amor. Ele faz isso bem em “Diamonds on My Windshield” e “The Ghosts of Saturday Night”.



340. Damaged

Black Flag SST, 1981

A MCA Records se recusou a lançar este disco, denunciando-o como “imoral” e “contra os pais”. O Black Flag fez jus à polêmica, definindo o punk hardcore de Los Angeles com guitarras violentas e o grito enraivecido de Henry Rollins, especialmente em “TV Party” e “Rise Above”. Punks ainda escutam *Damaged* – e os pais ainda o odeiam.



341. Play

Moby V2, 1999

Play foi o álbum de techno que provou que um computador Macintosh podia ter alma. Em faixas como “Porcelain” e “Natural Blues”, Moby resgatou vozes antigas do blues e gospel e as sobrepôs com grooves dance. Um disco com uma beleza estranha e assustadora, que tornou o músico um DJ do primeiro escalão.



342. Violator

Depeche Mode Mute, 1990

Para muitos fãs do Depeche Mode, *Violator* é a glória que coroa o período de “couro negro” da banda. Em “Sweetest Perfection” e “Halo”, eles transformam angústia adolescente e obsessão sexual em melodrama pop, e a tentativa da banda em fazer rock resultou no hit “Personal Jesus”.



Moby dá alma à música eletrônica



343. Bat Out of Hell

Meat Loaf Cleveland International, 1977

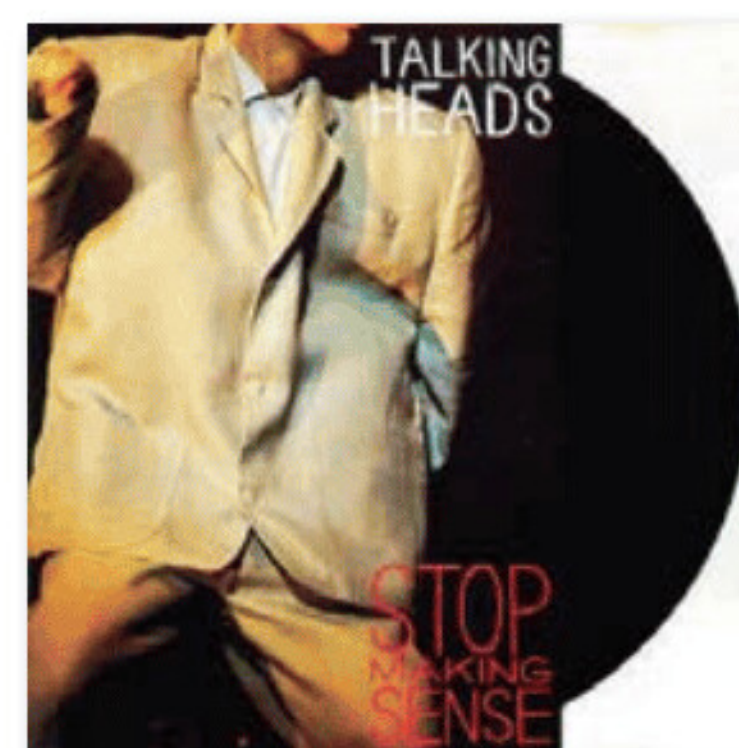
O álbum bombástico de Meat Loaf foi escrito pelo pianista Jim Steinman, que pretendia que parte do material fosse para uma nova versão teatral de *Peter Pan*. Trata-se de um dos discos mais teatrais e grandiosos do rock. Loaf coloca emoção verdadeira em “Two Out of Three Ain’t Bad”.



344. Berlin

Lou Reed RCA, 1973

Lou Reed sucedeu o inovador *Transformer* com *Berlin*, que ele descreveu como “minha versão para Hamlet”. O álbum é altamente ambicioso, mas também é um dos trabalhos mais sombrios já feitos – lento e orquestrado de forma pesada pelo produtor Bob Ezrin.



345. Stop Making Sense

Talking Heads Sire, 1984

Esta trilha sonora para o concerto filmado por Jonathan Demme em 1984 funciona como uma grande história da banda. Começa com uma versão comedida de “Psycho Killer” e segue até a expansiva “Take Me to the River”, onde a banda recebe Bernie Worrell, grande nome do Parliament.



346. 3 Feet High and Rising

De La Soul Tommy Boy, 1989

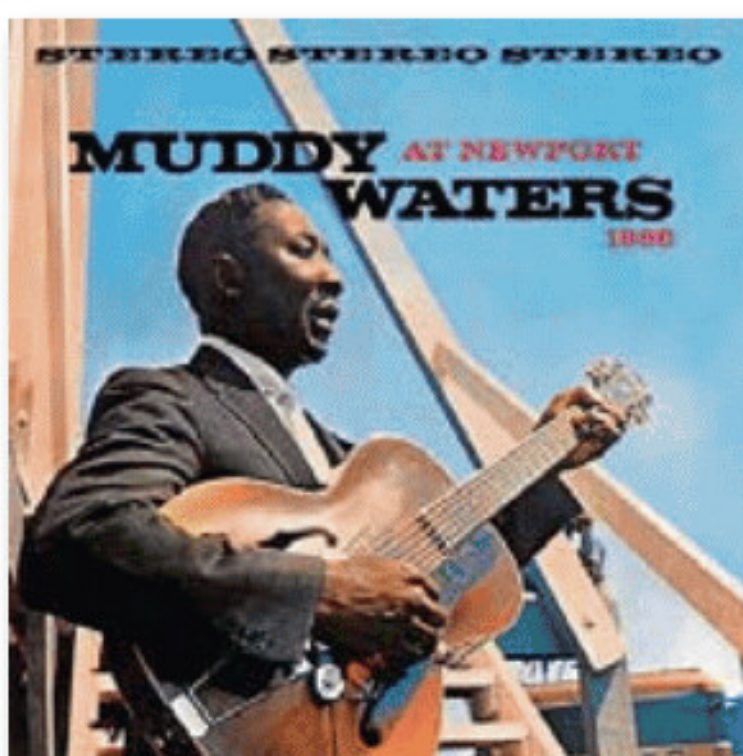
No final da década de 1980, o De La Soul lançou “D.A.I.S.Y. Age”, que queria dizer “Da Inner Sound, Y’All” [O Som Interno, Pessoal]. Nada de correntes de ouro: só samples, piadas e batidas, citando de P-Funk a Hall & Oates e Johnny Cash.



347. The Piper at the Gates of Dawn

Pink Floyd Columbia, 1967

“Estou cheio de poeira e guitarras”, disse Syd Barrett, do Pink Floyd. Isso quer dizer que a estreia da banda é repleta de imagens divertidas e psicodélicas e guitarras ácidas – tanto alegres (“See Emily Play”) quanto viajantes e esquisitas (“Interstellar Overdrive”).



348. At Newport 1960

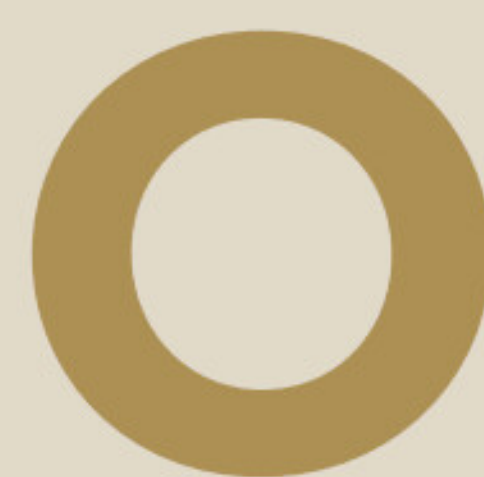
Muddy Waters Chess, 1960

Um agitado documento ao vivo do período em que o blues de Chicago de Waters começou a atingir um público maior, *At Newport...* tem vários clássicos – “(I’m Your) Hoochie Coochie Man”, “Got My Mojo Working” – tocados por uma banda coesa, ancorada pelo gênio da gaita James Cotton.



POR TRÁS DE...

Paul’s Boutique Beastie Boys



S BEASTIE BOYS NÃO EXATAMENTE LUTAVAM CONTRA o fardo de altas expectativas para o segundo álbum. “Era para termos lançado ‘Fight for Your Right to Party, Part Two’ e quebrado a cara”, disse Mike D.

“Agora as pessoas vêm e dizem: ‘Tenho que te agradecer... comecei a curtir *Paul’s Boutique* na faculdade’.” O disco é chamado de *Sgt. Pepper’s...* do hip-hop. “Não é totalmente falso, porque sampleamos algumas coisas dos Beatles”, afirmou o mago e engenheiro de estúdio de longa data do Beastie Boys, o brasileiro Mario Caldato Jr. De fato, a obra-prima caleidoscópica de 1989 pode ir para a história como o álbum mais cheio de samples já feito. “95% do disco foi sampleado”, disse Caldato. “A lista de samples é tão grande que a banda ainda está sendo processada por isso.”

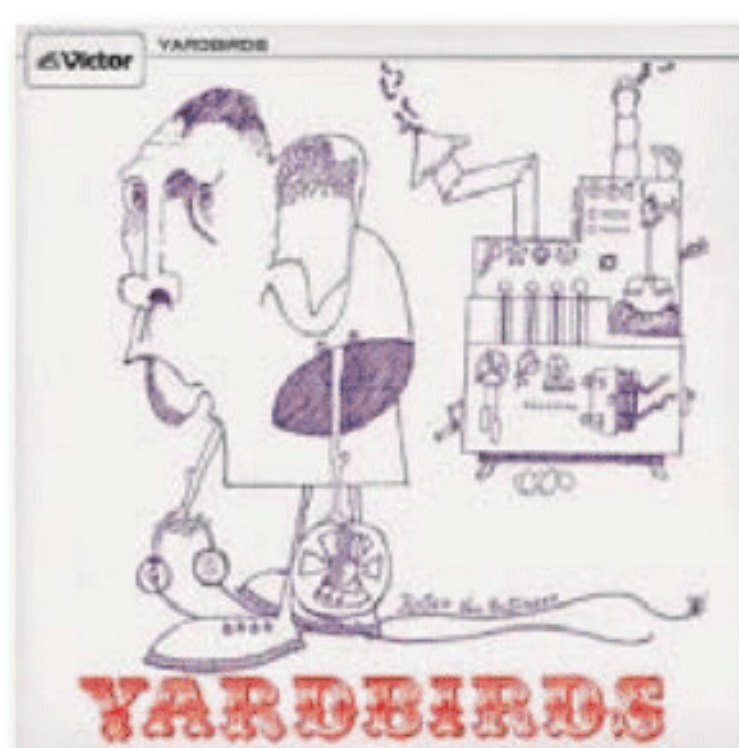
Os Beasties tinham se mudado de Nova York para Los Angeles, se separado de sua gravadora original, a Def Jam, e estavam prontos para começar uma nova fase. Matt Dike, chefe da gravadora Delicious Vinyl e DJ que lançava tendências em Los Angeles, ofereceu ao trio duas demos instrumentais de funk em que havia trabalhado com uma dupla de produção chamada The Dust Brothers (essas duas faixas acabariam se tornando as peças centrais de *Paul’s Boutique*, “Shake Your Rump” e “Car Thief”). “As músicas realmente eram sobre nossas vidas”, contou Caldato. “Ficar em hotéis chiques, comer em bons restaurantes, alugar motos BMW. Em ‘Egg Man’, eles falam de jogar ovos do hotel Mondrian em carros que passavam, e fizeram aquilo. ‘Relaxar com Bob Dylan’? Fomos a uma festa de Natal que Dolly Parton deu na casa dela e lá estava Bob Dylan! Pensamos: ‘Porra, vamos acender um baseado’. Então, acendemos um baseado com Bob.”



349. The Black Album

Jay Z Roc-A-Fella, 2003

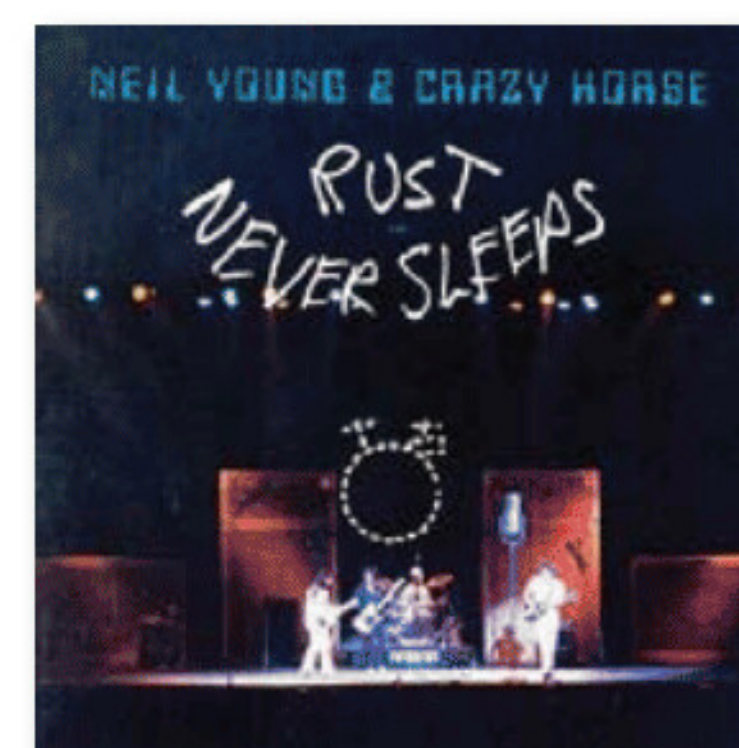
Em seu “disco de despedida”, Jay Z criou um notável exercício de automitologia. Ele relembra a ascensão mítica (“de tijolos a outdoors, de gramas a Grammys”) e massacra os inimigos no ataque do rap-rock “99 Problems”. Com uma penca de produtores, incluindo The Neptunes e Eminem, *The Black Album* é a essência de Jay Z.



350. Yardbirds

Yardbirds Columbia, 1966

Jeff Beck ficou por pouco tempo nos Yardbirds, mas levou os roqueiros do blues britânico para uma direção mais aventureira e psicodélica. O álbum *Yardbirds*, popularmente conhecido como *Roger The Engineer*, tem faixas inovadoras cheias de distorção como “The Nazz are Blue”, “Lost Woman” e “Over, Under, Sideways, Down”.



351. Rust Never Sleeps

Neil Young and Crazy Horse

Reprise, 1979

Este disco ao vivo é Neil Young na essência, cheio de músicas acústicas delicadas e digressões do Crazy Horse. Os destaques: “My My, Hey Hey (Out of the Blue)” (um tributo a Johnny Rotten e à força do rock) e “Powderfinger”, onde a guitarra de Young toca o céu como nunca antes.



352. Brothers in Arms

Dire Straits Vertigo, 1985

Mark Knopfler começou a escrever “Money for Nothing” quando ouviu um vendedor de aparelhos eletrônicos esbravejar contra o rock e a MTV. A música, claro, virou um sucesso enorme no canal televisivo. O álbum exibe ainda os riffs de guitarra exuberantes de Knopfler em “Walk of Life” e “So Far Away”.



353. My Beautiful Dark Twisted Fantasy

Kanye West Roc-A-Fella, 2010

O polêmico trabalho de West tem hip-hop épico tão inspirado quanto a vida dele, trazendo o piano de Elton John, berros ao vocoder e visões hilárias sobre o jeito como o rapper ataca a si mesmo.

Jay Z se autoglorifica

Billy Joel
capricha no
acordeom



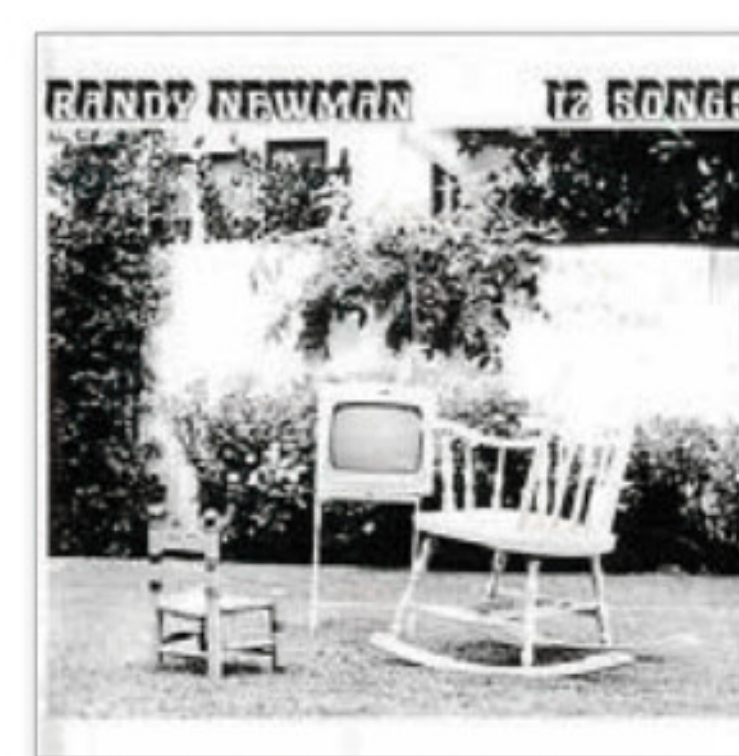
354. 52nd Street
Billy Joel Columbia, 1978

O caminho ditado pelo sucesso de *The Stranger* produziu um sucessor mais elegante e inclinado ao rock. Como Elton John, Joel assimilou os estilos (jazz, ritmos latinos) que eram necessários a seu objetivo. “Não quero limitar minha dieta”, disse, “comendo só uma verdura da horta.”



355. Having a Rave Up With The Yardbirds
The Yardbirds Epic, 1965

O LP apresentou os Yardbirds para o público dos Estados Unidos. O lado A tem singles destacando o exibicionismo virtuoso de Jeff Beck. Já o outro lado apresenta faixas ao vivo com Eric Clapton.



356. 12 Songs
Randy Newman Reprise, 1970

O segundo disco de Newman foi sua revelação artística, com Ry Cooder e alguns integrantes dos Byrds contribuindo para o som calmo e confiante. Newman se mostra cáustico e engraçado – especialmente em “Mama Told Me Not to Come”, “Have You Seen My Baby?” e “Suzanne”.



357. Between the Buttons

The Rolling Stones Decca, 1967

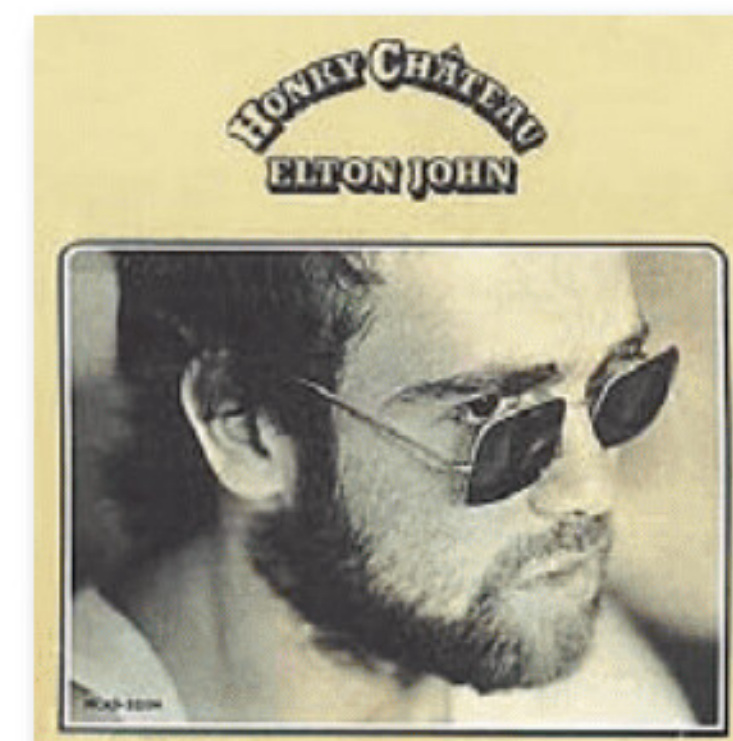
Este é o álbum “mais inglês” dos Stones, com o som de music hall dando as cartas. O hit pastoral “Ruby Tuesday” está presente na edição norte-americana. A doçura de “Back Street Girl” compensa o cinismo de “Something Happened to me Yesterday”.



358. Sketches of Spain

Miles Davis Columbia, 1960

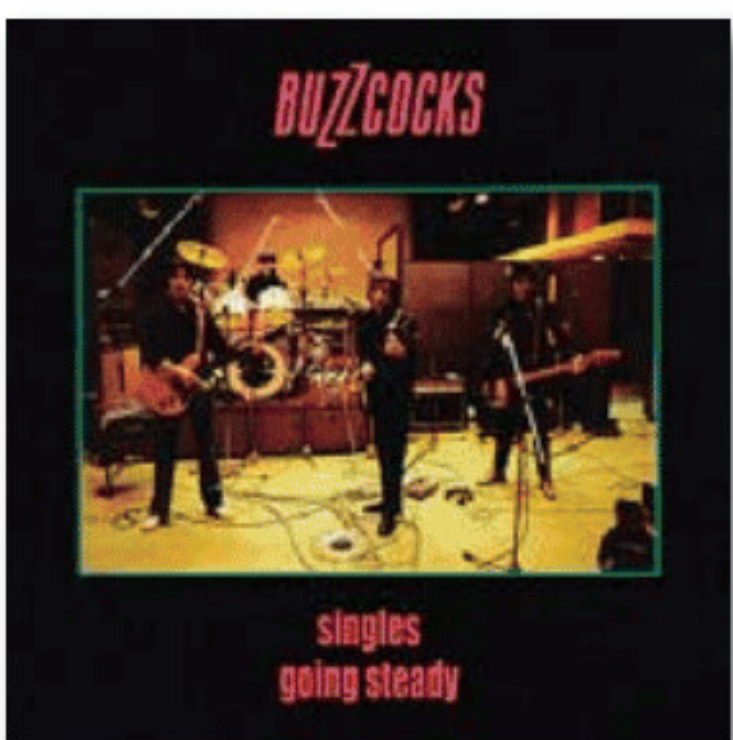
Esta colaboração entre Davis e o arranjador Gil Evans levou 15 sessões orquestrais para ser gravada e seis meses para ser finalizada. Não foi uma tentativa de tocar música espanhola, mas sim de sugeri-la. A beleza silenciosa do álbum é de uma paixão enorme, mas é jazz? Davis respondeu: “É música, e gosto dela”.



359. Honky Château

Elton John DJM, 1972

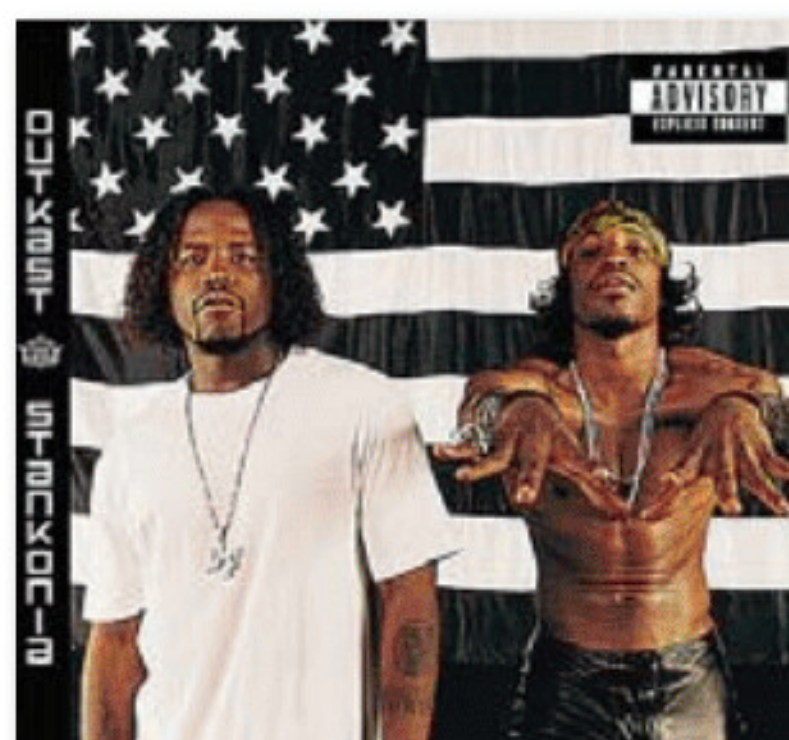
Depois de algumas incursões mais pesadas, foi uma delícia ouvir Elton John se divertir nos prazeres simples do pop de “Honky Cat”. Escrito em cinco dias e usando pela primeira vez a banda com a qual John excursionava, *Honky Château* é o reflexo de um artista se soltando e usando todos os seus poderes.



360. Singles Going Steady

Buzzcocks I.R.S., 1979

Singles... reúne oito discos britânicos de 45 rotações em um álbum perfeito de punk. Esta banda de Manchester pegou o som dos Ramones e o deixou ainda mais rápido. Faixas como “Everybody’s Happy Nowadays” definem um mundo de desejo sempre frustrado.



361. Stankonia

OutKast LaFace, 2000

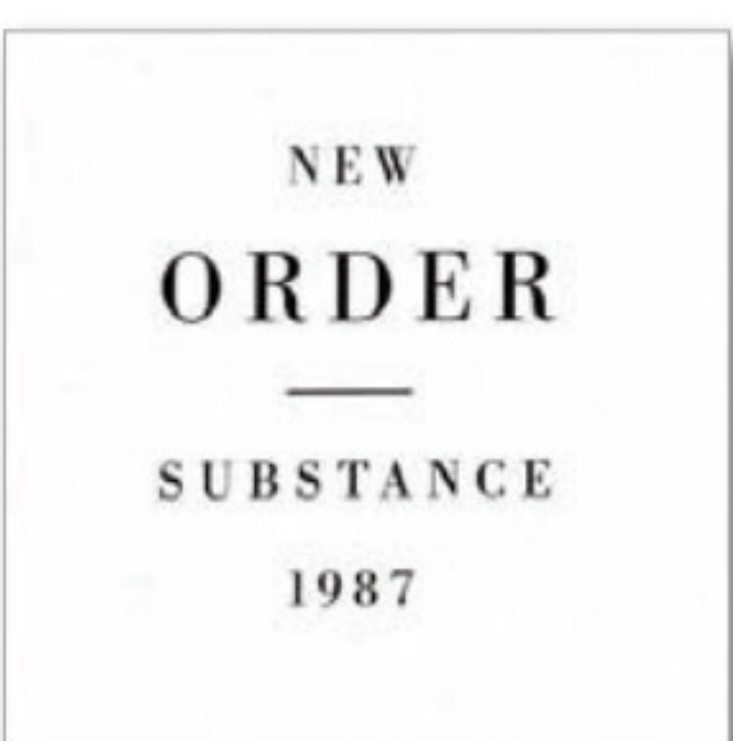
“Chamamos isso de slumadelic”, disse Big Boi sobre a mistura de hip-hop, funk, rock e sons extraterrestres feitos pelo OutKast. *Stankonia* foi uma novidade no rap ao falar das mulheres sem apelar para misoginia. Isso pode ser ouvido em “Slum Beautiful” e em “Ms. Jackson”, um pedido de desculpas à mãe de uma ex-namorada.



362. Siamese Dream

Smashing Pumpkins Virgin, 1993

No segundo disco, a banda liderada pelo cantor Billy Corgan passou do rock alternativo para um som mais orquestrado, usando múltiplas partes de guitarra, instrumentos de cordas e mellotron. *Siamese Dream* está repleto de hits (“Cherub Rock”, “Today”) e o rock alternativo como um todo tirou inspiração do álbum.



363. Substance

New Order Factory, 1987

Esta coletânea de singles de 12 polegadas e remixes mostra a transformação do New Order de roqueiros depressivos a pioneiros da electro-disco. “Blue Monday” e “Bizarre Love Triangle” são cheias de linhas de baixo que bandas baseadas em guitarras ainda estão tentando entender.



364. L.A. Woman

The Doors Elektra, 1971

Jim Morrison disse que o grupo The Doors queria “voltar para o que fazíamos originalmente: ser bem primitivos... bem relaxados”. Gravado no espaço de ensaio da banda com o microfone de Morrison montado no banheiro, o derradeiro disco dos Doors mostrava o quarteto mais blueseiro e confiante.



365. Rage Against the Machine

Rage Against the Machine

Epic, 1992

A política radical de Zack de la Rocha encontrou apoio no exército de uma guitarra só de Tom Morello, causando um furor não sentido desde o MC5 e o The Clash.

O fervor do Rage
Against the
Machine no palco





Calmaria para
o Eagles



366. American Recordings

Johnny Cash American, 1994

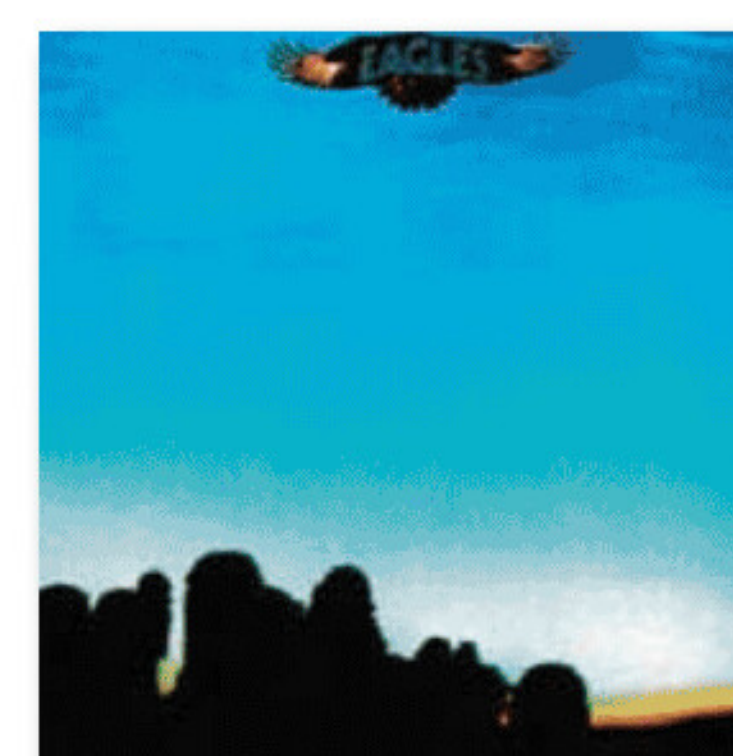
Depois de anos ignorado pelo universo country, Cash voltou com este álbum acústico essencial e sem enfeites sonoros produzido por Rick Rubin. Foi um lembrete de que um gigante ainda andava entre nós.



367. Ray of Light

Madonna Maverick, 1998

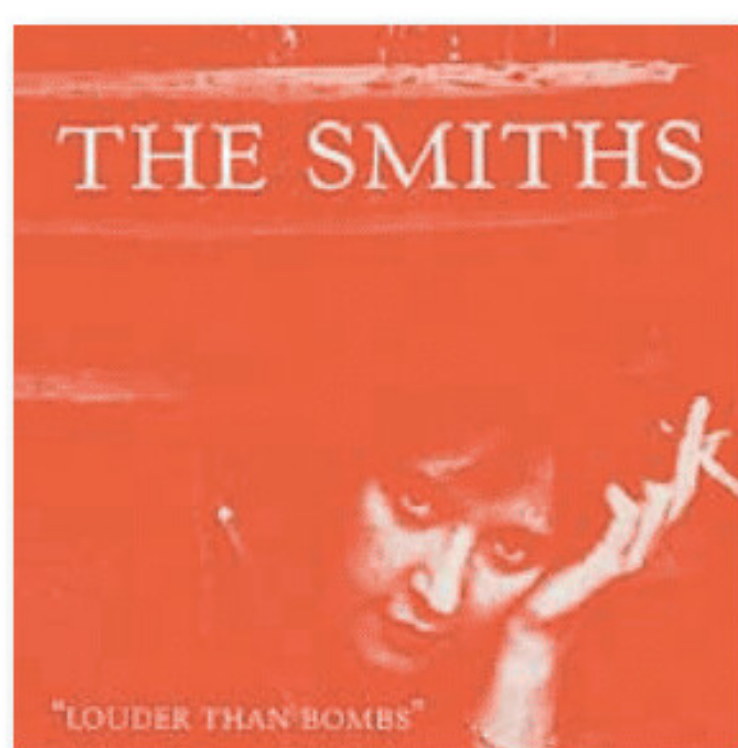
Para o primeiro disco depois de ter se tornado mãe, Madonna e o produtor William Orbit mostraram ao mundo que o som do pop eletrônico não tem de ser necessariamente frio ou distante. Músicas como a faixa-título e “Nothing Really Matters” estão cheias de calor e encanto.



368. Eagles

Eagles Asylum, 1972

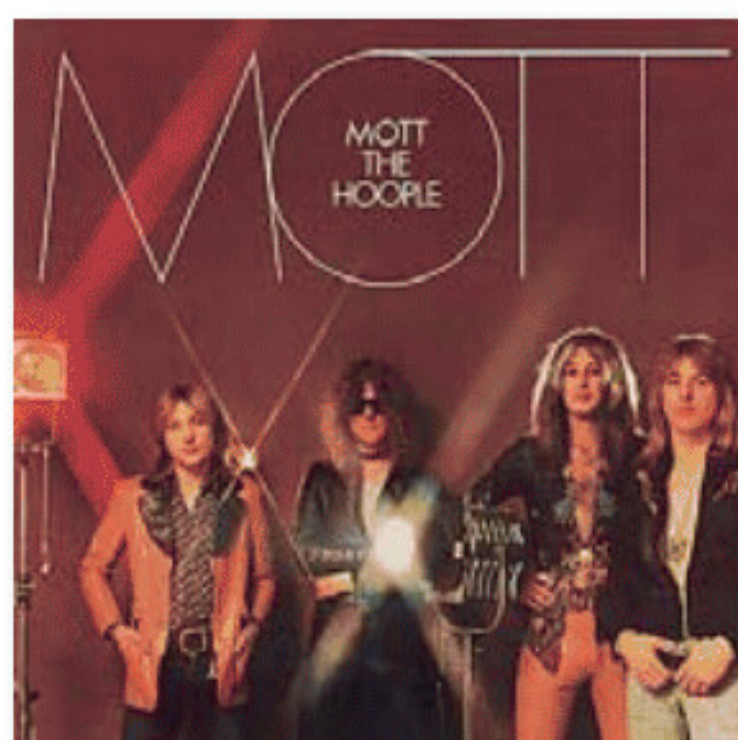
Esta estreia criou um novo modelo para o country rock cuca-fresca de Los Angeles. Por trás da mensagem calma da banda, havia uma obstinação incansável. “Todos tinham de ser bonitos, cantar bem, tocar bem e escrever bem”, Glenn Frey contou a Cameron Crowe na *Rolling Stone*.



369. Louder Than Bombs

The Smiths Sire, 1987

Projetada para reativar o interesse do público norte-americano nos Smiths enquanto a banda completava um novo LP, esta coletânea se tornou item obrigatório. Algumas das melhores músicas do quarteto estão aqui, como “Sheila Take a Bow” e “Panic”.



370. Mott

Mott the Hoople CBS, 1973

“All the Young Dudes”, gravado por David Bowie, tinha ressuscitado a carreira do Mott the Hoople, mas Ian Hunter “queria que as pessoas soubessem que David não criou esta banda”. Com produção própria, eles equilibraram ceticismo e brigas em estúdio para gravar este disco, uma leitura do rock como “um jogo de perdedores”.



371. Whatever People Say I Am, That's What I'm Not

Arctic Monkeys Domino, 2006

Aqui, a banda de Alex Turner oferece músicas desconexas movidas a cerveja sobre ser jovem e estar entediado em uma cidade metalúrgica no norte da Inglaterra.



POR TRÁS DE...

American Idiot Green Day

“SOU MALUCO DE FAZER UMA ÓPERA PUNK ROCK?”, perguntou o vocalista e guitarrista Billie Joe Armstrong durante as sessões de *American Idiot*. “Conseguimos lidar com isso?” Não era uma má pergunta. Quando o produtor Rob Cavallo foi até o Studio 880 do Green Day em Oakland no outono de 2003, ficou sabendo que a banda já tinha concluído um álbum, *Cigarettes and Valentines*, mas que tinha perdido as masters. Decidindo começar do zero com material novo, o Green Day passou quatro meses ensaiando, fazendo demos das músicas e conversando sobre o que acontecia a seu redor: a Guerra do Iraque, a presidência de George Bush e outras questões urgentes e não musicais. O que tomou forma foi um ciclo de músicas sobre um roqueiro punk chamado St. Jimmy e um anti-herói perdido, Jesus of Suburbia, vagueando por um cenário de guerra, cultura pop e niilismo. ¶ Refletindo o amor da banda por álbuns do Who, como *Tommy* e *A Quick One*, o disco se transformou no produto menos provável na era nascente de compra de singles via iTunes: um álbum conceitual completo. “Usei tudo o que sabia sobre música”, Armstrong disse à *Rolling Stone* em 2005. “Canções de shows, musicais como *Grease*, a luta entre certo e errado, *The Joshua Tree* – tentei absorver tudo e transformar aquilo no Green Day”. Para garantir que o álbum fluísse, a banda gravou a maioria das músicas na ordem; buscando aliviar a tensão, o baterista Tré Cool fazia interpretações de algumas de suas músicas preferidas com letras sujas. ¶ *American Idiot* abordou o crescente ceticismo anti-Bush e foi um sucesso instantâneo quando lançado, em setembro de 2004. “Havia um sentimento naquela época no país que Billie Joe colocou em palavras”, Cavallo relembra. “Não houve represália.”



372. Reggatta de Blanc

The Police A&M, 1979

The Police pode ter sido agrupado com as bandas punk britânicas, mas Sting disse que a missão sempre foi “vender ótima música para as massas”. O trio fez isso com *Reggatta de Blanc*, um álbum mais conhecido por “Message in a Bottle”, mas valorizado pelo reggae de “The Bed’s Too Big Without You” e “Walking on the Moon”.



373. Volunteers

Jefferson Airplane RCA Victor, 1969

O guitarrista Jorma Kaukonen chamou a postura revolucionária de Paul Kantner de “ingênuo”, mas isso não evitou que a banda gravasse este álbum com enorme fervor. Pontos altos: as lindas “Wooden Ships” e “Eskimo Blue Day”, na qual Grace Slick canta: “O nome humano não significa merda alguma para uma árvore”.



374. Siren

Roxy Music Island, 1975

“Novos clientes sempre são bem-vindos!”, Bryan Ferry brincou quando “Love Is the Drug” se tornou o primeiro sucesso de sua banda nos Estados Unidos. Este delicioso LP inspirado parcialmente pela namorada de Ferry, Jerry Hall, usa o potencial artístico do Roxy Music até quando antecipa a atmosfera mais rarefeita de *Avalon*.



375. Late for the Sky

Jackson Browne Asylum, 1974

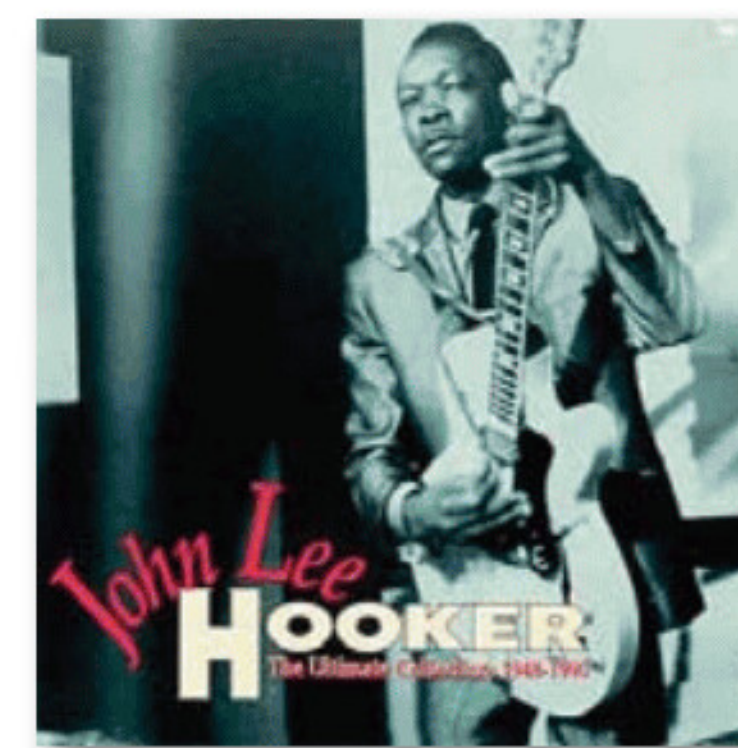
No terceiro álbum, Jackson Browne explorou, nas palavras de um crítico da *Rolling Stone*, a “possibilidade romântica à sombra do apocalipse”. A genialidade do músico se faz presente em criações como “The Late Show”, e “Farther On”. A faixa-título se tornou popular ao entrar na trilha de *Taxi Driver*, de Martin Scorsese.



376. Post

Björk One Little Indian, 1995

“Tenho de recriar o universo toda manhã quando acordo”, disse Björk, explicando a tremenda falta de inibição musical de seu segundo álbum solo. *Post* salta do jazz ao trip hop. Curiosidade: para gravar os vocais, a cantora nascida na Islândia estendeu o fio de seu microfone até uma praia para que pudesse cantar para o mar.



377. The Ultimate Collection 1948-1990

John Lee Hooker Rhino, 1991

“Boogie Chillen” foi o primeiro sucesso de Hooker e uma das últimas músicas que ele tocou. Antes disso o que se passou foi uma vida de blues. Este disco inclui essa canção, mais “Boom Boom” e todas as faixas que tornaram Hooker o mestre do estilo.



378. (What's the Story) Morning Glory?

Oasis Creation, 1995

Com o segundo álbum, os brigões irmãos Liam e Noel Gallagher aceitaram comparações com Stones e Beatles, mas logo se estabeleceram como força própria, especialmente na majestosa “Wonderwall”.



379. CrazySexyCool

TLC LaFace, 1994

As coisas não estavam bem com o TLC durante a gravação de *CrazySexyCool*: logo o trio declararia falência, mas elas emergiram como o grupo feminino de R&B mais efervescente e cheio de soul que tinha se visto desde as Supremes. Faixas como “Creep” e “Waterfalls” comprovam o fato.



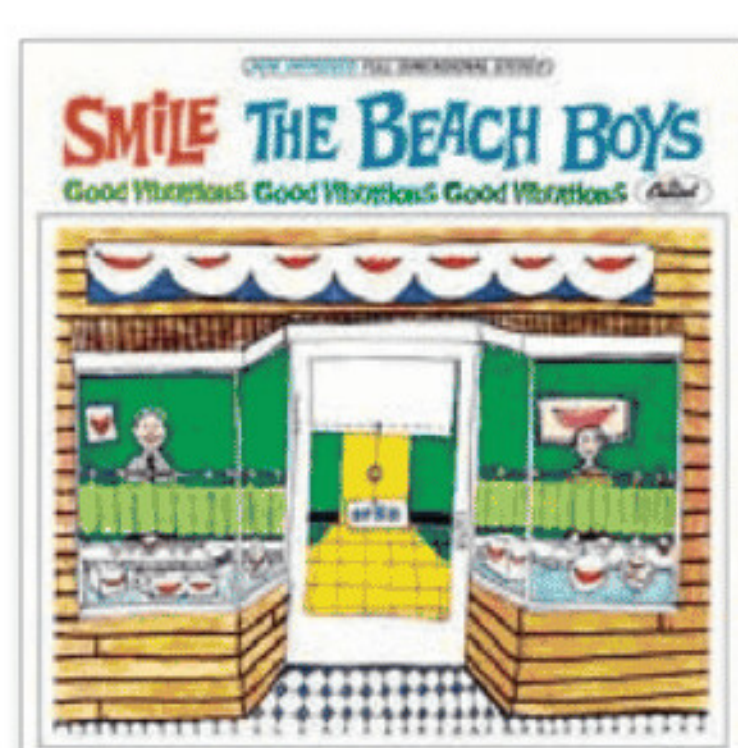
380. Funky Kingston

Toots & the Maytals Dragon, 1972

Relaxado, cheio de funk e exuberante, *Funky Kingston* é o documento essencial dos melhores artistas da Jamaica depois de Bob Marley. Exibindo algumas das maiores músicas dos Maytals (“Pressure Drop”) e bebendo do soul, pop e gospel, o álbum introduziu ao mundo o grande “Toots” Hibbert.



Os Beach Boys
e um amigo
peludo



381. The Smile Sessions

The Beach Boys Capitol, 2011

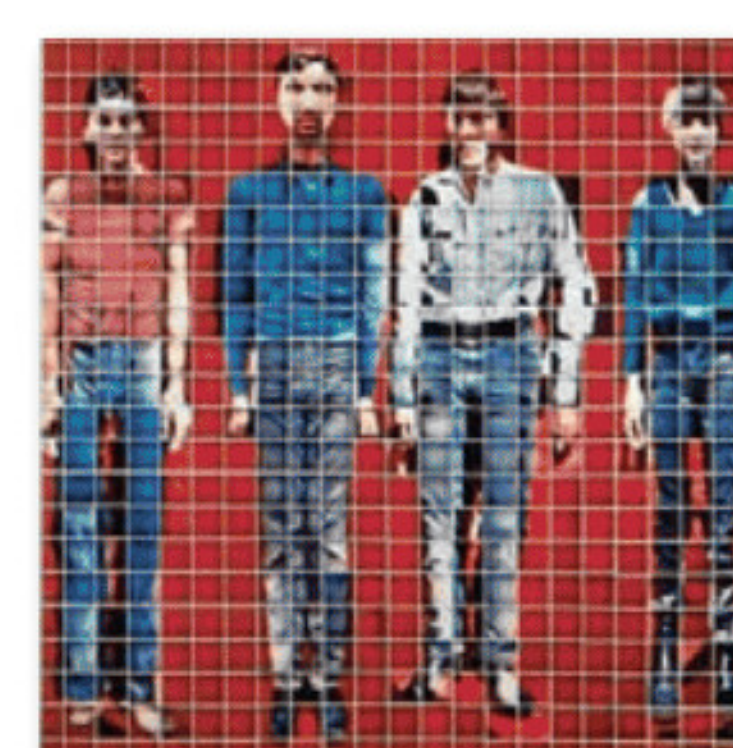
A caixa com cinco discos do Maior Álbum Nunca Feito do Pop é uma sinfonia inacabada de belíssimas harmonias que vêm e vão. É surf music californiana tingida de psicodelismo. As demos e os fragmentos incluídos mostram Brian Wilson pintando esta obra-prima de 1967.



382. The Modern Lovers

The Modern Lovers Beserkley, 1976

Jonathan Richman se mudou de Boston para Nova York na esperança de dormir no sofá de Lou Reed. Essa influência aparece no hino "Roadrunner". Gravado em 1972, mas só lançado em 1976, os Lovers levaram os sons ásperos do Velvet Underground para odes de romantismo suburbano.



383. More Songs About Buildings and Food

Talking Heads Sire, 1978

O segundo álbum dos Talking Heads incorporou funk e gospel (incluindo uma cover de "Take Me to the River", de Al Green) em um som contorcido e espartano, anunciando a banda como a mais inovadora da new wave.

The White Stripes:
blues minimalista

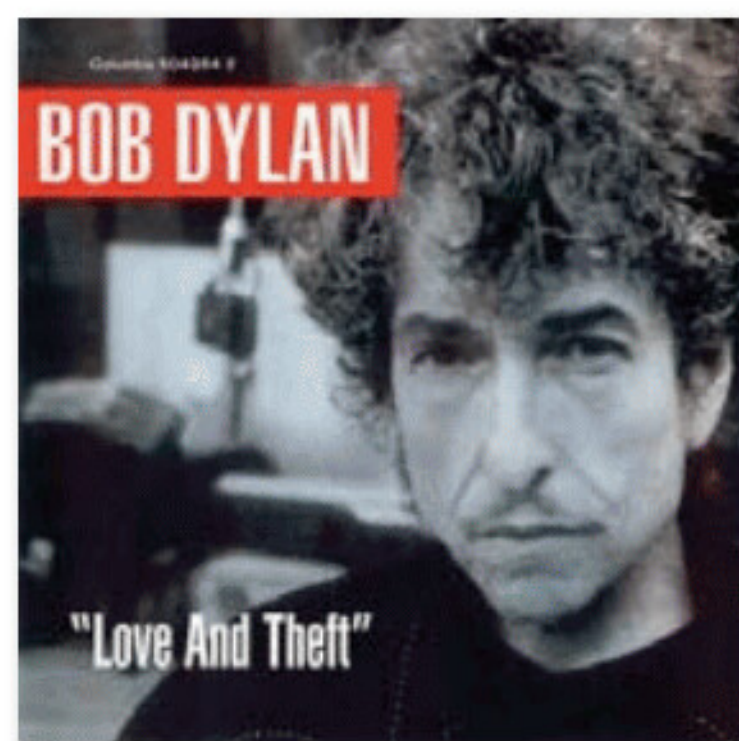




384. A Quick One

The Who Reaction, 1966

Quando gravou este álbum, o The Who estava no meio de uma fase de transição e o resultado foi fascinante. “Boris the Spider”, do baixista John Entwistle, é uma obra-prima do humor negro em tons graves. “So Sad About Us” define o power pop. Já a miniópera “A Quick One While He’s Away” prenuncia as ambições de Pete Townshend.



385. Love and Theft

Bob Dylan Columbia, 2001

Sangue, desespero e humor perverso estão no ar enquanto Dylan e sua banda de turnê fazem um passeio estridente por vários estilos musicais dos Estados Unidos do século 20 via blues saltitante, blues lento, rockabilly, baladas da era do Tin Pan Alley e western swing. Faixas como “Sugar Baby” e “Summer Days” valem a pena.



386. Pretzel Logic

Steely Dan ABC, 1974

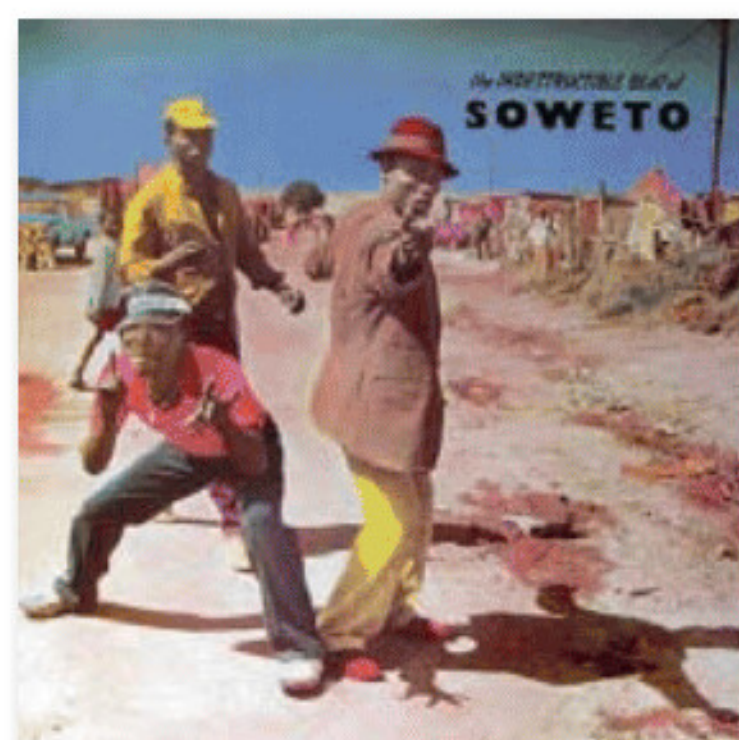
Em *Pretzel Logic*, Donald Fagen e Walter Becker tornam explícito o amor pelo jazz, fazendo uma cover de Duke Ellington e se apossando da introdução de “Rikki Don’t Lose That Number” do pianista de hard-bop Horace Silver. As guitarras em seu terceiro álbum são sublimadas para um som elegante e coeso, mas sem ser frio.



387. Enter the Wu-Tang (36 Chambers)

Wu-Tang Clan Loud, 1993

O hip-hop da costa leste voltou em 1993 graças a uma trupe de nove MCs de Staten Island fascinados pela mitologia das artes marciais de Hong Kong e ao amor do produtor RZA por atmosferas ameaçadoras. Poucas vezes o hip-hop havia sido tão sujo.



388. The Indestructible Beat of Soweto

Vários Artistas Earthworks, 1985

O melhor álbum já rotulado como “world music”, esta coletânea de pop sul-africano ainda é atual – cheia de batidas e vocais ásperos, com uma faixa doce do Ladysmith Black Mambazo, que logo apareceu em *Graceland*, de Paul Simon [veja o número 71].



389. The End of Innocence

Don Henley Geffen, 1989

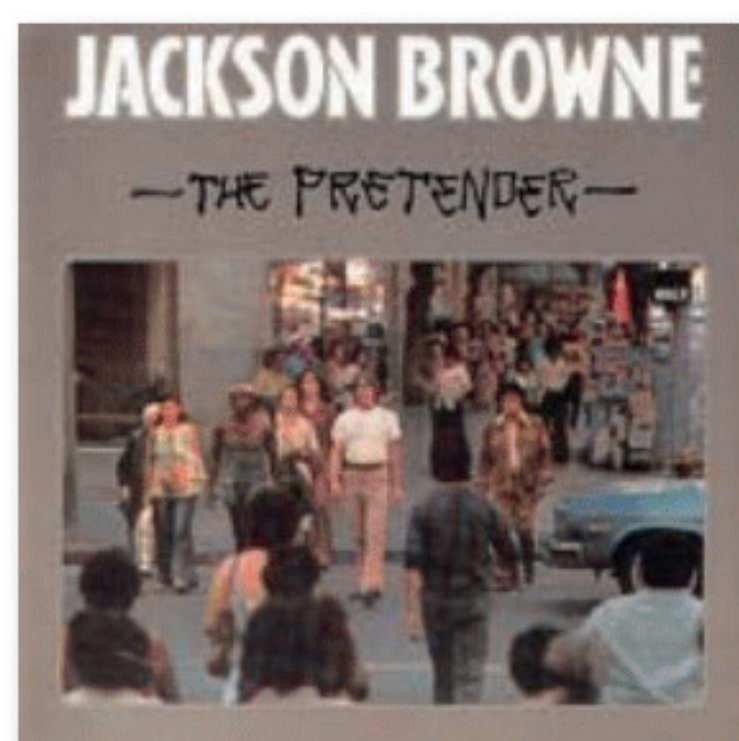
Aqui, o ex-integrante dos Eagles casou em faixas como “The Last Worthless Evening” algumas de suas melhores melodias e letras focadas sobre homens em transições problemáticas – da juventude à vida adulta, da inocência à responsabilidade.



390. Elephant

The White Stripes V2, 2003

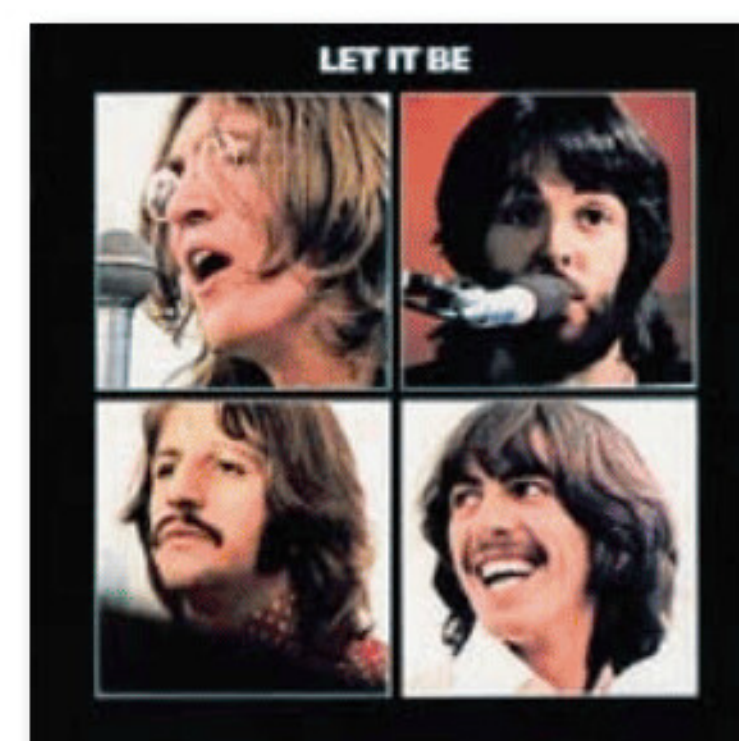
Jack e Meg White provaram que o rock de garagem minimalista que faziam tinha profundidade e potência. Em faixas como a lentamente incendiária “Seven Nation Army” e “The Hardest Button to Button”, a composição de White finalmente se equipara a seu personagem de garoto fanático por blues.



391. The Pretender

Jackson Browne Asylum, 1976

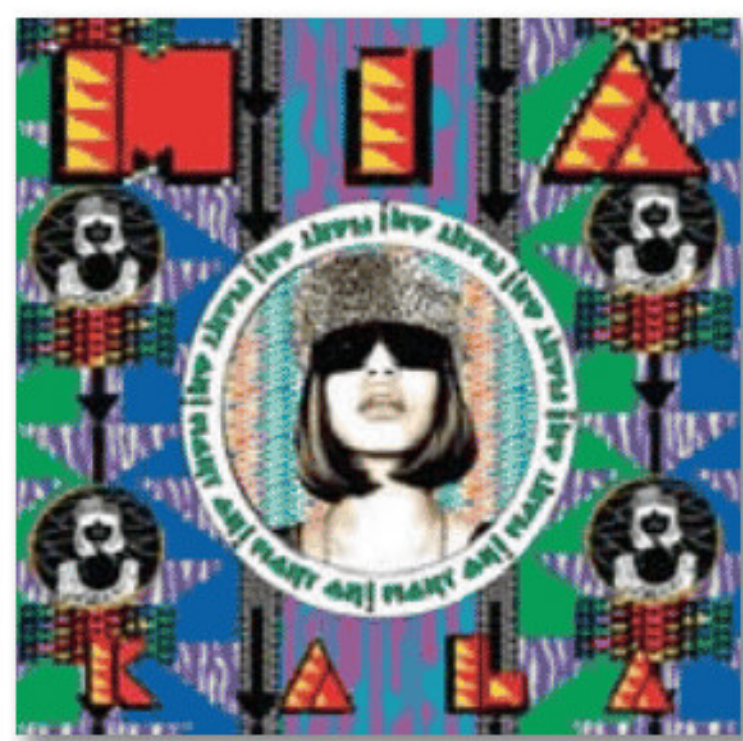
O folk tranquilo do sul da Califórnia ganhou peso com o quarto álbum de Browne. Nancy, a primeira esposa do cantor, cometeu suicídio enquanto ele compunha estas músicas, que transbordam amargura. “Here Come Those Tears Again” é a crônica do sofrimento de Browne.



392. Let It Be

The Beatles Apple, 1970

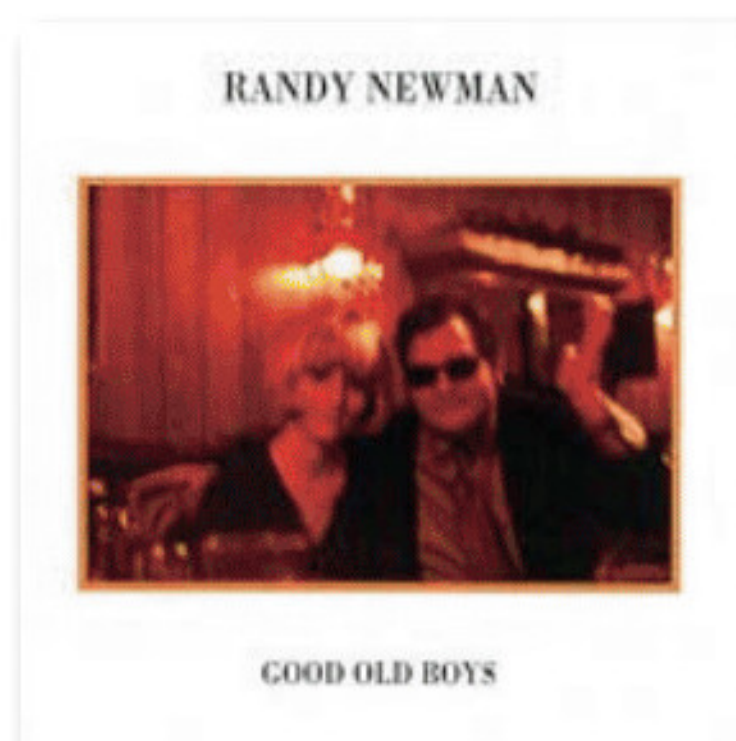
O som da maior banda de todos os tempos em guerra consigo mesma. John Lennon está em seu momento mais ácido; “I Me Mine”, de George Harrison, trata do pecado do orgulho, cantado com exaustão lamentosa; a faixa-título de Paul McCartney é como um mantra de sobrevivência.



393. Kala

M.I.A. XL, 2007

A funkeira punk de Londres-via-Sri Lanka apareceu como se soubesse que era o máximo e deu respaldo à bravata. O segundo álbum de M.I.A. reestilizou o hip-hop como uma grande festa internacional, misturando bases pesadas, beatbox, rimas de cantigas, samples incomuns e tiros. É um concurso de dança em uma zona de combate.



394. Good Old Boys

Randy Newman Reprise, 1974

Newman usa suas raízes no blues e no boogie de Nova Orleans para revelar este retrato devastador do sul dos Estados Unidos. Ele mostra que era o compositor sarcástico mais cortante do pop em “Rednecks” – uma música que não poupa o racismo no norte ou no sul; uma vez, Newman contou que ainda fica nervoso ao tocá-la em algumas cidades.



395. Sound of Silver

LCD Soundsystem

DFA, 2007

Em *Sound of Silver*, James Murphy finalmente elaborou sua esperada obra-prima: cada faixa soa como se fosse de uma banda diferente, da sátira punk política “North American Scum” a “Someone Great”, um lamento elegíaco sobre as dores da separação.

James Murphy,
mestre do LCD
Soundsystem



396. For Your Pleasure

Roxy Music Island, 1973

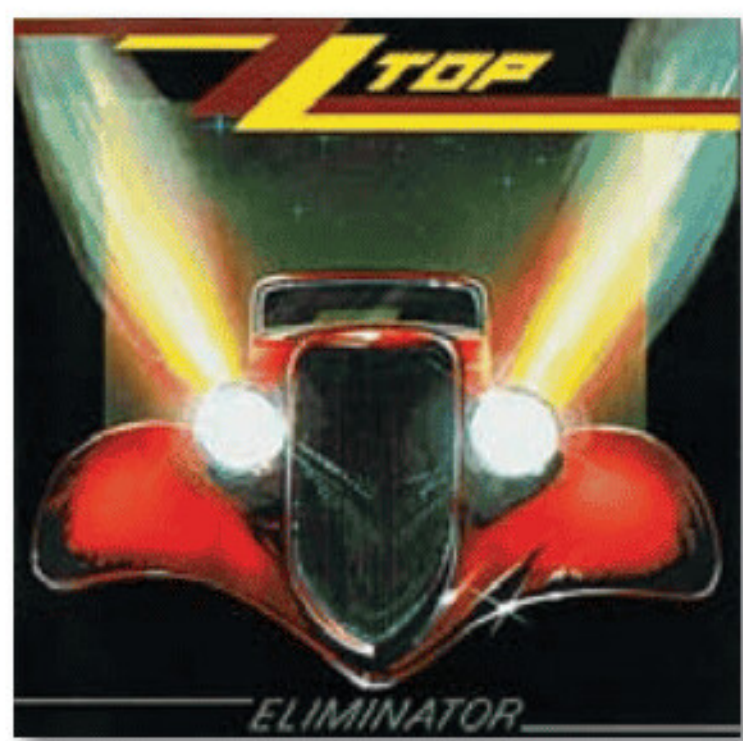
O último álbum que o tecladista e produtor Brian Eno fez com o Roxy Music é o equivalente pop da camurça sintética: rock artístico altamente estiloso pendendo para o abstrato. A colisão entre o experimentalismo de Eno e o romantismo do vocalista Bryan Ferry dá a *Pleasure* um charme tenso e selvagem.



397. Blue Lines

Massive Attack Wild Bunch, 1991

Um dos discos mais influentes dos anos 1990, *Blue Lines* talvez seja o primeiro clássico pós-hip-hop: uma combinação de rap, dub e soul que deu origem ao que se chamou de trip-hop. “O importante para nós é a cadência, o peso do baixo e o clima”, disse Robert Del Naja, mais conhecido como 3D.



398. Eliminator

ZZ Top Warner Bros., 1983

Em *Eliminator*, o trio texano pegou guitarras de blues cheia de fuzz e as usou como base para criar um boogie animado. O álbum megaplatinado do ZZ Top também tinha um brilho intenso com a cara dos anos 1980 e singles como “Sharp Dressed Man” o ajudaram a vender cerca de 10 milhões de cópias.



399. Rain Dogs

Tom Waits Island, 1985

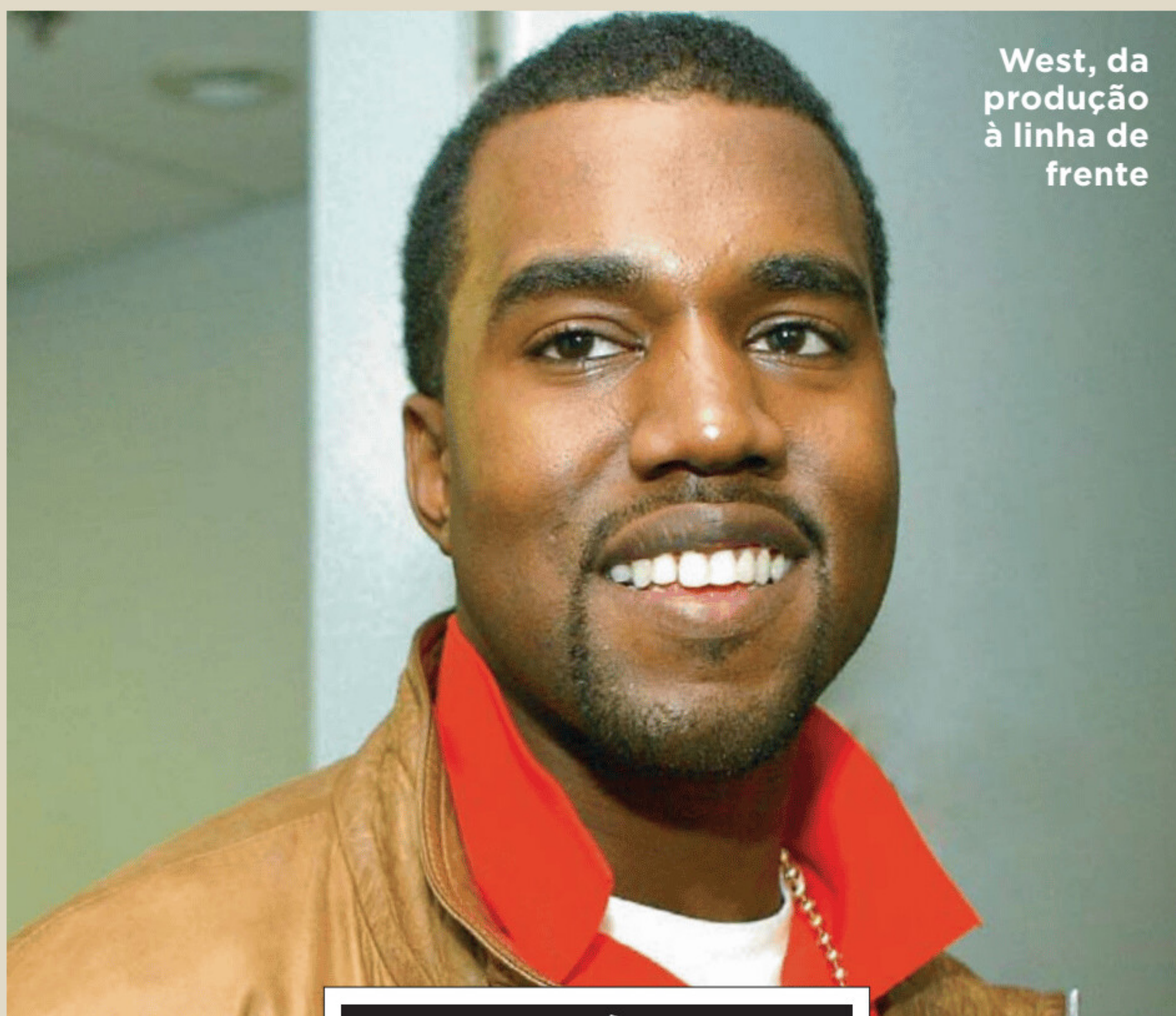
“Eu gosto de coisas esquisitas e ridículas”, disse Tom Waits certa vez. Isso fica mais claro em *Rain Dogs*, um retrato intenso sobre os desesperançados que habitam as ruas de Nova York. Waits abandona o minimalismo sonoro na belíssima “Downtown Train” e é apoiado por Keith Richards em “Big Black Mariah”.



400. Anthology

The Temptations Motown, 1995

Indiscutivelmente o maior grupo vocal negro da era moderna, o quinteto criou obra-prima atrás de obra-prima de soul com toques de gospel. *Anthology* captura uma fatia dos tempos áureos do Temptations, incluindo “My Girl”, “I Can’t Get Next to You” e “I Wish It Would Rain”.



West, da produção à linha de frente

POR TRÁS DE...

The College Dropout

Kanye West

ANTES DE KANYE WEST SE TORNAR UM SUPERAESTRO, ele era um acumulador. Faixas como “Izzo (H.O.V.A.)”, de Jay Z, tinham feito dele o produtor mais procurado do mercado, mas sua real aspiração era ser um rapper. Então, West guardou as melhores batidas para uso próprio. “Ele as tinha juntado durante anos”, lembrou o ex-empresário do artista, John Monopoly. ¶ A história da transformação da carreira de West, nascido em Chicago, é uma lenda do hip-hop. Em 23 de outubro de 2002, ele quase morreu em um acidente de carro quando dormiu ao volante depois de uma sessão de gravação que durou a noite inteira. Duas semanas depois, gravou “Through the Wire”, um hino agitador sobre ambição e mortalidade. A faixa se tornou a peça central de *The College Dropout*. Boa parte do álbum foi gravada na casa de West em Newark, Nova Jersey. “Era um apartamento de dois quartos – ele tinha o estúdio e o quarto de dormir”, contou o rapper Consequence, que aparece no disco em “Space-ship”. “Às vezes, ele se levantava às três da manhã e cuspiu um verso. Eu me lembro de quando fez ‘School Spirit’. Estávamos correndo pela casa [cantando] ‘Can you feeeeeeelit!’” ¶ Houve obstáculos no caminho. Ele não conseguiu um sample de Lauryn Hill para o gancho de “All Falls Down” (gravou a parte com a cantora Syleena Johnson). Então, o álbum vazou meses antes de sua data de lançamento, mas West transformou o desastre em oportunidade. “Kanye dizia: ‘Vou colocar cordas em uma faixa, chamar corais’”, contou o rapper GLC. “Àquela altura, uma pessoa normalmente entraria em pânico. Kanye simplesmente refez as coisas.”

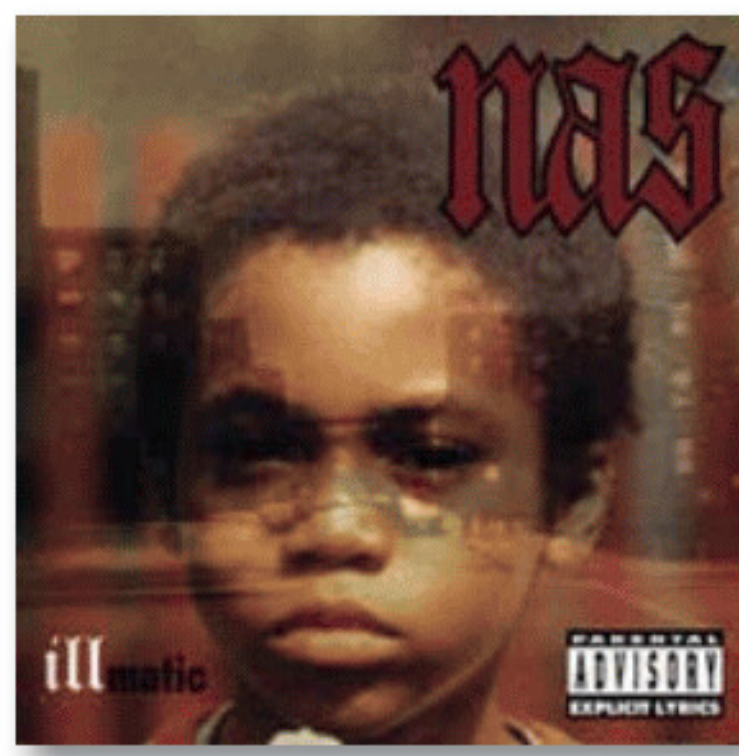


401. Californication

Red Hot Chili Peppers

Warner Bros., 1999

Ao gravar este disco, em vez de improvisar no estúdio, a banda apareceu com canções já finalizadas, prontas para serem executadas nas rádios. A reaparição do guitarrista John Frusciante ajudou na composição de faixas como “Scar Tissue”, que logo ganharam as rádios do mundo todo.



402. Illmatic

Nas Columbia, 1994

Outros rappers eram mais durões, mas ninguém capturou a ameaça sinistra da vida nas ruas como este jovem de 20 anos que morava em um conjunto habitacional de Nova York. Com versos como “Nunca durmo, porque o sono é primo da morte”, Nas mostrou mais estilo poético do que qualquer MC desde Rakim.



403. (Pronounced 'Lëh-'Nërd 'Skin-'Nërd)

Lynyrd Skynyrd

Sounds of the South, 1973

Estes músicos sulistas tocavam muito, viam no limite e elaboravam o som usando três guitarras. Descoberto e produzido por Al Kooper, o Skynyrd foi responsável pelos hinos “Poison Whiskey” e “Freebird”.



404. Dr. John's Gumbo

Dr. John ATCO, 1972

Depois de uma série de discos fantasmagóricos, Mac Rebennack, mais conhecido como Dr. John, voltou para suas raízes de Nova Orleans com covers animadas de clássicos como “Iko Iko” e “Junko Partner”. Com acordes fluidos no piano e vocais ásperos, ele reacendeu o interesse do público pelo som da cidade-berço do jazz.



405. Radio City

Big Star Ardent, 1974

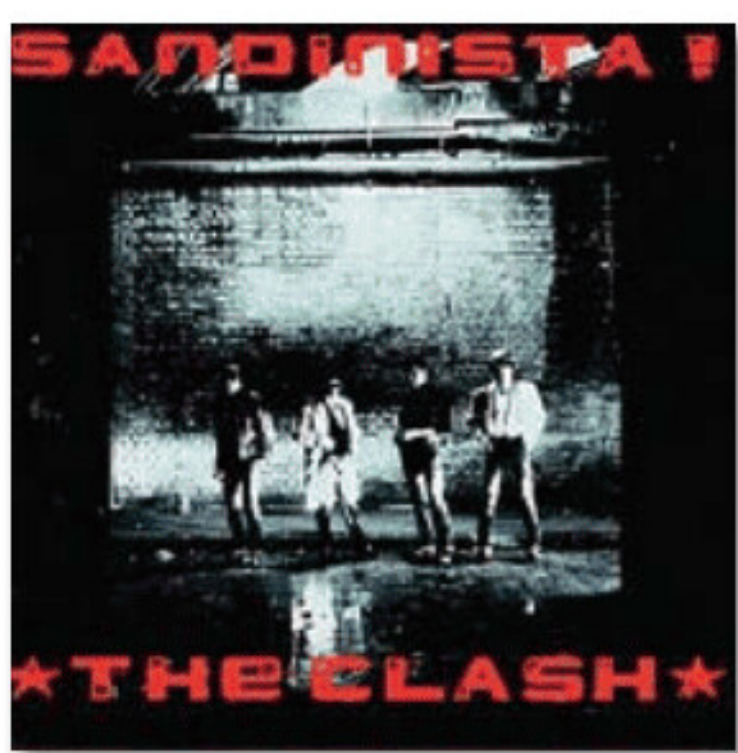
Como aconteceu com o Velvet Underground, a influência do Big Star foi muito superior ao sucesso comercial da banda. Neste elegante LP, a banda vem com um som retrabalhado, filtrando a influência dos Beatles através das raízes no soul de Memphis. Ponto alto: “September Gurls”, mais tarde regravada pelas Bangles.



406. Rid of Me

PJ Harvey Island, 1993

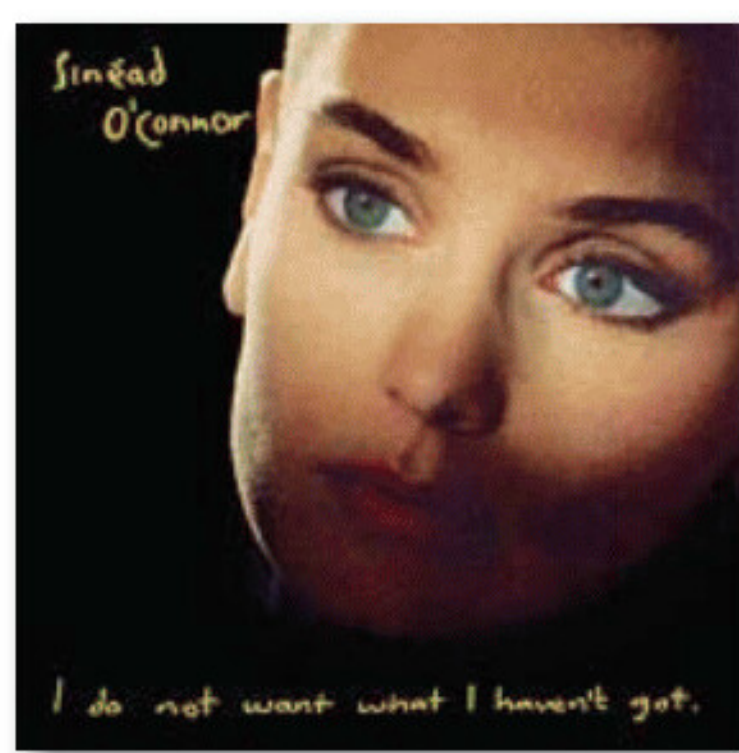
Como Patti Smith, PJ queria ser Bob Dylan. Contudo, ao contrário de Patti, ela tocava guitarra com um volume muito alto. O segundo álbum de Polly Jean Harvey, gravado com o produtor Steve Albini, é carregado de erotismo agressivo e fúria roqueira, e vai do blues ao gótico e ao grunge, às vezes em uma música só.



407. Sandinista!

The Clash CBS, 1980

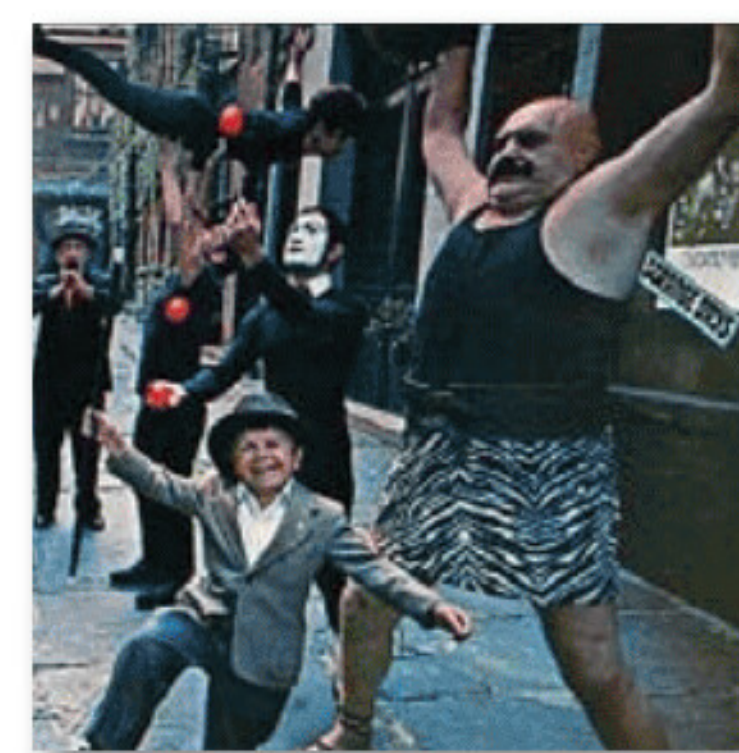
A ambição crescente do The Clash desaguou neste álbum triplo, batizado com o nome do movimento revolucionário da Nicarágua. A banda foi além do punk e do reggae para cair no dub, R&B, calipso e gospel. Usam até um coral infantil em “Career Opportunities”.



408. I Do Not Want What I Haven't Got

Sinéad O'Connor Ensign, 1990

O segundo LP de Sinéad oferece originalidade e um alcance maior, do hit “Nothing Compares 2 U” ao calor maternal de “Three Babies”, passando por “I Am Stretched on Your Grave”, que usa violino e beatbox.



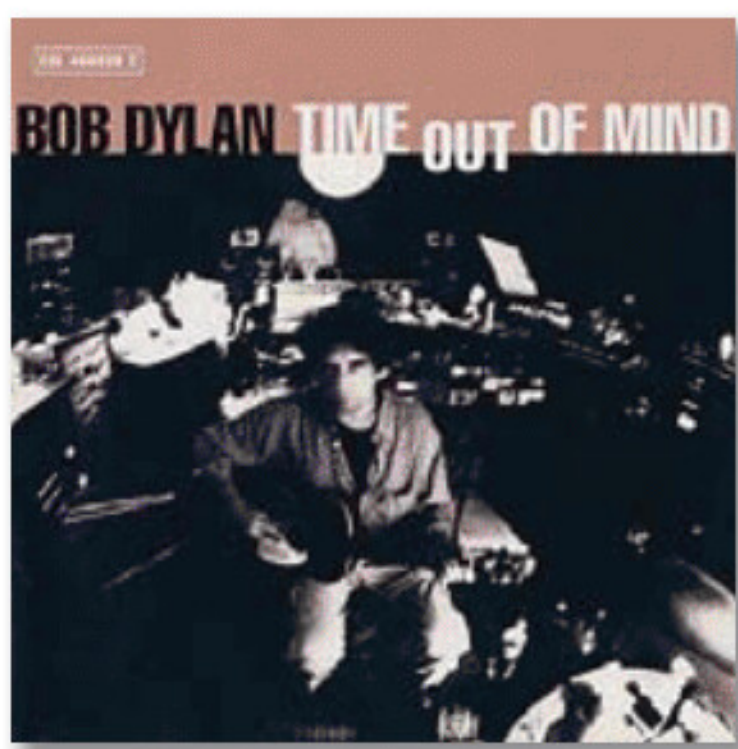
409. Strange Days

The Doors Elektra, 1967

A banda de Jim Morrison entrou em um território mais sombrio no segundo álbum. A festiva “Love Me Two Times” é contrastada com um clima de agouro de “People Are Strange” e “When the Music's Over”. Esta última clama: “Queremos o mundo, e queremos agora!”

The Clash,
pronto para
a revolução

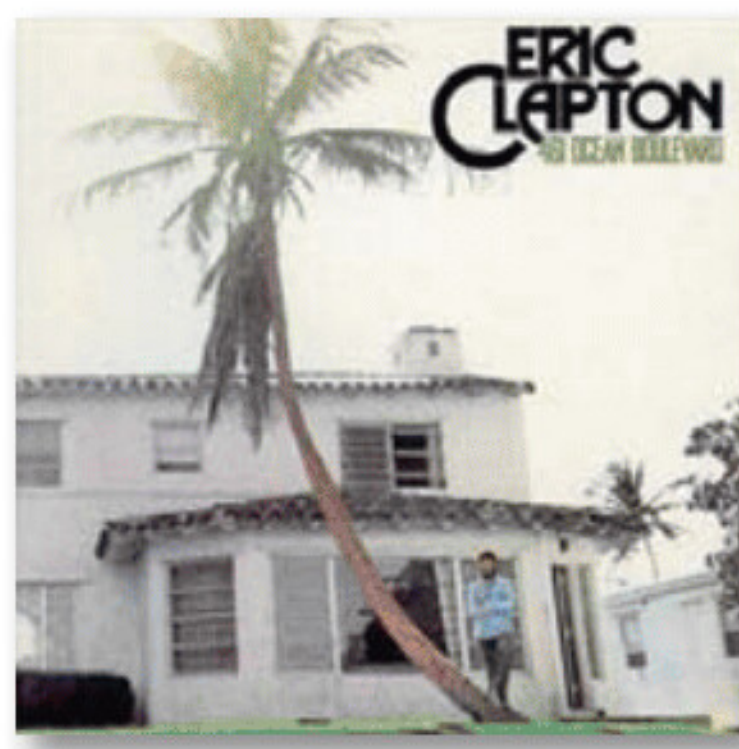




410. Time Out of Mind

Bob Dylan Columbia, 1997

Este foi o primeiro dos três triunfos recentes na carreira de Dylan. A ambientação atmosférica e sombria criada pelo produtor Daniel Lanois envolve Dylan em uma névoa sonora apropriada ao isolamento, que ele canta com uma voz devastadora e exausta. As músicas de *Time Out of Mind* são fantasmagóricas e fortes.



411. 461 Ocean Boulevard

Eric Clapton RSO, 1974

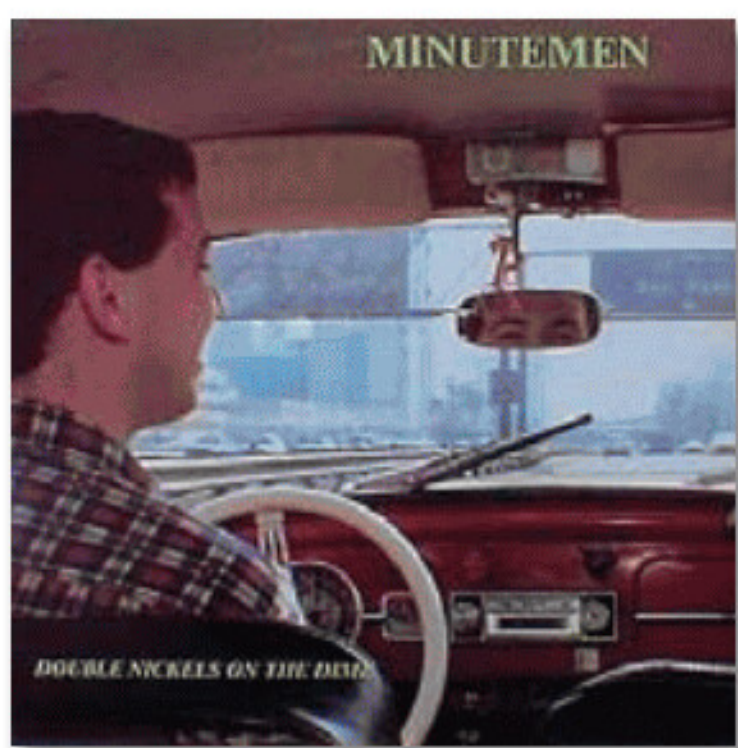
Clapton deixou o vício em heroína e veio com um disco de grooves suaves e flexíveis, sem grandes exageros na guitarra. Ele homenageou Robert Johnson e Elmore James, e a cover de "I Shot the Sheriff" (Bob Marley) chegou ao topo da parada.



412. Pink Flag

Wire Harvest, 1977

Neste álbum de estreia, o Wire, seminal banda da primeira geração do punk britânico, apresenta a faixa "1 2 X U", que teve uma influência enorme sobre o punk e o hardcore. Bandas como Sonic Youth e R.E.M. mais tarde adotaram o fluxo artístico de músicas do Pink Flag como "Strange" e "Ex Lion Tamer".



413. Double Nickels on the Dime

Minutemen SST, 1984

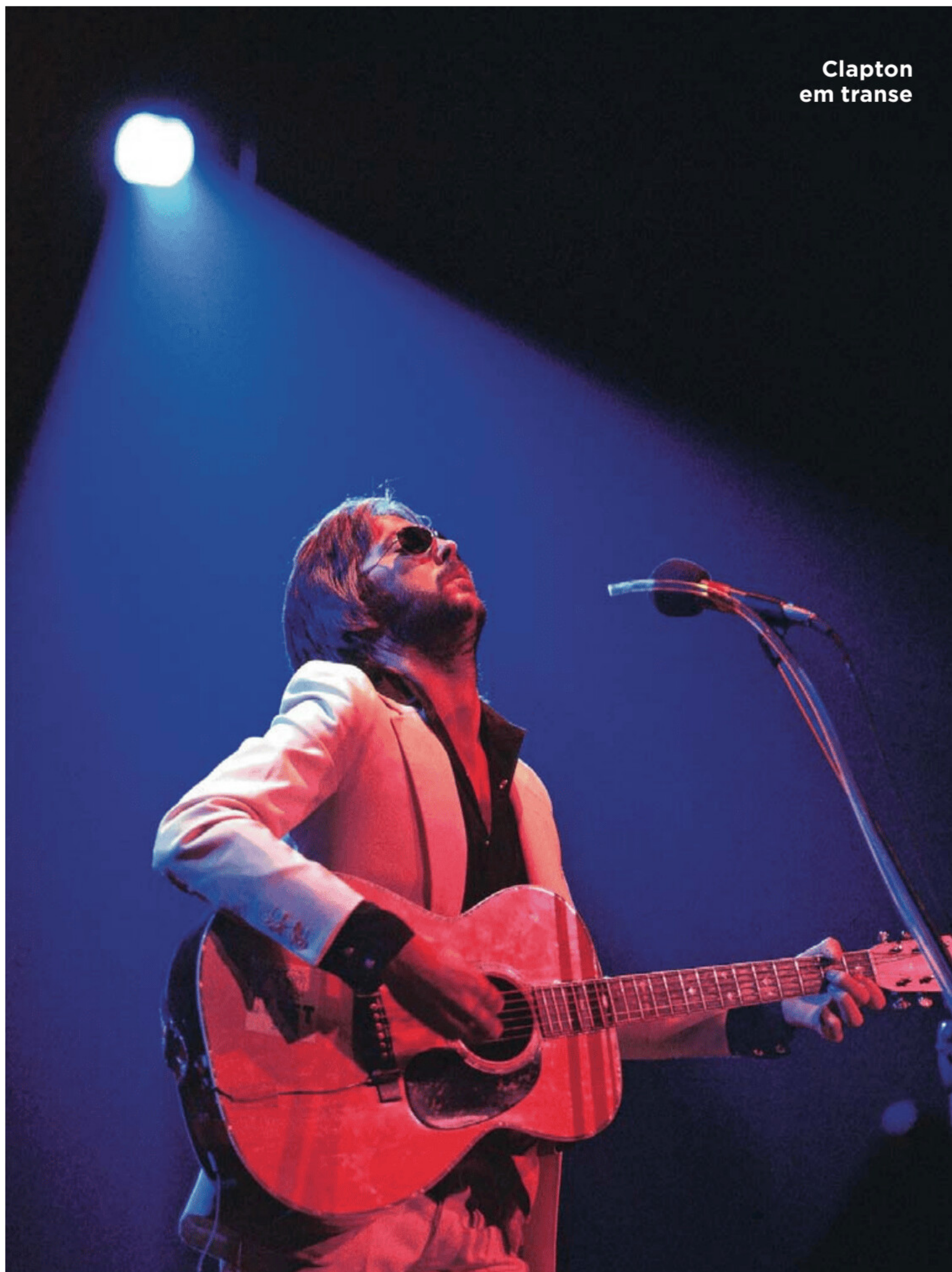
"Nossa banda poderia ser sua vida", canta o grupo Minutemen, articulando perfeitamente o ideal de todo punk. O guitarrista D. Boon e o baixista Mike Watt forçam um ao outro a picos rápidos, divertidos e agitados neste trabalho com 45 músicas.



414. Beauty and the Beat

The Go-Go's I.R.S., 1981

A banda de garotas mais popular da new wave surfou até o topo das paradas com "We Got the Beat" e "Our Lips Are Sealed". O álbum de estreia das Go-Go's junta o espírito punk ao pop festeiro.



Clapton em transe

STEVE MORLEY/REDFERNS



415. Van Halen

Van Halen Warner Bros., 1978

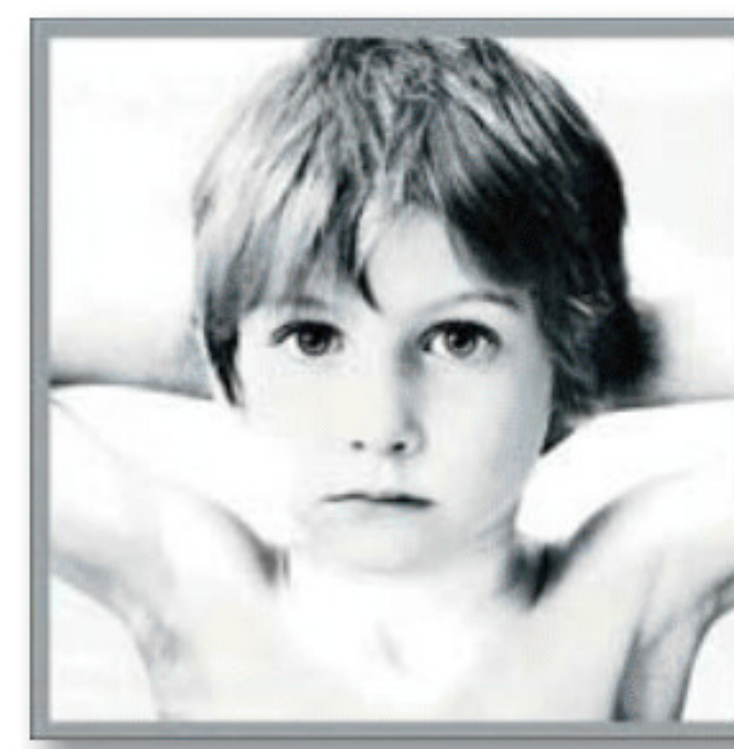
Esta excepcional estreia deu ao mundo um novo herói da guitarra (Eddie Van Halen) e um vocalista carismático (David Lee Roth). Faixas como “Runnin’ With the Devil” e “Ain’t Talkin’ ’Bout Love” devolvem o balanço ao hard rock. A técnica alucinante de Eddie criou novos padrões de excelência para a guitarra no rock.



416. Mule Variations

Tom Waits Anti-, 1999

Depois de cinco anos de silêncio, *Mule Variations* foi a volta vitoriosa do rock artístico, blueseiro e cru de Waits. Aqui, a voz dele vai de locutor de parques de diversão a baladeiro murmurante. Os destaques de *Mule Variations* são a triste, mas linda “Hold On” e a memorável “House Where Nobody Lives”.



417. Boy

U2 Island, 1980

O U2 era engenhoso demais para o punk e pouco irônico para a new wave. Em *Boy*, os integrantes se mostram como grandes sonhadores cheios de ambição. Para isso, a banda de Dublin contava com Bono, um vocalista feito para cantar em estádios, e a guitarra cheia de ecos e efeitos de The Edge. “I Will Follow” se destacou.

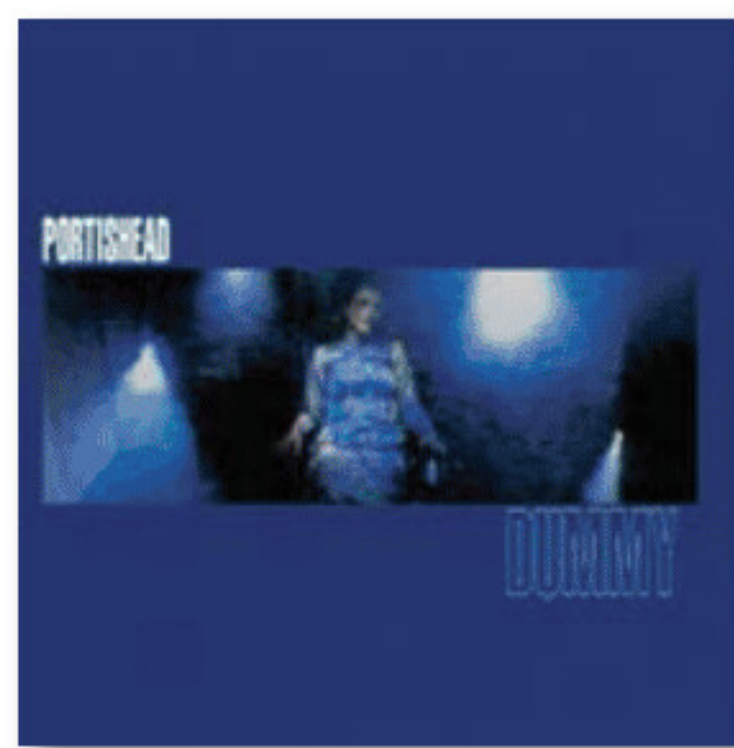


418. Band on the Run

Paul McCartney & Wings

Apple, 1973

O Wings se instalou em Lagos, Nigéria, durante sete semanas estressantes para fazer *Band on the Run*, considerado por muitos o melhor momento de McCartney pós-Beatles. Abrindo com a dobradinha “Band on the Run” e “Jet”, o álbum provou que McCartney ainda sabia fazer rock.



419. Dummy

Portishead Go! Beat, 1994

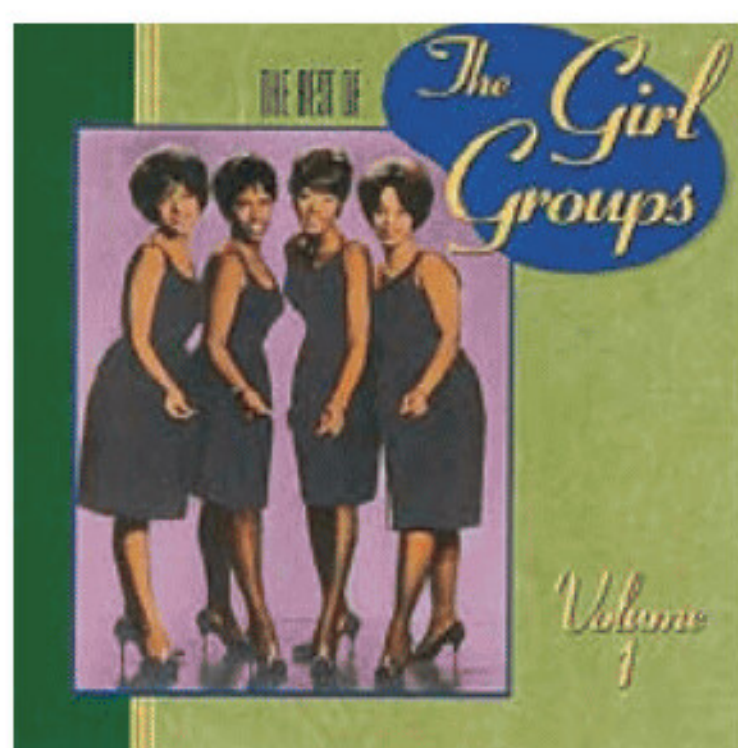
O Portishead usou alguns dos mesmos blocos sonoros dos conterrâneos do Massive Attack – batidas quebradas e atordoantes, samples jazzísticos, guitarra –, mas os vocais taciturnos de cabaré pop de Beth Gibbons mostraram ao mundo que dava para sentir dor verdadeira sobre um groove de trip-hop.



420. The “Chirping” Crickets

The Crickets Brunswick, 1957

O cantor e compositor Buddy Holly tinha apenas 21 anos quando gravou as faixas clássicas incluídas neste álbum como “That’ll Be the Day”, “Oh Boy!” e “Not Fade Away”, que fundiram country, rockabilly e R&B em um rock que é a cara da época.



421. The Best of the Girl Groups Volumes 1 and 2

Vários Artistas Rhino, 1990

No começo dos anos 1960, grupos femininos como The Shirelles e The Shangri-Las mantinham o espírito do rock vivo. Esta série compila os clássicos do estilo.



422. Presenting the Fabulous Ronettes

The Ronettes Philles, 1964

As Ronettes eram deusas pop vestidas como colegiais católicas que foram e voltaram do inferno, com Ronnie Bennett cantando hits como “Be My Baby” sobre a Wall of Sound criada pelo futuro marido Phil Spector.



423. Anthology

Diana Ross & the Supremes

Motown, 1974

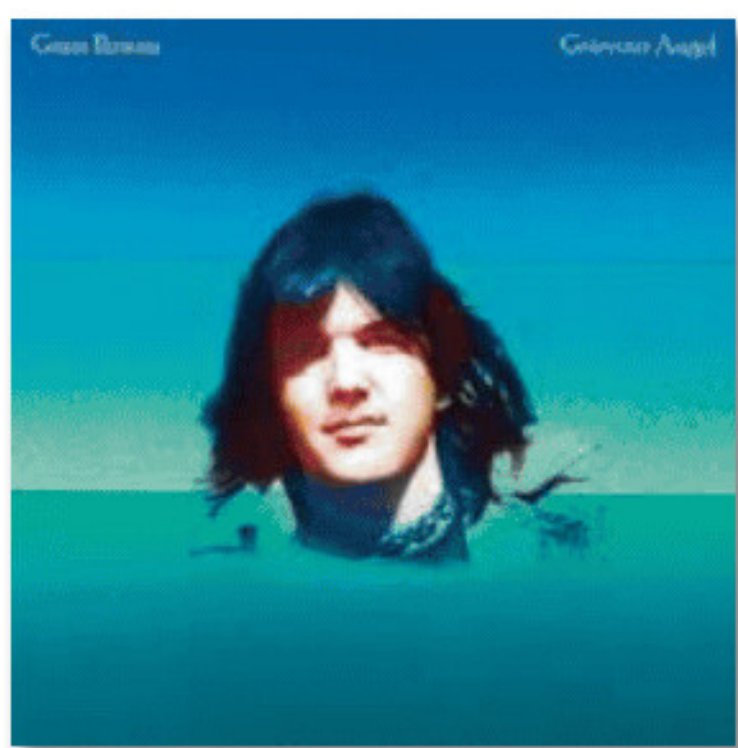
No auge da Motown, as Supremes eram a própria fábrica de sucessos da gravadora, cheias de glamour e falando de desilusões amorosas. Os vocais de Diana Ross em “You Keep Me Hangin’ On” e “Where Did Our Love Go” ainda são de arrepiar.



424. The Rising

Bruce Springsteen Columbia, 2002

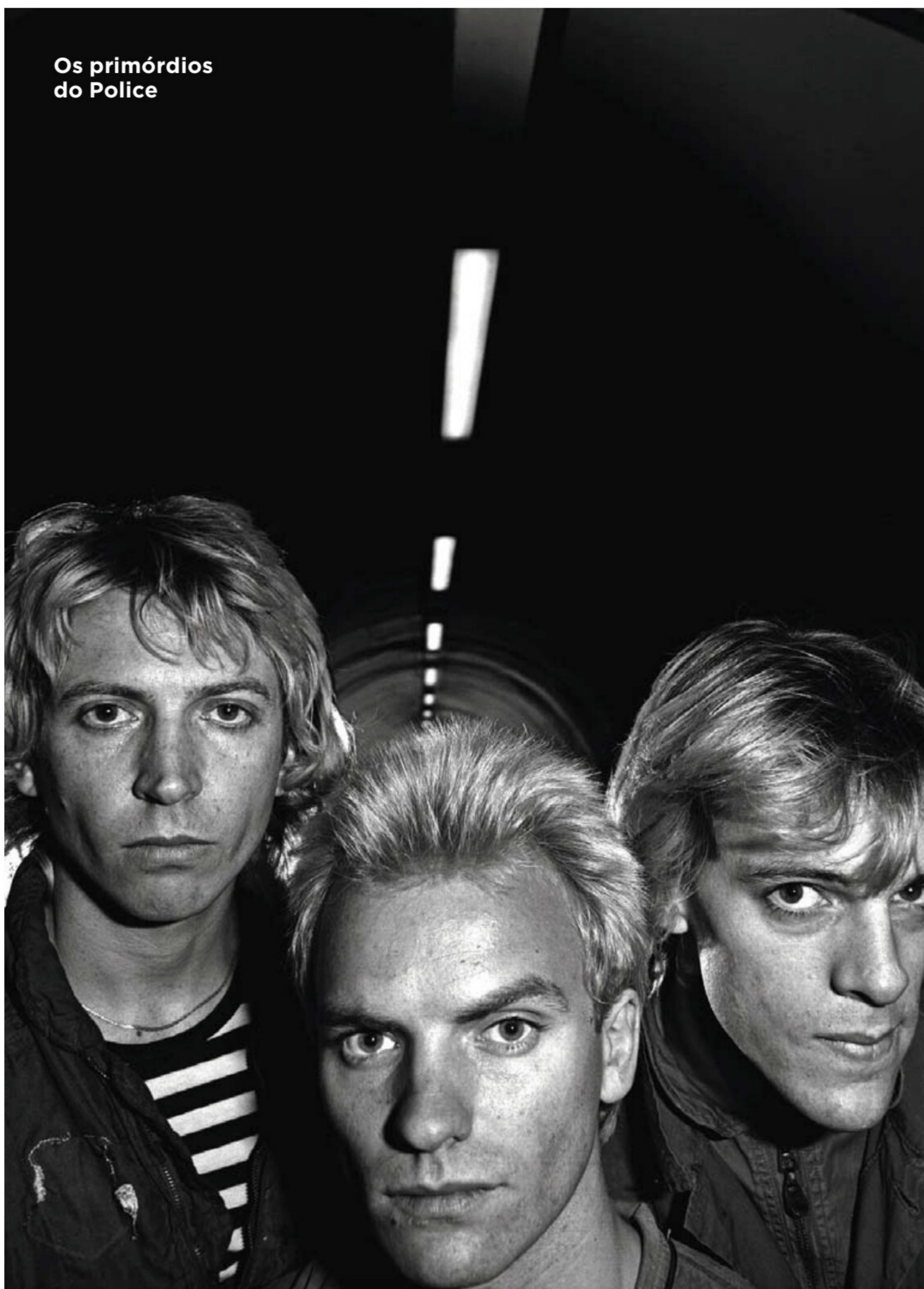
A resposta de Springsteen à tragédia de 11 de setembro de 2001 foi um réquiem extraordinário de 15 músicas que procuravam sentido na tragédia inexplicável ao mesmo tempo em que saudavam a coragem dos mortos e aqueles que choravam por eles. “My City of Ruins” é capaz de emocionar até mesmo os mais durões.



425. Grievous Angel

Gram Parsons Reprise, 1974

Parsons ajudou a inventar o country rock, assim como The Byrds e The Flying Burrito Brothers. Neste álbum, foi além. Emmylou Harris foi a parceira ideal para ele, e as vozes da dupla se misturam no lamento de “Brass Buttons” e “Wedding”. Semanas depois de concluir o álbum, Parsons morreu aos 26 anos.



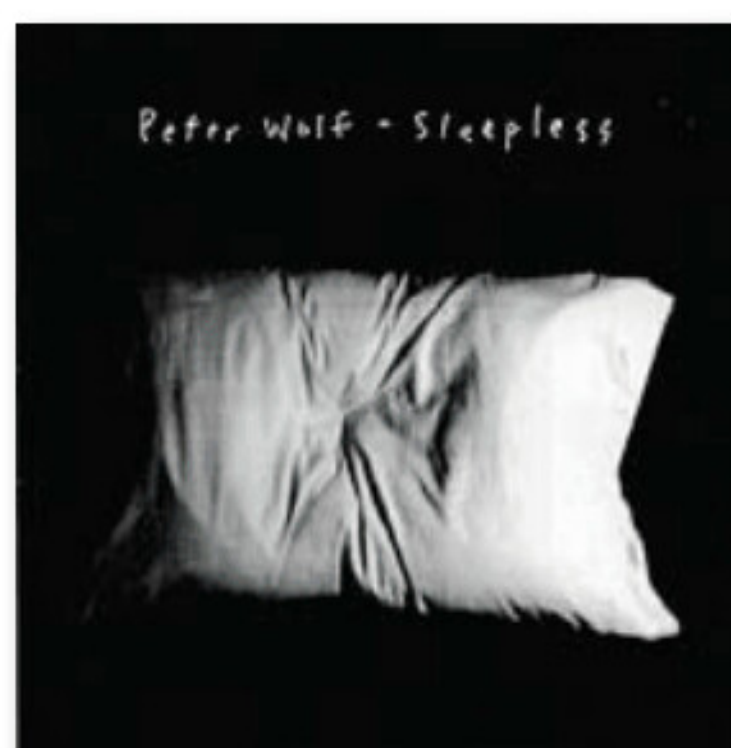
Os primórdios do Police



426. At Budokan

Cheap Trick Epic, 1978

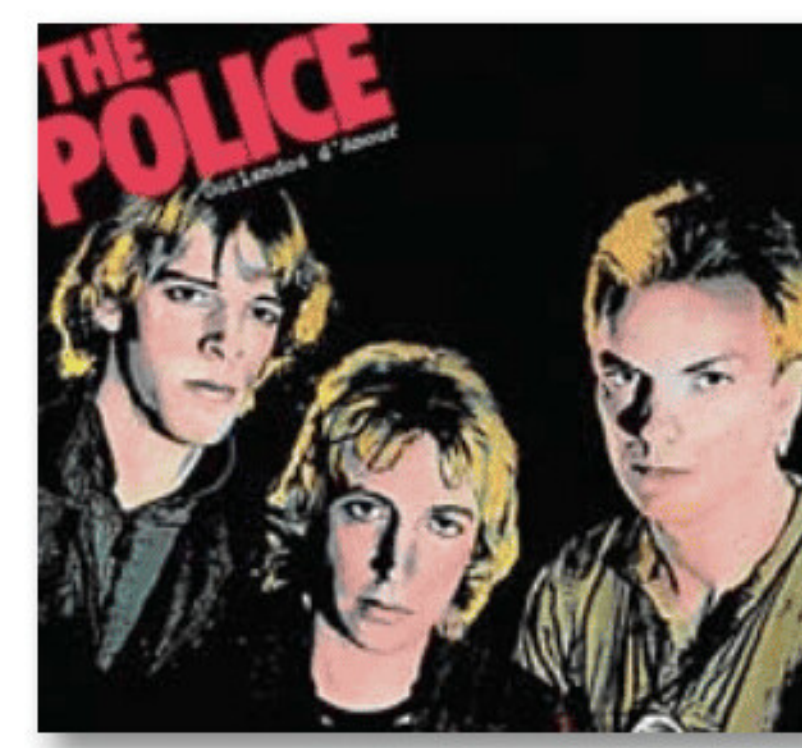
Depois de três álbuns de estúdio, o Cheap Trick era maior no Japão do que nos Estados Unidos. Ironicamente, este registro ao vivo realizado em Tóquio, com versões turbinadas para “Hello There” e “Need Your Love”, acabou se tornando o primeiro sucesso norte-americano da banda.



427. Sleepless

Peter Wolf Artemis, 2002

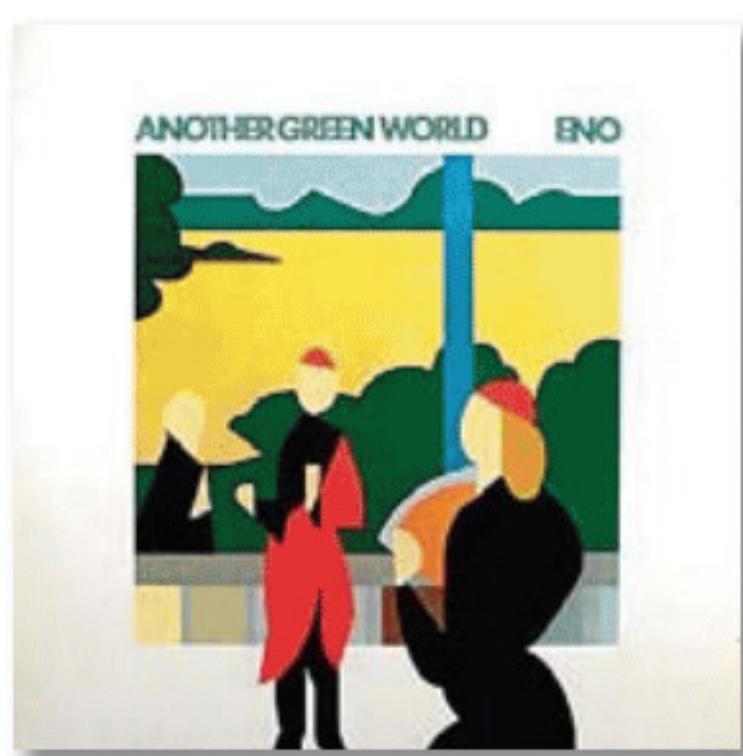
Wolf consegue um feito raro neste álbum de blues moderno: canta sobre romance adulto sem soar pedante. O ex-vocalista da J. Geils Band testemunha sobre amor verdadeiro em seu grunhido profundo, com a ajuda de amigos como Mick Jagger e Keith Richards.



428. Outlandos d'Amour

The Police A&M, 1978

Tempos depois do lançamento deste álbum de estreia, o Police ficou ainda maior. No entanto, o trio nunca soou tão inovador, absorvendo o reggae no som dançante deste álbum de estreia. “Roxanne”, “So Lonely” e “Next to You” provam que Sting já era um excelente compositor.



429. Another Green World

Brian Eno Island, 1975

Brian Eno disse adeus ao formato de canções pop com este álbum de beleza sintética. Misturando música eletrônica (“Becalmed”) com instrumentos acústicos (“Everything Merges With the Night”), ele criou um feitiço verdadeiramente hipnótico.



430. Vampire Weekend

Vampire Weekend XL, 2008

O Vampire Weekend saiu da Universidade de Columbia exibindo uma afinidade com música africana feita com guitarras. As melodias de Ezra Koenig, semelhantes às de Paul Simon, compõem essas músicas de pop indie sobre campi de faculdades e casos com mulheres que usam roupas Benetton.



431. Stories From the City, Stories From the Sea

PJ Harvey Island, 2000

O quinto álbum encontrou a cantora britânica em Nova York e, ainda por cima, apaixonada. Este é o mais exuberante trabalho que PJ Harvey fez até agora, vibrante e surpreendentemente contagiante.



432. Here Come the Warm Jets

Brian Eno Island, 1974

O primeiro álbum solo de Eno foi pioneiro de um novo tipo de glam rock: afiado, livre e cheio de sonhos. “Baby’s on Fire” e “Needles in the Camel’s Eye” são músicas de rock cruéis com vocais desconexos em meio às guitarras distorcidas de Robert Fripp.



433. All Things Must Pass

George Harrison Apple, 1970

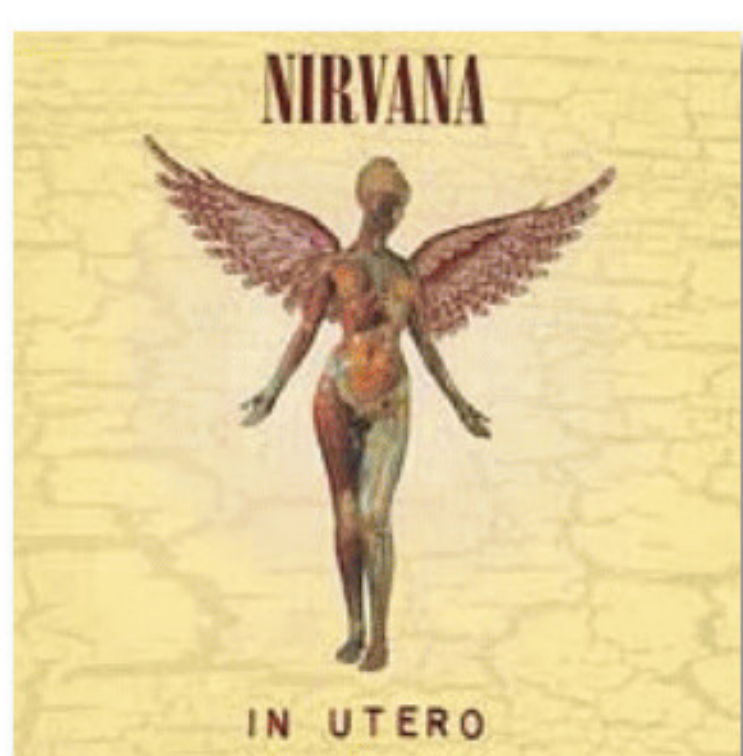
Harrison tinha músicas suficientes guardadas desde seus dias nos Beatles para preencher um LP triplo. Buscas espirituais construídas à base de guitarras, como “My Sweet Lord” e “What Is Life”, se tornaram clássicos.



434. #1 Record

Big Star Ardent, 1972

Alex Chilton e Chris Bell eram os gênios comandando o Big Star. Eles misturaram a fineza do pop britânico com o rock melódico norte-americano. O Big Star não vendeu muitos discos, mas o estouro de bandas pop de garagem nos anos 1980 teria sido inimaginável sem ele, e este álbum foi responsável por tudo isto.



435. In Utero

Nirvana DGC, 1993

O Nirvana contratou o teimoso Steve Albini para gravar o sucessor de *Nevermind*. A Geffen pediu para que limpassem alguns dos resultados. Dá para ouvir a tensão em “Serve the Servants”, mas a única coisa que pode explicar a escaldante “Rape Me” é uma profunda dor pessoal.



436. Sea Change

Beck Geffen, 2002

Discos sobre separação raramente são tão gentis. *Sea Change* é o som cristalino de tudo se desfazendo, uma abordagem brilhante de um folk entristecido vindo dos anos 1960. A música parece estar flutuando a partir do fundo do oceano; as letras vieram diretamente do coração partido de Beck.

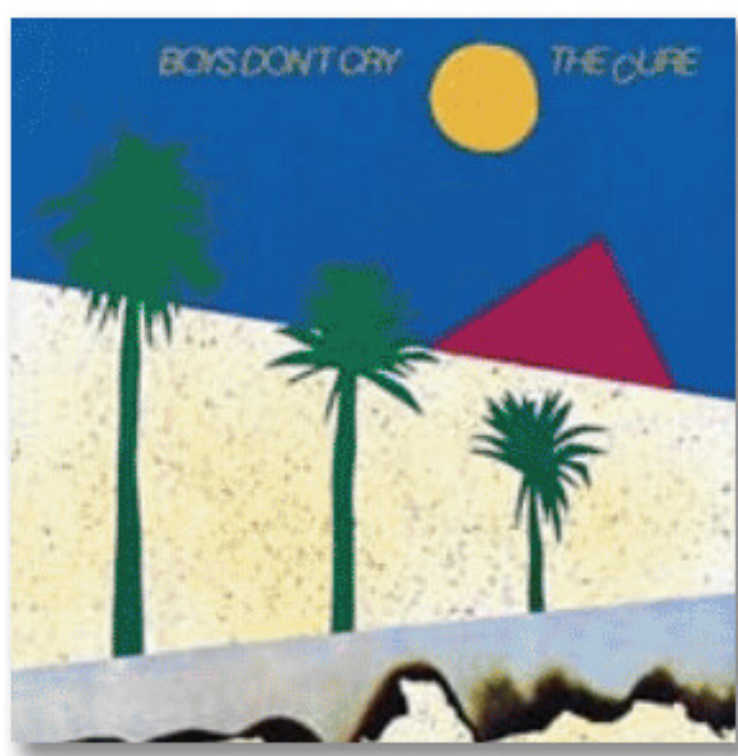


437. Tha Carter III

Lil Wayne

Cash Money, 2008

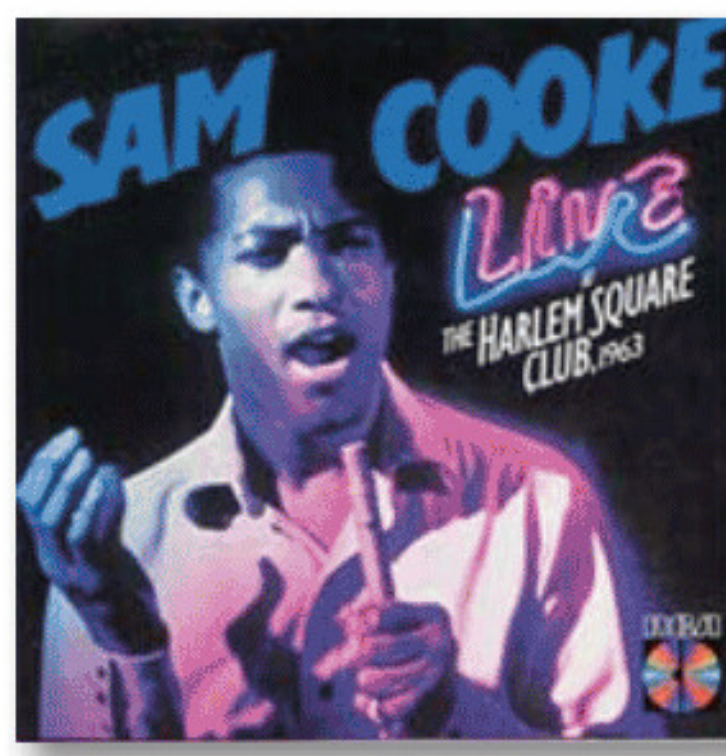
“Estou tão longe dos outros”, Wayne alega. “Posso comê-los no jantar/Entrar em minha nave espacial e pairar.” E o gênio criado em Nova Orleans cumpriu essa ameaça em uma odisséia de rap pop esquisita e saborosa.



438. Boys Don't Cry

The Cure Fiction, 1980

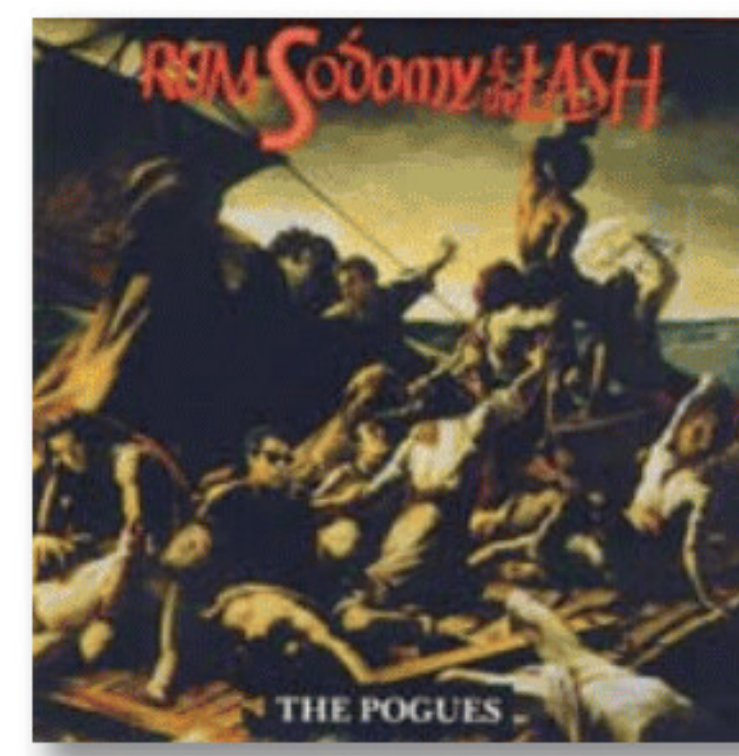
Boys Don't Cry, o álbum mais comercial do The Cure, é cheio de ganchos fáceis de cantar, guitarras fragmentadas e vo-
cais chorosos. “10.15 Saturday Night” e
“Jumping Someone Else’s Train” são en-
genhosas: você espera um solo de gitar-
ra e recebe uma linha de baixo imperfeita.
A faixa-título também foi um grande hit.



439. Live at the Harlem Square Club, 1963

Sam Cooke RCA, 1985

Cooke era a elegância personificada. Ele faz com que o clube onde o LP foi gravado fique mais quente do que o inferno e parece não deixar cair um gota de suor. Ele interpreta “For Sentimental Reasons” de forma sensu-
al e, quando a plateia canta junto, é mágico.



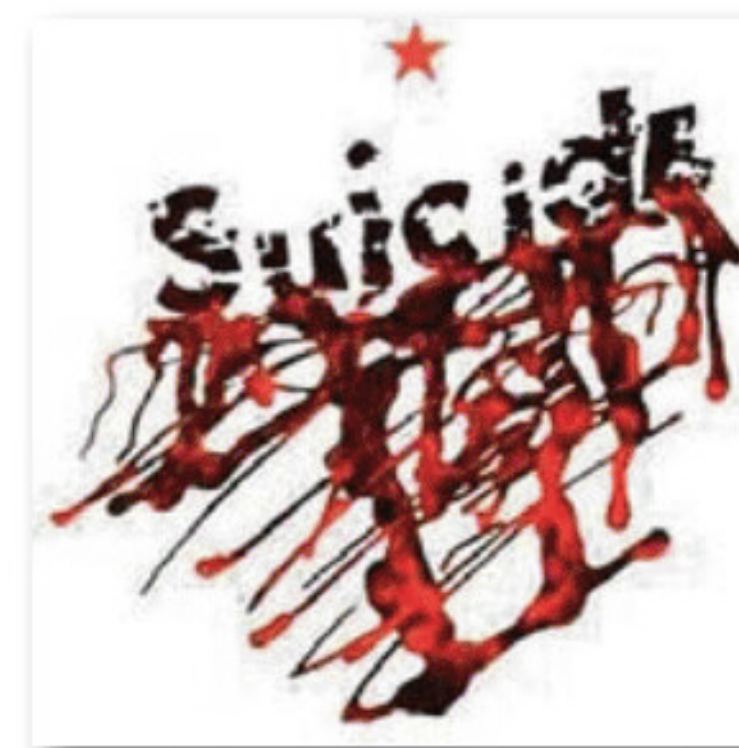
440. Rum Sodomy & the Lash

The Pogues Stiff, 1985

Com a voz intoxicada de nicotina, Shane MacGowan comandou esta banda de punk com folk irlandês. O grupo The Pogues era ao mesmo tempo fabuloso e complicado. Produzido por Elvis Costello, *Rum Sodomy & the Lash* oscila entre o piegas e o explosivo.



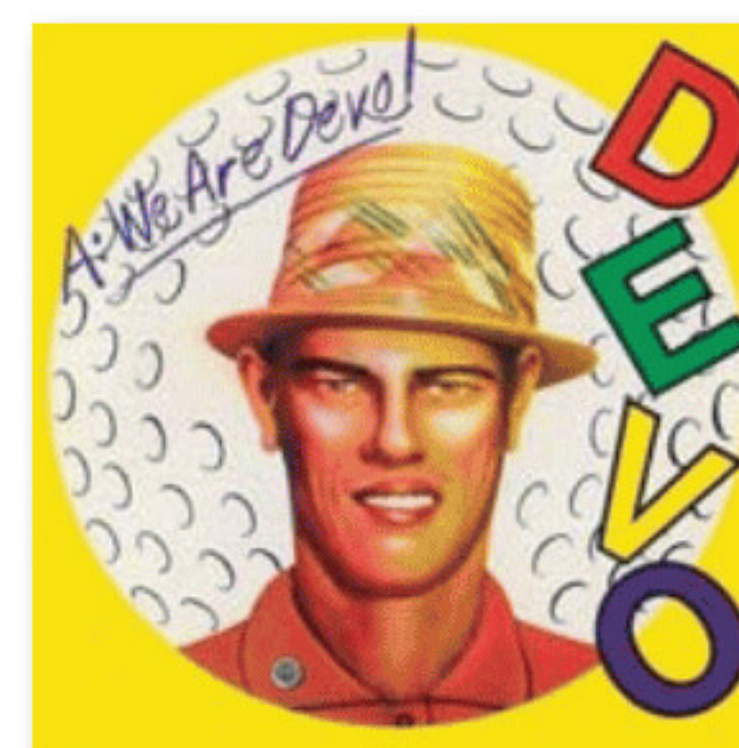
Devo: contra a evolução



441. Suicide

Suicide Red Star, 1977

Essa banda de punk movida a sintetiza-
dores fazia referência a tudo o que ficava
entre o Velvet Underground o rockabilly.
A música eletrônica de baixo orçamento
criada por Martin Rev é violenta e hipnó-
tica. Ouvir “Frankie Teardrop”, uma his-
tória sobre vários assassinatos, tarde da
noite, não é recomendável.



442. Q: Are We Not Men? A: We Are Devo!

Devo Warner Bros., 1978

A banda veio de Akron, Ohio, usava maca-
ções idênticos e propagava uma teoria si-
nistra de “devolução”. O álbum de estreia do
Devo é movido a elásticas guitarras punk e
sinistras batidas new wave mecanizadas.



443. In Color

Cheap Trick Epic, 1977

O Cheap Trick era formado por garotos de Rockford, Illinois, mas tinha uma abordagem do rock tão esquisita quanto as gravatas-borboleta do guitarrista Rick Nielsen. Com o loiro bonitão Robin Zander nos vocais, o grupo juntou a verve melódica dos Beatles com o peso do hard rock em canções como “Oh Caroline”.



444. The World Is a Ghetto

War United Artists, 1972

Uma banda de funk latino fazendo uma música sobre um programa de TV latino dos anos 1950 – a música era “The Cisco Kid” e a banda era o War, a resposta de Los Angeles ao P-Funk. O War era sério: a faixa-título é uma reflexão sobre a vida na cidade.



445. Fly Like an Eagle

Steve Miller Band Capitol, 1976

Depois que um acidente de carro em 1972 o deixou de molho por quase um ano, Miller voltou com um som pop que dominou as rádios na década de 1970. Era um boogie astuto de guitarra tão contagiante quanto o ABBA e tão dançante quanto a disco music.



O Radiohead trama outra obra-prima

POR TRÁS DE...

In Rainbows

Radiohead

CRIAR UM ÁLBUM NUNCA FOI FÁCIL PARA O RADIOHEAD. “Pensamos demais”, o líder Thom Yorke disse uma vez à *Rolling Stone*. *In Rainbows*, de 2007, talvez tenha sido o mais difícil. As sessões apressadas e conturbadas para *Hail to the Thief*, de 2003, deixaram o Radiohead sem clima para voltar depressa ao estúdio e a banda tinha acabado de terminar um relacionamento de 12 anos com a EMI, o que significava que não havia gravadora pedindo material. Eles finalmente voltaram ao trabalho no começo de 2005, com o produtor Mark “Spike” Stent, que teve hits com Madonna e Spice Girls. Só que nas sessões – as primeiras em uma década sem o produtor Nigel Godrich – faltava energia. “Tínhamos parado para ter filhos”, contou Yorke. “Quando entramos de novo no estúdio, estávamos mortos.” ¶ Frustrada, a banda chamou Godrich, que os arrastou para a Tottenham House, uma casa georgiana que já foi imponente, a 70 km da cidade da banda, Oxford. “Era realmente velha e estava literalmente se desfazendo”, diz Godrich. “Como uma mansão do Scooby-Doo.” A banda passou três semanas ali, recomeçando do zero. A impulsora e cheia de guitarra “Bodysnatchers”, gravada na espaçosa biblioteca do salão, aparece quase intocada no álbum. Mais tarde, a banda se aprofundou naquele som rico e imediato em outra mansão rural e em estúdios adequados em Londres e Oxford; “Reckoner”, por exemplo, saiu de “pessoas pela casa, sacudindo coisas e mantendo o groove, depois cortando esse groove em pedacinhos e o remontando”, conta Godrich. ¶ O lançamento de *In Rainbows* foi adequadamente nada ortodoxo: os fãs podiam comprá-lo online pelo preço que escolhessem. O que começou em tumulto acabou em um ato de reinvenção rebelde. “Levou muito tempo e energia para fazer justiça a essa coisa”, diz Godrich, “mas chegamos lá”.



Amy Winehouse
resgatou a antiga
soul music



446. Back in the USA

MC5 Atlantic, 1970

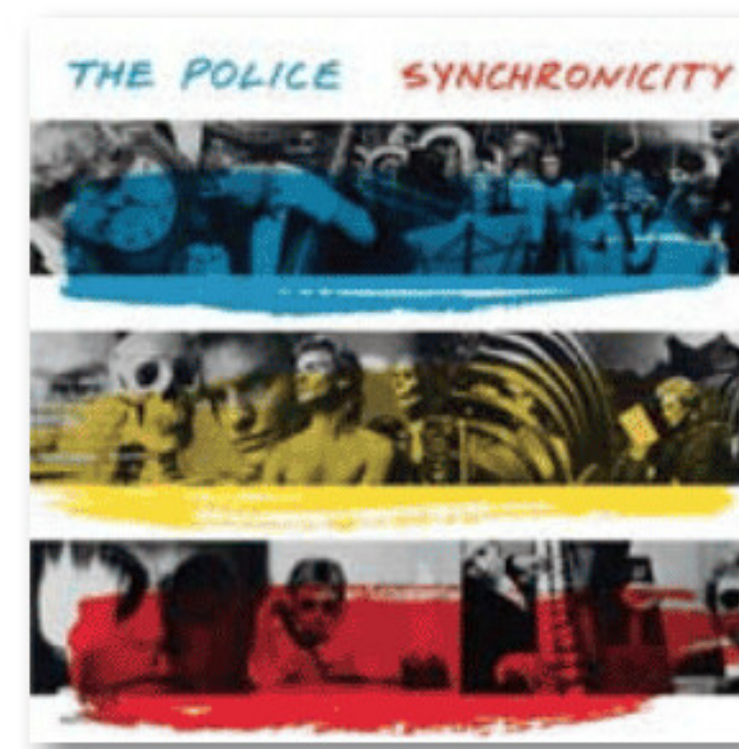
No final dos anos 1960, o MC5 era a banda que fazia o som para o coletivo White Panther Party, dedicado a “drogas, armas e transar nas ruas”. No segundo LP, a banda canaliza a ferocidade da música e da mensagem política nos riffs concisos de “The American Ruse”. *Back in the USA* inspirou inúmeras bandas barulhentas



447. Getz/Gilberto

Stan Getz and João Gilberto Verve, 1964

O jazz norte-americano encontrou a bossa nova brasileira quando o saxofonista Stan Getz se juntou ao violonista João Gilberto e ao pianista e compositor Antonio Carlos Jobim. Astrud Gilberto, na época esposa de João Gilberto, virou estrela com o vocal sensual de “The Girl From Ipanema”.



448. Synchronicity

The Police A&M, 1983

“Eu trabalho melhor quando sinto dor”, Sting disse à *Rolling Stone*. A dissolução do primeiro casamento dele produziu grandes canções, incluindo “King of Pain” e “Every Breath You Take”, um exercício sobre obsessão. Este foi o último disco do trio The Police. A banda se reuniu ao vivo anos depois, mas não gravou mais nada.



449. 3rd/Sisters Lovers

Big Star PVC, 1978

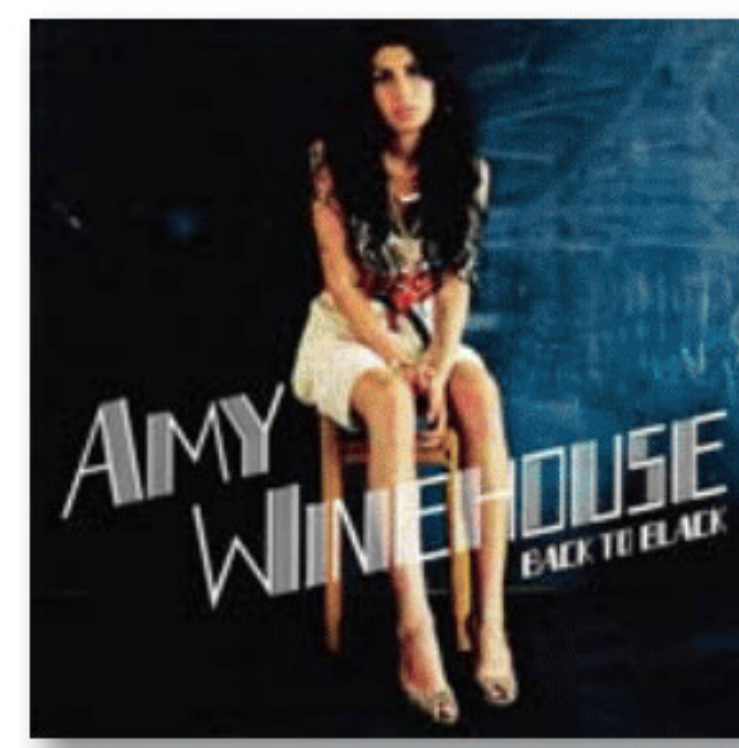
O Big Star gravou o terceiro e derradeiro álbum em 1974, cujo lançamento só aconteceu em 1978. Nele, o vocalista Alex Chilton soa como se estivesse sofrendo um colapso nervoso. É um disco de baladas lindas, desconexas e tristes, que capturam o trágico fim da banda. “Thank You Friends” e “Nightmare” dizem tudo.



450. For Everyman

Jackson Browne Asylum, 1973

Neste segundo álbum da carreira, o discreto Jackson Browne surgiu como o J.D. Salinger dos cantores e compositores de Los Angeles. Músicas como “These Days” (gravada primeiro por Nico, cantora que trabalhou com o Velvet Underground) capturam a mudança dos idealistas anos 1960 para os desiludidos anos 1970.



451. Back to Black

Amy Winehouse Island, 2007

É triste pensar como este disco soava cheio de frescor quando saiu. Amy, uma inglesa rebelde de 23 anos cheia de tatuagens e com cabelo retrô, resgatou o espírito dos heróis que ela tinha no R&B, amaldiçoando, esnobando e casualmente partindo o coração do ouvinte. A mensagem no mega-hit “Rehab” se revelou tristemente profética.



452. John Prine

John Prine Atlantic, 1971

Prine era um carteiro que virou cantor folk, e sua estreia enxerga a vida norte-americana com generosidade e tolerância. Ele cantava sobre fumar maconha (“Illegal Smile”), mas sua empatia pelos mais velhos em “Hello in There” fez a maioria dos compositores hip-pies soar convencida.



453. Strictly Business

EPMD Fresh, 1988

No verão de 1988, Erick Sermon e Parrish Smith, mais conhecidos como EPMD (Erick and Parrish Making Dollars), saíram de Long Island com um novo estilo de hip-hop com toques de funk. Gravada na era antes de artistas aprovarem samples, a jam-título até rouba “I Shot the Sheriff”.



454. Love it to Death

Alice Cooper Straight, 1971

No palco, Cooper era o rei do rock de horror que decapitava bonecas, mas seus primeiros álbuns de estúdio eram ataques inteligentes e afiados do rock de Detroit. Em *Love it to Death*, o produtor Bob Ezrin se junta a ele para os golpes distorcidos de “Hallowed Be My Name”.



455. How Will the Wolf Survive?

Los Lobos Slash, 1984

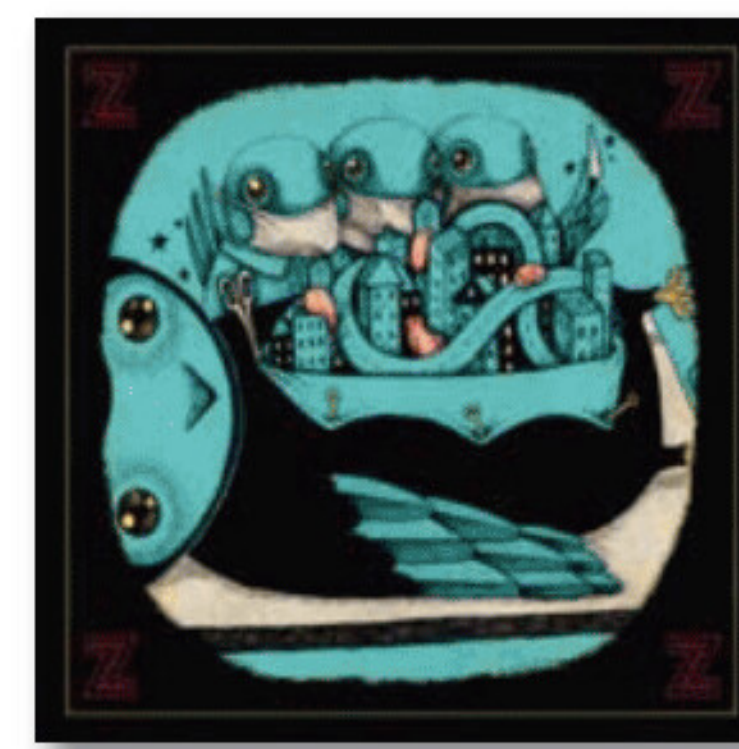
“Éramos garotos com cabelo comprido e camisas xadrez tocando instrumentos mexicanos”, disse Louie Perez, do grupo Los Lobos. A banda de Los Angeles fez sucesso misturando sons tradicionais mexicanos com blues, rockabilly e rock de raiz.



456. Here, My Dear

Marvin Gaye Tamla/Motown, 1978

É um dos discos mais estranhos já feitos dentro da Motown. O acordo de divórcio de Marvin Gaye exigia que ele gravasse um novo álbum e pagasse os direitos à ex-mulher, Anna – irmã de Berry Gordy, chefe da gravadora de Detroit. Então, Gaye gravou este LP duplo amargo e irônico com músicas sobre separação.



457. Z

My Morning Jacket ATO, 2005

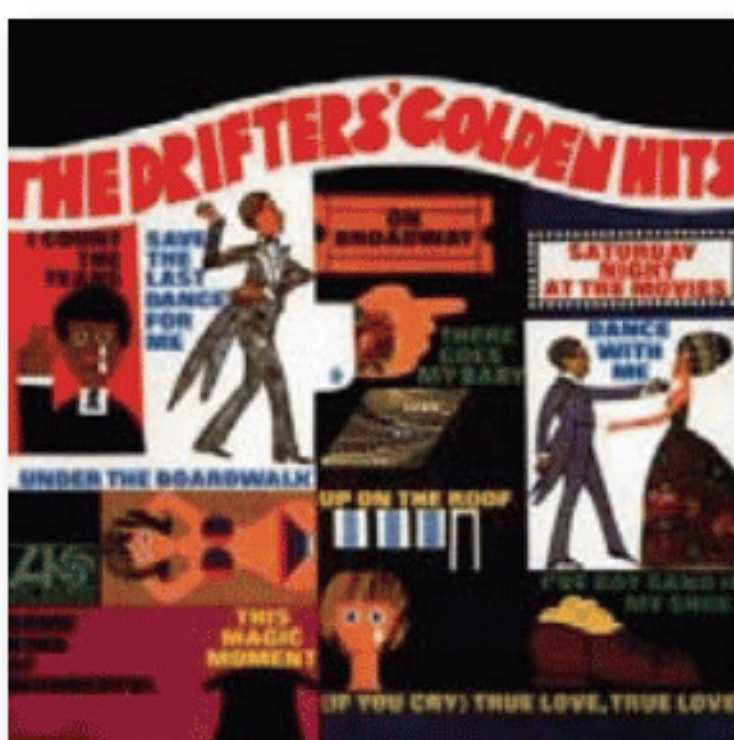
Estes garotos do Kentucky deram um enorme salto adiante em seu quarto álbum – grande o suficiente para levá-los de uma banda de jams de raízes norte-americanas a perseguidores admiráveis do rock artístico interestelar. O My Morning Jacket encheu Z de teclados ao estilo de Brian Eno, mas também de riffs ao estilo do Lynyrd Skynyrd.



458. Tumbleweed Connection

Elton John DJM, 1980

John sempre teve uma queda pelo mito do oeste norte-americano. Junto ao letrista Bernie Taupin, ele satisfaz totalmente essas fantasias de caubói. “Amoreena” toca de forma inesquecível na cena de abertura do filme *Um Dia de Cão*, com Al Pacino.



459. The Drifter's Golden Hits

The Drifters Atlantic, 1968

Depois que Ben E. King saiu do grupo The Drifters e partiu para a carreira solo, os produtores Jerry Leiber e Mike Stoller usaram outros vocalistas para continuar fazendo odes orquestradas ao romance como “Up on the Roof” e “Under the Boardwalk”.



460. Live Through This

Hole DGC, 1994

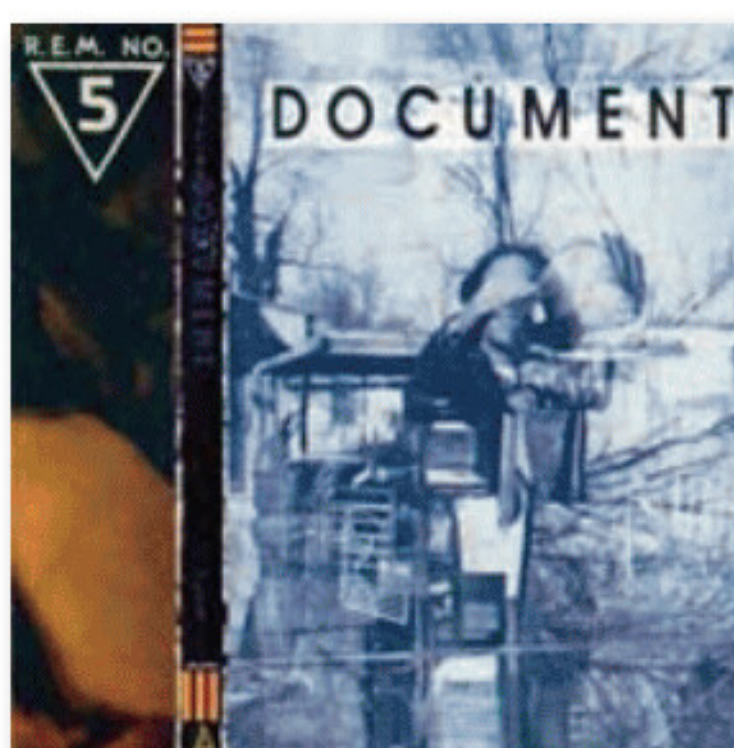
Live Through This foi o álbum que levou o Hole para as paradas. Nele, Courtney Love quer ser amada e aceita, mesmo que nem sempre admita isso. A angústia do punk rock melódico de “Miss World”, “Softer, Softest” e “Doll Parts” marcou uma geração de garotas que formaram suas próprias bandas de rock.



461. Metal Box

PiL Virgin, 1979

Depois que os Sex Pistols implodiram, o vocalista Johnny Rotten recuperou seu nome real – John Lydon – e começou uma nova banda. O PiL tocava punk artístico com baixo de dub e uma guitarra cortante. *Metal Box* foi rebatizado como *Second Edition* nos Estados Unidos.



462. Document

R.E.M. I.R.S., 1987

Nos anos 1980, o R.E.M. estava tentando algo novo com cada álbum que lançava, mas este, baseado em um rock bastante direto, foi o que os transformou em astros. “The One I Love” foi um sucesso, mas a favorita dos fãs é a maníaca “It’s the End of the World as We Know it (And I Feel Fine)”.



463. Heaven Up Here

Echo and the Bunnymen

Korova, 1981

A banda de Ian McCulloch atualiza a psicodelia para a era da new wave com uma parede de guitarras nebulosas e bateria com pouco ritmo. A faixa-título tem uma melodia melodramática e “A Promise” conta uma história de amor que deu errado.



O Hole, com Courtney Love à frente



464. Hysteria

Def Leppard Bludgeon Riffola, 1987

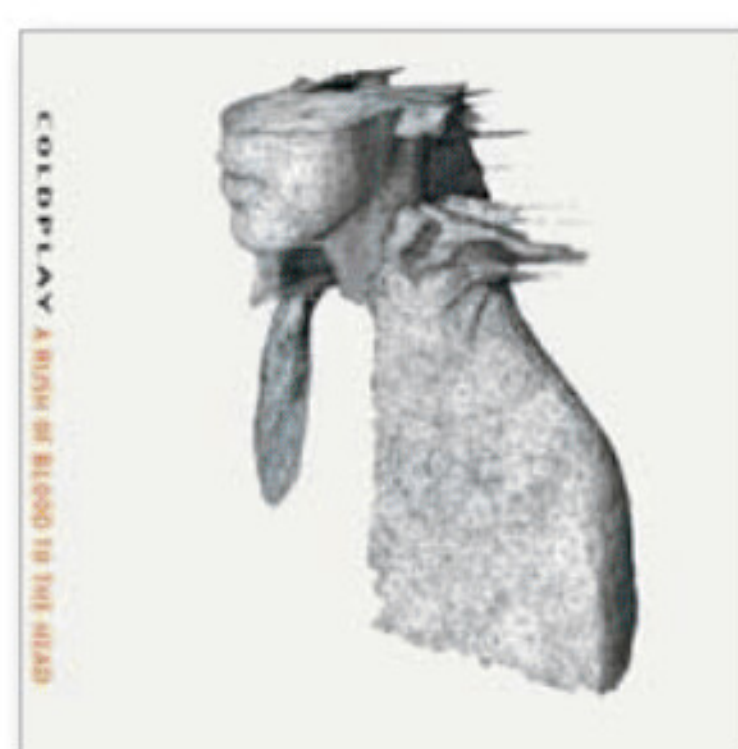
O Def Leppard enfrentou uma maré de má sorte nos anos 1980, especialmente quando o baterista Rick Allen perdeu o braço em um acidente de carro (mesmo assim, ele continuou a tocar bateria). A banda foi recompensada quando *Hysteria* e “Pour Some Sugar on Me” fizeram um grande sucesso.



465. 69 Love Songs

The Magnetic Fields Merge, 1999

Stephin Merritt voltou aos tempos do estilo de composições da era Tin Pan Alley enquanto derramava seu descontraído baixo sobre faixas de synth pop, bubblegum, afropop, temas de musicais, country e mais. É ironia sob efeito de esteroides – mas tente ouvir “Papa Was a Rodeo” sem derramar uma lágrima.



466. A Rush of Blood to the Head

Coldplay Parlophone, 2002

O Coldplay produziu um rock tipicamente britânico cheio de sentimento no segundo álbum, o que Chris Martin apropriadamente chamou de “emoção que consegue te deixar triste enquanto mexe as pernas”.



467. Tunnel of Love

Bruce Springsteen Columbia, 1987

Depois do imenso sucesso de *Born in the U.S.A.*, este foi um choque – um álbum de músicas confessionais, intimistas e, na maior parte, acústicas. O superastro recém-casado vai para o lado pessoal em canções de amor como “One Step Up” e “Walk Like a Man”. O casamento não durou – mas a música, sim.



468. The Paul Butterfield Blues Band

The Paul Butterfield Blues Band Elektra, 1965

Foi aqui que garotos brancos norte-americanos tiveram a noção de que poderiam tocar blues. Esta banda tinha Michael Bloomfield e Elvin Bishop, dois guitarristas virtuosos.



O Fugees fundindo hip-hop e R&B



469. The Score

Fugees Ruffhouse, 1996

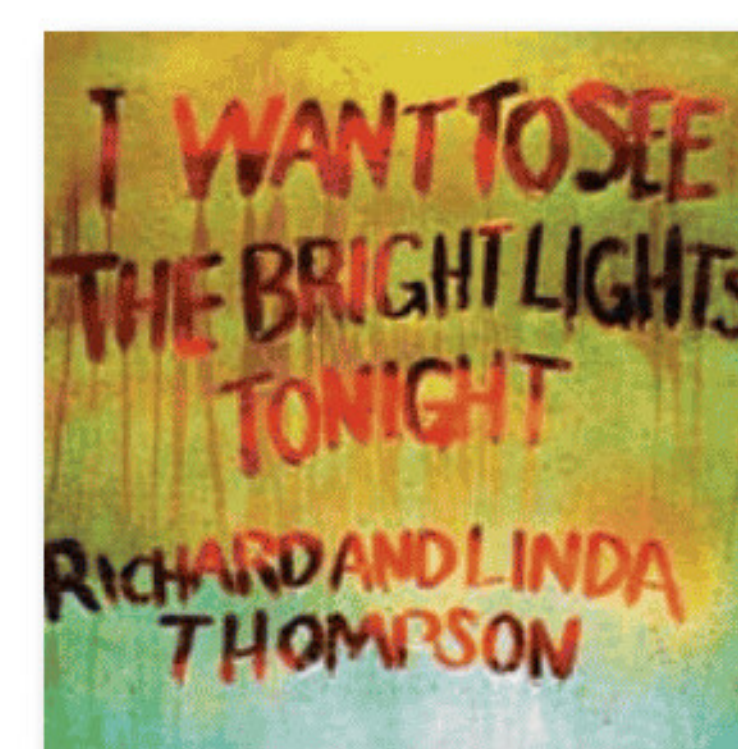
Comandado por Wyclef Jean, o trio Fugees criou uma mescla de hip-hop e R&B eclética e politicamente consciente. Entretanto, a música que estourou foi uma cover de “Killing Me Softly With His Song”, antigo sucesso de Roberta Flack, destacando a voz impressionante de Lauryn Hill.



470. Radio

L.L. Cool J Def Jam, 1985

L.L. Cool J só tinha 16 anos quando lançou seu primeiro single, “I Need a Beat”. Um ano depois, teve seu primeiro sucesso na gravadora Def Jam. O som que ele e Rick Rubin encontraram em “I Can’t Live Without My Radio” e “Rock the Bells” era mais pesado e elegante do que o hip-hop jamais tinha sido.

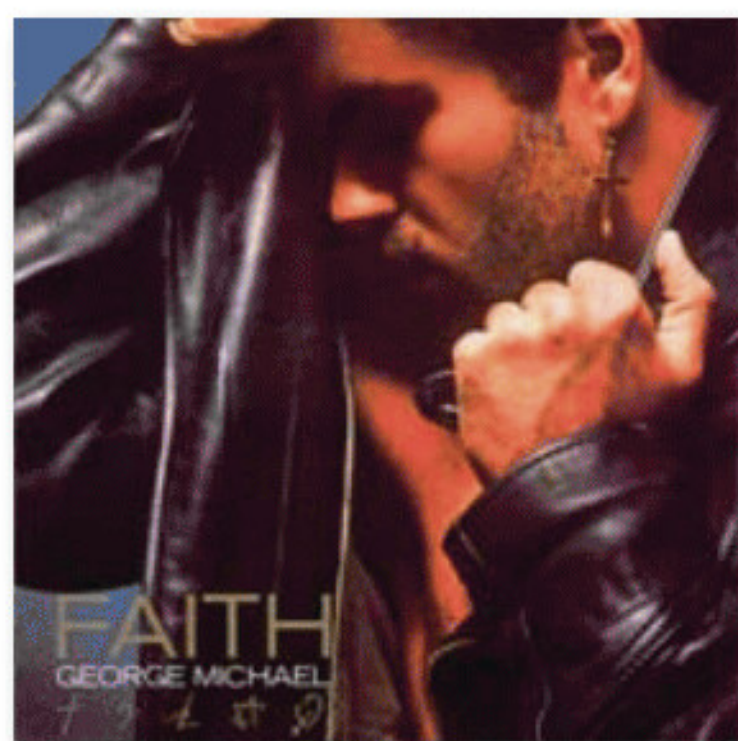


471. I Want to See the Bright Lights Tonight

Richard and Linda Thompson

Island, 1974

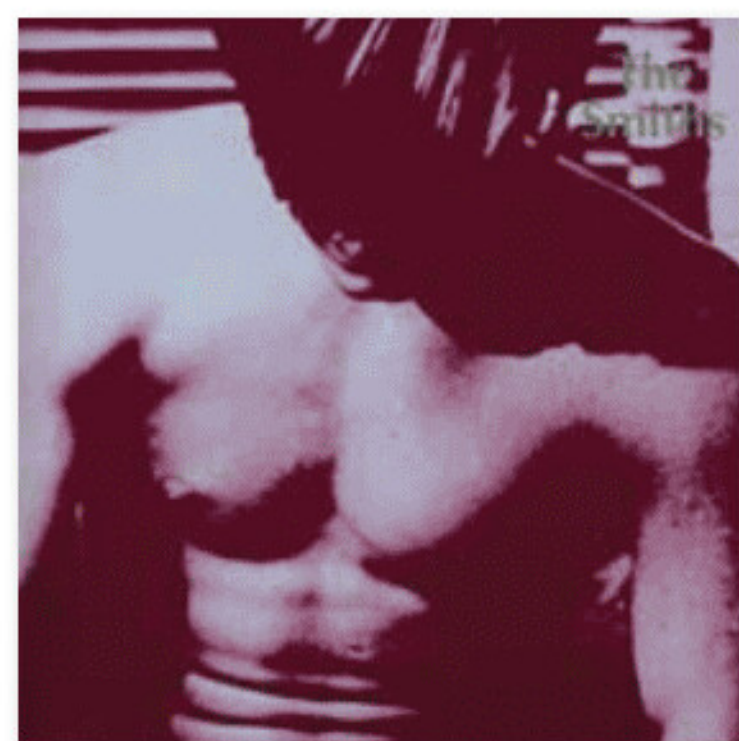
Richard tocava guitarra como se fosse um Neil Young do misticismo sufista; a esposa, Linda, tinha a voz de uma Emmylou Harris celta. Este é o grande LP do casal.



472. Faith

George Michael Epic 1987

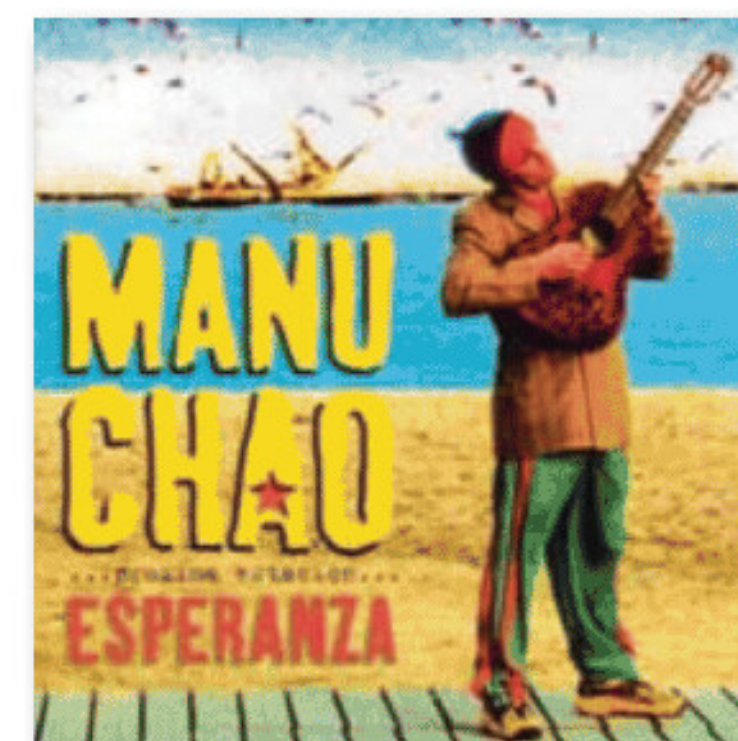
Quando Michael saiu do Wham!, marcou seu momento de maturidade ao parar de se barbear. Felizmente, a música dele ainda era um pop delicioso – seis dessas faixas chegaram no Top 5. “I Want Your Sex” é uma das melhores imitações de Prince da década, e a atmosférica “Father Figure” é a maior balada do álbum.



473. The Smiths

The Smiths Rough Trade, 1984

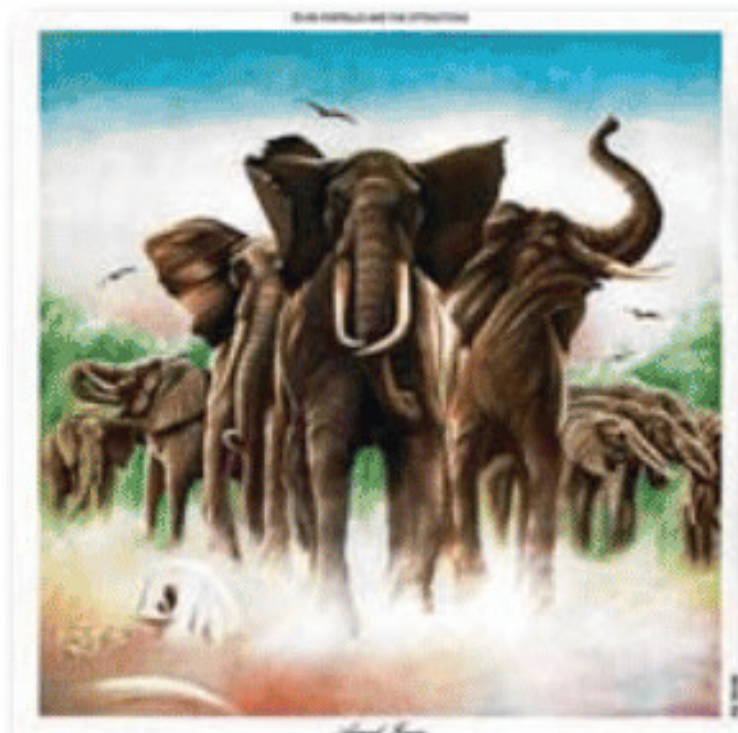
“Reconheço este ar místico/Significa que eu queria me apossar de sua lingerie”, geme Morrissey em “Miserable Lie”, e o rock nunca mais foi o mesmo. A estreia do The Smiths é uma amostra da sagacidade morosa de Morrissey e do tom da guitarra de Johnny Marr arrastando-se pelos pântanos apáticos da Inglaterra em “Still Ill” e “This Charming Man”.



474. ...Próxima Estación... Esperanza

Manu Chao Virgin, 2001

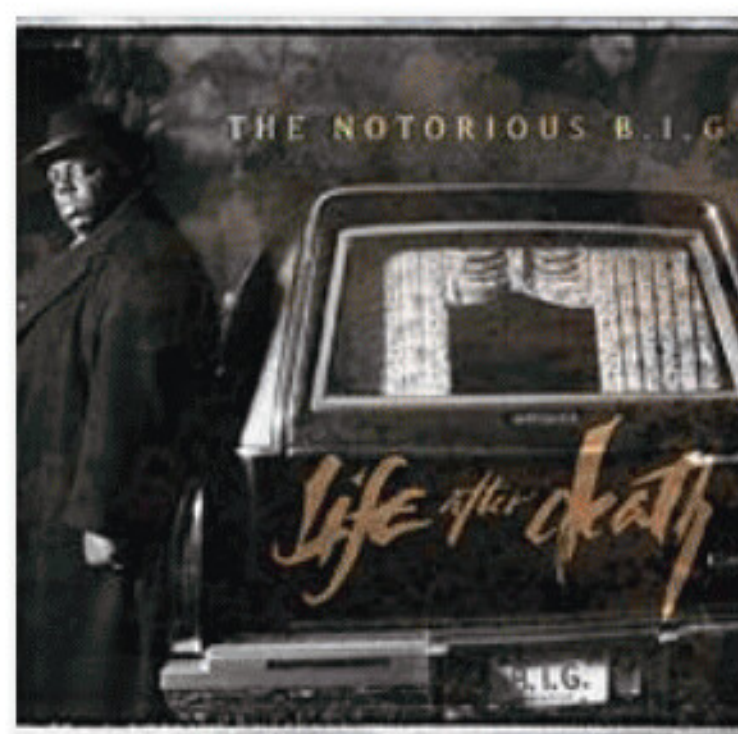
Em várias partes do mundo, Chao já era uma figura comparável a Bob Marley. Este álbum apresentou o cantor aos norte-americanos. Usando o violão como base e apoiado por trompetes e beatboxes, ele divaga em vários idiomas sobre política e maconha.



475. Armed Forces

Elvis Costello and the Attractions Radar, 1979

O terceiro álbum de Costello é feito de paranoia. O conceito é política pessoal: o título original era *Emotional Fascism* e uma faixa se chama “Two Little Hitlers”. O som de “Accidents Will Happen”, guiado por teclados, ajudou a definir a sonoridade da new wave.



476. Life After Death

The Notorious B.I.G. Bad Boy, 1997

Lançado menos de um mês depois do assassinato de Biggie, o profético *Life After Death* engloba dois CDs sem nenhuma faixa tapa-buraco. As canções são repletas de humor e bravata. O rapper se supera em “Mo Money Mo Problems” e “Fuck You Tonight”.



Costello ajudou a formatar a new wave



M.I.A., sempre polêmica

POR TRÁS DE...

Kala

M.I.A.

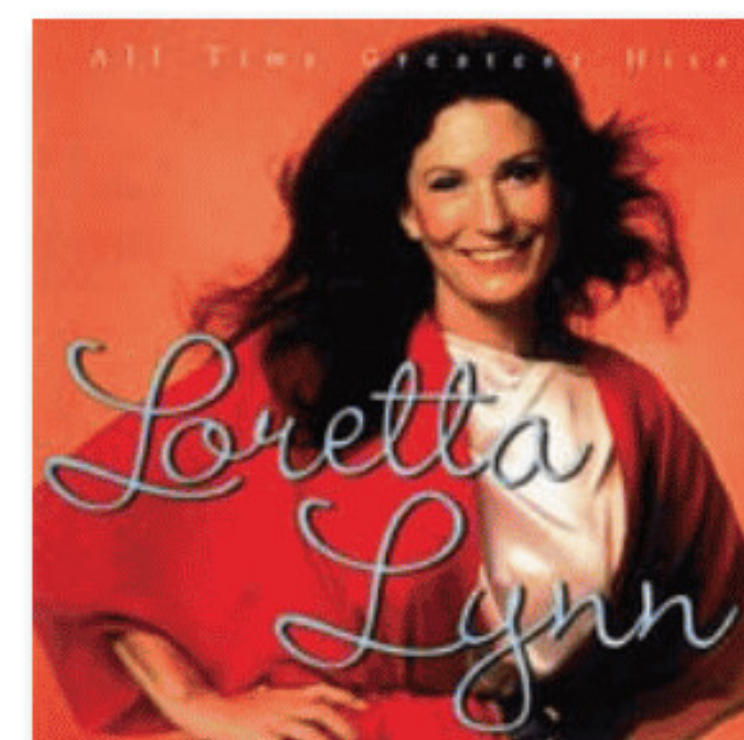
“**Q**UERIA QUE ELE FOSSE DIFÍCIL”, DIZ M.I.A. SOBRE seu segundo álbum. “Costumo ficar muito irritada e aí quero fazer qualquer coisa que não seja música fácil.” Maya Arulpragasam tinha motivos para ficar com raiva quando começou a trabalhar em *Kala*, no começo de 2006. O álbum de estreia dela, *Arular* (2005), estabeleceu a inglesa de família do Sri Lanka como um dos novos talentos mais afiados da música, uma rapper e produtora que fazia dance music chacoalhante, contagiante e politicamente consciente. Ela planejava gravar o disco seguinte nos Estados Unidos com o megaprodutor Timbaland, mas lhe disseram que seu visto para viajar de Londres para o país tinha sido negado porque ela tinha o perfil de terrorista. “De repente, eu era uma cidadã do Outro Mundo. ‘Ah, não, ela disse a palavra ‘PLO’ [sigla para Organização pela Libertação da Palestina] em uma música!’ Então [*Kala*] acabou sendo sobre ser uma voz forasteira.” ¶ O disco também se tornou um registro de viagem. M.I.A. gravou na Índia, Angola, Libéria, Austrália, Trinidad e Tobago e Jamaica, misturando hip-hop, dub, punk e vários outros estilos. O maior hit de *Kala*, “Paper Planes”, juntou tiros de armas de fogo e barulhos de caixas registradoras com um trecho de “Straight to Hell”, do Clash (ideia do produtor Diplo, ex-namorado de M.I.A.). A batida é contagiante, mas a mensagem traz uma sátira intransigente do capitalismo norte-americano e da histeria anti-imigrantes. M.I.A. eventualmente resolveu o problema com o visto e retornou aos Estados Unidos. “Come Around”, uma faixa de Timbaland, está no álbum, mas parece pálida perto da música estranha e poderosa ao seu redor. “É um álbum sonicamente pesado”, ela diz. “E é pesado com relação ao que defende.”



477. Down Every Road

Merle Haggard Capitol, 1996

A country music sem floreios de Merle Haggard nasceu em Bakersfield, Califórnia, a “Nashville do oeste”. As músicas dele são cheias de andarilhos, fugitivos, desiludidos e trapaceiros. Esta caixa definitiva com quatro discos inclui as controvertidas “Oak From Muskogee”, “Mama Tried” e “The Fighting Side of Me”.



478. All Time Greatest Hits

Loretta Lynn MCA Nashville, 2002

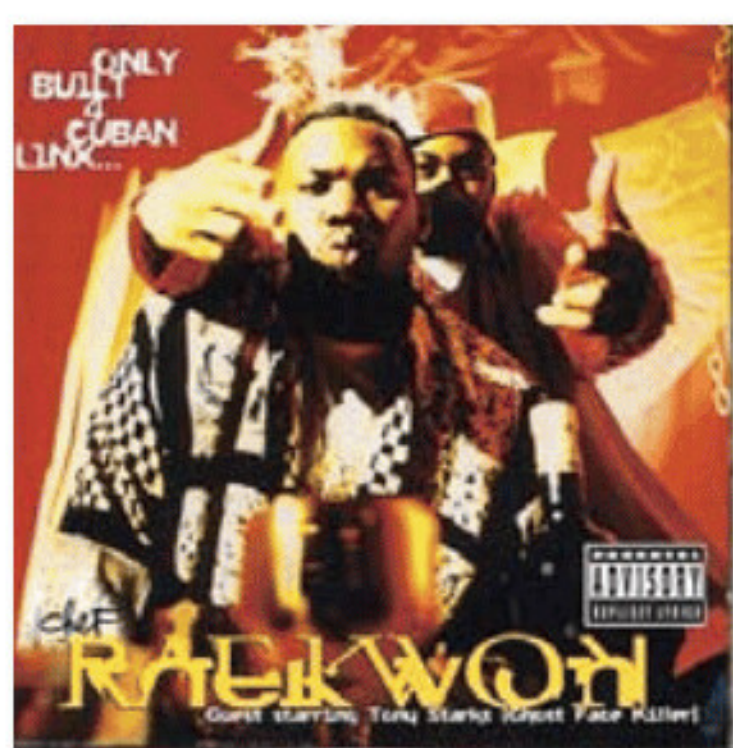
Quem pensa que cantoras country são fofas deveria ouvir “Fist City”, na qual Loretta ameaça esmurrar uma mulher se ela não deixar o homem dela em paz. Músicas de Loretta como “Rated ‘X’” e “The Pill” levaram o feminismo para o público do interior.



479. Maggot Brain

Funkadelic Westbound, 1971

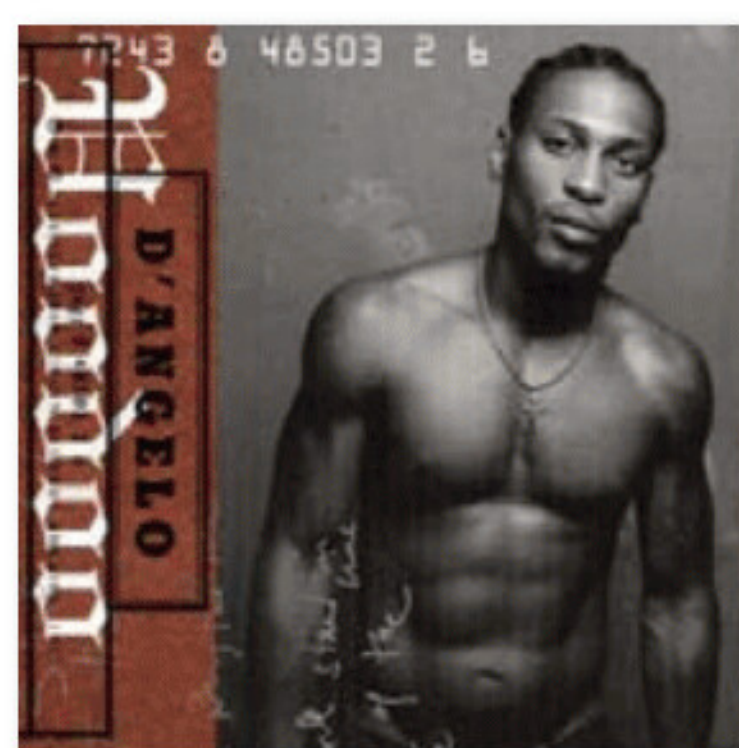
“Toque como se sua mãe tivesse acabado de morrer”, George Clinton falou ao guitarrista Eddie Hazel. O resultado foi “Maggot Brain”, dez minutos de angústia na guitarra, ao estilo de Hendrix. Este é um álbum de rock, mas também tem espaço para o funk feito com violão em “Can You Get to That”.



480. Only Built 4 Cuban Linx

Raekwon Loud, 1995

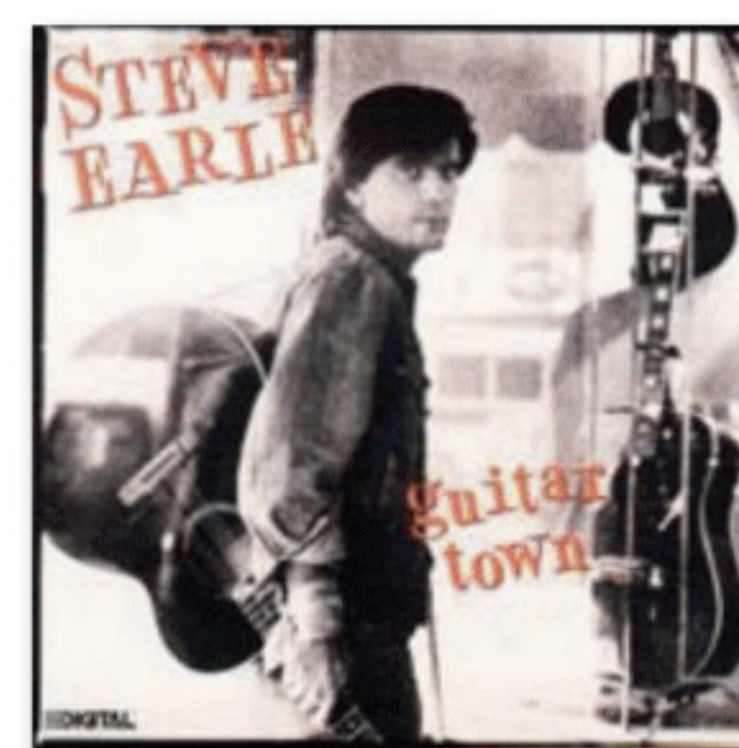
O melhor projeto solo saído do Wu-Tang tem versos tecidos de forma densa. Sobre as batidas hipnoticamente duras de RZA, Raekwon elabora narrativas impressionantes; é um álbum que compete com os filmes de mafiosos que o hip-hop celebra.



481. Voodoo

D'Angelo Cheeba Sound, 2000

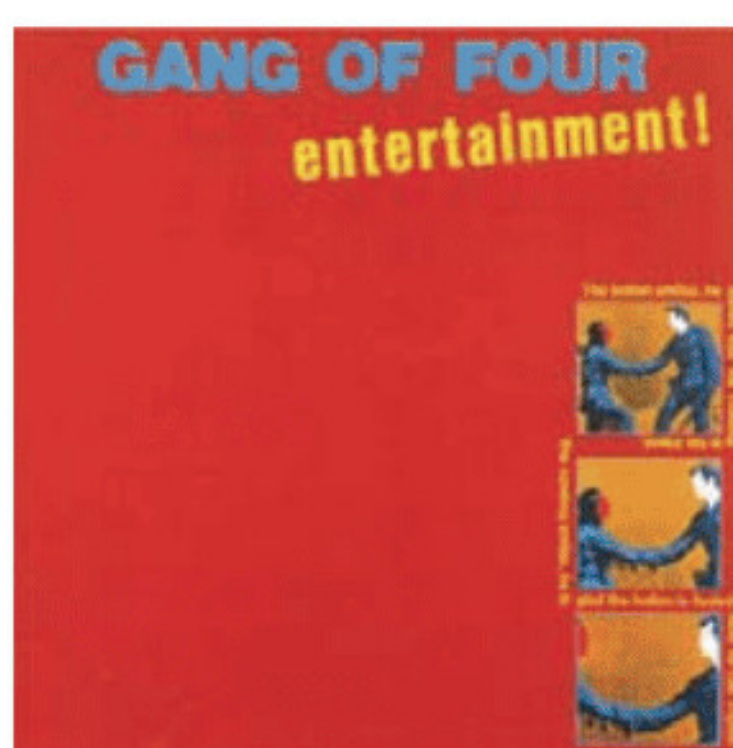
D'Angelo gravou o segundo álbum no estúdio Electric Lady, em Nova York. Ali, ele estudou atentamente vídeos de cantores de soul music dos anos 1960 e 1970 e fez um disco sexy e sexual, encharcado de atordoamento pós-coito. O single "Untitled (How Does It Feel)" soa como uma grande música perdida de Prince.



482. Guitar Town

Steve Earle MCA, 1986

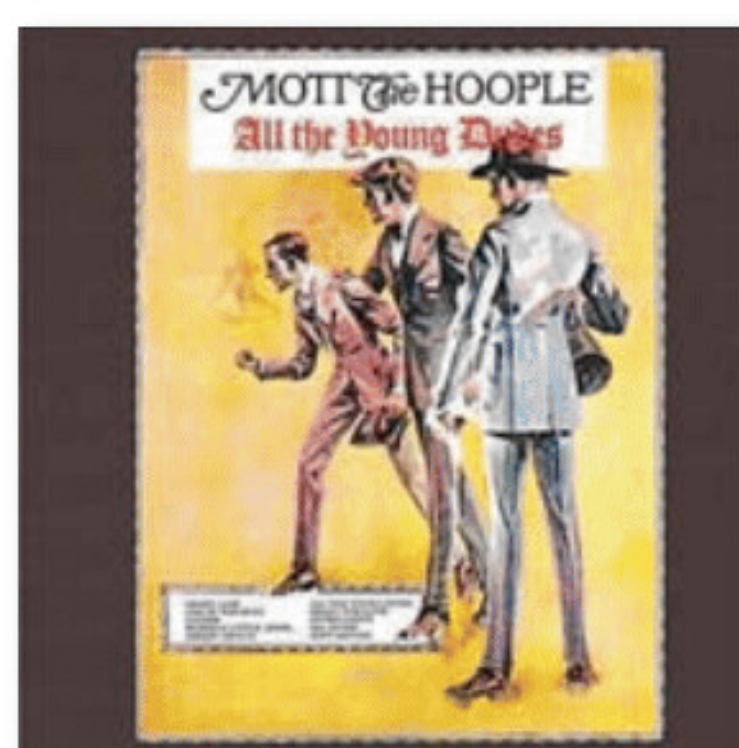
Quando lançou este álbum de estreia, Steve Earle tinha 31 anos. Ele havia passado duas temporadas em Nashville como compositor e queria outra coisa. *Guitar Town* é a versão de um roqueiro para a country music, repleta de músicas sobre a vida dura nos anos 1980 vividos sob o governo de Ronald Reagan.



483. Entertainment

Gang of Four EMI, 1979

Formado em 1977 na Inglaterra, o quarteto Gang of Four combinava panfletagem marxista com o som do emergente punk rock. A agressão rígida e impulsiva de músicas como "Damaged Goods" e "I Found That Essence Rare" inventou um novo estilo que influenciou bandas desde Minutemen até LCD Soundsystem.



484. All the Young Dudes

Mott the Hoople CBS, 1972

Antes de ser apadrinhada por David Bowie, a banda de Ian Hunter transitava pelo hard rock e pelo folk. Bowie compôs a andrógina faixa-título e fez com que o Mott gravasse "Sweet Jane", de Lou Reed. Um grande disco para entender o glam rock.



485. Vitalogy

Pearl Jam Epic 1994

Vs. tornou o Pearl Jam a banda de maior sucesso do mundo, mas foi em *Vitalogy* que o domínio que eles tinham sobre o passado e o futuro do rock se tornou completo. Baladas cheias de alma como "Nothingman" são casadas com faixas como "Spin the Black Circle", influenciada pelo som do hardcore.



486. That's the Way of the World

Earth, Wind & Fire
Columbia, 1975

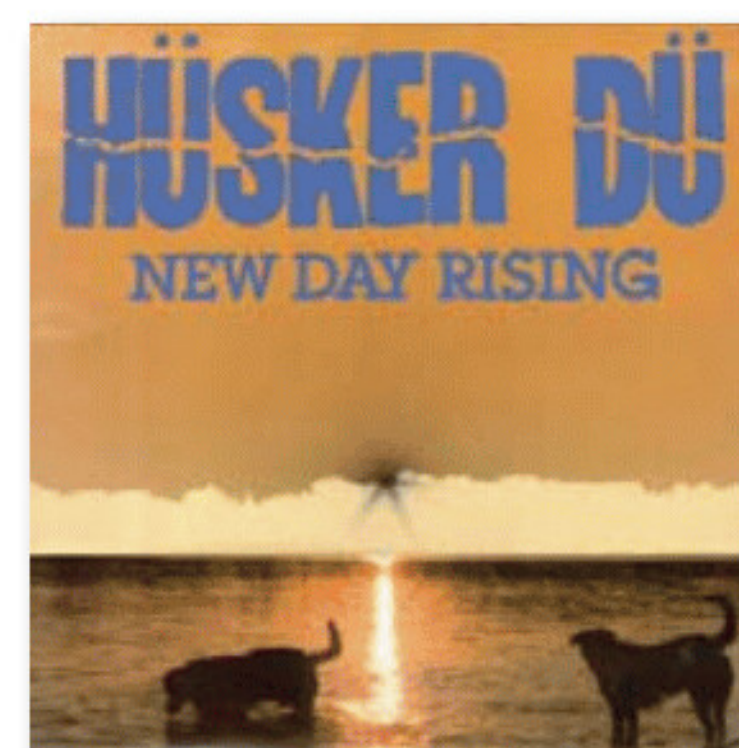
O sexto álbum da trupe de soul music comandada por Maurice White tem música sensual feita com inspiração cósmica e divina, como a contemplativa faixa-título.



487. She's So Unusual

Cyndi Lauper Portrait, 1983

A primeira banda de Cyndi tinha se separado e ela cantava em um restaurante japonês. Então, este álbum de estreia solo com pop dançante e afiado se tornou o primeiro de uma cantora a conseguir quatro hits no Top 5 da parada, incluindo "Girls Just Want to Have Fun" e "Time After Time".



488. New Day Rising

Hüsker Dü SST, 1985

Estes três músicos de Minneapolis tocavam hardcore com uma emoção selvagem que se tornou uma grande influência sobre o Nirvana e outros. Eles soavam como punks sujos tentando cantar músicas dos Beach Boys, especialmente nos hinos "Celebrated Summer" e "Perfect Example".



489. Destroyer

Kiss Casablanca, 1976

Quando lançou *Destroyer*, o quinto álbum, o Kiss já era a banda mais popular dos Estados Unidos. O quarteto enchia o mercado de bugigangas, mas a música que fazia era marcante. Construído sobre a poderosa balada “Beth” e pelos hinos “Detroit Rock City” e “Shout it Out Loud”, este é um álbum festivo e exagerado que só melhora com o tempo.



490. Tres Hombres

ZZ Top London, 1973

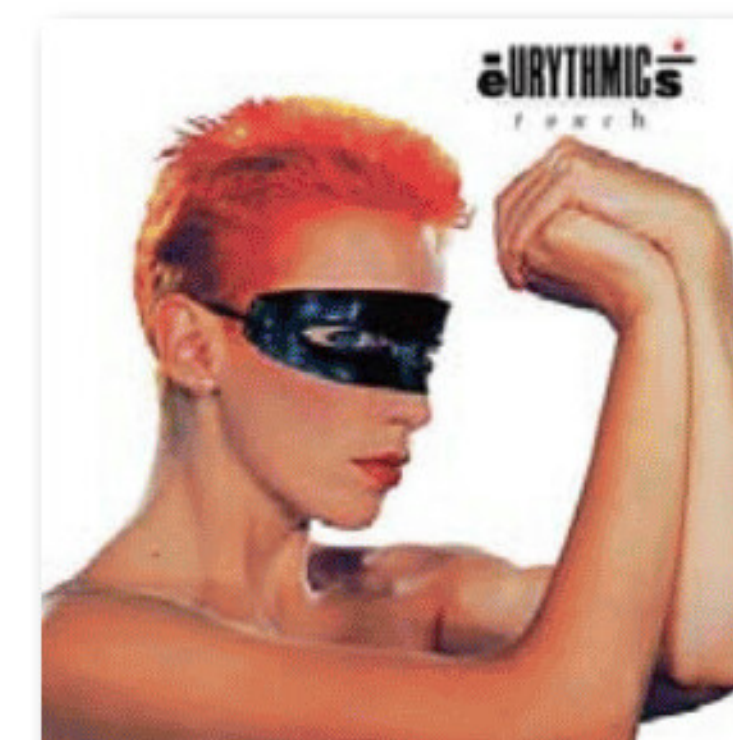
Uma década antes de se tornarem astros com vídeos que eram exibidos sem parar na MTV, o ZZ Top teve o primeiro gosto da fama com este disco, que traz o hit “La Grange”, um boogie ao estilo de John Lee Hooker. *Tres Hombres* também tem como destaque o rock embriagado “Jesus Just Left Chicago” e “Beer Drinkers & Hell Raisers”.



491. Born Under a Bad Sign

Albert King Stax, 1967

O primeiro álbum do bluesman para a Stax combina a guitarra pesada e despojada dele com o som elegante do Booker T. and the M.G.'s, a banda da casa. Hits como “Crosscut Saw” e “Laundromat Blues” deram a King um novo e entusiasmado público de rock.



492. Touch

Eurythmics RCA, 1984

Annie Lennox parecia um cyborg de sexo indefinido, mas cantava com muita alma. O produtor Dave Stewart se escondia atrás da barba e criava o som do Eurythmics. Juntos, Annie e Stewart formataram um pop sublime, especialmente em “Who’s That Girl?” e no estrondoso sucesso “Here Comes the Rain Again”.



493. Yankee Hotel Foxtrot

Wilco Nonesuch, 2002

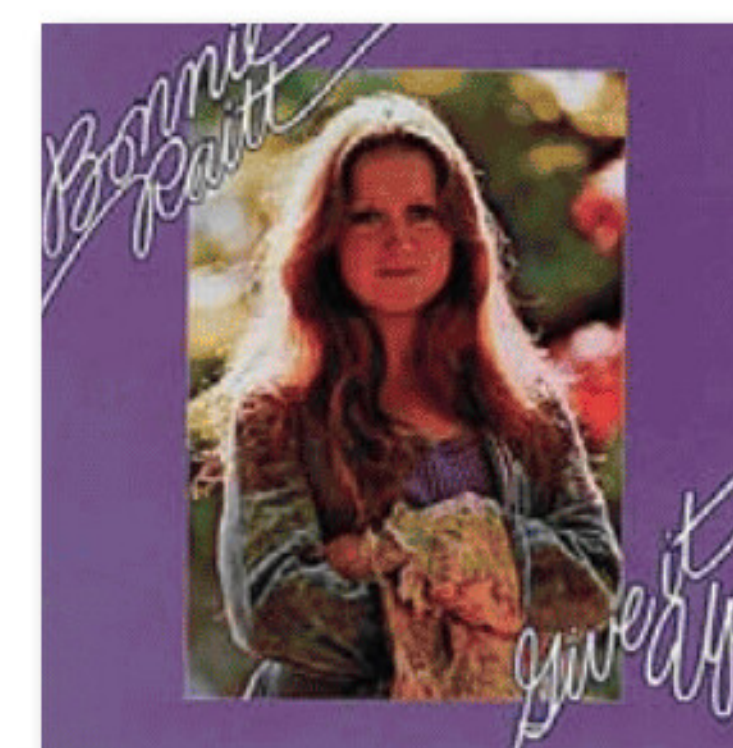
Este álbum do Wilco marcou uma mistura de rock tradicional, música eletrônica, ritmos estranhos e coisas experimentais. As letras de Jeff Tweedy jogavam esperança contra dúvida, e todas as apostas valiam.



494. Oracular Spectacular

MGMT Columbia, 2008

Dois nerds descolados compram teclados vintage e compõem uma suíte com sintetizadores. Você não precisa entender uma palavra de “Kids” para sentir o barato doloroso do gancho melódico criado no teclado.



495. Give it Up

Bonnie Raitt Warner Bros., 1972

A californiana Bonnie Raitt foi até Woodstock para gravar o segundo LP e enfrentou uma enchente. “Minha casa tinha areia e salamandras”, contou. Ela se refugiou no estúdio e produziu um deslumbrante folk blues, incluindo uma cover de “Under the Falling Sky” (Jackson Browne).



O hip-hop vibrante do OutKast



496. Boz Scaggs

Boz Scaggs Atlantic, 1969

Os grooves sólidos incluídos nesta joia pouco apreciada de Boz Scaggs foram criados pela seção rítmica do estúdio Muscle Shoals, no Alabama. A guitarra ficou com Scaggs e com o convidado Duane Allman. Juntos, eles fizeram “Loan Me a Dime”, uma faixa de dez minutos que se tornou um clássico.

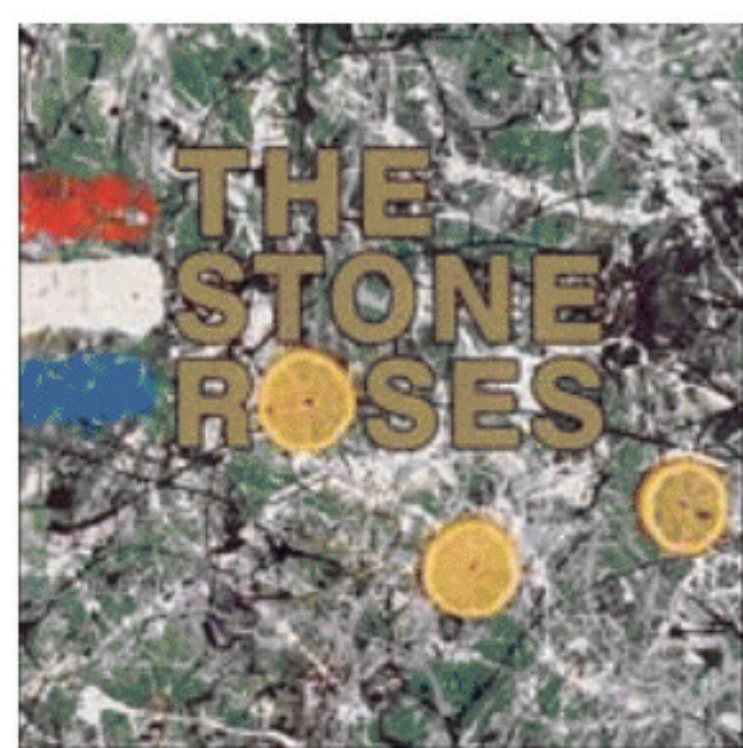


497. White Blood Cells

The White Stripes

Sympathy for the Record Industry, 2001

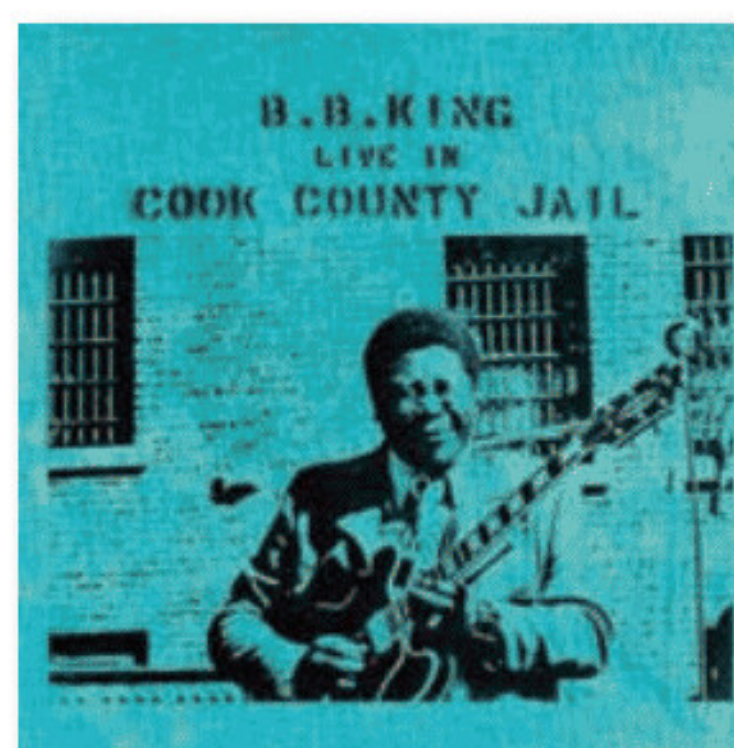
O terceiro álbum de Jack e Meg White era a dinamite certa para uma explosão na música da década de 1990. As fantasias de boate de beira de estrada de Jack, a diversão do rock de garagem e o lirismo romântico, além da bateria de brinquedo trovejante de Meg, chegaram ao auge aqui.



498. The Stone Roses

The Stone Roses Silvertone, 1989

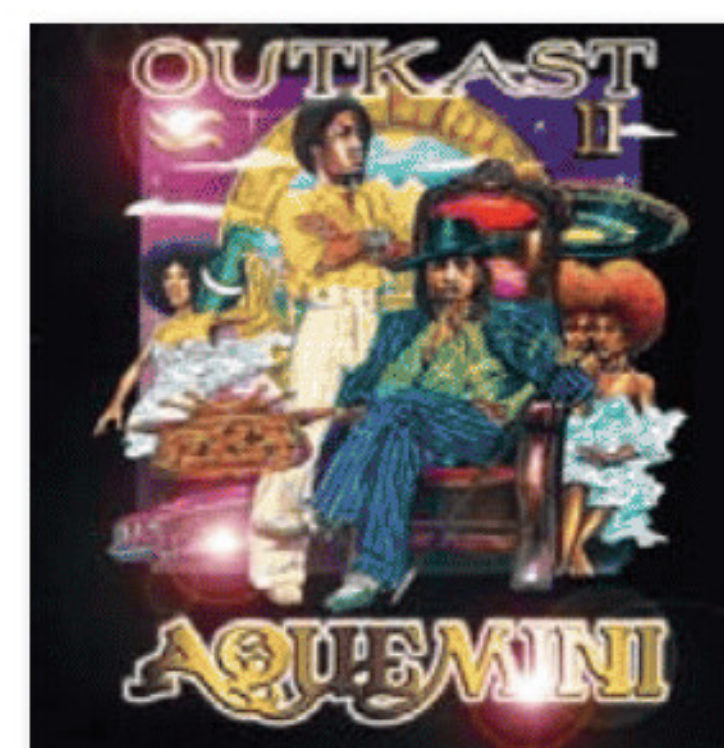
Por alguns momentos gloriosos, o quarteto The Stone Roses parecia poder liderar mais uma invasão britânica. Em vez disso, a banda se desfez – mas, antes, fez este álbum incrível, cujo destaque é a eufórica “I Am the Resurrection”, de oito minutos. A faixa antecipou o pop britânico dos anos 1990.



499. Live in Cook County Jail

B.B. King ABC, 1971

A carreira de King havia renascido quando ele tocou em 1970 nesta prisão de Chicago. O bluesman conquistou os prisioneiros durões com seus clássicos do blues e com o sucesso pop “The Thrill Is Gone”.



500. Aquemini

OutKast LaFace, 1998

Em uma época na qual álbuns previsíveis de Master P e Puff Daddy lideravam as paradas, o OutKast lançou um hip-hop explosivo que usava músicos ao vivo, comentários sociais e uma dose pesada de funk. “Nathaniel” e “Hold on, Be Strong” não deixam ninguém parado.

Quem Votou

A lista de 500 Maiores Álbuns foi reunida pelos editores da *Rolling Stone* como resultado de duas pesquisas. Em 2003, a equipe pediu a um júri formado por 271 artistas, produtores, executivos da indústria e jornalistas para escolher os maiores álbuns de todos os tempos. Em 2009, solicitamos a um grupo similar de 100 especialistas para escolher álbuns lançados a partir do ano 2000. Desta forma, a *Rolling Stone* chegou a esta lista definitiva de discos.

BILL ADLER *Biógrafo, Run-D.M.C.*

LOU ADLER *Produtor*

VINCE ALETTI *Jornalista*

ART ALEXAKIS *Everclear*

PELLE ALMQVIST *The Hives*

BILLY ALTMAN *Jornalista*

JEFF AMENT *Pearl Jam*

ROGER AMES *Ex-diretor-executivo, Warner Music Group*

BILLIE JOE ARMSTRONG *Green Day*

NICHOLAUS ARSON *The Hives*

DICK ASHEREX *Ex-diretor-executivo, Polygram Records*

JAMES AUSTIN *Ex-executivo de A&R, Rhino Records*

MICHAEL AZERRAD *Jornalista*

IRVING AZOFF *Chairman, Live Nation*

MARTIN BANDIER *Chairman e Diretor-executivo, Sony/ATV*

DEVENDRA BANHART

PETER BARAKAN *Locutor de rádio*

JOHNNY BARBIS *Chairman, Rocket Music*

KEN BARNES *Jornalista*

KEVIN BARNES *Of Montreal*

FRANK BARSALONA *Ex-consultor, William Morris Agency*

ROSTAM BATMANGLIJ *Vampire Weekend*

DAVID BAUDER *Jornalista*

BECK

JULES BELKINEX *Ex-presidente, Belkin Productions*

ANDY BELL *Erasure*

BILL BELMONT

Ex-vice-presidente de Operações, Fantasy Records

BILL BENTLEY

Diretor, Vanguard Records

STEVE BERKOWITZ

Vice-presidente Sênior, Legacy Recordings

JAMES BERNARD

Co-fundador, revistas The Source e XXL

CATHY BERNARDY

JONES *Ex-editor, Revista Goldmine*

GUY BERRYMAN *Coldplay*

JIM BESSMAN *Jornalista*

LES BIDER

Ex-chairman e Diretor-executivo, Warner/Chappell Music

SCOTT BILLINGTON

Vice-presidente, A&R, Rounder Records

MARK BINELLI

Editor-contribuinte, ROLLING STONE

RODNEY BINGENHEIMER

Radialista

DAVID BITHER

Vice-presidente Sênior, Nonesuch Records

HAL BLAINE *Baterista*

JERRY BLAVAT

Radialista

MARY J. BLIGE

NATHAN BRACKETT *Editor-administrativo, ROLLING STONE*

LAURENT BRANCOWITZ *Phoenix*

HARRIETT BRAND

Ex-vice-presidente Sênior, Universal Music Group

JON BREAM *Escritor*

ISAAC BROCK *Modest Mouse*

HAROLD BRONSON *Cofundador, Rhino Records*

DAVID BROWNE *Editor Contribuinte, ROLLING STONE*

DUNCAN BROWNE *Diretor de Operações, Newbury Comics*

JACKSON BROWNE

JONNY BUCKLAND *Coldplay*

BEBE BUELL

SOLOMON BURKE *(1940-2010)*

CLIFF BURNSTEIN *Co-fundador, Q Prime*

JAMES BURTON *Guitarrista*

GEEZER BUTLER *Black Sabbath*

JERRY BUTLER

JOE BUTLER *The Lovin' Spoonful*

TOM CALDERONE

Presidente, VH1

MIKE CARABELLO

Santana

JON CARAMANICA

Crítico Musical, The New York Times

PATRICK CARNEY

The Black Keys

ROSEMARY CARROLL

Advogada

WILL CHAMPION *Coldplay*

BRIAN CHASE

Yeah Yeah Yeahs

MARSHALL CHESS

Produtor

DEBORAH CHESSLER

Compositora

ROBERT CHRISTGAU

Jornalista

LAUREN CHRISTY

Produtor

JARVIS COCKER *Pulp*

MITCHELL COHEN

Vice-presidente, A&R, Verve Records

CHRIS CONNELLY

Correspondente, ESPN

TOM CONSTANTEN

Pianista e compositor

TRÉ COOL *Green Day*

GERARD COSLOY

Co-proprietário, Matador Records

TOMMY COUCH SR.

Presidente, Malaco Music Group

WAYNE COYNE

The Flaming Lips

BILL CRANDALL

Chefe de Conteúdo, ROLLING STONE Online

CAMERON CROWE

Roteirista e diretor

WILL DANA

Editor-administrativo, ROLLING STONE

BRITT DANIEL *Spoon*

CLIVE DAVIS

Diretor Criativo, Sony Music Worldwide

ANTHONY DECURTIS

Editor-contribuinte, ROLLING STONE

RON DELSENER

Chairman, Live Nation

JOHN DENSMORE

The Doors

DON DEVITO *Produtor (1939-2011)*

ROB DICKINS *Fundador, Instant Karma Records*

BRUCE DICKINSON

Iron Maiden

DION DIMUCCI

DR. JOHN

JON DOLAN *Editor-contribuinte, ROLLING STONE*

ANTOINE “FATS” DOMINO

JANCEE DUNN *Jornalista*

THE EDGE *U2*

BEN EDMONDS *Jornalista*

GAVIN EDWARDS

Editora-contribuinte, ROLLING STONE

GRAHAM EDWARDS

Compositor e produtor

JENNY ELISCU

Editor-contribuinte, ROLLING STONE

MISSY ELLIOTT

MICHAEL ENDELMAN

Ex-editor Sênior, ROLLING STONE

THOMAS ERDELYI

Ramones (1949-2014)

MELISSA ETHERIDGE

SUZAN EVANS *Ex-diretora-executiva, Hall da Fama do Rock and Roll*

PHIL EVERLY *The Everly Brothers (1939-2014)*

BOB EZRIN *Produtor*

ART FEIN ESCRITOR *Apresentador de talk-show*

DANNY FIELDS

Jornalista, ex-empresário dos Stooges e dos Ramones

JASON FINE

Editor-executivo, ROLLING STONE

JIM FISHEL *Produtor*

BILL FLANAGAN *Diretor Editorial, VH1*

FLEA *Red Hot Chili Peppers*

CHET FLIPPO

Diretor Editorial, Country Music Television

JASON FLOM

Presidente, Lava Records

CALEB FOLLOWILL

Kings of Leon

JARED FOLLOWILL

Kings of Leon

MATTHEW FOLLOWILL

Kings of Leon

NATHAN FOLLOWILL

Kings of Leon

BEN FONG-TORRES

Jornalista, radialista

RICHARD FOOS

Fundador, Shout! Factory

PETE FRAME

Pesquisador

CHRIS FRANTZ

Talking Heads

NICOLE FREHSÉE

Ex-editor-assistente, ROLLING STONE

DAVID FRICKE

Redator Sênior, ROLLING STONE

JOHN FRUSCIANTE

Red Hot Chili Peppers

RICHIE FURAY

Buffalo Springfield

ELYSA GARDNER

Jornalista

ART GARFUNKEL

ROB GARZA *Thievery Corporation*

DAVID GEFFEN

Co-fundador, DreamWorks

GREGG GELLER *Produtor*

GARY GERSH *Fundador, Strummer Recordings*

ANDY GERSHON

Vice-presidente-executivo, Epic Records

BILLY GIBBONS *ZZ Top*

CHARLIE GILLET

Apresentador de Rádio, BBC (1942-2010)

MIKAL GILMORE

Editor-contribuinte, ROLLING STONE

DANIEL GLASS

Fundador, Glassnote Records

GERRY GOFFIN

Compositor, produtor (1939-2014)

JEFF GOLD *Proprietário, recordmecca.com*

MICHAEL GOLDBERG

Editor-chefe, neumu.net

GARY GRAFF *Jornalista*

ANDY GREENE

Editor-assistente, ROLLING STONE Online

ELLIE GREENWICH

Compositora (1940-2009)

PETER GURALNICK

Jornalista

BRETT GUREWITZ

Fundador, Epitaph Records

KIRK HAMMETT *Metallica*

ALBERT HAMMOND JR.

The Strokes

DAVEY HAVOK

Executivo, AFI

JIM HENKE

Curador-chefe, Hall da Fama do Rock and Roll

WILL HERMES *Crítico Sênior, ROLLING STONE*

RAOUL HERNANDEZ

Editor musical/Editor Sênior, Austin Chronicle

JAMES HETFIELD

Metallica

BRIAN HIATT

Redator Sênior, ROLLING STONE

ROBERT HILBURN

Ex-crítico musical, Los Angeles Times

MICHAEL HILL

Jornalista, consultor de música e de TV

CHRIS HILLMAN *The Byrds*

DAVID HINCKLEY

Crítico de TV, Daily News

CHRISTIAN HOARD

Editor Sênior,
ROLLING STONE

SUSANNA HOFFS

The Bangles

MARK HOPPUS *Blink-182*

BRUCE HORNSBY

ROBERT HULL

Ex-produtor musical,
Time-Life Music

JAMES HUNTER *Jornalista*

SCOTT IAN *Anthrax*

DON IENNER

Ex-Chairman e Diretor-
executivo, Sony Music U.S.

BRUCE IGLAUER

Presidente, Alligator
Records

JIM JAMES

My Morning Jacket

BOB JAMIESON

Ex-chairman, RCA
Music Group

CHRIS JASPER

Artista, Presidente,
Gold City Music

NICK JONAS *Jonas Brothers*

JEFF JONES

Diretor-executivo,
Apple Corps

CRAIG KALLMAN,

Chairman e Diretor-
executivo, Atlantic Records

JOHN DAVID KALODNER

Ex-executivo de A&R,
Geffen Records

TONY KANAL *No Doubt*

PETER KATSIIS

Gerente, Prospect Park

JORMA KAUKONEN

Jefferson Airplane

LENNY KAYE *Guitarrista*

MARK KEMP *Jornalista*

KID CUDI *Rapper*

CAROLE KING

MARC KIRKEBY

Arquivista, jornalista

HOWIE KLEIN

Ex-presidente,
415 and Reprise Records

EZRA KOENIG

Vampire Weekend

GREG KOT *Jornalista*

HOWARD KRAMER

Curador , Hall da Fama
do Rock and Roll

BOB KRASNOW *Produtor*

LENNY KRAVITZ

DAMIAN KULASH *OK Go*

MIRANDA LAMBERT

ANDREW LAUDER

Executivo

DAVID LEAF

Roteirista e produtor

BRENDA LEE

DAVID LEFKOWITZ

Compositor

ADAM LEVINE *Maroon 5*

ARTHUR LEVY *Jornalista*

JOE LEVY

Editor-contribuinte
ROLLING STONE

ALAN LIGHT *Jornalista*

LIL WAYNE

AMY LINDEN *Jornalista*

KURT LODER

GREG LOESCHER

Ex-editor e publisher,
revista Goldmine

ROY LOTT

Ex-presidente,
Virgin Records

LEIGH LUST

Ex-vice-presidente de
A&R, Atlantic Records

STAN LYNCH

Tom Petty and the
Heartbreakers

MELISSA MAERZ

Ex-editora Sênior,
ROLLING STONE

STEPHEN MALKMUS

SHIRLEY MANSON

Garbage

RAY MANZAREK *The Doors*

THOMAS MARS *Phoenix*

CHRIS MARTIN *Coldplay*

MAC MCCAUGHAN

Co-fundador,
Merge Records

JOE MCEWEN

Vice-presidente, A&R,
Concord Music Group

PAUL MCGUINNESS

Empresário, U2

CHRISTINE MCVIE

Fleetwood Mac

BRAD MEHLDAU

Pianista de jazz

COLIN MELOY

The Decemberists

PETER MENSCH

Coproprietário, Q Prime

M.I.A.

MILO MILES

Crítico e comentarista
de rádio

KIRK MILLER

Ex-editor Associado,
ROLLING STONE

DAVID MILLS

Redator de TV, The Wire
(1952-2010)

MARTIN MILLS *Fundador,*

Beggars Banquet Records

WILLIE MITCHELL

Músico e produtor
(1928-2010)

MOBY

JOSEPH MODELISTE

The Meters

TOM MOON *Jornalista*

TOM MORELLO

The Nightwatchman

FABRIZIO MORETTI

The Strokes

BRUCE MORROW

Apresentador de rádio

STEVE MORSE *Jornalista*

ALAN MOULDER *Produtor*

e engenheiro de som

JASON MRAZ

DAVE NAVARRO

Jane's Addiction

TOM NAWROCKI *Ex-editor*

Assistente Administrativo,
ROLLING STONE

ED NEEDHAM

Ex-editor Adminstrativo,
ROLLING STONE

ASHLEY NEWTON

Vice-presidente-executivo,
RCA Records

CLAUDE NOBS

Diretor-fundador,
Montreaux Jazz Festival

YOKO ONO

MO OSTIN

Chairman Emérito,
Warner Bros. Records

ANDY PALEY

Músico e produtor

JOHN PARRISH

Músico e produtor

GEORGE PELECANOS

Jornalista

MICHAEL PENN

CLAUDIA PERRY

Jornalista

MICHELLE PHILLIPS

The Mamas & the Papas

TONY PIPITONE

Presidente,
Warner Special Projects

STEVE POND *Jornalista*

GEORGE PORTER JR.

The Meters

ROBERT PRUTER

Editor de R&B,
revista Goldmine

PARKE PUTERBAUGH

Jornalista

QUESTLOVE *The Roots*

STEVE RALBOVSKY

Vice-presidente Sênior,
A&R, RCA Records

JOHNNY RAMONE

Ramones (1948-2004)

MARKY RAMONE

Ramones

SYLVIA RHONE

Ex-chairman e Diretora-
executiva, Elektra Records

JONATHAN RINGEN

Editor-assistente
Admistrativo,
ROLLING STONE

CORY ROBBINS *Presidente,*

Robbins Entertainment

IRA ROBBINS

Diretor-editorial,
MJI Programming,
Premiere Radio Network

ROBBIE ROBERTSON

The Band

CHRIS ROBINSON

The Black Crowes

CYNTHIA ROBINSON

Sly and the Family Stone

BOB ROCK *Produtor*

JODY ROSEN

Critico Sênior,
ROLLING STONE

RICK RUBIN

Produtor, Cofundador,
Def Jam

PAUL SAMWELL-SMITH

Produtor e músico,
Yardbirds

BOB SANTELLI

Diretor-executivo,
the Grammy Museum

AUSTIN SCAGGS

Editor-contribuinte,
ROLLING STONE

TIMOTHY B. SCHMIT

Eagles

FRED SCHNEIDER

The B-52's

JORDAN SCHUR

Presidente, Suretone
Records

ANDY SCHWARTZ

Jornalista

BUD SCOPPA *Jornalista*

GENE SCULATTI *Jornalista*

JOHN SEBASTIAN

The Lovin' Spoonful

PETE SEEGER

JOEL SELVIN

Crítico de música,
San Francisco Chronicle

MATT SERLETIC *Produtor*

EVAN SERPICK

Ex-editor Associado,
ROLLING STONE

PAUL SHAFFER *Diretor*

Musical, Late Show With
David Letterman

RON SHAPIRO

Cofundador, Plan A Media

ROB SHEFFIELD

Editor-contribuinte,
ROLLING STONE

MIKE SHINODA

Linkin Park

TOM SILVERMAN

Fundador e Diretor-
executivo, Tommy
Boy Records

BARBARA SKYDEL

Vice-presidente, William
Morris Agency (1940-2010)

LARRY SLOVEN

Coproprietário, produtor
executivo, HighTone Records

JOE SMITH *Executivo,*

Unison Productions

BRITNEY SPEARS

SCOTT SPENCER *Escritor*

SCOTT SPOCK *Produtor*

FREDDIE STEWART

Sly and the Family Stone

GARY STEWART *Cantor e*

compositor (1945-2003)

BRIAN STOLTZ

The Funky Meters, The
Neville Brothers, Bob Dylan

NEIL STRAUSS

Editor-contribuinte,
ROLLING STONE

KEITH STRICKLAND

The B-52's

PATRICK STUMP

Fall Out Boy

JOHN SYKES

Presidente, Clear Channel
Entertainment Enterprises

JEFF TAMARKIN *Jornalista*

COREY TAYLOR *Slipknot*

AL TELLER

Ex-executivo, CBS,
Columbia e RCA Records

BRUCE THOMAS

Elvis Costello and
the Attractions

TOURÉ

Editor-contribuinte,
ROLLING STONE

ALLEN TOUSSAINT

Produtor e compositor

ROY TRAKIN

Editor Sênior,
Revista Hits

JEFF TWEEDY *Wilco*

LARS ULRICH *Metallica*

NICK VALENSI *The Strokes*

HILTON VALENTINE

The Animals

ANDREW

VANWYNGARDEN

MGMT

STEVEN VAN ZANDT

TOM VICKERS

Consultor

BUTCH VIG

Garbage, produtor

PHIL WALDEN

Ex-presidente,
Velocette Records
(1940-2006)

WALE *Rapper*

BARRY WALTERS

Jornalista

BILL WARD *Black Sabbath*

GERARD WAY

My Chemical Romance

HARRY WEINGER *Vice-*

presidente, A&R, Universal
Music Enterprises

ERIC WEISBARD *Jornalista*

BARRY WEISS *Diretor*

executivo, Universal
Republic, Island Def Jam

HY WEISS *Fundador, Old*

Town Records (1923-2007)

Índex

ABBA <i>The Definitive Collection</i> 179	BIG STAR <i>#1 Record</i> 434 <i>Radio City</i> 405 <i>/Sister Lovers</i> 449	CAPTAIN BEEFHEART AND HIS MAGIC BAND <i>Trout Mask Replica</i> 60	ALICE COOPER <i>Love It to Death</i> 454
AC/DC <i>Back in Black</i> 77 <i>Highway to Hell</i> 200	BJÖRK <i>Post</i> 376	CARPENTERS <i>Close to You</i> 175	ELVIS COSTELLO <i>My Aim Is True</i> 168 <i>This Year's Model</i> 98
AEROSMITH <i>Rocks</i> 176 <i>Toys in the Attic</i> 229	BLACK FLAG <i>Damaged</i> 340	THE CARS <i>The Cars</i> 284	ELVIS COSTELLO AND THE ATTRACTIONS <i>Armed Forces</i> 475 <i>Imperial Bedroom</i> 166
THE ALLMAN BROTHERS BAND <i>At Fillmore East</i> 49	BLACK SABBATH <i>Black Sabbath</i> 243 <i>Master of Reality</i> 300 <i>Paranoid</i> 131	JOHNNY CASH <i>American Recordings</i> 366 <i>At Folsom Prison</i> 88	CREAM <i>Disraeli Gears</i> 114 <i>Fresh Cream</i> 102 <i>Wheels of Fire</i> 205
ARCADE FIRE <i>Funeral</i> 151	BOBBY BLAND <i>Two Steps From the Blues</i> 217	MANU CHAO <i>...Próxima Estación...</i> 474 <i>Esperanza</i> 474	CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL <i>Chronicle Vol. 1</i> 59 <i>Willy and the Poor Boys</i> 309
ARCTIC MONKEYS <i>Whatever People Say I Am, That's What I'm Not</i> 371	MARY J. BLIGE <i>My Life</i> 281	TRACY CHAPMAN <i>Tracy Chapman</i> 263	CROSBY, STILLS & NASH <i>Crosby, Stills & Nash</i> 262
THE B-52'S <i>The B-52's</i> 152	BLONDIE <i>Parallel Lines</i> 140	RAY CHARLES <i>The Birth of Soul: The Complete Atlantic Recordings</i> 54 <i>The Genius of Ray Charles</i> 265 <i>Modern Sounds in Country & Western Music</i> 105	CROSBY, STILLS, NASH & YOUNG <i>Déjà Vu</i> 147
THE BAND <i>The Band</i> 45 <i>Music From Big Pink</i> 34	BLOOD, SWEAT & TEARS <i>Child Is Father to the Man</i> 266	A CHRISTMAS GIFT FOR YOU <i>Vários Artistas</i> 142	THE CURE <i>Boys Don't Cry</i> 438 <i>Disintegration</i> 326
THE BEACH BOYS <i>The Beach Boys Today!</i> 271 <i>Pet Sounds</i> 2 <i>The Smile Sessions</i> 381	DAVID BOWIE <i>Aladdin Sane</i> 279 <i>Hunky Dory</i> 108 <i>Low</i> 251 <i>The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders From Mars</i> 35 <i>Station to Station</i> 324	CHEAP TRICK <i>At Budokan</i> 426 <i>In Color</i> 443	D'ANGELO <i>Voodoo</i> 481
BEASTIE BOYS <i>Licensed to Ill</i> 219 <i>Paul's Boutique</i> 156	JAMES BROWN <i>In the Jungle Groove</i> 329 <i>Live at the Apollo</i> 25 <i>Star Time</i> 75	ERIC CLAPTON <i>461 Ocean Boulevard</i> 411 <i>Slowhand</i> 325	MILES DAVIS <i>Bitches Brew</i> 95 <i>Kind of Blue</i> 12 <i>Sketches of Spain</i> 358
THE BEATLES <i>Abbey Road</i> 14 <i>A Hard Day's Night</i> 307 <i>Help!</i> 331 <i>Let It Be</i> 392 <i>Meet the Beatles!</i> 53 <i>Please Please Me</i> 39 <i>Revolver</i> 3 <i>Rubber Soul</i> 5 <i>Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band</i> 1 <i>The Beatles</i> 10	JACKSON BROWNE <i>For Everyman</i> 450 <i>Late for the Sky</i> 375 <i>The Pretender</i> 391	THE CLASH <i>The Clash</i> 81 <i>London Calling</i> 8 <i>Sandinista!</i> 407	DE LA SOUL <i>3 Feet High and Rising</i> 346
BECK <i>Odelay</i> 306 <i>Sea Change</i> 436	JEFF BUCKLEY <i>Grace</i> 304	PATSY CLINE <i>The Ultimate Collection</i> 235	DEF LEPPARD <i>Hysteria</i> 464
CHUCK BERRY <i>The Great Twenty-Eight</i> 21	BUFFALO SPRINGFIELD <i>Buffalo Springfield Again</i> 188	LEONARD COHEN <i>Songs of Love and Hate</i> 295	DEPECHE MODE <i>Violator</i> 342
THE BEST OF THE GIRL GROUPS, VOLUMES 1 AND 2 <i>Vários Artistas</i> 421	THE PAUL BUTTERFIELD BLUES BAND <i>The Paul Butterfield Blues Band</i> 468	COLDPLAY <i>A Rush of Blood to the Head</i> 466	DEREK AND THE DOMINOS <i>Layla and Other Assorted Love Songs</i> 117
BIG BROTHER & THE HOLDING COMPANY <i>Cheap Thrills</i> 338	BUZZCOCKS <i>Singles Going Steady</i> 360	ORNETTE COLEMAN <i>The Shape of Jazz to Come</i> 248	DEVO <i>Q: Are We Not Men? A: We Are Devo!</i> 442
	THE BYRDS <i>Mr. Tambourine Man</i> 233 <i>The Notorious Byrd Brothers</i> 171 <i>Sweetheart of the Rodeo</i> 120 <i>Younger Than Yesterday</i> 127	JOHN COLTRANE <i>A Love Supreme</i> 47 <i>Giant Steps</i> 103	NEIL DIAMOND <i>The Neil Diamond Collection</i> 224
		SAM COOKE <i>Live at the Harlem Square Club, 1963</i> 439 <i>Portrait of a Legend 1951-1964</i> 107	BO DIDDLEY <i>Bo Diddley/Go Bo Diddley</i> 216
			DIRE STRAITS <i>Brothers in Arms</i> 352

THE DOORS <i>The Doors</i> 42 <i>L.A. Woman</i> 364 <i>Strange Days</i> 409	FUGEES <i>The Score</i> 469	THE CRICKETS <i>The “Chirping” Crickets</i> 420	ALBERT KING <i>Born Under a Bad Sign</i> 491
NICK DRAKE <i>Pink Moon</i> 321	FUNKADELIC <i>Maggot Brain</i> 479 <i>One Nation Under a Groove</i> 177	JOHN LEE HOOKER <i>The Ultimate Collection</i> 1948-1990 377	B.B. KING <i>Live at the Regal</i> 141 <i>Live in Cook County Jail</i> 499
DR. DRE <i>The Chronic</i> 138	PETER GABRIEL <i>So</i> 187	WHITNEY HOUSTON <i>Whitney Houston</i> 257	CAROLE KING <i>Tapestry</i> 36
DR. JOHN <i>Dr. John’s Gumbo</i> 404 <i>GRIS-gris</i> 143	GANG OF FOUR <i>Entertainment!</i> 483	HOWLIN’ WOLF <i>Howlin’ Wolf</i> 238 <i>Moanin’ in the Moonlight</i> 154	THE KINKS <i>The Kink Kronikles</i> 232 <i>The Kinks Are the Village</i> <i>Green Preservation Society</i> 258
THE DRIFTERS <i>Golden Hits</i> 459	MARVIN GAYE <i>Here, My Dear</i> 456 <i>Let’s Get it On</i> 165 <i>What’s Going On</i> 6	HÜSKER DÜ <i>New Day Rising</i> 488	KISS <i>Alive!</i> 159 <i>Destroyer</i> 489
BOB DYLAN <i>Blonde on Blonde</i> 9 <i>Blood on the Tracks</i> 16 <i>Bringing it All Back Home</i> 31 <i>Desire</i> 174 <i>The Freewheelin’ Bob Dylan</i> 97 <i>Highway 61 Revisited</i> 4 <i>John Wesley Harding</i> 303 <i>Love and Theft</i> 385 <i>Modern Times</i> 204 <i>Time Out of Mind</i> 410	STAN GETZ AND JOÃO GILBERTO <i>Getz/Gilberto</i> 447	IGGY AND THE STOOGES <i>Raw Power</i> 128	KRAFTWERK <i>Trans Europa Express</i> 256
BOB DYLAN & THE BAND <i>The Basement Tapes</i> 292	THE GO-GO’S <i>Beauty and the Beat</i> 414	THE INDESTRUCTIBLE BEAT OF SOWETO <i>Vários Artistas</i> 388	LABELLE <i>Nightbirds</i> 274
EAGLES <i>Eagles</i> 368 <i>Hotel California</i> 37	GRATEFUL DEAD <i>American Beauty</i> 261 <i>Anthem of the Sun</i> 288 <i>Live/Dead</i> 247 <i>Workingman’s Dead</i> 264	JANET JACKSON <i>Rhythm Nation 1814</i> 277 <i>The Velvet Rope</i> 259	CYNDI LAUPER <i>She’s So Unusual</i> 487
STEVE EARLE <i>Guitar Town</i> 482	AL GREEN <i>Call Me</i> 290 <i>Greatest Hits</i> 52 <i>I’m Still in Love With You</i> 286	MICHAEL JACKSON <i>Bad</i> 203 <i>Off the Wall</i> 68 <i>Thriller</i> 20	LCD SOUNDSYSTEM <i>Sound of Silver</i> 395
EARTH, WIND & FIRE <i>That’s the Way of the World</i> 486	GREEN DAY <i>American Idiot</i> 225 <i>Dookie</i> 193	ETTA JAMES <i>At Last!</i> 119	LED ZEPPELIN <i>Houses of the Holy</i> 148 <i>Led Zeppelin</i> 29 <i>Led Zeppelin II</i> 79 <i>Led Zeppelin IV</i> 69 <i>Physical Graffiti</i> 73
ECHO AND THE BUNNYMEN <i>Heaven Up Here</i> 463	GUNS N’ROSES <i>Appetite for Destruction</i> 62	JANE’S ADDICTION <i>Nothing’s Shocking</i> 312	JOHN LENNON <i>Imagine</i> 80 <i>Plastic Ono Band</i> 23
EMINEM <i>The Marshall Mathers LP</i> 244 <i>The Slim Shady LP</i> 275	MERLE HAGGARD <i>Down Every Road</i> 477	JAY Z <i>The Black Album</i> 349 <i>The Blueprint</i> 252 <i>Reasonable Doubt</i> 250	JERRY LEE LEWIS <i>All Killer, No Filler!</i> 245
BRIAN ENO <i>Another Green World</i> 429 <i>Here Come the Warm Jets</i> 432	THE HARDER THEY COME <i>Vários Artistas</i> 122	JEFFERSON AIRPLANE <i>Surrealistic Pillow</i> 146 <i>Volunteers</i> 373	LIL WAYNE <i>Tha Carter III</i> 437
EPMD <i>Strictly Business</i> 453	GEORGE HARRISON <i>All Things Must Pass</i> 433	THE JESUS AND MARY CHAIN <i>Psychocandy</i> 269	LITTLE RICHARD <i>Here’s Little Richard</i> 50
ERIC B. & RAKIM <i>Paid in Full</i> 228	PJ HARVEY <i>Rid of Me</i> 406 <i>Stories From the City,</i> <i>Stories From the Sea</i> 431	JETHRO TULL <i>Aqualung</i> 337	LITTLE WALTER <i>The Best of</i> 198
EURHYTHMICS <i>Touch</i> 492	THE JIMI HENDRIX EXPERIENCE <i>Are You Experienced</i> 15 <i>Axis: Bold as Love</i> 83 <i>Electric Ladyland</i> 55	BILLY JOEL <i>52nd Street</i> 354 <i>The Stranger</i> 70	L.L. COOL J <i>Radio</i> 470
FLEETWOOD MAC <i>Fleetwood Mac</i> 182 <i>Rumours</i> 26	DON HENLEY <i>The End of the Innocence</i> 389	ELTON JOHN <i>Captain Fantastic and the</i> <i>Brown Dirt Cowboy</i> 158 <i>Goodbye Yellow Brick Road</i> 91 <i>Greatest Hits</i> 136 <i>Honky Château</i> 359 <i>Tumbleweed Connection</i> 458	LOS LOBOS <i>How Will the Wolf Survive?</i> 455
THE FLYING BURRITO BROTHERS <i>The Gilded Palace of Sin</i> 192	LAURYN HILL <i>The Miseducation of Lauryn Hill</i> 314	ROBERT JOHNSON <i>The Complete Recordings</i> 22	LOVE <i>Forever Changes</i> 40
ARETHA FRANKLIN <i>I Never Loved a Man the</i> <i>Way I Love You</i> 84 <i>Lady Soul</i> 85	HOLE <i>Live Through This</i> 460	JANIS JOPLIN <i>Pearl</i> 125	LORETTA LYNN <i>All Time Greatest Hits</i> 478
	BUDDY HOLLY/THE CRICKETS <i>20 Golden Greats</i> 92	JOY DIVISION <i>Closer</i> 157	LYNYRD SKYNYRD <i>(Pronounced ‘Leh-’nérd</i> <i>’Skin-’nérd)</i> 403
			MADONNA <i>The Immaculate Collection</i> 184 <i>Like a Prayer</i> 239 <i>Ray of Light</i> 367

THE MAGNETIC FIELDS <i>69 Love Songs</i> 465	VAN MORRISON <i>Astral Weeks</i> <i>Moondance</i> 19 66	PARLIAMENT <i>Mothership Connection</i> 276	PIL <i>Metal Box</i> 461
THE MAMAS & THE PAPAS <i>If You Can Believe Your Eyes and Ears</i> 112	THE MOTHERS OF INVENTION <i>Freak Out!</i> <i>We're Only in it for the Money</i> 246 297	GRAM PARSONS <i>Grievous Angel</i> 425	QUEEN <i>A Night at the Opera</i> 231
BOB MARLEY & THE WAILERS <i>Exodus</i> <i>Legend</i> <i>Natty Dread</i> <i>Catch a Fire</i> 169 46 181 126	MOTT THE HOOPLE <i>All the Young Dudes</i> <i>Mott</i> 484 370	DOLLY PARTON <i>Coat of Many Colors</i> 301	QUICKSILVER MESSENGER SERVICE <i>Happy Trails</i> 189
MASSIVE ATTACK <i>Blue Lines</i> 397	MY BLOODY VALENTINE <i>Loveless</i> 221	PAVEMENT <i>Crooked Rain, Crooked Rain</i> <i>Slanted and Enchanted</i> 212 135	RADIOHEAD <i>Amnesiac</i> <i>The Bends</i> <i>Kid A</i> <i>In Rainbows</i> <i>OK Computer</i> 320 111 67 336 162
JOHN MAYALL WITH ERIC CLAPTON <i>Blues Breakers</i> 195	MY MORNING JACKET <i>Z</i> 457	TOM PETTY AND THE HEARTBREAKERS <i>Damn the Torpedoes</i> 315	RAEKWON <i>Only Built 4 Cuban Linx</i> 480
CURTIS MAYFIELD <i>Super Fly</i> 72	NAS <i>Illmatic</i> 402	LIZ PHAIR <i>Exile in Guyville</i> 327	RAGE AGAINST THE MACHINE <i>Rage Against the Machine</i> 365
CURTIS MAYFIELD & THE IMPRESSIONS <i>The Anthology: 1961-1977</i> 178	WILLIE NELSON <i>Red Headed Stranger</i> <i>Stardust</i> 183 260	PINK FLOYD <i>The Dark Side of the Moon</i> <i>The Piper at the Gates of Dawn</i> <i>The Wall</i> <i>Wish You Were Here</i> 43 347 87 211	BONNIE RAITT <i>Give it Up</i> <i>Nick of Time</i> 495 230
PAUL MCCARTNEY & WINGS <i>Band on the Run</i> 418	NEW ORDER <i>Substance</i> 363	PIXIES <i>Doolittle</i> <i>Surfer Rosa</i> 227 317	RAMONES <i>Ramones</i> <i>Rocket to Russia</i> 33 106
MC5 <i>Back in the USA</i> <i>Kick Out the Jams</i> 446 294	NEW YORK DOLLS <i>New York Dolls</i> 215	THE POGUES <i>Rum Sodomy & the Lash</i> 440	RED HOT CHILI PEPPERS <i>Blood Sugar Sex Magik</i> <i>Californication</i> 310 401
MEAT LOAF <i>Bat Out of Hell</i> 343	RANDY NEWMAN <i>Good Old Boys</i> <i>Sail Away</i> <i>12 Songs</i> 394 322 356	THE POLICE <i>Ghost in the Machine</i> <i>Outlandos d'Amour</i> <i>Reggatta de Blanc</i> <i>Synchronicity</i> 323 428 372 448	OTIS REDDING <i>The Dock of the Bay</i> <i>Otis Blue/Otis</i> <i>Redding Sings Soul</i> <i>Dictionary of Soul</i> 161 78 254
METALLICA <i>Master of Puppets</i> <i>Metallica</i> 167 255	NINE INCH NAILS <i>The Downward Spiral</i> 201	PORTISHEAD <i>Dummy</i> 419	LOU REED <i>Berlin</i> <i>Transformer</i> 344 194
THE METERS <i>Look-Ka Py Py</i> <i>Rejuvenation</i> 220 139	NIRVANA <i>In Utero</i> <i>Nevermind</i> <i>MTV Unplugged in New York</i> 435 17 313	ELVIS PRESLEY <i>Elvis Presley</i> <i>From Elvis in Memphis</i> <i>Sunrise</i> 56 190 11	R.E.M. <i>Automatic for the People</i> <i>Document</i> <i>Murmur</i> 249 462 197
MGMT <i>Oracular Spectacular</i> 494	THE NOTORIOUS B.I.G. <i>Life After Death</i> <i>Ready to Die</i> 476 134	THE PRETENDERS <i>Pretenders</i> 155	THE REPLACEMENTS <i>Let it Be</i> <i>Tim</i> 241 137
M.I.A. <i>Kala</i> 393	NUGGETS <i>Vários Artistas</i> 196	PRINCE <i>Dirty Mind</i> <i>1999</i> <i>Sign o' the Times</i> 206 163 93	SMOKEY ROBINSON AND THE MIRACLES <i>Going to a Go-Go</i> 273
GEORGE MICHAEL <i>Faith</i> 472	N.W.A. <i>Straight Outta Compton</i> 144	PRINCE AND THE REVOLUTION <i>Purple Rain</i> 76	THE ROLLING STONES <i>Aftermath</i> <i>Beggars Banquet</i> <i>Between the Buttons</i> <i>Exile on Main St.</i> <i>Let it Bleed</i> <i>Out of Our Heads</i> <i>The Rolling Stones, Now!</i> <i>Some Girls</i> <i>Sticky Fingers</i> <i>Tattoo You</i> 109 58 357 7 32 116 180 270 64 213
STEVE MILLER BAND <i>Fly Like an Eagle</i> 445	OASIS <i>(What's the Story) Morning Glory?</i> 378	JOHN PRINE <i>John Prine</i> 452	THE RONETTES <i>...Presenting the Fabulous Ronettes</i> 422
MINUTEMEN <i>Double Nickels on the Dime</i> 413	SINÉAD O'CONNOR <i>I Do Not Want What I Haven't Got</i> 408	PROFESSOR LONGHAIR <i>New Orleans Piano</i> 222	
JONI MITCHELL <i>Blue</i> <i>Court and Spark</i> 30 113	THE O'JAYS <i>Back Stabbers</i> 318	PUBLIC ENEMY <i>Fear of a Black Planet</i> <i>It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back</i> 302 48	
MOBY <i>Play</i> 341	OUTKAST <i>Aquemini</i> <i>Stankonia</i> 500 361		
MOBY GRAPE <i>Moby Grape</i> 124	GRAHAM PARKER <i>Squeezing Out Sparks</i> 334		
THE MODERN LOVERS <i>The Modern Lovers</i> 382			

LINDA RONSTADT	
<i>The Very Best of Linda Ronstadt</i>	164
DIANA ROSS & THE SUPREMES	
<i>Anthology</i>	423
ROXY MUSIC	
<i>For Your Pleasure</i>	396
<i>Siren</i>	374
TODD RUNDGREN	
<i>Something/Anything?</i>	173
RUN-D.M.C.	
<i>Raising Hell</i>	123
<i>Run-D.M.C.</i>	242
SANTANA	
<i>Abraxas</i>	207
<i>Santana</i>	149
SATURDAY NIGHT FEVER	
<i>Vários Artistas</i>	132
BOZ SCAGGS	
<i>Boz Scaggs</i>	496
SEX PISTOLS	
<i>Never Mind the Bollocks Here's the Sex Pistols</i>	41
PAUL SIMON	
<i>Graceland</i>	71
<i>Paul Simon</i>	268
SIMON AND GARFUNKEL	
<i>Bookends</i>	234
<i>Bridge Over Troubled Water</i>	51
<i>Parsley, Sage, Rosemary and Thyme</i>	202
FRANK SINATRA	
<i>In the Wee Small Hours</i>	101
<i>Songs for Swingin' Lovers</i>	308
SLEATER-KINNEY	
<i>Dig Me Out</i>	272
SLY & THE FAMILY STONE	
<i>Fresh</i>	186
<i>Greatest Hits</i>	61
<i>Stand!</i>	121
<i>There's a Riot Goin' On</i>	99
SMASHING PUMPKINS	
<i>Siamese Dream</i>	362
HARRY SMITH, ED.	
<i>Anthology of American Folk Music</i>	278
PATTI SMITH	
<i>Horses</i>	44
THE SMITHS	
<i>Louder Than Bombs</i>	369
<i>Meat Is Murder</i>	296
<i>The Queen Is Dead</i>	218
<i>The Smiths</i>	473

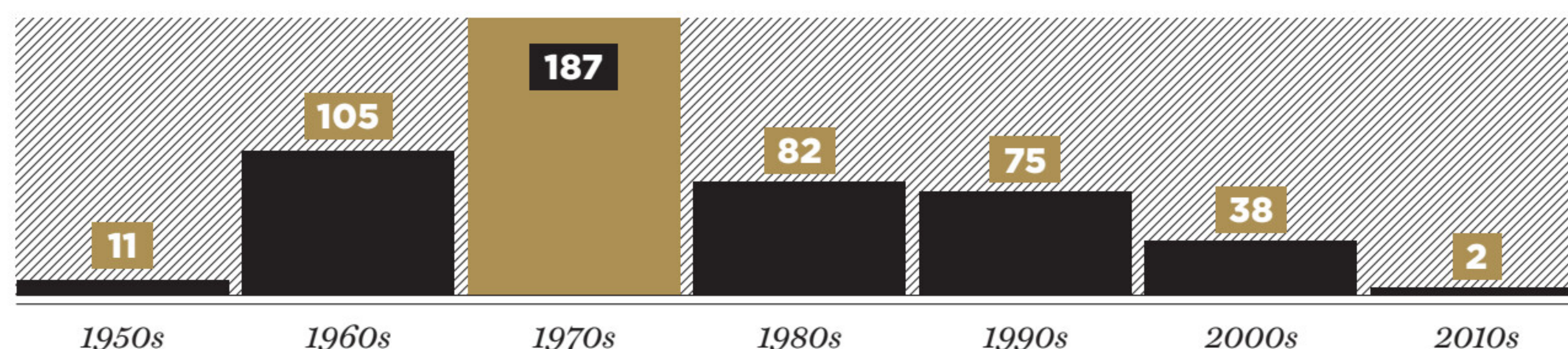
SONIC YOUTH	
<i>Daydream Nation</i>	328
SOUNDGARDEN	
<i>Superunknown</i>	335
PHIL SPECTOR	
<i>Back to Mono (1958-1969)</i>	65
DUSTY SPRINGFIELD	
<i>Dusty in Memphis</i>	89
BRUCE SPRINGSTEEN	
<i>Born in the U.S.A.</i>	86
<i>Born to Run</i>	18
<i>Darkness on the Edge of Town</i>	150
<i>Nebraska</i>	226
<i>The Rising</i>	424
<i>The River</i>	253
<i>Tunnel of Love</i>	467
<i>The Wild, the Innocent & the E Street Shuffle</i>	133
STEELY DAN	
<i>Aja</i>	145
<i>Can't Buy a Thrill</i>	240
<i>Pretzel Logic</i>	386
CAT STEVENS	
<i>Tea for the Tillerman</i>	208
ROD STEWART	
<i>Every Picture Tells a Story</i>	172
THE STONE ROSES	
<i>The Stone Roses</i>	498
THE STOOGES	
<i>Fun House</i>	191
<i>The Stooges</i>	185
THE STROKES	
<i>Is This it</i>	199
SUICIDE	
<i>Suicide</i>	441
THE SUN RECORDS COLLECTION	
<i>Vários Artistas</i>	311
T. REX	
<i>Electric Warrior</i>	160
TALKING HEADS	
<i>More Songs About Buildings and Food</i>	383
<i>Remain in Light</i>	129
<i>Stop Making Sense</i>	345
<i>Talking Heads: 77</i>	291
JAMES TAYLOR	
<i>Sweet Baby James</i>	104
TELEVISION	
<i>Marquee Moon</i>	130
THE TEMPTATIONS	
<i>Anthology</i>	400

RICHARD AND LINDA THOMPSON	
<i>I Want to See the Bright Lights Tonight</i>	471
<i>Shoot Out the Lights</i>	332
TLC	
<i>CrazySexyCool</i>	379
TOOTS & THE MAYTALS	
<i>Funky Kingston</i>	380
A TRIBE CALLED QUEST	
<i>The Low End Theory</i>	153
IKE AND TINA TURNER	
<i>Proud Mary: The Best of Ike and Tina Turner</i>	214
U2	
<i>Achtung Baby</i>	63
<i>All That You Can't Leave Behind</i>	280
<i>Boy</i>	417
<i>The Joshua Tree</i>	27
<i>War</i>	223
VAMPIRE WEEKEND	
<i>Vampire Weekend</i>	430
VAN HALEN	
<i>Van Halen</i>	415
THE VELVET UNDERGROUND	
<i>Loaded</i>	110
<i>The Velvet Underground</i>	316
<i>The Velvet Underground & Nico</i>	13
<i>White Light/White Heat</i>	293
THE WAILERS	
<i>Burnin'</i>	319
TOM WAITS	
<i>The Heart of Saturday Night</i>	339
<i>Mule Variations</i>	416
<i>Rain Dogs</i>	399
WAR	
<i>The World Is a Ghetto</i>	444
MUDDY WATERS	
<i>The Anthology</i>	38
<i>At Newport 1960</i>	348
<i>Folk Singer</i>	282
KANYE WEST	
<i>The College Dropout</i>	298
<i>Late Registration</i>	118
<i>My Beautiful Dark Twisted Fantasy</i>	353
WEEZER	
<i>Weezer</i>	299
BARRY WHITE	
<i>Can't Get Enough</i>	283
THE WHITE STRIPES	
<i>Elephant</i>	390
<i>White Blood Cells</i>	497

THE WHO	
<i>Live at Leeds</i>	170
<i>Quadrophenia</i>	267
<i>A Quick One</i>	384
<i>Tommy</i>	96
<i>The Who Sell Out</i>	115
<i>My Generation</i>	237
<i>Who's Next</i>	28
WILCO	
<i>Yankee Hotel Foxtrot</i>	493
HANK WILLIAMS	
<i>40 Greatest Hits</i>	94
LUCINDA WILLIAMS	
<i>Car Wheels on a Gravel Road</i>	305
JACKIE WILSON	
<i>Mr. Excitement!</i>	236
AMY WINEHOUSE	
<i>Back to Black</i>	451
WIRE	
<i>Pink Flag</i>	412
PETER WOLF	
<i>Sleepless</i>	427
STEVIE WONDER	
<i>Innervisions</i>	24
<i>Music of My Mind</i>	285
<i>Songs in the Key of Life</i>	57
<i>Talking Book</i>	90
WU-TANG CLAN	
<i>Enter the Wu-Tang (36 Chambers)</i>	387
X	
<i>Los Angeles</i>	287
<i>Wild Gift</i>	333
YARDBIRDS	
<i>Having a Rave Up With the Yardbirds</i>	355
<i>Yardbirds</i>	350
NEIL YOUNG	
<i>After the Gold Rush</i>	74
<i>Harvest</i>	82
<i>Tonight's the Night</i>	330
NEIL YOUNG & CRAZY HORSE	
<i>Everybody Knows This Is Nowhere</i>	210
<i>Rust Never Sleeps</i>	351
THE ZOMBIES	
<i>Odessey and Oracle</i>	100
ZZ TOP	
<i>Eliminator</i>	398
<i>Tres Hombres</i>	490

Os Números

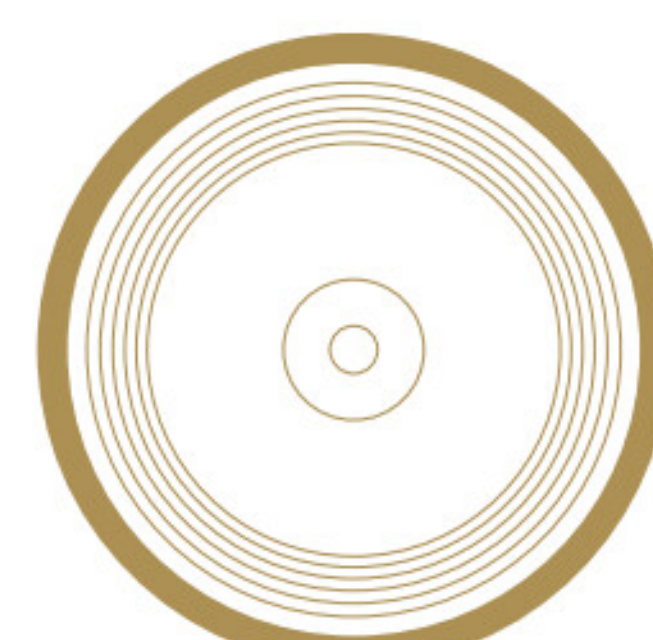
RANKING
DE ÁLBUNS
POR
DÉCADAS



ANO DO ÁLBUM MAIS ANTIGO

1952

The Anthology
of American
Folk Music



JORNADA MAIS
LONGA AO DISCO
DE OURO

GRATEFUL DEAD
Live/Dead

LANÇAMENTO
10 de novembro de 1969

DISCO DE OURO
24 de agosto de 2001 (32 anos)

MAIS
SEMANAS
NO TOP
40



100



ÁLBUM COM MAIS
HITS NO NÚMERO 1
MICHAEL JACKSON
BAD

I JUST CAN'T STOP LOVING
YOU / BAD / THE WAY YOU MAKE
ME FEEL / MAN IN THE MIRROR /
DIRTY DIANA

25.552

Tempo total
em minutos
para ouvir
os 500 álbuns



91

ARTISTAS COM MAIS APARIÇÕES

10

Bob Dylan

10

The Beatles

10

The Rolling
Stones

8

Bruce
Springsteen

7

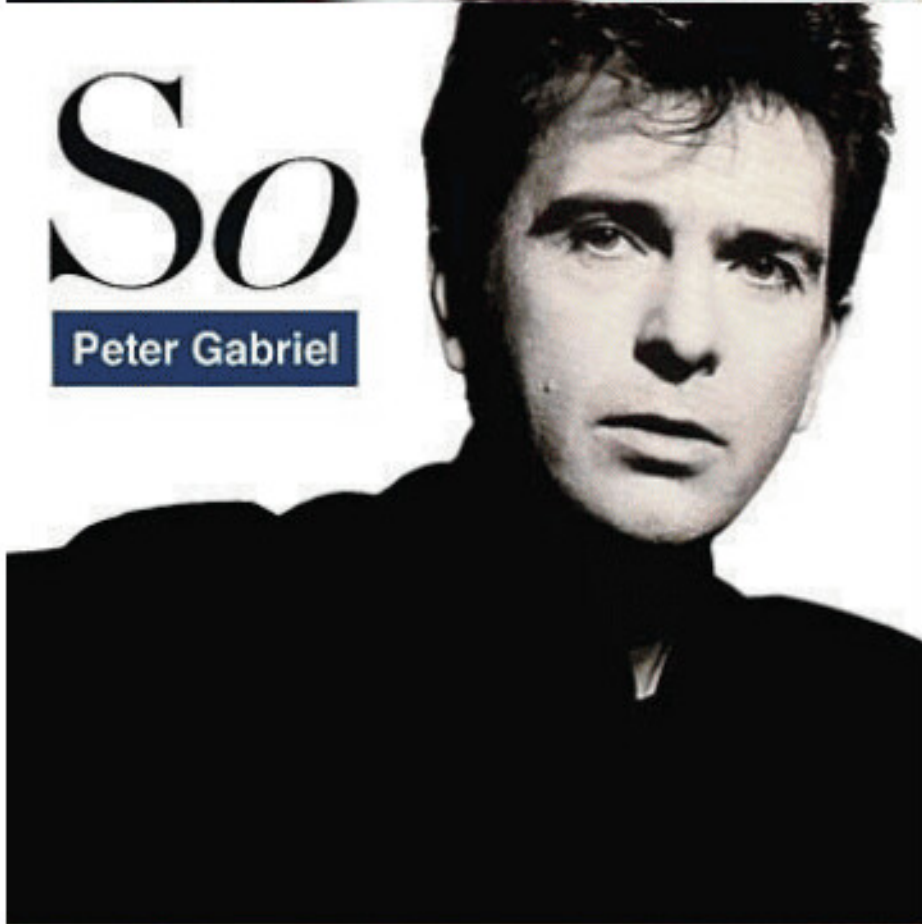
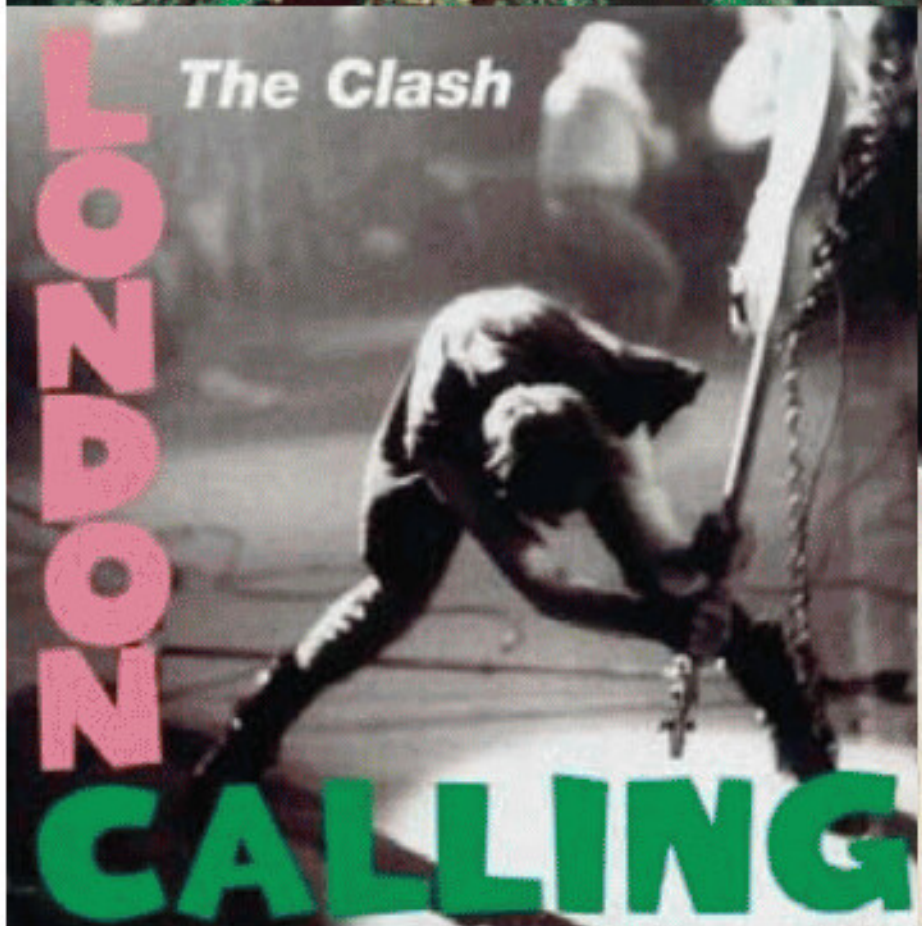
The Who



85

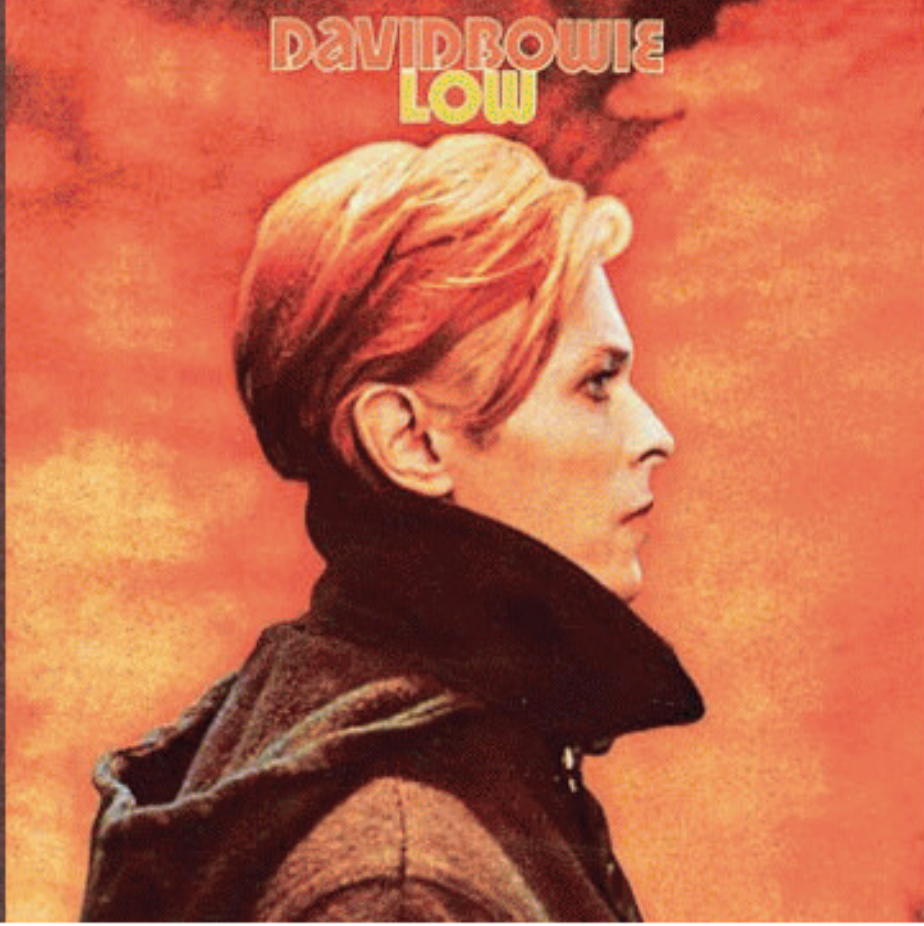
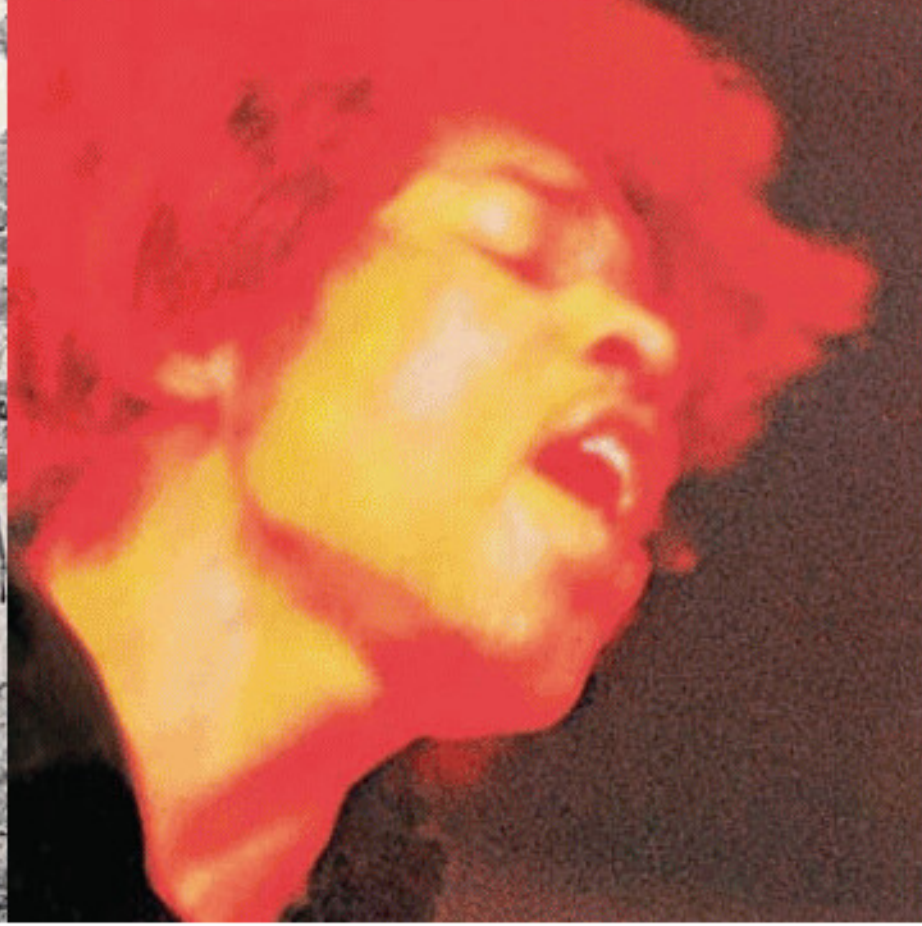
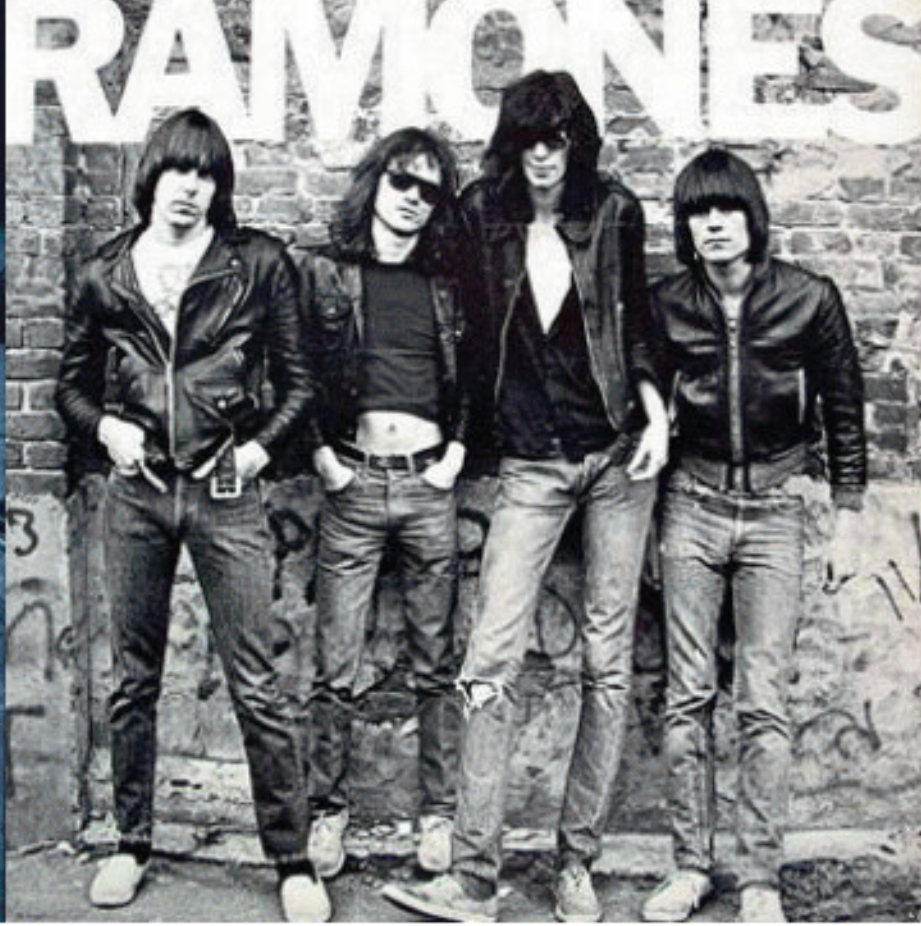
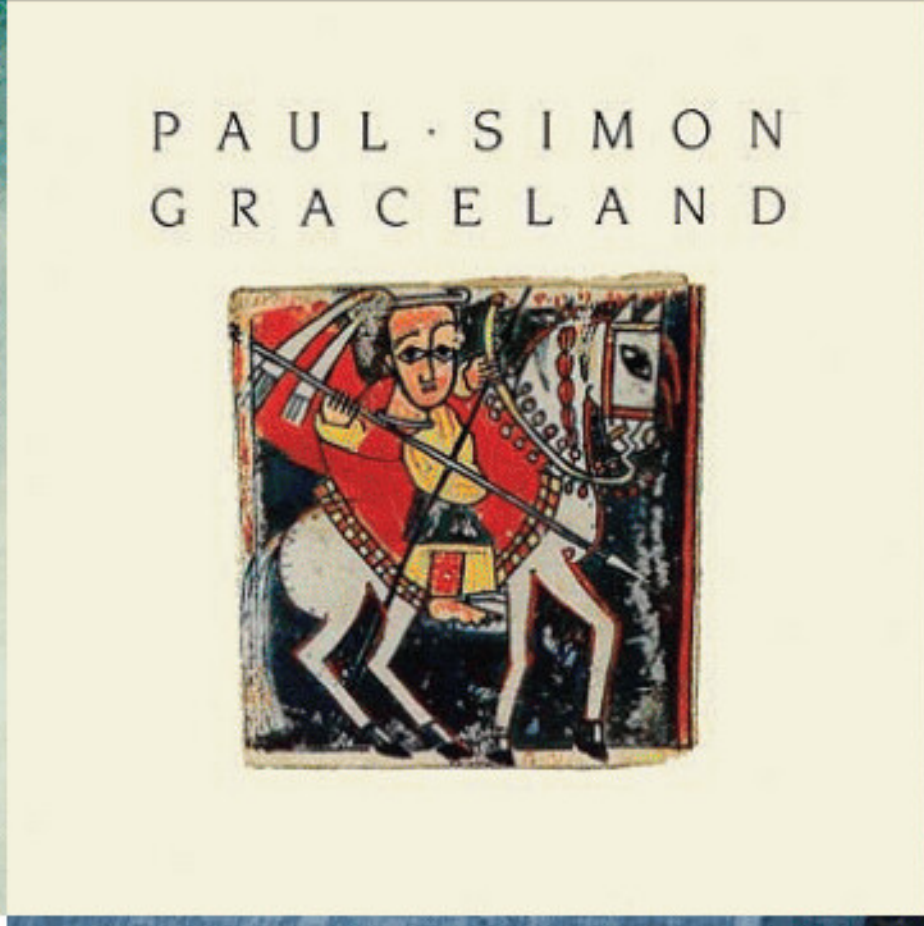
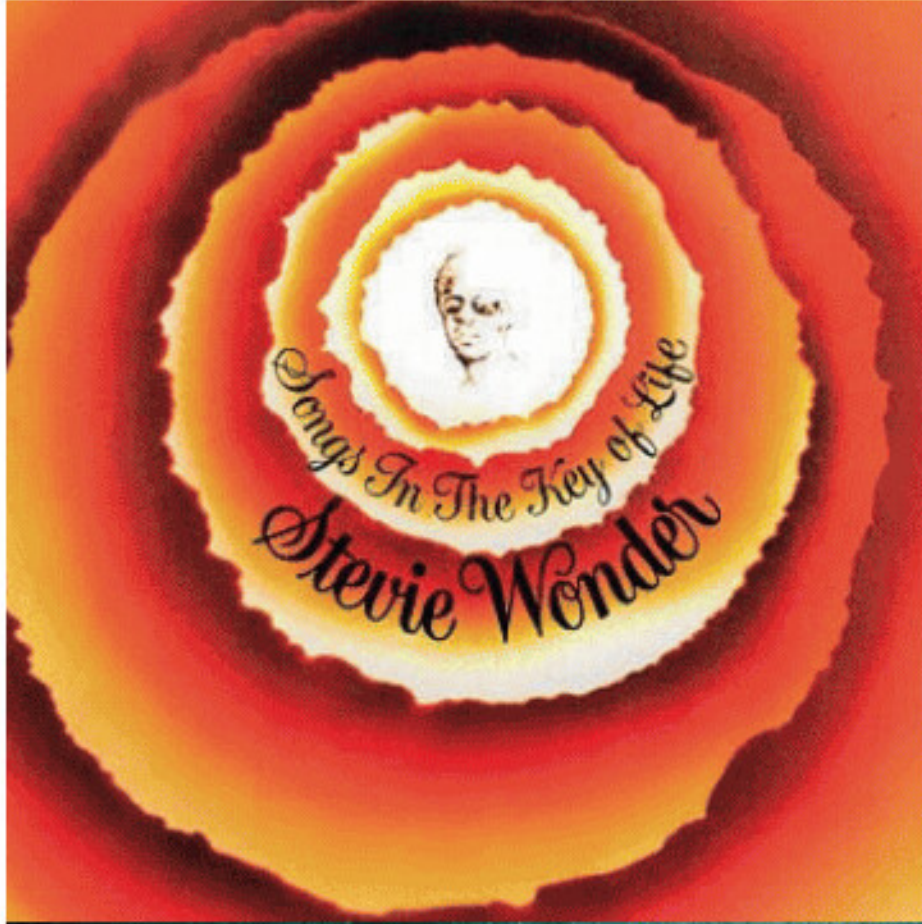
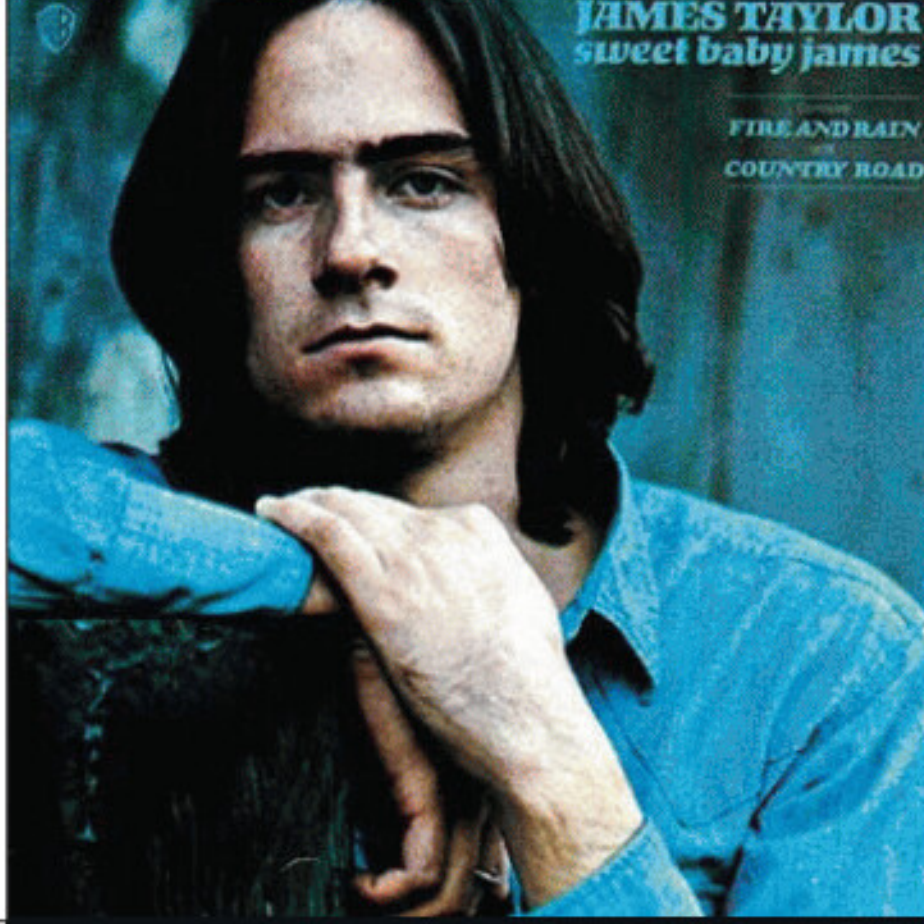


80



OS MAIORES ÁLBUNS DA HISTÓRIA GANHAM VIDA

Dos Beatles a Jay Z, dos Rolling Stones ao Arcade Fire: este é o guia definitivo dos melhores álbuns já produzidos, escolhidos por uma consagrada seleção de artistas, jornalistas e especialistas da indústria fonográfica. Com introdução de Elton John. *





Esta REVISTA fue DESCARGADA de JAROCHOS. Puedes
accesar a nuestro GRUPO PRINCIPAL en TELEGRAM a través
del Grupo de paso

@PurgatorioJarocho
<https://t.me/purgatoriojarocho>

En Jarocho NO promovemos ni incentivamos el uso inadecuado de autoría intelectual, solo compartimos material que ya se encuentra en Internet con una simple búsqueda en cualquier buscador o en sitios como PDFMagazine, WordlMagz, etc.
Si piensas que se están socavando tus derechos de autor mándanos un mensaje (con previa identificación como portador de los derechos sobre el material reclamado) solicitando la retirada del material.